



Longe ou perto da terra natal?

**Frades alemães em missão no Brasil:
arquitetura e vida urbana (1891-1960)**

Taciana Santiago de Melo
Orientadora: Maria Angélica da Silva



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DOUTORADO EM CIDADES**

Taciana Santiago de Melo

**LONGE OU PERTO DA TERRA NATAL? FRADES ALEMÃES EM MISSÃO
NO BRASIL: ARQUITETURA E VIDA URBANA (1891-1960)**

**Maceió
2022**

Taciana Santiago de Melo

**LONGE OU PERTO DA TERRA NATAL? FRADES ALEMÃES EM MISSÃO
NO BRASIL: ARQUITETURA E VIDA URBANA (1891-1960)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/Doutorado em Cidades da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de doutor em Arquitetura e Urbanismo.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Angélica da Silva
(Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem)**

**Maceió
2022**

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

M5281 Melo, Taciana Santiago de.

Longe ou perto da terra natal? Frades alemães em missão no Brasil:
arquitetura e vida urbana (1891-1960) / Taciana Santiago de Melo. – 2022.
283 f. : il. color.

Orientadora: Maria Angélica da Silva.

Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal
de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 266-277.

Anexo: f. 278-283.

1. Conventos franciscanos. 2. Arquitetura brasileira. 3. Espaço urbano.
4. Diálogos culturais. 5. Patrimônio cultural. I. Título.

CDU: 726

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado em minhas decisões e meus caminhos que me levaram ao ingresso na vida acadêmica e à realização e finalização desta tese de doutorado. Obrigada pelo dom da vida, pela oportunidade de construir conhecimento e de trazer contribuições para a sociedade, e por ter me conduzido em toda minha formação enquanto pesquisadora.

Agradeço à Angélica, minha orientadora há 13 anos, que sempre nos motiva a buscar novos desafios, olhar novos horizontes e muito nos inspira com seu olhar múltiplo, sensível e seu jeito único de fazer pesquisa. Obrigada por todo carinho, esforço, dedicação, amizade e por sempre me incentivar a voar mais alto e ser uma profissional sempre melhor.

A todos do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem por serem há 13 anos um importante apoio e fonte de inspiração, de trocas, de discussões que sempre alimentaram todos os meus trabalhos. O fazer pesquisa não é um ato solitário, e assim, essa tese é um produto coletivo construído em meio às mais diversas trocas, viagens, discussões com os membros do Grupo, pessoas com talentos variados e temas de pesquisa diversos que muito me inspiraram.

Agradeço também aos professores que compuseram a banca examinadora deste trabalho que com sua generosidade e pontos de vista múltiplos me ajudaram a aprofundar, repensar e a reconstruir diversos aspectos desta tese, resultando em sua conformação final. Deixo meus agradecimentos às professoras Vânia Fróes e Josemay Ferrare e aos professores Virgolino Jorge e Walter Matias pelos encontros ricos de trocas, ideias e discussões que tanto me ajudaram a pensar meu trabalho. Ainda fico devendo a vocês uma caixinha de carolinas veganas e sem glúten preparadas por mim...

Também agradeço ao professor Virgolino por ter nos guiado de forma tão atenciosa e entusiasmada na maravilhosa viagem realizada à Portugal para que pudéssemos conhecer os antigos conventos franciscanos portugueses. Obrigada também por todo o incentivo e contatos para que eu pleiteasse uma parte dos estudos na Alemanha. Não foi possível no doutorado, mas certamente oportunidades surgirão em estudos futuros!

Aos professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFAL pelas aulas, discussões, debates, conversas e por todo o conhecimento que muito contribuíram para a minha formação acadêmica. Agradeço também à atenção e gentileza de Luciane sempre disposta a ajudar nas questões burocráticas e de bastidores no decorrer do curso do doutorado.

Ainda dentro da UFAL, agradeço aos professores da Casa de Cultura de Expressão Alemã, em especial a Irene e Alexandre, que me conduziram com competência e amizade dentro do aprendizado da fascinante língua alemã. Obrigada pelas agradáveis e alegres aulas e por impulsionarem ainda mais meu interesse pela cultura alemã.

Agradeço enormemente a todos os frades franciscanos que encontrei nas viagens, nas cidades, nos conventos, verdadeiros filhos de Francisco que me acolhiam com atenção e alegria, gentilmente abriam as portas de suas casas, me mostravam espaços, livros e documentos, compartilhando suas vidas e suas histórias e sendo fontes vivas da verdadeira espiritualidade franciscana. Esse contato foi essencial para compreender os aspectos intangíveis que formam a materialidade franciscana e para o desenvolvimento de todos os meus trabalhos.

Assim, agradeço ao nosso querido Frei Zezinho que há muitos anos é um dos grandes incentivadores dos trabalhos do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, entusiasta da história dos frades alemães no Brasil, e quem nos apresentou esse fato tão pouco conhecido. Obrigada por sempre encorajar minha pesquisa e nos apresentar novas curiosidades sobre os frades alemães a cada conversa empolgante e cheia de conhecimento. Espero que em breve possamos ver o Memorial da presença franciscana alemã no Brasil instalado e aberto à visitação!

Agradeço a Frei Joanan Marques outro grande incentivador do nosso Grupo e das nossas pesquisas, sempre solícito e disposto a ajudar e divulgar nossos trabalhos e a impulsionar nossas parcerias, estreitando os laços entre a universidade e a Província Franciscana de Santo Antônio.

Agradeço a Frei Alvaci Mendes, que também vem nos ajudando a construir pontes com a Província Franciscana da Imaculada Conceição no Sudeste/Sul do Brasil, e muito vem contribuindo com nosso Grupo, agora como membro participando de nossas reuniões, e sempre nos brindando com novos olhares, informações e conhecimento. Obrigada também por ter me ajudado nos contatos com o CDAPH da Universidade São Francisco, possibilitando que eu obtivesse importantes obras de Frei Pedro Sinzig que foram essenciais para minha tese.

Desde que comecei a me debruçar sobre a temática franciscana, ainda enquanto aluna da graduação e bolsista de iniciação científica, depois no mestrado, período em que a maior parte das viagens foram realizadas, e em seguida no doutorado, vários frades cruzaram meus caminhos e deixaram suas marcas em meu trabalho. Assim, ainda que muitos desses encontros aconteceram em anos anteriores ao início deste doutorado, estes continuaram reverberando nesta tese e certamente continuarão a reverberar em trabalhos futuros. Dessa forma, não podia deixar de mencionar e

agradecer a uma grande lista de verdadeiros franciscanos gentis e acolhedores que encontrei em percursos que antecederam este doutorado.

Dentro dos conventos nordestinos, agradeço a Frei Hugo Fragoso, que foi um dos principais estudiosos do período da “Restauração” conduzida pelos frades alemães, por ter nos concedido uma rica entrevista e disponibilizado importante material escrito. Agradeço a Frei José Milton Coelho pelas entrevistas e agradáveis conversas em Ipojuca e Olinda. Ambos se encontram atualmente junto de Deus, mas tive o prazer de conhecê-los, escutá-los e registrar suas memórias.

Agradeço a Frei Walter Schreiber que nos acolheu no convento de Penedo; a Frei Roberto Soares por ter apresentado ao nosso Grupo o Arquivo histórico da Província de Santo Antônio em Recife e ter disponibilizado importante material de pesquisa, incluindo os volumes da Coleção “Centenário da Restauração”. Aos frades que nos receberam nos conventos de Ipuarana e Campina Grande nos concedendo valiosas entrevistas. Agradeço assim a Frei Marcos Osmar, Frei João José da Silva, Frei Anésio Gomes, Frei Josafá Araújo, Frei Fernandes da Silva, Frei Hermano José Cürten e Frei Hermano Heyens. Aos frades que gentilmente nos receberam nos conventos de Bardel e Mettigen na Alemanha, dessa forma, agradeço ao amável Frei Donato Kestel e a três frades que já se encontram junto de Deus, mas que tive o prazer de conhecê-los: Frei Beda Vickermann, Frei Osmar Gogolok e Frei Serafim Prein.

Partindo para os conventos do Sul e Sudeste do país, também tenho muito a agradecer a vários frades que tornaram mais fáceis, agradáveis e inspiradoras as viagens por outras regiões do Brasil fora de minha região de origem. Agradeço a Frei Róger Brunório pela sempre empolgante partilha de conhecimento acerca do patrimônio franciscano e por ter me guiado em vários locais em São Paulo, seja no convento São Francisco no Centro ou no de Santo Antônio no Pari, ou ainda no Arquivo da Província da Imaculada Conceição na Vila Clementino. Agradeço também aos frades Frei Alberto Eckel Junior e Frei Claudius Guski que nos receberam no convento da Penha no Espírito Santo. A Frei Clarêncio Neotti pela inspiradora e linda entrevista que nos concedeu no Santuário do Divino Espírito Santo em Vila-Velha e a Frei Paulo Roberto por ter nos guiado neste Santuário e por ter me conduzido com contatos e dicas à viagem para Santa Catarina. No Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis, agradeço o acolhimento e a generosa partilha de conhecimento de Frei Celso Teixeira, Frei Sandro da Costa e Frei Ludovico Garmus.

Agradeço a todos os frades que me acolheram com alegria, gentileza, atenção e grande generosidade em vários conventos no estado de Santa Catarina. A Frei José Luiz Prim, hoje junto de Deus, em Blumenau; a Frei José Lino Lückman, Frei Tarcísio Theiss e os aspirantes (hoje possivelmente já frades!) Felipe e Thiago em Lages; a Frei

Vanderley Grassi em Florianópolis; e agradeço também a todos os frades que me acolheram em Rodeio: aos noviços da turma de 2013 do Noviciado São José e aos frades Frei Samuel Ferreira, Frei Lauro Both, Frei Lauro Formigoni, Frei Rafael, Frei Moacir, e ao querido Frei Valdir Laurentino, sempre amável, alegre, acolhedor, com um enorme coração típico de um filho de São Francisco de Assis.

Agradeço a todos os frades da Província de Santo Antônio e da Província da Imaculada Conceição no Brasil, bem como os frades de conventos na Alemanha, República Tcheca, Itália e Portugal que abriram as portas de seus conventos ao longo destes anos de pesquisa e que dessa maneira tornaram possível a realização deste trabalho.

Agradeço ao Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH) da Universidade São Francisco em Bragança Paulista-SP, em especial às professoras Sandra Souza e Fátima Guimarães que gentilmente e prontamente me ajudaram com a disponibilização de obras digitalizadas de Frei Pedro Sinzig, em um momento em que as pesquisas em acervos físicos ficaram prejudicadas por conta da situação pandêmica. Agradeço muito essa importante ajuda para meu trabalho em tempos de isolamento e migrações para o meio virtual.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de doutorado que me ofereceu importante suporte para a realização desta pesquisa.

Finalmente, agradeço aos amigos e à minha família pelo contínuo apoio, incentivo, torcida pela finalização deste ciclo e compreensão nos períodos de ausência. Agradeço ao meu pai Inácio, minha mãe Graça, minha irmã Carol e meu namorado Anderson por sempre estarem ao meu lado me inspirando, motivando e por todo o amor, cuidado e suporte que sempre me amparam.

Agradeço a todos que sempre me apoiaram, que torceram e que contribuíram direta ou indiretamente para a finalização de mais uma etapa de minha trajetória acadêmica.

RESUMO

Viagens, itinerâncias e encontro de culturas relacionam-se intimamente com o tema deste trabalho. Trata-se de frades alemães que a partir do final do século XIX deixam sua terra natal e assumem a missão de restaurar a Ordem Franciscana no Brasil, que passava por um processo de decadência, esvaziamento no número de frades e fechamento de seus conventos construídos ainda em séculos coloniais. Além de reocuparem e realizarem intervenções restaurativas nessas edificações históricas, antecipando a conduta dos órgãos de preservação que seriam criados anos depois, os franciscanos da Alemanha erguem no Brasil novas igrejas e conventos que refletem suas próprias visões de mundo e concepções de espaço. Legam bens arquitetônicos às paisagens de cidades localizadas nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do país que logo se transformam em importantes referências urbanas locais. A pesquisa partiu de uma abordagem empírica que buscou vivenciar os próprios espaços arquitetônicos e urbanos, considerados aqui como documentos não-verbais, por meio de uma série de viagens realizadas a 35 conventos em nove estados brasileiros e na Alemanha ao longo da trajetória acadêmica da autora e de seu envolvimento com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. O trabalho de campo permitiu também a coleta de uma série de fontes primárias como manuscritos, livros, documentos, fotos, pinturas, entrevistas com frades e demais fontes relacionadas à memória desses religiosos que também ofereceram suporte a essa pesquisa. Se por um lado a missão dos frades alemães no Brasil apresentou um amplo impacto na arquitetura e na vida urbana das cidades em que atuaram, por outro, esteve atrelada a uma série de choques e conflitos com a espacialidade, a população, e a cultura brasileira, gerando ações e intervenções que muitas vezes apresentaram uma conduta impositiva, pouco dialogando com a realidade local. Todavia, em outros momentos, enxergamos vislumbres de um possível diálogo quando acessamos as últimas décadas do recorte temporal proposto, e observamos frades que estudam e se interessam pela cultura brasileira. Entre choques e aproximações, qualificamos esse legado como patrimônio cultural compartilhado que exemplifica o trânsito cultural entre Brasil e Alemanha.

Palavras-chave: Convento franciscano. Arquitetura brasileira. História Urbana. Diálogos culturais. Patrimônio compartilhado. Relações Brasil-Alemanha.

ABSTRACT

Travels, itinerancy and meeting of cultures are closely related to the theme of this thesis. It comprises German friars who left their homeland from the end of the 19th century, and took the role of restoring the Franciscan Order in Brazil, which was facing a process of decay, a decline in the number of friars and the closing of its friaries that were built in the colonial centuries. Besides reoccupying and carrying out restorative interventions in these historic buildings, anticipating the future role of the heritage protection institutions, the Franciscans of Germany built new churches and friaries in Brazil that reflect their own mentality and their conceptions regarding architectural spaces. Their buildings have a great impact on the landscapes of the cities they are settled, located in the northeastern southeastern and south parts of the country and have become visual and cultural urban references in their regions. The research was based on an empirical approach that aimed to have a close contact with the architectural and urban spaces, considered here as non-verbal documents. Field trips were made to 35 Franciscan friaries located in nine Brazilian states and in Germany, throughout the author's academic trajectory and involvement as a member of the Research Group Studies of Landscape. The fieldwork also allowed the collection of a series of primary sources such as manuscripts, books, documents, photos, paintings, interviews with friars and other sources related to the memory of these religious, that also supported this research. The work of the German friars in Brazil had a broad impact on the architecture and urban life of the cities, but it was also linked to several conflicts and an uneasy meeting with the Brazilian spatiality, population, and culture, that were converted into actions and interventions that often displayed an imposing behavior, and a limited dialogue with the local reality. However, at other times, we see glimpses of a possible dialogue when we consider the last decades of the proposed time frame, and we find friars who study and are interested in Brazilian culture. Between conflicts and cultural interests, we qualify this legacy as a shared cultural heritage that is an example of the cultural relationships between Brazil and Germany.

Keywords: Franciscan friary. Brazilian Architecture. Urban History. Cultural dialogues. Shared heritage. Brazil-Germany relationships.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Frades franciscanos na Alemanha.....	20
Imagens 2,3,4 e 5 - Viagens realizadas com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem aos conventos franciscanos de Paraguaçu-BA, Marechal Deodoro-AL e Recife-PE.....	23
Imagens 6, 7, 8, 9, 10, 11 - Diários de bordo construídos após trabalhos sensoriais nos conventos visitados.....	24
Imagens 12 e 13 - Trabalhos anteriores sobre a presença dos frades alemães no Brasil.....	26
Imagens 14 e 15 - Novas paisagens visitadas: vista do convento de Ipuarana a partir da via que conecta Campina Grande e Lagoa Seca-PB e vista do convento de Rodeio-SC a partir da praça principal da cidade.....	27
Imagens 16 e 17 - Conventos franciscanos localizados nas cidades alemãs de Bad-Bentheim e Mettigen.....	30
Imagens 18, 19 e 20 - Detalhes dos novos conventos visitados em Igreja Nova-AL, Florianópolis-SC e Lages-SC.....	30
Imagens 21, 22, 23, 24, 25 e 26 - Detalhes de fontes arquitetônicas, imagéticas e escritas coletadas durante as viagens realizadas.....	32
Imagens 27, 28, 29, 30 e 31 - Parte das fontes primárias consultadas e coletadas durante a pesquisa. Imagens dos acervos do Colégio Bom Jesus de Blumenau-SC, do convento franciscano de Rodeio-SC e de Penedo-AL.....	33
Imagens 32, 33, 34, 35, 36, 37 - Frei Amando Bahlmann, Frei Humberto Themans, Frei Pedro Sinzig, Frei Gregório Janknecht, Frei Casimiro Brochtrup e Frei Estanislau Schaette, respectivamente.....	37
Imagens 38, 39 e 40 - Encontro com frades durante as viagens realizadas em Penedo-AL, Rodeio-SC e Lages-SC.....	39
Imagem 41 - Síntese cronológica da presença franciscana alemã no Brasil.....	51
Imagem 42 - Recorte da imagem de abertura. Fonte: Fotografia encontrada na biblioteca do convento de Nossa Senhora dos Anjos em Penedo-AL, sem data.....	53
Imagem 43 - Mapa atual da Alemanha com destaque para as regiões abrangidas pela antiga Província da Saxônia. As marcações em vermelho referem-se às cidades que no século XIX possuíam casas, conventos ou igrejas vinculadas à Província.....	63

Imagens 44 e 45 - A primeira expedição alemã a chegar ao Brasil. Da esquerda para direita: Frei Amando Bahlmann, Frei Humberto Themans, Frei Maurício Schmalor e Frei Xisto Meiwes. Recorte de jornal com reportagem que celebra os 100 anos da chegada dos primeiros frades alemães no estado de Santa Catarina.....	73
Imagem 46 - Frades alemães no Brasil durante viagem ao Brasil, primeira metade do século XX.....	74
Imagem 47 - Franciscanos na Alemanha antes de sua viagem ao Brasil portando a “cruz da missão”. Imagem da década de 1930.....	74
Imagem 48 - Frades alemães iniciam sua jornada ao Brasil na estação central de Bardel, primeira metade do século XX.....	75
Imagem 49 - Franciscanos navegam canoa à vela no Rio São Francisco.....	104
Imagens 50, 51 e 52 - Frei Rogério Neuhaus, Frei Martinho Jansweid e Frei Casimiro Brochtrup.....	113
Imagem 53 - Logomarca do projeto “Aktionkreis Pater Beda” e mensagem na página oficial da organização em alemão acerca da pandemia de Covid 19. “Quem tem fome, não pode esperar. Não deixamos sozinhos nossos parceiros no Brasil na luta contra a Covid 19”	115
Imagens 54 e 55 - Frei Beda Vickermann junto a comunidades rurais no Nordeste do Brasil.....	116
Imagem 56 - Frades franciscanos na obra para a construção da Catedral de Lages-SC em 1913.....	121
Imagem 57 - Fachadas dos conventos franciscanos situados no Nordeste do Brasil erguidos entre os séculos XVI e XVII. Na imagem tem-se os conventos localizados nas cidades de Igarassu (PE), Marechal Deodoro (AL), Povoado de Paraguaçu-Cachoeira (BA), Olinda (PE), Penedo (AL), João Pessoa (PB), Pau d’Alho (PE), Cairu (BA), São Francisco do Conde (BA), São Cristóvão (SE) e Sirinhaém (PE), respectivamente.....	123
Imagem 58 - Fachadas dos conventos franciscanos situados no Sudeste do Brasil erguidos entre os séculos XVI e XVIII. Na imagem tem-se os conventos localizados nas cidades de Cabo Frio (RJ), Angra dos Reis (RJ), São Sebastião (SP), Itu (SP, apenas o cruzeiro atualmente), São Paulo (SP), Bom Jesus da Coluna (RJ), Vila Velha (ES), Santos (SP), Rio de Janeiro (RJ), Itanhaém (SP), Vitória (ES), Taubaté (SP) e Itaboraí (RJ), respectivamente.....	124

Imagens 59, 60 e 61 - Ruína de chaminé no convento de Paraguaçu-BA, pintura floral na sala do capítulo do convento de Cairu-BA e púlpito no antigo refeitório do convento de Marechal Deodoro-AL.....	127
Imagens 62, 63 e 64 - Cotidiano no convento do Rio de Janeiro-RJ e Penedo-AL.....	128
Imagens 65 e 66 - Adros dos conventos franciscanos de São Cristóvão-SE e Igarassu-PE.....	128
Imagens 67 e 68 - Os conventos franciscanos de Penedo e Marechal Deodoro, em Alagoas, construídos no século XVII, envolvidos pelo verde de suas cercas.....	129
Imagens 69, 70, 71, 72 e 73 - Detalhes dos conventos franciscanos de Vila Velha-ES, Cairu-BA, Ipojuca-PE, João Pessoa-PB e Marechal Deodoro-AL.....	131
Imagens 74 e 75 - Detalhes da fachada e interior das igrejas dos conventos franciscanos de Penedo-AL e Salvador-BA.....	131
Imagens 76, 77 e 78 - Detalhes das igrejas dos conventos franciscanos de Igarassu-PE, Rio de Janeiro-RJ e Olinda-PE.....	132
Imagens 79 e 80 - Influências orientais e indígenas no interior do convento de Penedo-AL.....	132
Imagem 81 - Conventos franciscanos reocupados após a Restauração das províncias entre os séculos XIX e XX. Destacou-se em vermelho os conventos a serem analisados.....	143
Imagens 82 e 83 - Altar-mor e coro da igreja conventual de Salvador.....	145
Imagens 84 e 85 - Fachada e claustro do convento franciscano de Ipojuca-PE.....	147
Imagem 86, 87, 88 e 89 - Antigos altares neogóticos do convento de Ipojuca produzidos pelos frades alemães.....	148
Imagens 90 e 91 - Frei Venâncio Willeke na igreja conventual de Ipojuca destruída após o incêndio, e imagem das ruínas após o incidente.....	150
Imagens 92 e 93 - Entronização da imagem do Santo Cristo após reconstrução do altar-mor em 1937 e imagem atual.....	150
Imagens 94 e 95 - Aspecto atual da igreja conventual de Ipojuca reconstruída na década de 1930 após o incêndio de 1935 sob a liderança do alemão Frei Venâncio Willeke.....	151
Imagens 96, 97 e 98 - Altares laterais dedicados à Nossa Senhora da Conceição e a São José, e capela lateral dedicada ao Sagrado Coração de Jesus construídos na década de 1930.....	151

Imagens 99, 100 e 101 - Vitrais produzidos na Alemanha localizados na capela do Sagrado Coração de Jesus no convento de Ipojuca-PE.....	152
Imagens 102, 103, 104, 105 e 106 - Detalhes dos vitrais produzidos na Alemanha localizados na capela do Sagrado Coração de Jesus no convento de Ipojuca-PE.....	152
Imagens 107 e 108 - Igreja do convento franciscano de Penedo-AL com aberturas em seu forro à direita.....	153
Imagens 109 e 110 - Claraboia aberta no presbitério da igreja conventual de Penedo em 1905.....	155
Imagens 111 e 112 - Aberturas executadas no forro da nave da igreja conventual de Penedo em 1906.....	155
Imagens 113, 114, e 115 - Aspecto geral da igreja conventual de Penedo e ladrilhos hidráulicos que revestem o piso do presbitério e da nave.....	156
Imagens 116 e 117- Pintura de Nossa Senhora com o Menino Jesus em seu ventre e sua localização na igreja conventual de Penedo.....	157
Imagens 118 e 119 - Pintura de Nossa Senhora com o Menino Jesus em seu ventre em sua conformação original descoberta após obras de restauro e com seu útero coberto após intervenção do frade alemão Libório Lipke.....	158
Imagem 120 – Ampliação da imagem do Menino Jesus no ventre de Nossa Senhora.....	158
Imagens 121 e 122 - Recorte do Jornal “O Apostolo” publicado em 1973 apresentando o conflito entre Ernani Méro e Frei Luís Rastetter.....	161
Imagens 123 e 124 - Complexo conventual franciscano do Rio de Janeiro ao centro com a área verde da cerca nos fundos da construção.....	165
Imagens 125, 126, 127 e 128 - Claustro do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro.....	167
Imagens 129, 130, 131 e 132 - Aspecto do convento franciscano do Rio de Janeiro em 1903 e em 1930, depois da reforma de Frei Feliciano Schlag.....	170
Imagem 133 - Intervenções realizadas pelos frades alemães na fachada da igreja conventual do Rio de Janeiro.....	171
Imagens 134, 135, 136 e 137 - Fachadas da igreja conventual franciscana do Rio de Janeiro ao longo do tempo: (1) aspecto original, (2) após as reformas dos frades alemães na década de 1920, (3) após o restauro de 1953 e (4) após o restauro de 2007-2014.....	172

Imagem 138 - Conventos franciscanos construídos no período colonial.....	184
Imagem 139 – Antigas casas ainda habitadas por frades no fim do século XIX.....	184
Imagem 140 e 141 - Conventos antigos reabertos pelos frades alemães em amarelo e novas edificações erguidas após a Restauração alemã em vermelho.....	184
Imagem 142 – Fraternidades franciscanas fundadas no Nordeste no século XX.....	188
Imagem 143 – Fraternidades franciscanas fundadas no Sul do Brasil, estados do Paraná e Santa Catarina, no fim do século XIX e primeira metade do século XX.....	197
Imagem 144 – Fraternidades franciscanas fundadas no Sudeste do Brasil, nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, no fim do século XIX e primeira metade do século XX.....	198
Imagem 145 – Principais áreas de estabelecimento de novas fraternidades franciscanas da Província da Imaculada Conceição entre o fim do século XIX e primeira metade do século XX.....	198
Imagens 146, 147, 148 - Igreja franciscana de Santo Amaro da Imperatriz, Santa Catarina.....	199
Imagens 149 e 150 - Igreja franciscana de Gaspar, Santa Catarina.....	200
Imagens 151 e 152 - Matriz de Blumenau, Santa Catarina, erguida pelos franciscanos.....	200
Imagens 153 e 154 - Inscrição em alemão em piso e vitral da igreja franciscana de Igreja Nova, Alagoas.....	201
Imagens 155 e 156 - Igreja e convento franciscano de Santo Amaro da Imperatriz, estado de Santa Catarina. À esquerda fotografia da década de 1910 e à direita aspecto atual com o convento ampliado e anexo à igreja após reformas ao longo do século XX.....	202
Imagens 157 e 158 - Igreja e convento franciscano de Santo Amaro da Imperatriz, estado de Santa Catarina.....	202
Imagens 159 e 160 - Igreja e convento franciscano de Gaspar, estado de Santa Catarina.....	203
Imagens 161, 162, 163 e 164 - Igreja e convento franciscano de Igreja Nova, estado de Alagoas.....	203
Imagens 165, 166, 167 e 168 - Igreja e convento franciscano de Campina Grande, estado da Paraíba, com destaque para a área do claustro conventual.....	205

Imagens 169 e 170 - Igreja e convento franciscano de Fortaleza, estado do Ceará, com área do claustro conventual.....	205
Imagens 171, 172 e 173 - Igreja e convento franciscano do Pari em São Paulo, com área do claustro conventual.....	206
Imagens 174 e 175 - Igreja e convento franciscano de Petrópolis e pátio interno.....	206
Imagens 176 e 177 - Igreja e convento franciscano de Florianópolis com claustro conventual.....	206
Imagens 178, 179, 180 e 181 - Igreja e convento franciscano de Lages, biblioteca e capela interna.....	207
Imagens 182 e 183 - Convento de Rodeio, em Santa Catarina, fotografia da primeira metade do século XX e vista atual.....	208
Imagens 184 e 185 - Convento de Blumenau, em Santa Catarina e imagem atual.....	209
Imagens 186 e 187 - Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba e vista atual.....	209
Imagens 188 e 189 - Vistas aéreas dos conventos de Ipuarana na Paraíba e Agudos em São Paulo.....	209
Imagens 190 e 191 - Convento franciscano de Ipuarana e Agudos e entorno.....	210
Imagens 192 e 193 – Atuais catedrais de Lages e Blumenau em Santa Catarina.....	210
Imagens 194, 195, 196 e 197 - Contraste entre a igreja conventual de Igreja Nova, Alagoas, e a acanhada cidade.....	211
Imagens 198 e 199 - Igreja e convento de Santo Antônio do Pari, em São Paulo.....	212
Imagens 200 e 201 - Igreja e convento de Santo Antônio do Pari, em São Paulo.....	212
Imagens 202, 203, 204 e 205 - Vista da antiga colônia de Rodeio em Santa Catarina, entre 1900 e 1913, e da atual cidade.....	213
Imagens 206 e 207 - Antiga vila de Santo Amaro com igreja franciscana à esquerda em imagem do início da década de 1910 e fotografia da cidade atual com destaque à construção franciscana em amarelo e ao rio Cubatão e suas margens em mancha azul.....	214
Imagens 208 e 209 - Cidade de Gaspar entre a década de 1950 e 1970 com destaque à construção franciscana em amarelo e ao rio Itajaí em azul; vista da cidade e do rio a partir da igreja seráfica.....	214
Imagens 210 e 211 - Cidade de Gaspar na década de 1960 e imagem atual em um dos pontos de maior movimento da cidade.....	215

Imagens 212 e 213 - Máquina de fazer hóstias nos corredores do convento de Penedo, Alagoas.....	218
Imagens 214, 215, 216 e 217 - Equipamentos trazidos pelos frades alemães encontrados no convento de Penedo, Alagoas: contador, projetor, máquina de costura e barômetro.....	219
Imagens 218 e 219 - Frades realizando trabalhos em campos próximos ao convento de Bardel na Alemanha.....	220
Imagens 220 e 221 - Frades realizando trabalhos manuais em oficinas em convento na Alemanha.....	220
Imagens 222 e 223 - Fotografias sem data das feições antigas da editora Vozes. As crianças dos registros são provavelmente alunos da escola que também trabalhavam na tipografia.....	223
Imagens 224, 225, 226 e 227 - Religiosos desenvolvendo trabalhos em oficinas de conventos do Nordeste do Brasil não identificados.....	225
Imagens 228 e 229 - Antiga fábrica de café e de vinhos no convento de Rodeio, em Santa Catarina.....	226
Imagens 230 e 231 - Atuais espaços de padaria e marcenaria no convento de Rodeio, em Santa Catarina.....	226
Imagens 232 e 233 - Atual fábrica de velas no convento de Rodeio, em Santa Catarina.....	227
Imagens 234 e 235 - Motos alemãs expostas no convento de Canindé, no Ceará.....	227
Imagem 236 - Frei Diogo Huptman em moto alemã modelo NSU, 1942.....	228
Imagem 237 – Frades no claustro do convento de Recife, em Pernambuco.....	229
Imagens 238, 239, 240 e 241 - Coros das igrejas franciscanas do Pari, Rodeio, Lages e Curitiba, respectivamente, com seus órgãos de tubo.....	231
Imagem 242 - Frades e alunos diante do bloco de oficinas do antigo convento franciscano de Blumenau, Santa Catarina.....	234
Imagem 243, 244 e 245 - Coral de crianças no Colégio Seráfico de Lagoa Seca-PB; banda de música dirigida por Frei Lucínio Korte, em Rodeio-SC; Frei Flaviano Wiesmann com o coral São Francisco em Penedo-AL.....	235
Imagens 246 e 247 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando o solar do convento de Olinda e o mesmo espaço na atualidade.....	247

Imagens 248 e 249 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando varanda do convento de Penedo e o mesmo espaço na atualidade.....	247
Imagens 250 e 251 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando o mar de Olinda enquadrado por uma abertura do convento; foto atual da vista do mar a partir da janela do convento de Olinda.....	248
Imagens 252 e 253 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando possivelmente a cidade de Olinda; tela intitulada “Noite de São João em Ipojuca.....	249
Imagens 254 e 255 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando a cidade de Penedo a partir do convento e a mesma vista na atualidade.....	250
Imagens 256 e 257 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando a construção do convento de Ipuarana e vista atual do local.....	251
Imagem 258 – Natureza morta em tela de Frei Tarcísio Jungwirth.....	252
Imagens 259 e 260 - Telas de Frei Tarcísio Jungwirth que recobrem o forro da igreja conventual de Ipojuca.....	253
Imagem 261 - Visita de Getúlio Vargas ao convento franciscano do Rio de Janeiro. Frei Pedro Sinzig se encontra na extremidade esquerda.....	255
Imagem 262 - Vista da cidade de Igreja Nova, em Alagoas, e sua igreja franciscana erguida por frades alemães, a partir do Rio São Francisco.....	258
Imagens 263, 264 e 265 - Detalhes das telas de Frei Tarcísio Jungwirth.....	260
Imagens 266, 267 e 268 - Mãe de santo, dança dos Munzenzá (candidatos iniciados) e filhas de santo durante a iniciação. Fotografias de Frei Tomás Kockmeyer.....	260
Imagens 269, 270 e 271 - Dicionário português-tyrió e os Evangelhos em língua Tyrió de Frei Bento Letschert; trecho de lista de palavras alemãs e suas respectivas tradução na língua tapajó realizada por Frei Hugo Mense.....	260
Imagem 272 - Frei Serafim Prein e Gilberto Freyre sentados em conversadeira no convento de Recife.....	262
Imagens 273, 274 e 275 - Partes do acervo do Brasilienmuseum localizado no convento de Bardel, cidade de Bad-Bentheim na Alemanha.....	263
Imagens 276, 277 e 278 - Partes do acervo do Brasilienmuseum localizado no convento de Bardel, cidade de Bad-Bentheim na Alemanha.....	264
Imagens 279, 280 e 281 - Ideias para o memorial acerca da presença franciscana alemã no Brasil para o convento de Penedo esboçadas pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.....	264

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Dados dos frades autores dos relatos analisados.....	35
Tabela 02 – Principais localidades percorridas no Brasil pelos frades autores dos relatos analisados.....	36
Tabela 03 – Levantamento de publicações acadêmicas acerca dos frades alemães no Brasil.....	44
Tabela 04 - Cidades abrangidas pela Província da Santa Cruz da Saxônia na Alemanha durante o século XIX.....	63
Tabela 05 - Conventos franciscanos do Nordeste erguidos entre os séculos XVI e XVIII.....	124
Tabela 06 - Conventos franciscanos do Sudeste erguidos entre os séculos XVI e XVIII.....	125
Tabela 07 - Ano de reocupação dos antigos conventos do Nordeste e usos atuais.....	139
Tabela 08 - Ano de reocupação dos antigos conventos do Sudeste e usos atuais.....	139
Tabela 09 - Fraternidades fundadas entre 1891 e 1960 no Nordeste.....	177
Tabela 10 - Fraternidades fundadas entre 1891 e 1960 no Sul e Sudeste.....	179
Tabela 11 – Obras de Frei Tarcísio Jungwirth coletadas durante os trabalhos de campo.....	238
Tabela 12 – Obras de Frei Ambrósio Kunstleben coletadas durante os trabalhos de campo.....	242

SUMÁRIO

1. APRESENTANDO OS CAMINHOS.....	20
1.1 Trajetória e percursos entre conventos franciscanos.....	21
1.2. As fontes coletadas: “apreende-se o que se pode pelo caminho”	28
1.3. Vozes, palavras e imagens: os documentos acessados.....	32
1.4. A construção da tese: questões, hipóteses e desdobramentos.....	40
PARTE 1 – ENTRE BUSCAS, MISSÕES E ESTRADAS: FRADES VIAJANTES.....	54
2. FRADES ALEMÃES, BRASIL E PRIMEIROS OLHARES.....	55
2.1. Itinerâncias dos menores.....	55
2.2. Sonhos, sacrifícios e ideais: “meu convento é o mundo”	61
3. O CORPO DEVE TORNA-SE MUNDO.....	99
3.1. Experimentar os trópicos.....	99
3.2. Missionários e cidades.....	105
PARTE 2 - ESPACIALIZAÇÕES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: FRADES CONSTRUTORES.....	120
4. ESTRUTURAS ESPACIAIS PRÉ-EXISTENTES: OS CONVENTOS HISTÓRICOS.....	122
4.1. Um conjunto de conventos-irmãos na costa brasileira.....	122
4.2. Reparar, modernizar: intervenções de frades alemães.....	136
5. UMA NOVA REDE DE CASAS FRANCISCANAS, IGREJAS E CIDADES.....	175
5.1. A conquista de novos territórios.....	175
5.2. Novas arquiteturas franciscanas: construções de frades alemães.....	199

6. TÉCNICA, ARTE E SENSIBILIDADES.....	217
6.1. O trabalho, o tecnicismo e as máquinas.....	218
6.2. A musicalidade.....	229
6.3. Arte e construção de paisagens.....	236
7. LEGADOS DE FRADES ALEMÃES NO BRASIL: UM BALANÇO DOS CAMINHOS.....	254
Referências bibliográficas.....	266
Fontes manuscritas.....	277
Anexo 1.....	278

1. APRESENTANDO OS CAMINHOS

Perdoem-me os amigos se, no futuro, eu me tornar lacônico; durante uma viagem, **apreende-se o que se pode pelo caminho, cada dia nos traz algo de novo, e apressamo-nos em refletir e opinar a respeito.** Aqui, porém, está-se numa escola muito grande, na qual **cada dia tem tanto a ensinar que sequer nos é permitido ousar dizer algo acerca do que aprendemos no seu decorrer.** Na verdade, fariamos bem em, mesmo passando anos aqui, observar um silêncio pitagórico. (GOETHE, 1999, p.155. Grifo nosso.)



Imagem 1 - Frades franciscanos na Alemanha. Fonte: Fotografia encontrada na biblioteca do convento de Nossa Senhora dos Anjos em Penedo-AL, sem data.

Viajar... ir de um lugar para outro. Percorrer estradas, navegar, cruzar fronteiras, acessar os caminhos do mundo. Romper a estabilidade e se contrapor à rotina e à segurança do lugar de origem. Ações que podem aludir, em tempos remotos, a um peregrino, um cruzado ou a um mercador que em tempos medievais ousam romper os limites das florestas, dos Alpes ou do Mediterrâneo para se aventurarem em terras desconhecidas. Gestos que também são inerentes aos viajantes das grandes navegações que a partir do fim do século XV chegam a novos continentes ampliando o então mundo conhecido, ou aos viajantes do *Grand Tour* nos séculos XVIII e XIX que anseiam ir ao mundo para vê-lo e senti-lo em busca de cultura, prazer e dos tesouros da Antiguidade. Movimentos que moldam e transformam o próprio sujeito, como expressou Johann Wolfgang von Goethe, nos escritos sobre sua viagem à Itália entre os anos de 1786 e 1788, considerando o dia em que chegou a Roma como a data de seu segundo nascimento, um verdadeiro renascimento (GOETHE, 1999, p.175).

A dinâmica das viagens também é algo intrínseco à contemporaneidade, momento em que é possível acessar o mais distante país em vinte e quatro horas, cruzar várias fronteiras em dias, residir em mais de um lugar. Viaja-se para trabalhar, trocar, conhecer, entrar em contato com o outro, consumir ou compartilhar a experiência em múltiplas redes sociais. Viaja-se para experimentar o diferente, para olhar novos cenários ou mergulhar em experiências sensoriais diversas. Como contraponto, os deslocamentos intensos e excessivos em um mundo emaranhado também trouxeram significativos transtornos como o alto consumo energético, impactos ambientais e a disseminação em escala global da recente pandemia.

Se antes viajar significava o caminho que se faz por terra, pelos rios ou pelo mar, agora os ares encurtam drasticamente as distâncias, e a internet praticamente a reduz a zero. Viaja-se também pelo mundo do digital, pelas imagens e mapas cada vez mais realistas, pela explosão de *lives*, postagens e diálogos proporcionados pelas redes sociais, pela migração de parte da realidade física para a dimensão virtual em um mundo que ainda teme os efeitos de um vírus.

Viajar...esta tese, de fato, é sobre viagens. Viagens enquanto método, enquanto objeto, enquanto produto. Viagens de franciscanos que se movem impulsionados pela fé cristã, viagens de europeus que se aventuram nos trópicos, viagens por narrativas, documentos, e fontes imagéticas, e também minhas próprias viagens durante uma extensa trajetória de estudos acerca do franciscanismo.

Portanto, a itinerância, o cruzar fronteiras e o encontro de culturas se relacionam intimamente com o tema deste trabalho, embora sob um outro viés nem tão assim frequente no contexto contemporâneo: fala-se de religiosos franciscanos que se aventuram em terras estranhas à sua realidade, mais especificamente, frades que deixam a Alemanha a partir do final do século XIX e rumam para o Brasil com desejos e ideais próprios e fazem do novo país campo de atuação, de intervenção, de conflitos e de salvação.

1.1 Trajetória e percursos entre conventos franciscanos

O desenvolvimento desta tese partiu do meu envolvimento com o tema do franciscanismo que está intimamente relacionado com minha trajetória acadêmica há cerca de doze anos, se tratando, pois, de um trabalho que extrapola o tempo abrangido pelo doutorado. Entende-se aqui como trajetória o caminho que trilhei dentro do escopo das pesquisas científicas culminando com a produção desta tese. Esta trajetória foi permeada por uma série de percursos entre conventos franciscanos, ações, movimentos e deslocamentos entre diferentes cidades, lugares, ambiências e espacialidades.

A temática do franciscanismo, sua herança cultural, construções e repercussões urbanas vem sendo investigadas por mim desde 2009 quando entrei no Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem¹ da FAU/UFAL como bolsista de iniciação científica. Inicialmente as pesquisas se debruçaram sobre os conventos franciscanos históricos construídos no Brasil entre os séculos XVI e XVIII, e assim tive a oportunidade de viajar, vivenciando esses espaços, dialogando com seus moradores, colhendo e registrando impressões, percebendo outras camadas para além da tocante materialidade que se sobressai nos primeiros olhares.

Junto com o Grupo, percorremos, apenas em algumas das viagens, uma distância de mais 1200 km visitando os 14 exemplares conventuais que integram a chamada “Escola Franciscana do Nordeste”, termo cunhado pelo historiador de arte francês German Bazin em meados do século XX, o qual será retomado mais adiante. Entre grandes centros urbanos e pequenas localidades que mantém núcleos históricos, em viagens que passaram pelas estradas e pelas águas, os conventos franciscanos se apresentaram como universos múltiplos e potentes para as investigações com suas interfaces com as cidades, a paisagem, a arquitetura, a arte, a História, a natureza e as práticas imateriais. Compostos por um conjunto coeso que guardam diálogos e similitudes, mas também por particularidades e relações peculiares com o lugar.

Se inicialmente os trabalhos desenvolvidos na iniciação científica se voltaram para estes 14 conventos nordestinos, logo em seguida um olhar mais atento foi posto sobre os dois exemplares situados em território alagoano: o antigo convento² de Santa Maria Madalena, localizado às margens da lagoa Manguaba em Marechal Deodoro, e a casa de Nossa Senhora dos Anjos, na cidade de Penedo no curso baixo do Rio São Francisco. Edificações que tiveram destinos distintos, e assim permitiram apreensões variadas. Enquanto o segundo ainda abriga vida conventual com as dinâmicas

¹ O Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em seus 23 anos de existência vem buscando, por meio de uma abordagem multidisciplinar e de uma metodologia própria, “repertoriar manifestações arquitetônicas, urbanas e paisagísticas considerando seus elementos materiais e imateriais, a partir de embates entre tempos e espaços. Toma como ferramentas de pesquisa prioritárias as derivas, as imagens, os relatos e observações perceptivas, sensíveis e afetivas das paisagens. Seu objetivo é atuar dentro dos temas da criatividade, da memória e dos processos de pertencimento e não pertencimento, movido por um engajamento no presente e em uma ideia de paisagem que não separa o natural e o artifício” (ver <https://fau.ufal.br/grupopesquisa/estudosdapaisagem/>). O Grupo é majoritariamente formado por arquitetos e urbanistas, mas também acolhe pesquisadores das áreas da história, design, arqueologia, das artes, dentre outras.

² Atualmente, uma parte dos antigos conventos franciscanos brasileiros não detém mais vida seráfica ou religiosa, alguns sendo ocupados por outras ordens, ou apresentando usos seculares como é o caso do exemplar de Marechal Deodoro. Dos 28 conventos históricos construídos pela Ordem Franciscana no país, nove ainda estão sob os cuidados dos frades menores, sete apresentam usos culturais, seis são utilizados por outras congregações religiosas e também um número de seis se encontram em ruínas ou deixaram de existir.

devocionais e rotina religiosa ainda moldando o espaço, o de Madalena abriga um museu³, mas a ausência de ambientes clausura, sua materialidade despida de excessos e o silêncio dos espaços convidam para uma experimentação mais próxima da sua destinação arquitetônica anterior. Estas viagens, em geral, foram feitas em conjunto com outros membros do Grupo, proporcionando uma experiência mais rica e plural⁴.



Imagens 2,3,4 e 5 - Viagens realizadas com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem aos conventos franciscanos de Paraguaçu-BA, Marechal Deodoro-AL e Recife-PE.

Fonte: Autora, 2009, 2011 e 2016.

Voltando ao tema das viagens, elas também, como visto, estão imbricadas no processo metodológico adotado nesta tese, e que não termina apenas com as visitas *in loco* e derivas⁵, compreendendo ao primeiro conjunto de trabalhos de campo. Outros

³ Trata-se do Museu de Arte Sacra de Alagoas instalado no espaço do antigo convento franciscano desde 1984.

⁴ Destas viagens e investigações já se desdobraram 15 pesquisas de iniciação científica e quatro trabalhos finais de graduação, dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, e três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, dentro do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFAL.

⁵ Dentro da metodologia do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, a deriva é um instrumento de apreensão individual do espaço. Inspira-se na prática dos situacionistas, movimento de cunho político e artístico ocorrido nos anos de 1960, que buscava uma outra forma de exercer as investigações urbanas, buscando captar os aspectos afetivos e sensíveis expressados por um determinado lugar ou determinada construção. Sobre este tema ver JACQUES, 2003.

tipos de viagem se farão, movidas por outros impulsos, como por exemplo, a busca mais detida, focada em detalhes, mas dela resultante. Da própria deriva se seguirá um outro passo metodológico que se trata da expressão da apreensão dos aspectos sensíveis da matéria da viagem, transmutados na construção de diários de bordo, que são produtos construídos por cada pesquisador que traduzem as impressões individuais e experiências pessoais vivenciadas ao longo das viagens, visitas técnicas e contato com o objeto empírico, podendo ser objetos sensoriais, desenhos ou textos ilustrados que dão forma a esse primeiro contato com a temática de estudo. Soma-se a este trabalho, os estudos iconográficos e a manipulação imagética por meio dos quais foi possível realizar uma investigação comparativa sobre os impactos urbanos dessas edificações ao longo do tempo.

Foi usando este conjunto de metodologias que meu trabalho de pesquisa sobre os conventos franciscanos, ainda na graduação, foi contemplado com o prêmio de Excelência Acadêmica pela UFAL, após avaliação de examinadores externos de outras áreas do conhecimento, e posteriormente selecionado pelo CNPq, obtendo o prêmio nacional “Destaque do Ano na Iniciação Científica”, em outubro de 2011.



Imagens 6, 7, 8, 9, 10, 11 - Diários de bordo construídos após trabalhos sensoriais nos conventos visitados. Fonte: Autora, 2009 e 2010.

Expandindo as viagens para além das fronteiras do Nordeste, também tive a chance de visitar mais quatro conventos franciscanos erguidos no Sudeste do Brasil no período colonial: as casas de Santo Antônio no Largo da Carioca no Rio de Janeiro, São Francisco no Centro de São Paulo, e os dois exemplares situados no Espírito Santo, Nossa Senhora da Penha em Vila Velha e São Francisco na capital Vitória.

As viagens e os trabalhos de campo realizados nas 18 casas franciscanas visitadas no país foram descortinando elementos novos acerca da presença franciscana

no Brasil, que extrapolavam o recorte temporal dos séculos coloniais e nos revelavam dimensões e camadas mais recentes dessas edificações, emergindo assim a história da vinda dos frades alemães, episódio marcante na história da presença da Ordem no Brasil, e que nos foi repassada pelos próprios religiosos dos conventos visitados. Motivada pela busca por mais desdobramentos acerca deste fato e por um interesse prévio que já nutria acerca da cultura alemã, elegi a temática como objeto de estudo dos trabalhos seguintes.

Este fato que envolve a presença seráfica germânica no Brasil foi denominado “Restauração” e se trata do processo de reativação das duas antigas províncias franciscanas brasileiras⁶ e reabertura de parte de seus conventos no final do século XIX realizado pelos religiosos seráficos da Alemanha, após um período de decadência e quase extinção aos moldes do que também aconteceu na Europa, como será apresentado mais adiante.

Assim, meu Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo englobou o estudo do legado material deixado por esses religiosos nos conventos de Penedo-AL e Ipojuca-PE⁷. Nesta etapa, o tema central do trabalho abrangeu a atuação dos frades alemães nos antigos conventos brasileiros construídos em tempos coloniais, abordando seu trabalho de recuperação e “modernização” dessas edificações e a restauração da vida religiosa nessas cidades. As reformas executadas nas casas franciscanas de Penedo e Ipojuca se constituíram como principal objeto de pesquisa e permitiram a identificação dos primeiros traços relativos a essa herança no Brasil, contribuindo também para uma maior compreensão do patrimônio construído ligado a essas construções.

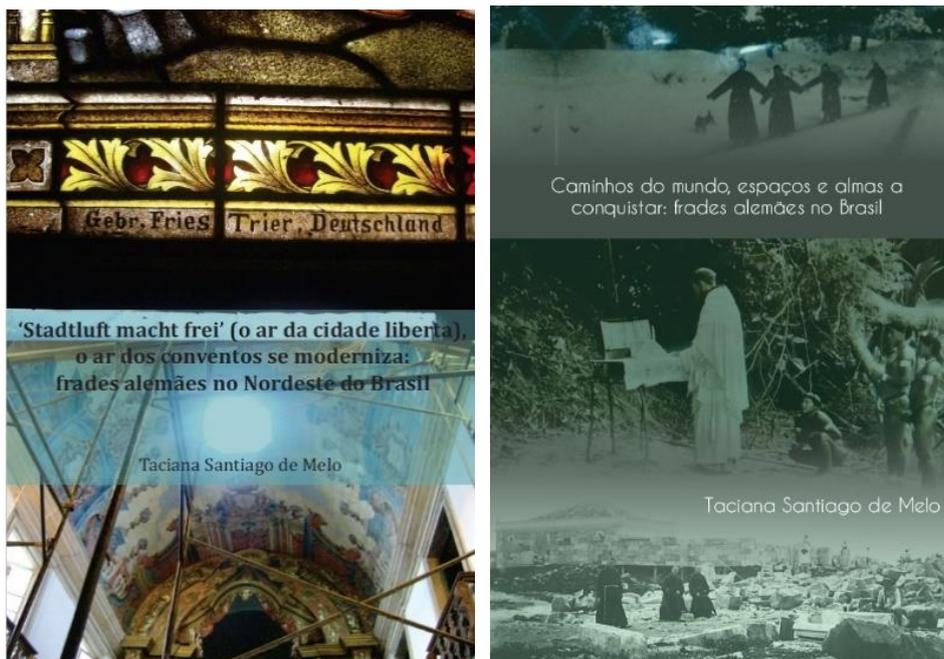
A investigação sobre a temática se expandiu consideravelmente durante a realização da dissertação de mestrado, que já avançou para além dos conventos históricos e do contexto nordestino: abarcou também um conjunto arquitetônico ainda pouco explorado nas pesquisas acadêmicas ligadas estritamente ao tema da Restauração, ou seja, os conventos erguidos por frades alemães entre o fim do século XIX e primeira metade do século XX situados em três regiões do Brasil (Nordeste,

⁶ O termo Província se refere a um grupo de conventos que estabelecem uma unidade e são dotados de administração autônoma. A Província de Santo Antônio do Brasil nasceu em 1657 com sede em Salvador a partir da custódia de mesmo nome, sendo a primeira província autônoma da colônia portuguesa na América. Antes desta data, os conventos do Brasil filiavam-se à Província de Santo Antônio de Portugal. Em 1659, os conventos do sul foram desmembrados, formando a Custódia da Imaculada Conceição com sede no Rio de Janeiro. Em 1675, esta também se tornou Província (WILLEKE, 1977). Atualmente a Província de Santo Antônio com sede em Recife abrange os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, e a Província da Imaculada Conceição com sede em São Paulo engloba os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

⁷ Trabalho de conclusão de curso apresentado em março de 2012 e intitulado: “‘Stadtluft macht frei’ (o ar da cidade liberta), o ar dos conventos se moderniza: frades alemães no Nordeste do Brasil”.

Sudeste e Sul)⁸. Cabe lembrar que neste caso, o recorte espacial contemplou as duas províncias franciscanas brasileiras mais antigas, Santo Antônio e Imaculada Conceição, englobando novas áreas do país, cidades e edificações até então não acessadas em trabalhos anteriores do Grupo de Pesquisa. O trabalho iniciou um levantamento acerca destes conventos, identificando características, modelos e traços referentes às formas em que os germânicos espacializaram sua memória no mundo tangível, em especial no Brasil.

Neste estudo, a investigação se concentrou na conduta dos frades alemães no Brasil e suas repercussões no espaço, dialogando, em especial, com a Idade Média, período em que o franciscanismo surge na região da Úmbria italiana como um modelo religioso e se estende à então Germânia, com fortes rebatimentos no mundo material⁹. Sobre a questão medieval cabe também lembrar que o século XIX realiza um retorno a este contexto, com destaque à Alemanha, que é tomado como inspiração a diferentes movimentos que atingem a arquitetura, a literatura e artes em geral, como por exemplo, o Romantismo.



Imagens 12 e 13 - Trabalhos anteriores sobre a presença dos frades alemães no Brasil.

Fonte: Autora, 2012 e 2016.

⁸ Dissertação de mestrado defendida em abril de 2016 ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFAL e intitulada “Caminhos do mundo, espaços e almas a conquistar: frades alemães no Brasil”.

⁹ Sobre a disseminação do franciscanismo na então Germânia, John Freed (1977) aborda as relações entre o processo de urbanização da região no século XIII e a fundação das casas das ordens mendicantes, principalmente depois do ano de 1270. O autor destaca, dentre outros aspectos, que o estabelecimento dos conventos de franciscanos e dominicanos seguia o crescimento demográfico e econômico das cidades medievais alemãs, podendo a presença e o número dessas casas fornecer parâmetros para o conhecimento do tamanho aproximado e importância dos assentamentos urbanos na Alemanha medieval.

Desse modo, novas cidades, regiões e arquiteturas foram acessadas e apreendidas durante minha trajetória acadêmica. As paisagens tropicais da zona da mata nordestina com os amplos campos de cana de açúcar, o cheiro do melado e a brisa do mar se somaram a novos cenários que emolduram os conventos franciscanos do Sul e Sudeste, mas também do próprio Nordeste. Duas paisagens em especial se destacaram nesses novos caminhos: o agreste nordestino com sua vegetação esparsada e árida, dias quentes e secos e noites amenas; e o verde temperado da Mata Atlântica do sul do país, com seu clima mais frio - principalmente para alguém proveniente do Nordeste brasileiro - e os traços dos colonos europeus que também deixaram marcas no lugar se misturando com o próprio legado franciscano alemão.



Imagens 14 e 15 - Novas paisagens visitadas: vista do convento de Ipuarana a partir da via que conecta Campina Grande e Lagoa Seca-PB e vista do convento de Rodeio-SC a partir da praça principal da cidade. Fonte: Autora, 2013.

O somatório de experiências acumuladas durante toda a trajetória acadêmica permaneceu fornecendo material empírico para a realização de artigos e outras pesquisas, mas também confluirão nesta tese, com a própria materialidade das edificações visitadas e suas ressonâncias intangíveis funcionando como fonte de pesquisa. Destaca-se ainda que a considerável quantidade de material coletado nas viagens durante este período, envolvendo fontes escritas, imagéticas, sonoras e os próprios espaços, não puderam ser completamente absorvidos pelos trabalhos anteriores, portanto, se apresentam como material inédito explorado por esta atual pesquisa. Além disso, meu particular interesse pelo tema e a necessidade de elucidar novas questões que envolvem a abrangência da atuação desses religiosos na cultura e na história brasileira me motivaram a prosseguir trabalhando com a temática.

Dessa forma, a tese amplia os estudos anteriormente desenvolvidos e busca lançar novos olhares e questões sobre as fontes coletadas, se aprofundando nos vestígios deixados pelos germânicos e procurando extrair novos elementos até então

não explorados. Se apoiando no material reunido durante as viagens e acessados em diferentes espacialidades, pretende traçar ou desenhar imagens, panoramas, legados (com ênfase nos termos no plural) acerca da ação franciscana alemã no Brasil e seus diálogos com a realidade local, se questionando sobre as formas que moldaram esses contatos, entrelaces que podem ser definidos como trocas, imposições, choques, compartilhamentos, assimilações, beneficência ou sacrifício, dentre outros. Como os frades alemães participam da construção e da história do Brasil ao longo do século XX e que impactos deixam para a herança franciscana no país? Antes de nos determos no desenvolvimento dessas questões e da hipótese desta tese, considera-se importante apresentar de maneira geral o material reunido que ao longo do desenvolvimento destas pesquisas.

1.2. As fontes coletadas: “apreende-se o que se pode pelo caminho”

Durante uma viagem, não apenas conhecemos o lugar, mas levamos de volta conosco impressões, experimentações e partes do local acessado, que, por vezes, não necessariamente sabemos por que se fizeram sedimentar em nós. Como relata Goethe na citação que abre esta introdução “apreende-se o que se pode pelo caminho” (1999, p.155), ação que se torna mais potente quando se busca vivenciar de forma mais íntima o espaço visitado. Além disso, pode-se até mesmo, literalmente, levar pedaços do lugar: “E aqui estou eu de novo, carregado de pedras!” (GOETHE, 1999, p.130). Tomamos Goethe aqui como uma espécie de guia, por sua importância no contexto cultural da Europa na transição do século XVIII para o XIX, que se fazem no âmbito das ciências naturais, mas também como uma das bases do Romantismo e cujos experimentos levam à construção de conceitos como o do Sublime e do Pitoresco.¹⁰

Goethe colheu na Itália amostras de minerais e plantas, gesto inerente não apenas ao seu encanto com a natureza mediterrânea distinta do Norte, mas que já prefigurava seu interesse pela investigação científica sobre os elementos naturais que pautaria alguns de seus trabalhos posteriores. Por outro lado, já demonstra também o valor da cultura material, da importância do colecionismo e da valorização da diversidade que qualifica o mundo habitado.

Nas viagens realizadas por cidades e conventos franciscanos, também pode-se encontrar ecos dessa postura coletora, de buscar e reunir o que se podia ao longo do caminho: não se enchendo de pedras e outros vestígios do mundo natural como Goethe,

¹⁰ Sobre esta questão, ver MAAS, 2017.

mas buscando elementos inerentes à produção humana, mais especificamente aqueles deixados pelos franciscanos alemães. Assim, durante as visitas procurou-se apreender espaços por meio da experimentação e da conduta de considerá-los enquanto documentos não verbais, e colheu-se também os que já o são naturalmente considerados como tal, como livros, textos, entrevistas, imagens, fotos, pinturas e tudo aquilo que pudesse remeter à memória dos religiosos da Alemanha. Os olhos procuravam inscrições, textos e nomes em alemão, mas também aspectos não tão explícitos que provavelmente apontavam para uma estética inerente ao país do centro europeu.

As visitas aos conventos construídos no período colonial trouxeram pistas acerca das ações dos frades alemães em espaços já existentes anteriormente à sua chegada, parte de uma herança estranha à sua, mas que eles acessaram, apreenderam, modificaram... De fato, a eficácia e a pertinência destes verbos e de outros serão postos a prova no correr desta tese. Pois foi preciso também entender como esses religiosos deram forma a conventos completamente novos, construídos sob seus preceitos em um contexto social e temporal bastante distinto, efetuando o que estamos chamando de cruzamento de culturas.

Para isto, foram empreendidas viagens a 12 conventos erguidos pelos franciscanos alemães a partir do final do século XIX, abrangendo os estados da Paraíba, Alagoas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. A escolha do território catarinense e uma permanência mais longa no estado ocorreu devido à sua importância dentro do contexto da Restauração, sendo o primeiro local de estabelecimento definitivo dos frades alemães, e detentor de pelo menos 16 conventos construídos durante o período em estudo. Além disso, foram visitadas duas casas da Ordem nas cidades alemãs de Bad-Bentheim e Mettigen, que funcionavam como centro de formação de religiosos para a missão no Brasil e que até hoje mantém vínculos diretos com o país, pertencendo ainda à Província de Santo Antônio do Nordeste do Brasil¹¹.

¹¹ Visita realizada no ano de 2012 dentro do contexto do projeto “Migrações na paisagem: memórias e legado de frades alemães no Brasil” financiado pelo CNPq.



Imagens 16 e 17 - Conventos franciscanos localizados nas cidades alemãs de Bad-Bentheim e Mettigen. Fonte: Autora, 2012.

Diferente das casas franciscanas históricas, as encontradas nestes novos caminhos se enquadram em um conjunto bem mais amplo, de feições muito mais heterogêneas e diversas, dificultando o reconhecimento de características que as enquadrariam dentro de um mesmo grupo edificado. Esses 12 conventos visitados se constituirão mais um dos recortes espaciais da tese, abrangendo três diferentes regiões do país, paisagens e culturas diversas, períodos construtivos distintos e estilos arquitetônicos variados. Existiu a intenção de ampliar esse recorte com novas viagens a construções erguidas pelos frades alemães nos estados do Paraná e de Pernambuco. Todavia, a eclosão da atual pandemia dificultou a manutenção da proposta destas viagens, adiando os planos de novas visitas. Contudo, novas aproximações e parcerias construídas no âmbito do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, que nos aproximou da Província da Imaculada Conceição, trouxe outra fonte de recursos para a investigação.



Imagens 18, 19 e 20 - Detalhes dos novos conventos visitados em Igreja Nova-AL, Florianópolis-SC e Lages-SC. Fonte: Autora, 2018 e 2013.

Esta produção arquitetônica e sua inserção nas cidades brasileiras¹² forneceram dados de pesquisa que somados às fontes documentais ajudaram a construir conjecturas sobre o tema em questão. Incrições em alemão, vitrais coloridos, materiais diversos, pisos, paredes, estética dos espaços, funções e linguagens construtivas se tornaram objetos de análise na busca por pistas acerca dos ideais de seus produtores. Até mesmo os conventos construídos nos séculos coloniais que foram reabertos por franciscanos da Alemanha também foram atravessados por esse olhar investigativo, que procurou, em meio a várias camadas temporais acumuladas por esses prédios, sinais de uma outra estética ou modo de pensar o espaço que se contrapõe ao viés barroco pelo qual essas edificações são comumente acessadas. Que nova roupagem da atuação franciscana esses espaços têm a revelar quando se toma a perspectiva do século XIX e início do XX, portanto por vezes antes mesmo da atuação do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) sobre estas edificações?

O legado construtivo deixado por esses religiosos como conventos, igrejas, escolas sobressaem-se em um primeiro momento como objeto de análise não apenas pelo impacto na paisagem urbana e a força da materialidade, mas principalmente pelo olhar da pesquisadora formado dentro do campo da Arquitetura e Urbanismo. Todavia, de alguma forma ainda dentro do tema da viagem, uma busca exploratória durante as visitas às cidades, nos levou às bibliotecas de conventos, arquivos locais e centros de pesquisa que permitiram a reunião de um acervo de fontes escritas e imagéticas produzidas pelos religiosos, mas nas quais se destaca o acervo trazido pelos frades alemães, dentro de uma cultura conhecida pelo seu apreço não só aos livros, mas também à música e às inovações tecnológicas. Portanto, pelo menos parcialmente, visto a dimensão do acervo, pude ter contato com este material, hoje disperso em várias casas conventuais.

Este aspecto ressoa em outra etapa metodológica do trabalho, a conduta de se coligir provas, numa espécie de abordagem antiquária nas palavras de Carlo Ginzburg (2011, p.343)¹³. Como se sabe, este autor problematizou em textos como “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” e “Controlando a Evidência: o juiz e o historiador” uma abordagem de construção do conhecimento histórico baseado na empiria, no contato direto com objeto de pesquisa e na análise de vestígios ou pistas, por muitas vezes

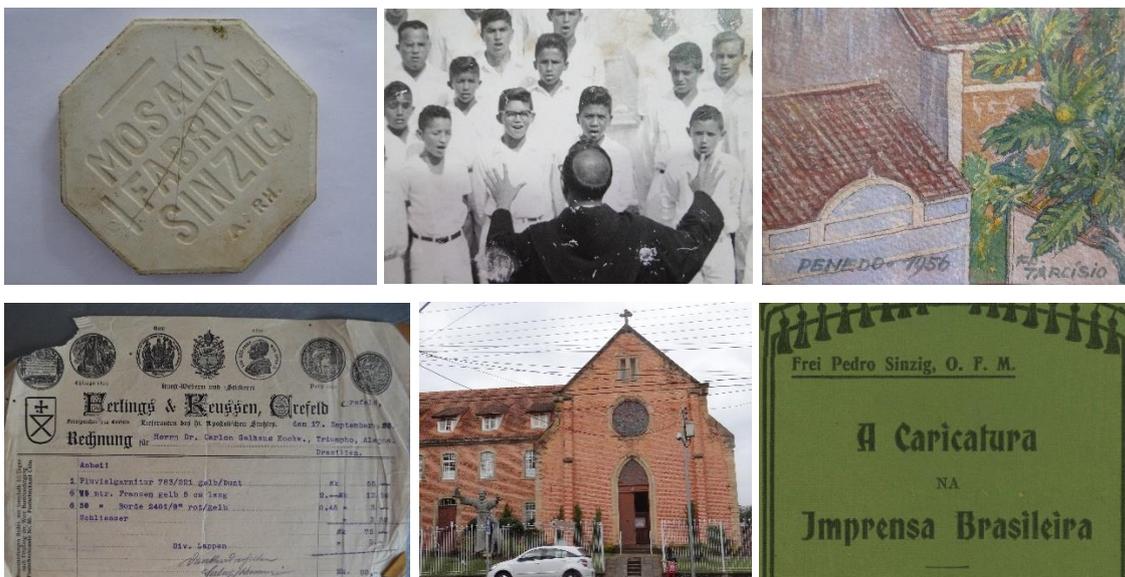
¹² Apesar de ao longo do trabalho nos referirmos às ações dos franciscanos alemães no Brasil e em cidades brasileiras, salientamos que o recorte espacial do trabalho engloba os territórios das duas mais antigas Províncias franciscanas do país (Santo Antônio e Imaculada Conceição) englobando sete estados do Nordeste (Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará), três do Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo) e dois do sul (Paraná e Santa Catarina).

¹³ No escrito intitulado “Controlando a Evidência: o juiz e o historiador”, Carlo Ginzburg (2011) coloca que até metade do século a reunião e coleção de provas era prática inerente a antiquários e eruditos e não estava na alçada dos que se propunham a trabalhar com a História.

negligenciáveis, que tangenciam o passado, sem acessá-lo diretamente. Portanto, a tese também lançou um outro olhar, fez outras viagens através de arquiteturas, textos, livros, imagens e outros objetos, que revelam, por vezes em um pequeno detalhe, uma pista a ser seguida na investigação acadêmica.

1.3. Vozes, palavras e imagens: os documentos acessados

Dentre o material textual e imagético coletado para além do espaço arquitetônico e urbano, abre-se um leque de fontes primárias datadas do século XIX e primeira metade do século XX constituído por relatos de viagem, documentos, manuscritos, cartas, crônicas das casas conventuais, registros de sacramentos, recortes de jornais, livros, artigos, fotografias, desenhos e pinturas, e também publicações internas das Províncias de Santo Antônio e Imaculada Conceição¹⁴.



Imagens 21, 22, 23, 24, 25 e 26 - Detalhes de fontes arquitetônicas, imagéticas e escritas coletadas durante as viagens realizadas. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012 e 2013; autora 2013, 2020.

Este acervo de fontes documentais vem sendo reunido desde 2011, levantado em pesquisas realizadas nas bibliotecas dos conventos franciscanos visitados em cidades do Nordeste, Sudeste e Sul do país, na biblioteca do Instituto Teológico

¹⁴ Os livros de crônicas são cadernos manuscritos elaborados pelos próprios frades que relatam o cotidiano conventual, obras físicas e espirituais realizadas, eventos e acontecimentos de relevância dentro da cidade e da casa religiosa. Trazem também alguns dados peculiares, como por exemplo, a contabilidade dos números de alguns sacramentos ministrados ao longo dos anos.

Franciscano¹⁵ em Petrópolis-RJ, no Arquivo da Província da Imaculada Conceição sediado em São Paulo-SP, no Arquivo da Província de Santo Antônio situado em Recife-PE, no acervo do Colégio Bom Jesus de Blumenau-SC, no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva localizado na mesma cidade, no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, situado em Florianópolis-SC.



Imagens 27, 28, 29, 30 e 31 - Parte das fontes primárias consultadas e coletadas durante a pesquisa. Imagens dos acervos do Colégio Bom Jesus de Blumenau-SC, do convento franciscano de Rodeio-SC e de Penedo-AL. Fonte: Autora, 2011-2013.

Acervos digitais também foram acessados, por meio dos quais foi possível, principalmente, realizar minuciosas buscas em periódicos de época a procura de dados relacionados ao tema em questão. Para isso, recorreu-se aos acervos digitalizados da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Digital Catarinense e às revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e às revistas de História da USP, que já

¹⁵ O Instituto Teológico Franciscano (ITF), vinculado à Província da Imaculada Conceição, é um importante centro de estudos religiosos no país e abriga também cursos de graduação e pós-graduação em Teologia, atendendo membros da Ordem em formação, bem como ao público externo. O acervo da sua biblioteca começou a ser montado em 1896 pelos próprios frades alemães e hoje é composto por cerca de 120.000 volumes. Sobre o ITF ver: <http://www.itf.org.br/>, acessado em novembro de 2019.

publicaram artigos escritos por franciscanos da Alemanha ao longo do século XX, como será abordado ao longo do trabalho.

Ainda no âmbito do digital, e com as viagens aos acervos físicos ainda limitadas pelo contexto pandêmico, pode-se acessar parte do vasto conjunto de obras do franciscano alemão Frei Pedro Sinzig digitalizadas e que compõem o acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH), vinculado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco (USF), cujas instalações se situam na cidade de Bragança Paulista, interior de São Paulo. Boa parte do acervo do Centro é constituído por obras raras - como as acessadas para esta tese – que foram reunidas a partir de material coletado em bibliotecas dos conventos do sul e sudeste. Ressalta-se também que a Universidade São Francisco foi fundada e é administrada pela Província franciscana da Imaculada Conceição.

Acerca das publicações internas das províncias franciscanas brasileiras, a tese trabalhou em especial com as coleções comemorativas “Centenário” e “Cadernos da Restauração” publicadas a partir de 1991 pela Província da Imaculada Conceição e de Santo Antônio, respectivamente, em celebração aos 100 anos da chegada dos religiosos da Alemanha ao país. O historiador e doutor da Ordem Frei Hugo Fragoso, que conviveu com os germânicos desde o início de sua formação religiosa no fim da década de 1930, foi responsável pela organização e escrita dos “Cadernos”, sendo um dos poucos a escrever sobre esta história no país. Além de discorrer sobre a missão alemã no Brasil, que o historiador define como uma “transplantação de todo um mundo cultural” (FRAGOSO, 1991, v.1, p.16), ainda acrescentou à coleção vários textos e relatos de frades alemães que testemunharam os anos iniciais desta saga. Este material foi compilado e traduzido para o português pelo próprio autor e outros confrades da Província nordestina. Com relação a frei Hugo Fragoso, foi possível o contato pessoal e a realização de entrevista em viagem realizada a Salvador em outubro de 2012.

Dentro do conjunto de cadernos publicados pela Província do Sul/Sudeste, destacam-se como referencial documental textos dos religiosos que compuseram a primeira expedição missionária alemã ao Brasil. O volume 3 da coleção, por exemplo, intitulado “Viagem ao Brasil e começo da Missão”, de Frei Humberto Themans, narra com detalhes toda a viagem do primeiro grupo, bem como as primeiras impressões da nova terra e primeiros acontecimentos em solo brasileiro. Já o volume 11, *Memórias Inacabadas*, de Frei Amando Bahlmann, traz relatos do frade que coordenou os primeiros momentos da “Restauração”, incluindo passagens sobre sua vida na Alemanha, bem como suas ações no Brasil.

Somando-se a essas duas publicações comemorativas, também foram coletadas durante as pesquisas em arquivos edições da Revista Vita Franciscana publicadas pela Província da Imaculada Conceição na língua alemã de 1923 a 1942, e em português a partir de 1942, quando passou a ser chamada Vida Franciscana. Ao mesmo tempo que também foram acessados exemplares da Revista Santo Antônio publicados pela Província homônima inicialmente também no idioma alemão.

Por meio deste material, foi possível entrar em contato com as memórias desses frades estampadas em textos, cartas, narrativas e descrições que relatam seu encontro com as terras brasileiras, sejam permeadas por idealizações e encantamentos, mas também por conflitos e impasses ou pelas dificuldades impostas pelo novo país. Cabe colocar em destaque os relatos dos já mencionados Frei Humberto Themans e Frei Amando Bahlmann, que compuseram a primeira expedição missionária que chega ao Brasil em 1891, de Frei Gregório Janknecht, Provincial da Saxônia no período do aceite na missão no Brasil, que vem ao Brasil em 1895 como Comissário e visitador incumbido de transmitir à Alemanha informações sobre a missão local (FRAGOSO, 1991, v.4), e também de alemães que aportam no país nos anos subsequentes como listados na tabela abaixo:

Tabela 01 – Dados dos frades autores dos relatos analisados

Nome	Cidade natal na Alemanha	Expedição missionária	Ano chegada do Brasil	Publicação original do relato	1ª residência no Brasil
Frei Humberto Themans	Spiel	1ª	1891	1923	Terezópolis-SC
Frei Amando Bahlmann	Oldenburg	1ª	1891	1918-1919	Terezópolis-SC
Frei Peregrino Sedlag	Frankenstein	3ª	1892	1939	Salvador-BA
Frei José Pohlmann	Vrees	4ª	1893	1925	Salvador-BA
Frei Pedro Sinzig	Linz	4ª	1893	1917	Salvador-BA
Frei Adalberto Kirschbaum	Colônia	4ª	1893	1948	Salvador-BA
Freis Matias Teves	Bochum	5ª	1894	1967	Salvador-BA
Frei Casimiro Brochtrup	Lüdinghausen	5ª	1894	1955	Salvador-BA

Frei Capistrano Niggemeyer	Paderborn	6 ^a	1894	1924	Recife-PE
Frei Gregório Janknecht	Kirchhellen	7 ^a	1895	1896	Visitador
Frei Estanislau Schaette	Wuppertal	9 ^a	1896	1942	Salvador-BA
Frei Damião Klein	Spabrüchen	19 ^a	1903	1923	Salvador-BA

Fonte: Autora, 2021. Dados obtidos nos volumes da coleção Centenário organizada por Frei Hugo Fragoso, 1991.¹⁶

Tabela 02 – Principais localidades percorridas no Brasil pelos frades autores dos relatos analisados

Nome	Principais localidades percorridas no Brasil
Frei Humberto Themans	Salvador-BA, Rio de Janeiro-RJ, Santos-SP, estado de Santa Catarina.
Frei Amando Bahlmann	Salvador-BA, Rio de Janeiro-RJ, Santos-SP, Águas Mornas-SC, Lages-SC, pregou missões nos interiores dos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Percorreu também o estado do Pará onde administrou a Prelazia de Santarém.
Frei Peregrino Sedlag	Salvador-BA, Blumenau-SC, Petrópolis-RJ, Recife-PE, Ipojuca-PE, Olinda-PE, Pesqueira-PE, São Cristóvão-SE, Penedo-AL, São Francisco do Conde-BA.
Frei José Pohlmann	Salvador-BA, Recife-PE, Ipojuca-PE, Manaus-AM, Penedo-AL, São Cristóvão-SE.
Frei Pedro Sinzig	Salvador-BA, Olinda-PE, Blumenau-SC, Gaspar-SC, Lages-SC, Petrópolis-RJ, Rio de Janeiro-RJ.
Frei Adalberto Kirschbaum	Salvador-BA, Olinda-PE, Ipojuca-PE, Pesqueira-PE, Cairu-BA, Igreja Nova-AL, Penedo-AL, Canindé-CE.
Freis Matias Teves	Salvador-BA, Petrópolis-RJ, São Cristóvão-SE, Ipojuca-PE, Recife-PE, Olinda-PE, Pesqueira-PE, Lagoa Seca-PB.
Frei Casimiro Brochtrup	Salvador-BA, Penedo-AL, Recife-PE, Serinhaém-PE, Olinda-PE, Ipojuca-PE. Pregou missões populares nos estados da Bahia, Sergipe, Ceará e Pernambuco.

¹⁶ As informações relativas às composições das expedições missionárias e datas de sua chegada ao Brasil puderam ser coletadas mais especificamente no apêndice do quinto volume da Coleção Centenário.

Frei Capistrano Niggemeyer	Salvador-BA, Recife-PE, São Francisco do Conde-BA, Manaus-AM, São Cristóvão-SE, Santarém-PA, João Pessoa-PB, Ipojuca-PE, Pesqueira-PE, Canindé-CE, Fortaleza-CE.
Frei Gregório Janknecht	Salvador-BA, Recife-PE, Ipojuca-PE, Petrópolis-RJ, Blumenau-SC, Rodeio-SC, Lages-SC.
Frei Estanislau Schaette	Salvador-BA, Petrópolis-RJ, Rodeio-SC, Curitiba-PR, Blumenau-SC.

Fonte: Autora, 2022. Dados obtidos nos volumes da coleção Centenário organizada por Frei Hugo Fragoso, 1991.



Imagens 32, 33, 34, 35, 36, 37 - Frei Amando Bahlmann, Frei Humberto Themans, Frei Pedro Sinzig, Frei Gregório Janknecht, Frei Casimiro Brochtrup e Frei Estanislau Schaette, respectivamente.

Fonte: BAHLMANN, 1995; Revista Vita Franciscana, nº 3, set. 1926; RÖNZ, 2018; Revista Vita Franciscana, nº 3, set. 1926; COELHO, 2010; KOBELINSKI, 2016, respectivamente.

A busca por dados que revelassem particularidades acerca desta missão e a mentalidade desses religiosos em solo brasileiro nos levou também a olhar com atenção a produção escrita franciscana ao longo do século XX, seja livros e artigos em áreas especializadas ou textos literários como romances. Percebeu-se que grande parte dos artigos veiculados em revistas renomadas – como as Revistas do IHGB e as Revistas do Iphan - e livros publicados nesse período por membros da Ordem Franciscana no Brasil, destinados ao público geral para além dos limites das Províncias, tinha como autores frades alemães, que se detiveram em temas nas áreas da Música, Educação, Comunicação, Religião, História, com destaque em especial para os escritos sobre a História dos franciscanos no Brasil e a História dos conventos erguidos no período colonial.

Essa produção bibliográfica foi examinada enquanto fontes documentais e suscitaram uma série de questões acerca do envolvimento desses religiosos com a realidade brasileira. Por que frades da Alemanha se interessaram pela escrita de uma História alheia à sua? Por que abraçam o período colonial e os antigos conventos como objetos de estudo, em um momento em que a Ordem se reergue culturalmente desvencilhada das antigas Províncias e sob uma forte influência do legado germânico de cariz mais recente?

Dentre os frades alemães escritores neste campo específico se sobressaíram nas pesquisas os nomes de quatro religiosos que apareceram na produção bibliográfica franciscana ao longo do século XX: Freis Pedro Sinzig e Basílio Röwer incorporados à Província da Imaculada Conceição, e Freis Venâncio Willeke e Bonifácio Müller pertencentes à Província de Santo Antônio. A pesquisa buscou repertoriar e contabilizar suas obras e foram levantados um total de 78 livros e 35 artigos em revistas especializadas produzidos pelos quatro religiosos, publicados entre os anos de 1907 e 1981, que podem ser encontrados no anexo 1 ao final deste trabalho¹⁷.

As viagens também proporcionaram não só o contato direto com as edificações, mas cada vez mais com os próprios frades e frequentadores dos conventos - muitos dos quais conviveram com os religiosos oriundos da Alemanha - e com os próprios germânicos remanescentes que ainda residem no Brasil ou até mesmo com os que retornaram ao país natal, através da viagem realizada à Alemanha. As entrevistas conduzidas com esses grupos permitiram o uso da ferramenta da História Oral que foi imprescindível para obtenção de dados não revelados pelos documentos e que permanecem vivos nas memórias dos depoentes.

¹⁷ Alguns dos trabalhos levantados foram publicados em data posterior à morte dos autores, a exemplo da obra “O Franciscanos e a Independência do Brasil”, de Frei Venâncio Willeke, publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no ano de 1981, três anos após a morte do escritor.

Procurou-se também escutar as vozes de frades mais jovens formados por ambas províncias ainda profundamente moldadas pela reconstrução alemã de fins de século XIX. Entrevistas com cerca de 25 frades, em um total de cerca de 30 horas, foram registradas, buscando-se, por meio de suas memórias, lembranças, opiniões, visões de mundo e ideais, traçar conexões e paralelos com a História franciscana alemã no país. Durante as entrevistas permitiu-se que os depoentes falassem livremente, mantendo um diálogo mais livre, bem como aproveitando os momentos de pausas para questionamentos mais específicos.

As viagens por dezenas de conventos, incluindo os históricos e as construções mais recentes, possibilitaram o contato com vários religiosos franciscanos de personalidades diversas, funções variadas dentro da comunidade seráfica e que expressam de maneira distintas seu modo de ser franciscano. Dentre eles, os caminhos nos colocaram junto de, desde frades idosos, até jovens aspirantes a integrar a fraternidade. Desde frades estudiosos, historiadores, doutores e reconhecidos professores universitários, até frades agricultores que com esmero e simplicidade se dedicam à horta conventual. Desde frades músicos, regentes e organistas, até os que se dedicam a preparar bolos e pães ou a produzir e pintar velas decorativas a serem vendidas na portaria do convento. Também cruzaram nossos percursos aqueles frades cuja simplicidade, alegria, acolhimento e cuidado com o outro nos fazem lembrar do Francisco que propunha um novo jeito de viver nas cidades e estradas da Úmbria.



Imagens 38, 39 e 40 - Encontro com frades durante as viagens realizadas em Penedo-AL, Rodeio-SC e Lages-SC. Fonte: Autora, 2009 e 2013.

Buscou-se escutar também pessoas que apesar de não serem frades ou membros da Ordem religiosa, guardavam ligações com os conventos, indivíduos que vivenciam diariamente estes espaços, participam das suas dinâmicas diárias, e nutrem zelo por sua materialidade, muitas vezes o considerando como sua segunda casa, de acordo com suas próprias palavras. Trata-se de funcionários, frequentadores do templo

religioso ou moradores das redondezas que se habituaram a ver os conventos como parte de sua própria paisagem.

Além de fazer emergir as palavras dos próprios franciscanos por meio de seus textos e falas, a tese também buscou considerar suas expressões visuais, falas não construídas por palavras, mas por meio de imagens. A exploração dos arquivos já mencionados revelou importantes fontes imagéticas também consideradas como vestígios dessa presença. Um rico acervo fotográfico que retrata o cotidiano dos alemães no Brasil e na Alemanha, bem como o olhar acerca de seu próprio trabalho e das particularidades culturais da nova pátria puderam ser acessados e analisados nesta pesquisa. Dentre esse conjunto de imagens, destacam-se em especial os álbuns de fotos em encontrados nas bibliotecas dos conventos de Penedo-AL, Lagoa Seca-PB, Lages-SC, Rodeio-SC, no acervo do Colégio Bom Jesus de Blumenau, no Arquivo da Província Franciscana do Nordeste em Recife-PE e no livro do franciscano Frank Schmitz publicado em Bardel na Alemanha.

Mas uma outra fonte imagética, para além da riqueza dos registros fotográficos, cabe ser destacada. Soma-se ao acervo de fotografias, os trabalhos artísticos produzidos por frades germânicos no Brasil. Nas visitas aos conventos franciscanos do Nordeste, observou-se telas com pinturas de paisagens e figuras humanas ainda pendentes nas paredes dos edifícios conventuais, em especial as assinadas por religiosos de origem estrangeira como o austríaco Frei Tarcísio Jungwirth e o alemão Frei Ambrósio. Detentores de estilos e temáticas distintas, as obras desses frades pintores também foram levantadas ao longo do trabalho, sendo encontradas nos conventos e arquivos da Províncias nordestinas um total de 12 telas de Frei Ambrósio e 17 assinadas por Frei Tarcísio Jungwirth, espalhadas nos conventos de Lagoa Seca-PB, Olinda-PE, Ipojuca-PE, Penedo-AL e no Arquivo da Província de Santo Antônio em Recife-PE.

1.4. A construção da tese: questões, hipóteses e desdobramentos

A adoção de uma determinada postura perante à História, engendrada no que, em especial, a matéria da arquitetura apresenta, com seus movimentos de adição, perda, sobreposição entre outros, envolvendo não apenas paredes e tetos, mas seus cheios e vazios, suas peles e adereços, motivou-nos a perseguir a ideia da coexistência das temporalidades. Assim, buscou-se compreender a História não enquanto uma sequência linear de fatos, etapas e rupturas completas entre os tempos, mas um

processo de construção ou montagem¹⁸, segundo o próprio tema da tese nos coloca frente a frente: arquiteturas e suas memórias dos séculos coloniais do Brasil, com sua extensa congregação de fases temporais e edificada pela ação de diferentes grupos sociais, perante frades do alvorecer do século XX, ou mesmo todas estas edificações arquitetônicas perante meus próprios olhos de pesquisadora na contemporaneidade...

Situações em que, se por um lado, o passado não pode ser integralmente acessado, por outro, ele fricciona constantemente o presente, permitindo múltiplos lampejos e imagens da História, revelando até mesmo, desejos de futuro. Procurou-se, no perseguir destes desenhos que as temporalidades realizam, abraçar, como se viu, uma abordagem metodológica não apenas embasada no estudo teórico, mas considerando toda a experiência de campo, o contato empírico com o objeto de estudo por meio das viagens, o mergulho nas fontes nas suas diversas formas, sejam elas arquitetônicas, escritas, imagéticas ou sonoras.

Acerca do objeto de estudo específico deste trabalho, ou seja, a temática que engloba a ação dos frades alemães no Brasil, coloca-se aqui algumas indagações e desafios que permearam o desenvolvimento desta tese. Por se tratar de uma ação que abrangeu diversas regiões do país, um recorte temporal relativamente amplo – iniciando na última década do século XIX perdurando até meados do século XX quando ainda existiam grupos chegando ao Brasil – e se apresentar muitas vezes de forma heterogênea, existem muitas variáveis e questões que podem ser colocadas no sentido de se compreender uma possível motivação ou caracterização desse legado.

O século XIX, além de corresponder ao pano de fundo temporal para o início da vinda desses religiosos, também representa um período bastante significativo para a formação dos dois países enquanto nações unificadas e independentes, que procuravam elementos de afirmação identitária. Neste século o Brasil perde o status de colônia, se desvencilha dos laços políticos com Portugal, alcançando sua independência, e mais tarde, em 1889, adotando um novo regime político pautado na República. Já a Alemanha conhece sua unidade territorial apenas na segunda metade dos oitocentos, quando as lutas pela unidade e liberdade dos povos germânicos se intensificam, culminando com a formação do Estado Nacional alemão em 1871, sob a liderança da Prússia e do chanceler Otto Von Bismarck. Sendo assim ambos os territórios, embora com percursos históricos absolutamente diversos, atravessavam um momento de auto construção enquanto nação soberana tanto internamente quanto para o mundo. Obviamente também, estas construções, embora possam abraçar a mesma

¹⁸ Sobre a ideia de montagem como método de conhecimento para apreensão e problematização da história das cidades e do urbanismo, ver JACQUES, 2015.

denominação de “nação”, significam conquistas muito diversas e com perfis diferenciados.

É importante salientar que no século XIX a gestação da ideia de uma nação alemã, guarda laços estreitos com as ideias veiculadas pelo Romantismo, que, como se sabe, despontou na Alemanha já na segunda metade do século XVIII e que fincou as bases para o desenvolvimento de um sentimento de identidade e unidade entre os povos germânicos. Esta relação entre Romantismo e cultura alemã, tema bastante contemplado pela Filosofia e História, valeu-se nesta tese dos trabalhos de Gerd Bornheim e Rüdiger Safranski, buscando identificar alguns possíveis rebatimentos desse pensamento, nas reflexões e ações dos franciscanos alemães em estudo.

Bornheim (1959) defende a ideia de que a cultura alemã é essencialmente romântica, sendo essa característica constantemente atravessada, com maior ou menor força, em diversos momentos da história do país. Seguindo uma lógica semelhante, Safranski (2010) analisa o Romantismo e o romântico, este último como uma postura de espírito que não se limita a um recorte temporal específico e que encontrou na Alemanha terreno especial para seu surgimento. Desse modo, também fez parte do percurso da tese observar as ações, as intenções, expectativas e os sonhos desses religiosos, buscados em especial nas fontes primárias, e questionar sobre um possível viés romântico que tenha permeado suas atitudes e ações em terras brasileiras.

Ainda sobre as temporalidades acessadas por esta tese, coloca-se que este trabalho também se debruçou sobre as fontes primárias franciscanas do período medieval, incluindo os biógrafos de época de São Francisco e autores que contemplam em seus estudos a medievalidade e a inserção do santo dentro deste período, como Jacques Le Goff, André Vauchez, Georges Duby e Michael Robson. Cabe ressaltar que quando se fala em franciscanismo(s), estamos falando de um modelo religioso surgido por meio de Francisco já na Baixa Idade Média, mas que, ainda com o santo vivo, se desdobra em várias tendências, que carregam preceitos, mentalidades e condutas próprias, e que ganha diferentes formas e roupagens ao longo dos anos. A Idade Média interessa também aqui, visto que, como já posto, o próprio Romantismo também propôs uma revisita à sua estética dentro do contexto do século XIX.

Como mencionado, a história dos frades alemães no Brasil apresentou facetas múltiplas, ganhando formas distintas conforme as décadas, as localidades acessadas, as individualidades do próprios religiosos e muitas vezes se misturando às vocações locais que, ao longo do século XX, se traduziram em um retorno de novos adeptos ao franciscanismo aos espaços conventuais. Mas pode-se traçar características que convergem para determinada postura específica? Quem são esses religiosos? Como apreenderam o Brasil, como enxergaram o país estrangeiro e absorveram a nova

realidade? Que imagem ou imagens acerca de suas atuações esses religiosos buscaram construir? E ressaltando que os estudos históricos são de interesse quando interpelam o presente, como suas ações reverberam na atualidade da Ordem Franciscana no país? Como podem nos ajudar a pensar o futuro das casas conventuais, hoje ascendidas à condição de monumentos nacionais, mas esvaziadas em seus papéis religiosos, ao faltar seus habitantes, os frades, com o declínio das vocações religiosas?

Por meio da análise das fontes, buscou-se em especial pistas que revelassem esses tracionamentos interculturais, resultando na conformação de uma herança que se julga imbricada em diversos aspectos relacionados à história e à contemporaneidade de um determinado conjunto de cidades brasileiras. Seria esse legado, constituído por elementos materiais e imateriais deixados por esses religiosos nas cidades em estudo, que aqui chamaremos de patrimônio cultural franciscano, compartilhado de que forma entre suas duas fontes principais, ou seja, nos recortes de território do Brasil e da Alemanha onde os fatos se deram ou repercutiram? Que tipo de trocas e absorções ocorreram? Quais seriam as suas múltiplas formas de abordagem?

No escopo dos trabalhos acadêmicos, acredita-se que as diversas ações dos frades alemães no Brasil são muitas vezes estudadas e abordadas de maneira isolada, em regiões específicas (principalmente no sul e sudeste do país), e não como parte de uma raiz única, de um conjunto maior com propósitos e objetivos possivelmente convergentes nas suas intenções primeiras, mas depois tornado diverso e múltiplo. Em busca por trabalhos acadêmicos publicados que envolvem algum aspecto relacionado a presença dos franciscanos da Alemanha no Brasil, percebeu-se que há um significativo número de investigações que abordam as ações de alguns desses frades, a exemplo de Frei Pedro Sinzig, tema central de uma série de trabalhos nas áreas da História da Educação e imprensa brasileiras, como também Frei Amando Bahlmann e Frei Rogério Neuhaus.

Todavia, se levanta aqui a ideia de que essas atuações guardam conexões com um projeto maior dentro do território brasileiro e que tangenciam diversas áreas do conhecimento ligadas ao tema da história, cultura e cidades, mas que por outro lado, adquirem perfis específicos conforme os lugares em que se movem e os tipos de contextos em que se inserem. Na tabela abaixo, apresenta-se um apanhado geral das publicações coletadas que, de alguma forma, abordam aspectos inerentes à presença franciscana alemã no Brasil:

Tabela 03 – Levantamento de publicações acadêmicas acerca dos frades alemães no Brasil

Título	Autores	Temas abordados
Popularidade do Franciscanismo e os Franciscanos da Província da Saxônia no Brasil na história político-cultural da República: Estações e caminhos do processo anti-secularizador no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná.	Antônio Alexandre Bispo	Franciscanos no Brasil, cultura franciscana, cultura brasileira, relações Brasil-Europa, República brasileira, processos anti-secularizadores
P. Sinzig O.F.M. - Música nas "Lembranças de um franciscano renano no Brasil" (1922/25)	Antônio Alexandre Bispo	Frei Pedro Sinzig, música, memórias, franciscanos no Brasil
A igreja-sinal do Catolicismo restaurado no coração do Vale do Itajaí emoldurada pelo Baú, emblema de Santa Catarina - Pe. Petrus Sinzig OFM (1876-1952) e a família Höschl - singulares relações: pobreza franciscana e enriquecimento de colonos	Antônio Alexandre Bispo	Franciscanos alemães, Frei Pedro Sinzig, Gaspar, arquitetura eclética
União da Vitória (PR)/Porto União (SC). Ultrapassando fronteiras em diferentes acepções: o vau do Iguaçu. Católicos poloneses e ucranianos sob assistência de Franciscanos alemães e a exemplaridade de Santa Rosa de Lima (1586-1617)	Antônio Alexandre Bispo	Franciscanos alemães, imigração europeia, República no Brasil, sul do Brasil
Franciscanos alemães na cidade de Pedro II sob a República: O chic da missa das onze, Mons. Giovanni Battista Guidi (1852-1902) e Pe. Michaele Horn OSB (1859-1936)	Antônio Alexandre Bispo	Revitalização franciscana, Petrópolis, República brasileira, música sacra
Vaticano-Alemanha-Brasil: Religião/Ciência, Missão/Esclarecimento - nova luta cultural? Paradoxais caminhos de processos anti-	Antônio Alexandre Bispo	Relações Brasil-Alemanha, frades alemães no Brasil, Religião e Ciência, processos anti-secularizadores

secularizadores na Europa e no Brasil		
A voz do veto: a censura católica à leitura de romances	Aparecida Paiva	Frei Pedro Sinzig, literatura, censura
Em plena guerra: imprensa, catolicismo e política nas duas primeiras décadas do século XX	Claudio Aguiar Almeida	Frei Pedro Sinzig, política, imprensa, Igreja Católica
Frei Pedro Sinzig: de um guia para as consciências às reminiscências exemplares	Maria de Fátima Guimarães Cleonice Aparecida Souza Osmir Aparecido Cruz	Frei Pedro Sinzig, História da Educação, imprensa católica
Discursos sobre corpos (in)conformados: Frei Pedro Sinzig e a educação feminina no Brasil	Osmir Aparecido Cruz	Frei Pedro Sinzig, Educação, figura feminina, literatura
Educação do Corpo: potencialidades das obras de Frei Pedro Sinzig: Uma história do corpo no contexto brasileiro entre o período de 1989 a 1922	Osmir Aparecido Cruz	Frei Pedro Sinzig, educação do corpo, Igreja Católica, República brasileira
A importância de Frei Pedro Sinzig para a História da Educação Brasileira	Osmir Aparecido Cruz Carlos Roberto da Silveira	Frei Pedro Sinzig, História da Educação, censura católica
Um guia exemplar para as consciências	Maria de Fátima Guimarães Cleonice Aparecida Souza	Frei Pedro Sinzig, História da Educação, imprensa católica
Um burel a plenos pulmões: atuação de Frei Pedro Sinzig na educação franciscana e imprensa católica (1900,1920)	Talita Deniz Amâncio	Frei Pedro Sinzig, História da Educação, imprensa católica
Frei Pedro Sinzig - o apóstolo da boa imprensa	Maria Margarete Santos	Frei Pedro Sinzig, imprensa católica, censura católica
O Acervo Iconográfico de Frei Pedro Sinzig	Rafael Registro Ramos, Mítia Ganade D'Acol, Diósnio Machado Neto	Frei Pedro Sinzig, música, iconografia musical
"Quais maçãs de faces rosadas": Frei Pedro Sinzig e educação	Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis	Frei Pedro Sinzig, História da Educação, censura católica

censória na formação do público leitor brasileiro	Luiz Fernando Conde Sangenis	
O “romance contemporâneo” na recristianização do estado brasileiro: Não desanimar! de Pedro Sinzig	Claudio Aguiar Almeida	Frei Pedro Sinzig, imprensa católica, literatura, República brasileira
A Escola Gratuita e a Tipografia São José: da tipografia aos livros escolares	Renato Kirchner	Franciscanos no Brasil, História da Educação, escolas, livros escolares, tipografia
Fidelidade como receita de sucesso: um estudo de caso da editora Vozes nas primeiras décadas do século XX	Marcelo Ferreira de Andrades	Editora Vozes, imprensa católica, História do livro no Brasil
Editora Vozes: 100 anos de história	Marcelo Ferreira de Andrades	Editora Vozes, imprensa católica, História do livro no Brasil
Pedagogia e caridade franciscanas na educação: Escola Paroquial étnica em Petrópolis no final do século XIX	Marco Aurélio Corrêa Martins	História da Educação, Igreja Católica, educação franciscana
A formação dos frades menores no convento de São Francisco da Bahia: franciscanismo, filosofia e teologia - memória e permanência dos valores pedagógicos dos restauradores alemães 1890-1970	Paula Ruas Ferreira	Pedagogia franciscana, restauradores alemães, memória, convento franciscano de Salvador
Resgatando laços entre catolicismo e homeopatia: práticas curativas e medicina homeopática nas trajetórias de três sacerdotes católicos	Taylor Pedroso de Aguiar	Frei Rogério Neuhaus, homeopatia, práticas de cura
História, cultura e religião: a Cidade Imperial e a região do Contestado nas apreensões de Estanislau Schaeffe e Hermann Schiefelbein (1926-1950)	Michel Kobelinski	Frei Estanislau Schaeffe, História cultural,
Em cima da mula, debaixo de Deus, na frente do inferno": os missionários franciscanos no Sudoeste do Paraná (1903-1936)	Eucléia Gonçalves Santos	Franciscanos alemães, missões franciscanas, Sudoeste do Paraná, espaço de missão

A formação da Colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860-1910)	Toni Vidal Jochem	Igreja Católica, imigração alemã, colônia alemã
Uma caminhada de fé: História da Paróquia Santo Amaro – Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas – SC	Toni Vidal Jochem	Imigração alemã, Igreja Católica, Santo Amaro da Imperatriz-SC, Águas Mornas-SC
Os franciscanos alemães no Baixo Amazonas (1907-1962): o protagonismo político educacional de Dom Amando Bahlmann	Raimundo Jorge da Cruz Couto	Frei Amando Bahlmann, História da Educação, escolas franciscanas, Baixo Amazonas
A invenção (franciscana) da cultura munduruku: sobre a produção escrita dos missionários da Província de Santo Antônio	Jayne Hunger Collevatti	Franciscanos alemães, missões indígenas, cultura indígena

Fonte: Autora, 2021.

Essa ideia de uma ação mais ampla dos franciscanos alemães no país e sua vinculação a um projeto maior dentro da história brasileira já é levantada nos textos de Antônio Alexandre Bispo¹⁹, professor da Universidade de Colônia (Alemanha), para as publicações vinculadas à Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira. Bispo insere a vinda de religiosos europeus dentro do processo de “reeuropeização” do Brasil, e que transformou os conventos em verdadeiros “centros de ação e irradiação cultural europeia no país” (2014, n.151, s/p.). Além disso, o autor também destaca esses acontecimentos como parte de uma renovação – qualificada como retroativa e reacionária - da cultura religiosa católica que ganhava força na Europa e no Brasil, vinculada a ideais historicistas e românticos de revitalização da Idade Média e da influência do catolicismo na dimensão cultural da sociedade.

Corroborando com essa ideia que relaciona a temática a um processo histórico-cultural mais amplo dentro dos estudos das relações Brasil-Europa, a tese pretende construir uma análise global acerca da História dos frades alemães no Brasil, considerando este legado como ao mesmo tempo múltiplo e diverso, mas também enraizado dentro de um conjunto de ideias, intenções, e posturas de uma mesma matriz ou não, expressando uma ideia ou ideias dotadas de interculturalidade(s). A hipótese

¹⁹ Antônio Alexandre Bispo é professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Colônia e também diretor da Academia Brasil-Europa de Estudos Culturais e Estudos da Ciência (A.B.E.), uma organização interdisciplinar de pesquisadores dedicada à pesquisa de processos interculturais em contextos internacionais, com sede em Gummersbach-Dieringhausen (Alemanha) e São Paulo (Brasil). Para mais informações ver: <http://www.academia.brasil-europa.eu/>.

perseguida pela tese é que a participação dos franciscanos provenientes da Alemanha no processo de conformação cultural do Brasil do século XIX, XX e XXI foi fundamental para a continuidade e transformação da Ordem Franciscana no país e sua influência cultural até a contemporaneidade, irradiando em diferentes áreas para além da religiosa, e contribuindo para a construção de uma herança que pode ser chamada de patrimônio compartilhado entre Brasil e Alemanha. Acredita-se que, quando se conhece esse fato, pode-se compreender melhor os conventos brasileiros, o franciscanismo no país e a própria História do Brasil.

Como já abordado, a tese e a temática apresentada foram construídas por meio de dados, informações, pedaços colhidos ao longo das viagens, vestígios produzidos pelos próprios frades alemães e, dessa forma, refletirão os olhares desses religiosos, com todas as suas intenções, desejos e propósitos, mas que foram sempre mediados por minha ação enquanto autora. A minha abordagem enquanto pesquisadora que olha, remexe e desdobra o material que eles produziram, desenharam e escreveram, ressalta uma conduta que evidencia as sobreposições que necessariamente ocorrem em diversos patamares, entre o sujeito e o objeto, tornando impossível uma completa separação entre ambos, atitude esta que muitas vezes é apontada como essencial para a construção do conhecimento científico.

Edgar Morin quando apresenta sua introdução ao pensamento complexo (2007) aponta essa intenção dos estudos de fundo cartesiano que buscam rebaixar o lugar do sujeito, e enfatizar a sua necessária separação do objeto para dissipar deformações e erros e assim se atingir o conhecimento objetivo, como uma das premissas que mais fundamentou a ciência ocidental. Em contrapartida, explana sobre o pensamento complexo que exclui essa alternância e dicotomia, acolhendo a ideia de sujeito e objeto como elementos indissociáveis:

Ora, estes termos disjuntivos/repulsivos anulando-se mutuamente são ao mesmo tempo inseparáveis. A parte da realidade escondida pelo objeto reenvia ao sujeito, a parte da realidade escondida pelo sujeito reenvia ao objeto. Ainda mais: só existe objeto em relação a um sujeito (que observa, isola, define, pensa) e só há sujeito em relação a um meio ambiente objetivo (que lhe permite reconhecer-se, definir-se, pensar-se, etc, mas também existir) (MORIN, 2007, p.41).

Dessa forma, essa coexistência entre sujeito e objeto, a dúvida, as deformações, o embaçamento e o mistério, usualmente descartados pela ciência ocidental, são contemplados pelo pensamento complexo que, numa atitude que coloca em xeque o paradigma simplificador e ordenador do universo, vê nessas frestas não limitações ao conhecimento, mas possibilidades de ampliação e novas descobertas.

Acerca das contribuições da tese, este estudo além de elucidar fatos históricos e colaborar para a divulgação científica de uma herança ainda pouco conhecida e explorada pelo meio acadêmico, envolvendo temas como história da arquitetura, história da cidade, franciscanismo e patrimônio cultural, também poderá apontar para desdobramentos práticos. A título de exemplo, quando se compreende o legado deixado pelos frades alemães nos conventos históricos brasileiros, é possível ter uma apreensão melhor do próprio prédio, sua história e conformação arquitetônica, o que, por conseguinte, pode subsidiar trabalhos restaurativos e projetos de reuso para esses espaços.

Desse modo, ao repensar o patrimônio envolvendo as edificações franciscanas em estudo e seu papel nos contextos espaciais onde se inserem e montam seus campos de influência, com toda sua carga tangível e intangível, o trabalho poderá subsidiar e ressignificar processos de potencialização dos seus usos, que visem torná-las mais sustentáveis dentro do contexto contemporâneo e valorizá-las enquanto importantes bens patrimoniais de grande impacto urbano. Para exemplificar essa situação, menciona-se aqui que existem planos idealizados pela Província Franciscana do Nordeste do Brasil em instalar no convento seráfico de Penedo-AL um Memorial da presença dos frades alemães no Brasil²⁰. Dessa forma, a tese poderá oferecer subsídios teóricos para a conformação deste espaço expositivo, contribuindo para a própria sustentabilidade do edifício conventual. O memorial pode estimular outras viagens e olhares por essa temática, envolvendo o próprio visitante e o convidando a tecer suas próprias experiências acerca deste legado.

Além disso, a tese visa testar conceitos e procedimentos acerca dos estudos que englobam fontes documentais, história da arquitetura e das cidades, rechaçando a abordagem dos bens históricos enquanto produções que se fecham em temporalidades únicas e sucessivas, mas considerando as fricções entre passado e presente, e as múltiplas repercussões geradas por essa interação. Afastando a inútil busca por uma originalidade ou uma verdade histórica, mas abrindo espaço para as diversas realidades e possibilidades que surgem quando o pesquisador se aproxima do seu tema com paixão e permite que ele também o conforme.

Por fim, o trabalho também visa contribuir para os estudos nos campos da história das mentalidades e das relações Brasil-Alemanha para além da já conhecida temática da imigração alemã para o sul e sudeste do país, com fins de povoação de

²⁰ De fato, esta ideia vem sendo cogitada por membros da Província franciscana do Nordeste desde 2011, o que levou o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem a elaborar uma proposta inicial para o Memorial já apresentada aos frades da Província de Santo Antônio e também ao Iphan-AL, bem como em congressos internacionais na Alemanha e no Peru. Sobre isto ver SILVA, et al 2014.

novas terras, apresentando um outro tipo de imigração, agora com viés franciscano e religioso, e que teve impacto também em outras regiões, como o Nordeste do país. Assim, busca-se colaborar com um campo ainda pouco explorado dentro da área de Arquitetura e dos estudos patrimoniais, explorando questões relativas ao conceito de patrimônio compartilhado entre determinados recortes espaciais e temporais.

A montagem da estrutura do trabalho demandou uma série de testes e mudanças visando a apresentação do tema de uma maneira dinâmica, evitando a adoção de linhas cronológicas ou fragmentações espaciais que limitariam a complexidade da temática. Uma divisão baseada na origem das fontes coletadas, seja elas documentos escritos, livros, imagens, ou depoimentos orais também foi descartada pois impediria o cruzamento entre estas. Todavia, as fontes e as diversas ações dos religiosos que delas emergiram, em especial os deslocamentos, as construções e as condutas e comportamentos envolvidos com as mentalidades de época, apontaram caminhos para a atual conformação dos capítulos.

Dessa forma, a estrutura do trabalho se apoiou nas próprias fontes coletadas a partir das quais se sobressaíram dois grandes eixos de atuação dos franciscanos alemães no Brasil: o viajar pelo país e o construir das estruturas físicas, elementos sintetizados nos títulos das duas grandes partes da tese sob os termos frades viajantes e frades construtores.

A primeira parte da tese, composta por 2 capítulos, aborda questões como as relações entre franciscanismo e viagens, os impulsos que moveram o caminhar dos religiosos alemães para o território brasileiro e dentro deste, os aspectos relacionados a estes percursos e missões, a relação entre o frade e o mundo no contexto brasileiro a partir do final do século XIX. Já a segunda parte, englobando três capítulos, trilhou espaços e marcas no território, abarcando os prédios construídos, a arquitetura e suas intenções, a materialidade edificada pelos religiosos germânicos no território brasileiro abrangendo as regiões Nordeste, Sudeste e Sul do país, e também os ofícios e as artes, considerando essas estruturas físicas como detentoras de aspectos subjetivos e falas não-verbais. Finalmente, temos uma sessão final que faz um balanço desse legado construído a partir dos fragmentos coletados e analisados, colocando em pauta a ideia de patrimônio compartilhado e suas repercussões na contemporaneidade.

Na imagem seguinte, é apresentada uma síntese cronológica contendo datas de alguns momentos importantes ao longo da história dos frades alemães no Brasil e dentro do recorte temporal aqui proposto. Os elementos apresentados na cronologia tratam-se de referências temporais para a temática e serão abordadas ao longo deste trabalho.

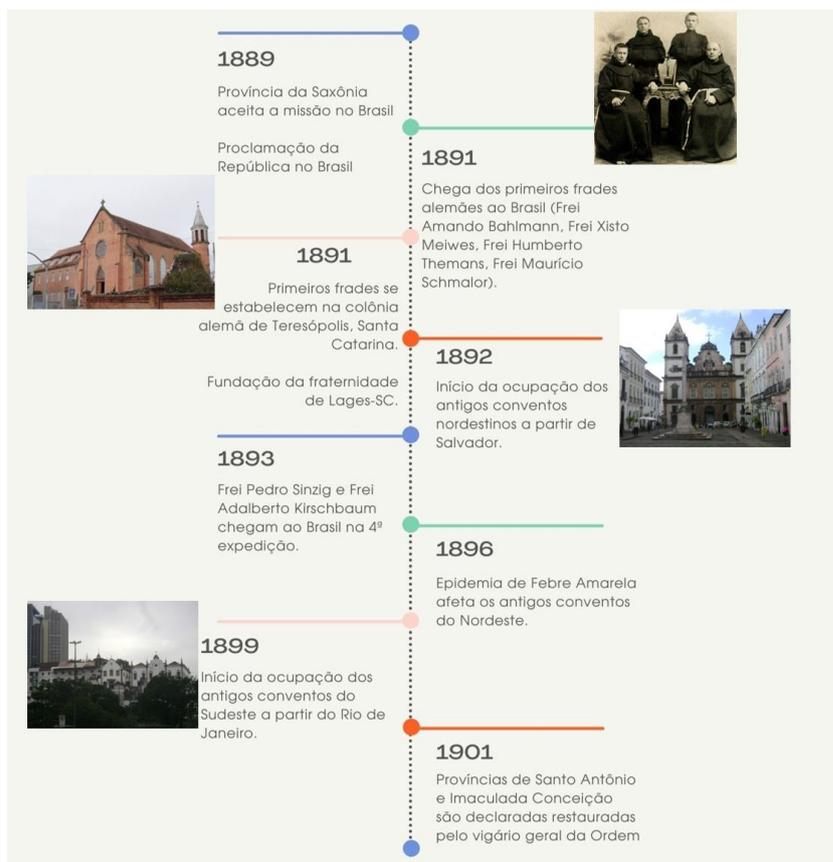


Imagem 41 - Síntese cronológica da presença franciscana alemã no Brasil.
Fonte: Autora, 2022.

Por fim, retomo aqui a citação e a imagem inicial de abertura desta introdução. No excerto de Goethe, retirado da obra que se dedica à sua viagem à Itália, o escritor inundado pelas apreensões captadas durante seu percurso, opta por um silêncio inicial em meio ao turbilhão causado pelas suas experimentações dos espaços que almejava conhecer. Suas impressões só foram publicadas quase 30 anos mais tarde. Foi necessário o material assentar para só assim o autor “ousar” dizer algo acerca da sua experiência, que moldou seu próprio pensamento nos anos seguintes.

Como desta vez viajo sozinho, disponho de tempo suficiente para lembrar as impressões dos meses passados, e dá-me muito prazer fazê-lo. Com muita frequência, porém, as observações revelam seu caráter lacunar, e se, para aquele que a realizou, **a viagem parece passar feito um rio, surgindo em sua imaginação como um fluxo constante, sente-se então que um relato propriamente dito é impossível.** Aquele que relata tem de apresentar os eventos separadamente: **mas como fazer com que isso forme um todo na alma do outro?** (GOETHE, 1999, p.407. Grifo nosso)

Goethe ainda alerta para a impossibilidade de um relato integral, de uma transmissão completa de todos os elementos apreendidos em sua viagem. Para isso o autor usa a metáfora do rio, que passa de maneira avassaladora, mas seu fluxo está sempre em movimento, em transformação, sendo impossível tocarmos sempre nas mesmas águas. Pode-se dizer assim, que esta tese se assemelha a um rio composto por recortes, fragmentos, impressões de uma série de vestígios anotados, fichados, como se procede em qualquer trabalho acadêmico, mas no entanto, flutuante. Considera-se em vão a busca de Goethe em fazer com que a experiência ou o conhecimento se traduza em um todo na alma do outro. O que será apresentado serão montagens, possibilidades, formas de manipular as fontes, o apreendido nas viagens, desvencilhando-se da infrutífera busca de se chegar a uma totalidade, como, ao inverso, destacou Morin.

E voltando à imagem de abertura, em que frades vestidos com hábitos pedalam bicicletas nas ruas de uma cidade perante uma igreja de traços medievais, pode-se extrair aspectos que serão essenciais na construção dessa tese. A imagem, provavelmente fotografada em uma cidade da Alemanha e encontrada junto ao acervo deixado pelos frades no convento de Penedo pode traduzir a relação íntima do franciscanismo com o espaço urbano²¹. Os religiosos se deixaram ser fotografados fora do espaço sacro, nos caminhos da cidade, acessando as ruas a maneira que os seculares o fazem, em movimento, revelando a postura dinâmica e o caráter urbano que vem conduzindo a imagem dos filhos de Francisco ao longo dos anos. Ao mesmo tempo,

²¹ Acerca da relação entre franciscanismo e o espaço urbano ver SILVA, et al 2012.

a imagem impacta pela força das vestes dos frades, ícone significativo tanto do imaginário popular, quanto da tradição religiosa como sinal de pertencimento do indivíduo à Ordem²².

Em segundo lugar, a imagem faz emergir uma coexistência de temporalidades: a igreja de feições medievais, as bicicletas - veículo inventado no século XIX provavelmente por um alemão²³ - guiadas por indivíduos que portam vestes que também remontam à medievalidade, tendo a presença de um carro no pano de fundo da fotografia. Tempos que coexistem indo de encontro à ideia de rupturas temporais e etapas que se cancelam umas às outras. Por fim, a imagem capta uma cena de movimento, um fragmento de um momento, sendo impossível congelar sua totalidade, mas gerando uma impressão daquele ato com a falta de nitidez que pode ser gerada quando se tenta captar objetos moventes. Talvez também como um alerta de que é preciso acolher e explorar a força dessa ausência de nitidez nos documentos, nos espaços, nas cidades, e na História...



Imagem 42 - Recorte da imagem de abertura. Fonte: Fotografia encontrada na biblioteca do convento de Nossa Senhora dos Anjos em Penedo-AL, sem data.

²² Sobre a questão da importância do hábito para as ordens religiosas, coloca o medievalista francês André Vauchez: “O hábito fazia o monge no sentido mais concreto do termo, ou antes, fazia o frade, porque nos primeiros tempos da fraternidade bastava que lho vestissem para ser nela admitido, ou que lho tirassem para ser expulso, caso se tornasse indigno pelo seu comportamento” (2009, p.68).

²³ Em reportagem para o El País, Jaime Hancock (2017) coloca que o pioneiro modelo de bicicleta teria sido construído pelo barão alemão Karl von Drais em 1817, batizada de “máquina corredora” (Laufmaschine no original alemão).

PARTE 1:

ENTRE BUSCAS, MISSÕES E ESTRADAS: FRADES VIAJANTES

Mas desde já é preciso compreender as causas pelas quais a floresta, a estrada e o mar despertam a sensibilidade dos homens da Idade Média. Eles o comovem menos por seus aspectos reais, por seus perigos verdadeiros, do que pelos símbolos que exprimem. A floresta evoca as trevas ou, como na “canção da infância” do Minnesänger Der Wilde Alexander (Alexandre o Errante), as ilusões do século, o mar é o mundo e suas tentações, e a estrada é a busca e a peregrinação (LE GOFF, 2005, p.131).

As estradas, os caminhos, as viagens e seus símbolos já seduziam e despertavam a imaginação dos homens em tempos medievais, segundo palavras de Jacques Le Goff. As florestas escondiam o desconhecido, os medos, o mar as tentações, e a estrada a própria busca pelo mundo, seja pelo sacrifício, pela aventura, pela riqueza, pela salvação. Era atitude dos mercadores que se enriqueciam, dos cruzados que militarizavam a fé, dos penitentes em procura dos lugares santos, dos aventureiros como Marco Polo que descreve e fantasia as maravilhas da China.

As viagens também estavam imbuídas na própria definição cristã do homem *in via* que os levava a se colocarem a caminho: “O próprio espírito da religião cristã os impelia à estrada. Nesta terra de exílio, o homem não é mais do que um eterno peregrino, tal era o ensinamento da Igreja que precisava apenas repetir a palavra de Cristo: „Deixe tudo e siga-me”.” (LE GOFF, 2005, p.127). E é na medievalidade que nasce o franciscanismo, guardando também relações com os caminhos do mundo e tecendo suas próprias buscas, que levaram a futura Ordem a cruzar os limites da Itália e atingir os mais longínquos lugares conhecidos, a exemplo, séculos mais tarde, do Brasil.

A primeira parte deste trabalho discorre sobre buscas, caminhos, itinerâncias de frades. Apresenta os vínculos existentes entre o modo de vida viajante e o franciscanismo fincados ainda em tempos medievais, e essa conduta itinerante desempenhada pelos frades da Alemanha no Brasil, englobando suas idealizações, seus impulsos e seus rebatimentos no território.

Para isto, serão apresentados dois capítulos: o primeiro se detém na análise do caráter viajante como parte do próprio espírito franciscano, ainda que a Ordem tenha adotado posturas diversas ao longo dos anos e já explora a atuação missionária dos franciscanos da Alemanha propriamente dita, permeada por características e buscas muitas vezes conflitantes; já o segundo discorre sobre diferentes formas e gestos por meio dos quais esses religiosos se entranham nos caminhos desse novo mundo.

2. FRADES ALEMÃES, BRASIL E PRIMEIROS OLHARES

2.1. Itinerâncias dos menores

Sabe-se que a dinâmica das viagens e a vida itinerante estão enraizadas no nascimento e no desenvolvimento da própria fraternidade fundada por Francisco de Assis na Itália do século XIII. Colocar-se em movimento e escolher o mundo como palco da evangelização é um dos pilares que vem conduzindo o carisma franciscano desde seu surgimento em tempos medievais até a contemporaneidade.

O santo de Assis, quando forma sua fraternidade na região da Úmbria, inicialmente nega o estabelecimento em conventos aos moldes das antigas ordens que se fixavam em grandes mosteiros isolados, usualmente detentores de expressivas porções de terra, em áreas rurais que mantinham a comunidade através do seu cultivo. Filho de um rico mercador de Assis, despiu-se das roupas do pai em praça pública e escolhe viver livre da posse de quaisquer bens materiais geradores da cobiça, de conflitos e hierarquias²⁴. Opta pelo espaço do mundo, e nele, por locais de pleno isolamento na natureza e nas florestas, mas também pela presença nas cidades, com seus atrativos e tentações, como morada e como lugar de exercício da atividade religiosa. Só mais tarde sua fraternidade adota a segurança proporcionada pelo abrigo em conventos.

Estas relações entre Francisco e o espírito itinerante são trazidas pelos medievalistas biógrafos mais atuais do santo, dentre eles Jacques Le Goff, André Vauchez e Michael Robson, como traços marcantes que sustentam a fraternidade criada por ele e que não só se associam, mas provocam os novos ares que sopram na Europa da Baixa Idade Média. Vincula-se a esse contexto o renascimento urbano e comercial, o surgimento de novas classes sociais tipicamente urbanas, a circulação de mercadores, peregrinos e cruzados que despontam em uma medievalidade muitas vezes qualificada como estática, e o nascimento das universidades²⁵.

²⁴ Tomás de Celano, considerado o primeiro biógrafo do santo, reporta a emblemática passagem que expressa o rompimento de Francisco com os laços familiares e com as posses materiais: “E depois que foi conduzido à presença do bispo, não suporta delonga nem hesita a respeito de nada; não espera, nem profere palavra, mas imediatamente, tendo deposto e atirado todas as vestes, restitui-as ao pai. Além disso, sem reter sequer os calções, desnuda-se totalmente diante de todos” (1Cel 15 *in* TEIXEIRA, 2008, p. 208).

²⁵ Jacques Le Goff (2010) qualifica o século XIII como o apogeu do Ocidente medieval destacando os êxitos que levaram ao estabelecimento de um modelo que pode ser chamado de europeu: o renascimento urbano, a renovação do comércio, a criação das universidades, e sustentando estes três pontos, a difusão das ordens mendicantes que são essencialmente urbanas, dentre elas a Franciscana.

Nesse contexto cabe conferir um destaque à figura do peregrino. Envoltos de elementos místicos, ela expressa a imagem de Cristo e dos apóstolos que renunciaram seus laços locais e vínculos familiares para se dedicarem à pregação do Evangelho e a uma vida penitente. Peregrinar seria vivenciar o próprio Evangelho, o que dava a esses viajantes especiais uma aura sagrada aos olhos medievais:

Esta instabilidade tinha já por si um valor de testemunho, pois manifestava de uma maneira visível e concreta o seu propósito de viver neste mundo como peregrinos e estrangeiros. No espírito dos homens da Idade Média, o peregrino era uma pessoa sagrada, uma imagem daquele Cristo que percorria incansavelmente os caminhos da Galileia e da Judeia com os apóstolos e, depois da ressurreição, com os peregrinos de Emaús. O povo, se não mesmo a Igreja, prestava culto aos peregrinos mortos em viagem por doença ou vítimas de malfetores, e venerava-os à semelhança dos mártires (VAUCHEZ, 2009, p.77).

Esta ideia da vida instável e viajante enquanto testemunho cristão fundamentado na imagem de Jesus Cristo teve papel fundamental na conformação do modelo religioso e de vida proposto pelo filho do mercador de Assis. As fontes primárias mostram um Francisco que se compadece dos excluídos, se despe das suas roupas, riquezas e da casa do pai, e segue solitário uma vida sem posses materiais colocando-se a reparar velhas igrejas e a cuidar de leprosos, como descreve Tomás de Celano²⁶. “Ajudava também os outros pobres, enquanto permanecia no mundo e seguia o mundo, estendendo a mão da misericórdia aos que nada tinham e mostrando afeto de compaixão aos aflitos” (1Cel 17 in TEIXEIRA, 2008, p.209)²⁷. A fala do Crucifixo de São Damião, que aparece nas fontes primárias como um dos episódios chave para sua

²⁶ Tomás de Celano foi frade franciscano italiano que entrou na Ordem ainda durante a vida de Francisco, e foi responsável pelas primeiras biografias oficiais do santo: a Vida Primeira, redigida pouco depois da morte de Francisco por solicitação do Papa Gregório IX por volta do ano de 1228, destinada a exaltar sua santidade e obediência; e a Vida Segunda produzida cerca de 20 anos depois a pedido do Ministro Geral da Ordem Crescêncio de Jesi, por meio de memórias enviadas por outros membros, objetivando apresentar o santo para as novas gerações (TEIXEIRA, 2008, p.22-25). Ressalta-se que por se tratarem de textos oficiais, foram produzidas sob o viés da Igreja, enfatizando Francisco enquanto modelo a ser seguido.

²⁷ O texto de Tomás de Celano e outros escritos de época relativos a Francisco e suas biografias medievais foram acessados por meio da publicação intitulada “Fontes Franciscanas e Clarianas”, organizada por Frei Celso Márcio Teixeira OFM e publicada em 2008 (2ª edição) pela Editora Vozes e pela FFB -Família Franciscana Brasileira. A obra apresenta um total de 1996 páginas, reunindo textos que compõem grande parte das fontes relativas a São Francisco traduzidas para a língua portuguesa. Foi baseada na publicação Fontes Franciscani, considerada pelos organizadores como parâmetro internacional para compêndios relativos aos escritos da Ordem. A fim de primar pelo rigor acadêmico e conferir o devido crédito a publicação consultada, as citações referentes a estas fontes primárias referenciarão tanto a própria fonte primária quanto a obra organizada por Frei Celso Teixeira. Neste caso 1Cel se refere à Vida Primeira de Celano, 2Cel à segunda obra do biógrafo.

conversão, o convoca a iniciar a missão de restaurar a Igreja, palavras que Francisco interpreta inicialmente como um chamado ao reparo das igrejas de pedra²⁸.

Todavia, a grande e determinante guinada, vem com o chamado para a disseminação e expansão do Evangelho pelo mundo. Assim, o caráter movente da futura Ordem ocorreria desde o início sob inspiração do próprio Francisco. As fontes primárias, ainda no caso o relato de Tomás de Celano, mencionam que, durante leitura do Evangelho em uma missa na Igreja da Porciúncula nos arredores de Assis, Francisco se expressara sobre a ausência de posses, e, desse modo, o nada carregar que facilitava o espírito viajante. A partir de então, inicia uma atitude de pregação e passa a reunir os primeiros seguidores adeptos ao seu novo modelo de vida.

Mas, num certo dia, quando se lia na mesma igreja o Evangelho sobre como **o Senhor enviara seus discípulos a pregarem**, estando presente o santo de Deus, como tivesse entendido de alguma forma as palavras do Evangelho, depois que se celebraram as solenidades da Missa, ele suplicou humildemente ao sacerdote que lhe fosse explicado o Evangelho. Depois que este lhe expôs tudo por ordem, ouvindo São Francisco que os **discípulos de Cristo não deviam possuir ouro ou prata ou dinheiro, não levar bolsa nem alforje nem pão nem bastão pelo caminho nem ter calçados nem duas túnicas, mas pregar o reino de Deus e a conversão**, exultando imediatamente no espírito de Deus, disse: “É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração”. Por conseguinte, apressa-se o santo pai, transbordando de alegria em cumprir o salutar conselho [...]. **Desata imediatamente os calçados dos pés, depõe o bastão das mãos e, contente com uma só túnica, trocou a correia por um cordão.** (1CEL 22 *in* TEIXEIRA, 2008, p.212. Grifo nosso).

Então Frei Bernardo, juntamente com Frei Egídio tomou o caminho de Santiago [de Compostela], e São Francisco escolheu **outra direção do mundo** com outro companheiro, e os outros quatro, caminhando dois a dois, **tomaram as direções restantes** (1Cel 29 *in* TEIXEIRA, 2008, p.217. Grifo nosso).

O Evangelho e a figura de Cristo, portanto, motivam o santo no estabelecimento dos princípios da sua embrionária pequena fraternidade, que se alicerça não só no despojamento dos bens materiais - característica fortemente atrelada ao imaginário franciscano -, mas também no apostolado itinerante que deve não se restringir ao lugar de origem, mas tomar todas as direções do mundo. Caminhos que devem ser percorridos não individualmente, mas dois a dois (*bini et bin*), partilhados com outros

²⁸ Tomás de Celano relata que Francisco, ao rezar na abandonada e arruinada Igreja de São Damião em Assis, olhando para a imagem do Crucificado, teria ouvido um chamado da imagem: esta “movendo os lábios da pintura [...], fala-lhe enquanto ele estava assim comovido. Chamando-o, pois, pelo nome, diz ‘Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, está toda destruída’. Francisco, a tremer, fica não pouco estupefato e torna-se como que fora de si com esta palavra” (TEIXEIRA et. al., 2008, p.308, 2Cel 10).

irmãos, fazendo da experiência franciscana um exercício fraterno, não solitário, que necessita do amparo e da troca com o outro.

Assim, os menores, como eram chamados nos primórdios da comunidade, elegem os caminhos e o meio urbano como seu principal palco de atuação: “O espaço de Francisco e dos irmãos torna-se uma rede de cidades e a estrada entre ela. Os franciscanos estão na maior parte do tempo in via, na estrada” (LE GOFF, 2011, p.189). Às contradições, problemáticas e provocações das cidades florescentes, o santo responde com uma atitude de aproximação, de denúncia e acolhimento: “Francisco não foge do mundo; pelo contrário, entranha-se nele para o conquistar, no seguimento do seu Senhor, e reintroduz na sociedade não apenas os pobres, mas todos os que dela foram excluídos pelo poder e pelo dinheiro” (VAUCHEZ, 2009, p.58).

Rechaçando o estabelecimento em conventos ou casas próprias, a fraternidade franciscana primitiva assumiu esta condição peregrina e ao mesmo tempo seus membros se colocam como aventureiros no mundo alcançando lugares impensáveis pela maioria dos medievais. Egito, Marrocos, Síria e a Terra Santa são alguns dos destinos acessados. Com contornos poéticos e lendários, a obra *Sacrum Commercium beati Francisci cum domina Paupertate*²⁹ (O casamento espiritual de São Francisco com a Senhora Pobreza), desenha uma alegoria na qual Francisco e seus frades se encontram com a personificação da pobreza, e esta lhes pede para mostrar seu claustro: “levaram-na para uma colina e lhe mostraram todo o mundo que podiam ver, dizendo: Senhora, este é o nosso claustro”³⁰.

Os autores ainda colocam que há uma fundamental relação entre essas duas características que marcam profundamente o carisma seráfico: a itinerância e a pobreza. Ora, a posse de bens materiais prende o homem ao lugar e o estabelecimento de residências e casas próprias, vinculam e enraízam o indivíduo a determinado local, prejudicando sua mobilidade. Essa relação é mencionada por Le Goff: “no momento em que viajantes e peregrinos se enchiam de bagagem [...] tanto o espírito de cruzada quanto o gosto pela viagem estavam enfraquecidos, a sociedade medieval torna-se sedentária” (LE GOFF, 2005, p.128).

Portanto, ao optar pela pobreza, pela ausência de posses e pela não fixação em conventos próprios, Francisco não apenas entra em comunhão com os excluídos da

²⁹ Texto alegórico de caráter mais lendário e teológico do que histórico acerca do encontro de Francisco e seus frades com a pobreza personificada por meio de uma dama ou senhora. A obra tem autoria indefinida e não há consenso sobre sua datação. Jaques Le Goff coloca que, de maneira genérica, sua composição foi após 1227 (2011, p.57).

³⁰ Foi acessada a tradução disponibilizada online pelo website do Centro Franciscano de Espiritualidade da Província Franciscana dos Capuchinhos de São Paulo, disponível em < http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes-leitura?id=2515&parent_id=2514 >. O trecho citado se refere ao capítulo 30, versículos 24 e 25.

emergente sociedade urbana medieval, rechaçando o dinheiro que desagrega e o sentimento de cobiça gerador de conflitos e guerras, como também confere maior fôlego para a prática itinerante de sua fraternidade. “A essa sociedade que se imobiliza, que se instala, ele propõe a estrada, a peregrinação” (LE GOFF, 2011, p. 37).

Acessar territórios estrangeiros não significa apenas entrar em contato com lugares desconhecidos, mas também com culturas e povos distintos. Emblemática é a passagem do encontro amistoso de Francisco com o sultão Al-Malik Al-Kamil no Egito, num gesto que expressou muito menos a tentativa de imposição da fé de seus protagonistas, mas sim certa sensibilidade em escutar e dialogar com a cultura do outro. Talvez por essa abordagem sensível, os seráficos tenham conquistado certos privilégios junto aos muçumanos na Terra Santa, como afirma Vauchez:

É sem dúvida a estada na Terra Santa e a boa recordação que Francisco deixara nos muçumanos que explicam que os Menores fossem em 1333 os primeiros – e durante muito tempo os únicos – religiosos latinos autorizados pelo sultão a voltar a Jerusalém, e a receber [...] a custódia dos lugares santos cristãos que ainda hoje conservam (VAUCHEZ, 2009, p.133).

Desse modo, a experiência com o sultão pode revelar traços de certo acolhimento de Francisco do outro, do diferente, do estrangeiro, do particular, caráter que o santo buscará reverberar em sua fraternidade e que também está explicitado na Regra Bulada de 1223³¹:

[...] quando vão pelo mundo, não discutam nem alterquem com palavras nem julguem os outros; mas sejam mansos, pacíficos e modestos, brandos e humildes, falando a todos honestamente, como convém. E não devem andar a cavalo, a não ser que sejam obrigados por manifesta necessidade ou por enfermidade. Em qualquer casa que entrarem, digam primeiramente: Paz a esta casa (RB 3 in TEIXEIRA, 2008, p.160).

Esta forma pacífica e tolerante que o santo propaga a fé cristã, desenhada pelas fontes, e demonstrando certa compreensão para com o povo a ser evangelizado, possibilita uma porosidade ainda maior para sua futura Ordem que “entranha-se no mundo para conquista-lo”, parafraseando Vauchez. Michael Robson (2006) fala em uma “visão global” própria do santo que inspirou seus irmãos a buscarem lugares remotos, ampliando o território de ação e o próprio conhecimento de mundo para muito além da Europa:

³¹ Conhecida como segunda Regra, escrita após a não aprovação da Regra de 1221 que carecia de rigor jurídico, a Regra Bulada foi promulgada pelo Papa Honório III em 23 de novembro de 1223 e é até hoje a Regra oficial dos frades menores (VAUCHEZ, 2008, p.145).

By the turn of the fourteenth century friars were working on missions to the Ethiopians, Indians, Mongols, Persians and Syrians. They were the only Catholic religious or priests ministering in Syria, the Holy Land, Arabia and Egypt. In 1322 James, bishop of Caffa, claimed that the friars had ministered in Morocco and India as well as China for several decades and had given new martyrs to the Church (ROBSON, 2006, p. 04)³².

A flexibilidade e adaptabilidade franciscana também corroboram para certo caráter plástico da fraternidade, que o tornarão uma Ordem profundamente moldada pelos seus tempos e espaços, com características heterogêneas ao longo do tempo, nem sempre em sintonia com a “vagabundagem lírica” de seu criador, como assim qualifica Georges Duby (1993, p.143). A busca primitiva de Francisco em viver de maneira despojada como errantes nas estradas pregando o Evangelho logo perdeu espaço no desenvolvimento de sua fraternidade. Mesmo com o descontamento de seu fundador, os menores se renderam à necessidade de fixação em conventos com a ampliação do número de irmãos, à legitimação da Ordem aos moldes de modelos religiosos já existentes e também se transformam em ferramenta da Igreja para a expansão da fé cristã. A construção do suntuoso complexo construtivo da Basílica de São Francisco em Assis iniciado em 1228, apenas dois anos após a morte de Francisco, representa essa “última traição”, nas palavras de Le Goff (2011, p.92), aos princípios originários da fraternidade.

Apesar disso, a mobilidade e a aproximação com o mundo inerente à Ordem Franciscana é um dos laços que conecta os diferentes “franciscanismos” que ganharam forma nos momentos posteriores à fundação da fraternidade primitiva e continua a se transformar em séculos subsequentes. O já mencionado caráter plástico próprio dos franciscanos contribuiu, dentre várias questões, para que a Ordem seráfica tenha apresentado várias dissidências e diferentes interpretações ao longo de sua história, gerando vários ramos de uma mesma instituição³³, e para que o franciscanismo tenha apresentado características variadas ao longo do tempo, sendo profundamente moldado pela realidade do seu tempo presente, ainda que preservando os vínculos com o seu carisma.

³² Na virada do século XIV, os frades estavam trabalhando em missões entre os etíopes, indianos, mongóis, persas e sírios. Eles foram os únicos religiosos ou padres católicos que ministravam na Síria, na Terra Santa, na Arábia e no Egito. Em 1322, James, bispo de Caffa, afirmou que os frades haviam ministrado no Marrocos e na Índia, assim como na China, por várias décadas, dando novos mártires para a Igreja (T.A.).

³³ As várias divisões da Ordem Franciscana é um tema extremamente amplo uma vez que suas ramificações se originaram ainda na Idade Média pouco depois da morte de Francisco e foram ganhando outros contornos ao longo dos séculos e até especificidades em alguns países europeus. Atualmente a Ordem Primeira franciscana apresenta três braços: a dos observantes, a dos conventuais e a dos Capuchinhos (ROBSON, 2006, p.223).

Em meio a diferenças internas, interpretações e olhares variados, viagens e cruzamento de mares e fronteiras permaneceram uma constante na Ordem ao longo de sua História, levando os frades seráficos a extrapolar os contornos europeus e a chegarem, como exposto, às mais distintas e longínquas regiões como a Terra Santa, China, Américas e também ao Brasil. O acesso ao território da colônia portuguesa na América se iniciou em 1500, visto estarem os franciscanos presentes nas caravelas comandadas por Cabral, sendo os primeiros religiosos a pisarem na Terra de Santa Cruz. Ao longo dos séculos, frades portugueses, espanhóis, franceses, italianos também se aventuraram nestas terras, e a última significativa migração talvez tenha sido a encabeçada por franciscanos alemães a partir do fim do século XIX, da qual trataremos ao longo deste trabalho.

2.2. Sonhos, sacrifícios e ideais: “meu convento é o mundo”³⁴

Etwas erregt, mit klopfendem Herzen erwarten wir den Augenblick, wo wir als die ersten deutschen Franziskaner den Boden des Landes unserer Sehnsucht betreten können. [...] Wir sind jetzt in einer andern Welt. Jeder Schritt lässt uns dies erkennen. Wir atmen andere Luft und sehen andere Menschen (THEMANS, 1923, p.44-45)³⁵.

Frei Humberto Themans, que juntamente com outros três religiosos franciscanos compuseram a primeira missão de frades alemães que aporta no Brasil em 1891, relata com entusiasmo em sua crônica de viagem a ansiedade e expectativa para a chegada no novo país o qualificando como a terra de seus sonhos. Nos primeiros momentos, o religioso já deixa claro que agora se encontram em um novo mundo, com outros ares e pessoas, impressões que se repetirão durante suas jornadas no Brasil. A crônica de viagem intitulada “Reise nach Brasilien und Anfang der Mission³⁶” publicada originalmente em alemão na Revista Vita Franciscana em 1923, editada pela Província da Imaculada Conceição, se constitui como a principal narrativa que descreve com

³⁴ É frequente vermos frades franciscanos se referindo ao mundo como seu convento, como visto na já mencionada citação retirada da obra “Sacrum Commercium beati Francisci cum domina Paupertate”. Além disso, quando entrevistamos Frei Beda Vickermann na Alemanha em 2012, ele declara: “Para mim, o convento do frade é o mundo, é no meio do povo, ao lado do povo.”

³⁵ Um pouco tensos, com o coração palpitante, nós aguardamos o momento em que nós, como primeiros franciscanos alemães, poderíamos pisar no chão da terra de nossos sonhos. Nós agora estamos em outro mundo. Cada passo nos permite perceber isso. Nós respiramos um outro ar e vemos outras pessoas. (T.A.)

³⁶ Viagem ao Brasil e começo da missão (T.A.).

detalhes os primeiros momentos dos religiosos alemães em solo brasileiro e suas percepções iniciais acerca das paisagens, pessoas e cidades do país tropical³⁷.

Relatos sobre viagens e a missão nas estradas estão comumente presentes nas narrativas escritas e também nos depoimentos orais dos religiosos germânicos que deixaram seu país para assumir a atividade apostólica nas paragens brasileiras. Sejam permeados pelos sonhos e idealizações de levarem o Evangelho a terras distantes, ou pontuando os sacrifícios necessários para essa empreitada, ou ainda os choques e embates inerentes à presença em um novo mundo, esses testemunhos nos trazem uma ideia da relação dos germânicos com o modo de viver itinerante franciscano e a própria forma que se embrenham na realidade brasileira.

Os franciscanos germânicos que aportam no Brasil a partir do fim do século XIX são provenientes da chamada Província de Santa Cruz da Saxônia (Sächsische Franziskanerprovinz), instituição que se reerguia e que viveu em diáspora sem definições territoriais precisas e muitas vezes fora de seu país natal durante boa parte dos oitocentos. Para o entendimento deste contexto de recomposição, vale pontuar alguns momentos históricos que envolvem a Ordem seráfica na região alemã durante o século XIX, não se estendendo para outros períodos uma vez que as origens dessa província remontam ao século XIII, com diversos movimentos de dissoluções e integrações que a moldaram ao longo dos séculos.

Acerca de sua composição territorial no século XIX, as fontes que foram possíveis de serem acessadas trazem poucos dados que precisem sua conformação e distribuição dentro da Alemanha. Os relatos dos frades germânicos fazem referência a conventos, casas ou ginásios situados em cidades localizadas nos atuais estados da Renânia do Norte-Vestfália, Baixa Saxônia, Saxônia-Anhalt e Renânia-Palatinado, bem como em países vizinhos como Holanda e Polônia. No século XIX a província da Santa Cruz estava inserida, portanto, no antigo território da Prússia, e se concentrava principalmente na região da Vestfália, localizada no que hoje é o atual estado da Renânia do Norte-Vestfália, no oeste alemão nas proximidades do vale dos rios Reno e Ruhr, uma das regiões mais industrializadas do país. A denominação “Província da Saxônia” talvez faça referência a questões históricas, já que desde a Idade Média a Vestfália englobava a parte oeste da chamada “Terra dos Saxões” (NEOTTI, 1991, p.12).

³⁷ A crônica de Frei Humberto Themans foi traduzida e publicada em português em 1991, dentro dos festejos comemorativos do centenário da chegada dos missionários germânicos e Restauração das províncias. A tradução realizada por Frei Ludovico M. G. de Castro compõe o volume 3 da coleção “Centenário”. Na tese procurou-se usar a versão em português a fim de prezar pela fluidez do texto, utilizando-se apenas a versão em alemão em alguns momentos específicos.

Tabela 04 - Cidades abrangidas pela Província da Santa Cruz da Saxônia na Alemanha durante o século XIX

Atual estado alemão ou país	Cidades
Renânia do Norte-Vestfália	Dorsten, Rietberg, Rheine, Geseke, Warendorf, Vreden, Münster, Paderborn, Wiedenbrück, Werl, Düsseldorf, Mönchengladbach, Bonn, Bielefeld, Colônia, Dortmund
Baixa Saxônia	Vechta
Saxônia-Anhalt	Halberstadt
Renânia	Apollinasrisberg (Remagen)
Turíngia	Hülfensberg
Holanda	Harreveld, Hardenberg
Polônia	Breslau

Fonte: Autora, 2015.

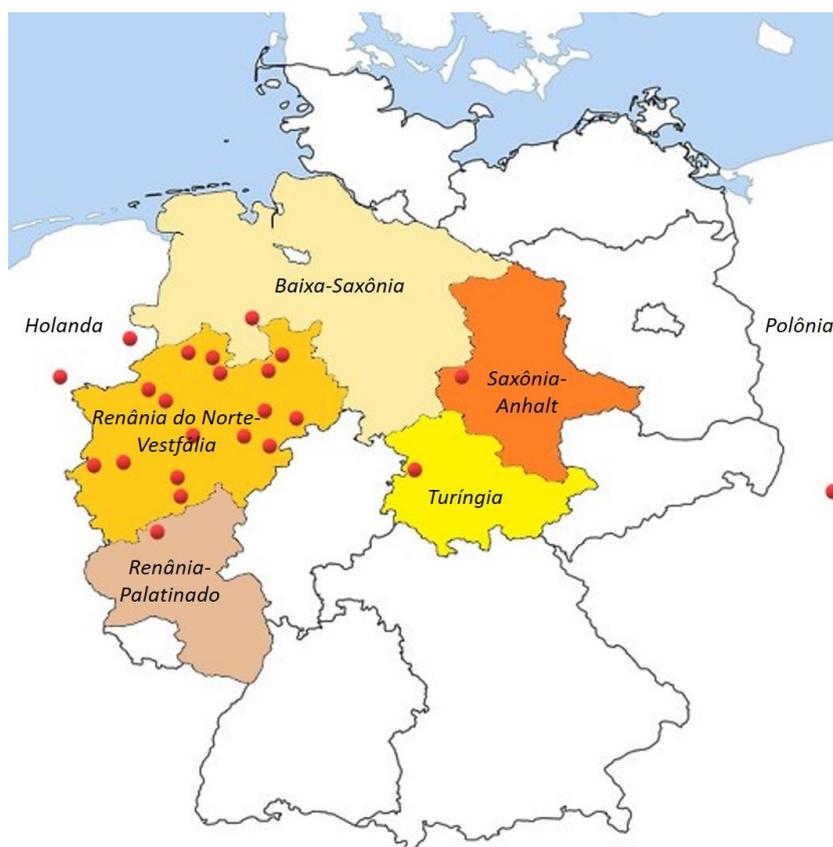


Imagem 43 - Mapa atual da Alemanha com destaque para as regiões abrangidas pela antiga Província da Saxônia. As marcações em vermelho referem-se às cidades que no século XIX possuíam casas, conventos ou igrejas vinculadas à Província.

Fonte: Autora, 2021.

Sobre as circunstâncias históricas da antiga Província da Saxônia³⁸ durante o século XIX, cabe destacar duas fases de abalos que colocaram em risco sua existência. Em um primeiro momento, as leis anticlericais e a perseguição às ordens religiosas provenientes do processo de secularização, que foram responsáveis pelo esvaziamento dos conventos brasileiros, também afetaram as Províncias franciscanas germânicas na primeira metade do século XIX, principalmente no então território prussiano. Esta situação contribuiu para uma significativa perda no número de conventos e de religiosos que compunham a Província da Saxônia. O frade alemão Frei Inácio Jeiler, que testemunhou as consequências deste processo, relata a situação da Ordem no período:

No início do século XIX a nossa Província contava com 18 grandes conventos e duas residências. Também tinha postos missionários entre os protestantes, tanto no Reino da Saxônia quanto nas regiões fronteiriças da Holanda. Além de muitos ginásios [...] que ela administrou até pelos anos de 1850. A Província também tinha cátedras nas universidades de Münster e Paderborn. [...] Todas essas casas foram declaradas supressas, primeiro pela ocupação francesa e depois pela dos prussianos³⁹. Aos frades expulsos foi concedida uma módica pensão. Ainda eram precariamente tolerados os religiosos, mas não tinham o direito de receber noviços. [...] Sob o regime prussiano, um dos principais motivos de certa tolerância era o interesse financeiro, pois estes conventos tinham a obrigação de hospedar, mediante módico pagamento, os padres diocesanos sujeitos a penas canônicas. Mas sempre pesou sobre estas casas a ameaça de supressão total. Num documento, que deve estar no arquivo da diocese de Paderborn, eu li que o presidente da Westfália Von Vincke fizera à Cúria Diocesana a proposta de se dar a cada irmão leigo, que recolhia mantimentos pelos povoados e casas, um desses sacerdotes sujeitos à penitência como acompanhante. Dessa maneira o povo haveria de acostumar e daria a esmola mesmo quando não houvesse frade presente. Assim, os frades poderiam aos poucos desaparecer de todo. Respondeu-se que esta proposta era impraticável (JEILER, 1991, p. 21-22).

Destaca-se também no relato de Jeiler o fato de que a antiga Província alemã contava com professores que integravam os quadros das universidades de Münster e Paderborn, evidenciando assim o caráter erudito e a afeição aos estudos inerente aos

³⁸ A Província da Saxônia enquanto instituição autônoma existiu até 1º de julho de 2010, quando as então quatro províncias alemãs dos frades menores – Saxônia, Colônia, Turíngia e Baviera - se uniram e formaram a Província Franciscana Alemã de Santa Isabel (Deutsche Franziskanerprovinz von der heiligen Elisabeth) também chamada Provinz Germania, com sede em Munique. Sobre a atual unificada província alemã, ver sua página oficial na internet: <https://franziskaner.net/aufbau-der-provinzverwaltung/>.

³⁹ A região da Vestfália, onde se concentrava a maior parte do território ocupado pela Província da Santa Cruz da Saxônia, foi ocupada pelas tropas napoleônicas a partir de 1806. “O Sacro Império que reunia diversos Estados, como a Prússia, foi extinto e em seu lugar criada a Confederação do Reno, sob a tutela francesa” (ARRUDA, p.253). Em 1807, o irmão de Napoleão, Jerônimo Bonaparte, é proclamado rei do Reino da Vestfália (NEOTTI, 1991, p.22). A maior parte do território da Vestfália e da Saxônia passam para o controle prussiano após a derrota de Napoleão legitimado pelo Congresso de Viena em 1815. (NEOTTI, 1991, p.22).

frades que compunham a instituição. Essa característica é reforçada quando as fontes fazem referência a um significativo número de 12 colégios que integravam a Província antes da fase de repressão às ordens (GRIESENROCK, 1991). Esses traços, profundamente relacionados a um apreço pelo ensino e educação, serão mais adiante expressados em suas ações em terras brasileiras.

Em meados do século XIX, a perseguição perde fôlego e os conventos passam a receber novamente noviços, iniciando um período de crescimento e de reconstrução do material humano e edificado da Província de Santa Cruz. Novas casas são abertas e antigos conventos reocupados, ao mesmo tempo em que jovens vocações passam a integrar as fraternidades compostas até então por religiosos já idosos, como relata o frade alemão Heriberto Griesenbrock:

Quando, depois da abolição da proibição de admitir noviços, a ideologia da “Igreja Estado” se havia esvaído em suas primeiras tormentas (1843), tornou-se novamente possível a candidatos às Ordens a admissão ao hábito religioso. Nos 6 conventos da Província – remanescentes dos 18 conventos, das 7 residências, das 26 estações de missão e dos 12 colégios, de outrora – viviam apenas padres e irmãos idosos em número reduzido. Mas, justamente nos primeiros anos, que se sucederam ao longo tempo do sofrimento e da prova, ingressaram na Ordem jovens de grande talento, que deveriam reassumir e aperfeiçoar as antigas tradições da vida religiosa e das aspirações no campo científico. (GRIESENROCK, 1991, p. 10-11).

Griesenbrock ainda apresenta o relato de Frei Antonius Pommer que após um período em Roma, retornava em 1861 para a Província alemã e atesta a volta de um período de crescimento e novo fôlego para a vida seráfica:

Assim encontro-me, na companhia de meu confrade Frei Ignatius, na amada Província da Santa Cruz, onde encontramos realmente a vida religiosa em plena florescência. Já faz 10 anos que esta pequena Província tem verdadeiramente crescido de maneira extraordinária, tanto no número dos irmãos como nas atividades externas, bem como no religioso esforço de perfeição seráfica. (GRIESENROCK, 1991, p. 12).

O segundo período de adversidades enfrentados pelos frades da Saxônia, diz respeito à chamada *Kulturkampf*⁴⁰, que significou o conflito entre a Igreja e o Estado iniciado logo após a unificação dos estados germânicos em 1871. Sob influência do primeiro ministro prussiano e do recém criado Império Alemão, Otto Von Bismarck, a *Kulturkampf* englobou uma série de determinações do Estado que visavam enfraquecer o poder do Vaticano e da Igreja, principalmente na região da Prússia⁴¹, incluindo a

⁴⁰ Em tradução literal, a expressão significa luta pela cultura.

⁴¹ Segundo o frade alemão Frei Amado Bahlmann (1995, p.29) as leis do KulturKampf não chegaram na região da Baviera, no sul da Alemanha.

suspensão das relações diplomáticas com a Santa Sé, a secularização das escolas, a suspensão da liberdade interna da Igreja, a interdição dos conventos dos jesuítas, o direito do Estado de confiscar quaisquer bens não concedidos por ele e a expulsão de todos os membros de ordens religiosas do país em 1875. Estes deveriam se secularizar ou sair do país, com exceção feita aos religiosos que se dedicavam aos doentes (NEOTTI, 1991, p.9).

Os escritos mostram que apesar do duro revés enfrentado pela Província da Saxônia e da perseguição e ameaça de extinção em seu próprio território, a instituição franciscana permaneceu viva e atuante, porém vivendo no exílio, sem uma unidade espacial definida e fora de seu recém unificado país. Seus membros passaram a lutar pela sobrevivência da comunidade seráfica, vivendo em conventos fronteiriços na Holanda e Bélgica, como também na missão que haviam empreendido nos Estados Unidos⁴² a partir do ano de 1858:

Foi nesta situação extremamente crítica que Frei Gregório⁴³ deu provas de seu talento de organização e de seu espírito missionário. Através da ereção de novos conventos na Holanda e na Bélgica e da transferência de muitos confrades para a América, foi ele capaz de oferecer aos 260 membros da Província o apoio espiritual e organizatório de que necessitavam. A correspondência epistolar de Frei Gregório com a Cúria Geral de Roma, nos anos de 1871-1879, dá nítidas provas da enorme carga que, naquela época, tomara seus ombros. [...] Assim escreve ele de Viena ao Padre Geral em Roma, em 20 de julho de 1875; “[...] Nossos confrades dos conventos de St. Annaberg, Neustadt, Paderborn, Wiedenbrück, Rietberg já foram expulsos. As casas de Düsseldorf e Hardenberg devem ser abandonadas no dia 15 do mês corrente, enquanto Warendorf, Dorsten e Münster, no dia 20, deverão estar vazias. Nós nos retiraremos nos conventos adquiridos na Holanda e na Bélgica. Antes da resposta de Viena [sobre a possibilidade de receber seus frades], porém, não poderei tomar decisão sobre uma distribuição definitiva dos confrades pelas casas à disposição. Se aquela, entretanto, for negativa, uma grande parte deles deverá ir para a América. Até agora ninguém resistiu à obediência”. (GRIESENROCK, 1991, p. 13-14).

Além disso, as vocações e a entrada de novos religiosos na Província germânica, no entanto, não cessaram com as rigorosas medidas da *Kulturkampf*, o que permitiu a

⁴² Atendendo a um pedido do bispo norte-americano Damian Junker de Alton, que viajara pela Europa em busca de religiosos para atuar em sua diocese que carecia de assistência espiritual, a Província da Santa Cruz da Saxônia, através de seu provincial Frei Gregório Janknecht, envia franciscanos e empreende uma missão nos Estados Unidos a partir de 1858, iniciando pela vila de Teutópolis, e depois pela cidade de Effingham no estado de Illinois. Também fundaram casas em St. Louis (Missouri), Columbus (Nebraska), Mount Saint Mary's (Missouri), Joliet (Illinois), Chaska (Minnesota), Rhinerland (Missouri) e Radom (Illinois). Em 1879, o então Comissariado torna-se Província independente recebendo o nome de Província do Santíssimo Coração de Jesus (GRIESENROCK, 1991, p.19).

⁴³ Trata-se de Frei Gregório Janknecht que estava em seu segundo mandato como provincial da Província da Saxônia. Ele também será provincial entre 1888 e 1891, quando ocorre o aceite para a missão em terras brasileiras.

continuidade de sua existência mesmo que fora das fronteiras alemã. Frei Amando Bahlmann, líder da primeira missão de franciscanos germânicos que chegou ao Brasil, entrou no noviciado da Ordem em Harreveld na Holanda exatamente neste período, junto com uma turma de mais onze candidatos, logo após a vestição⁴⁴ de um grupo anterior que contou com vinte jovens (BAHLMANN, 1995). Bahlmann deixa registrado o diálogo com um médico que lhe daria o atestado de saúde para a entrada no noviciado:

- Por que quer um atestado de saúde? Perguntou o médico.
- Quero entrar na Ordem Franciscana, - respondi.
- E o médico:
- Acho que poderia fazer coisa melhor do que entrar numa Ordem banida pelo governo.
- Não pedi seus conselhos, Sr. Doutor. Dê-me o atestado e basta! – respondi.
- Lá paguei cinco centavos e me despedi. (BAHLMANN, 1995, p.31).

O rigor das leis da *Kulturkampf* foi se esvaindo ao longo dos anos de 1880: “Com a derrota fragorosa dos liberais nas eleições, surgiu no dia 21 de maio de 1886 a Lei da Paz, que significa na prática o fim da *Kulturkampf*” (NEOTTI, 1991, p.9), o que permitiu um novo fôlego para a Província de Santa Cruz e sua reorganização no país e região de origem:

Em 1888 [Frei Gregório Janknecht] foi de novo eleito provincial, para consertar os estragos da *Kulturkampf*, que se acalmara aos poucos, a partir de 1886. Com os direitos de cidadania readquiridos, os frades foram voltando. Apesar do exílio, a província estava unida. E novas casas foram abertas: Mönchengladbach, Bonn, Breslau (1889), Colônia (1890) (NEOTTI, 1991, p.10).

A exposição do cenário da Província da Saxônia nos anos que antecederam à missão no Brasil nos mostra que assim como a Alemanha, que durante a segunda metade do século XIX buscava sua integridade territorial e identitária e a conformação de uma nação, a província franciscana da Santa Cruz também se empenhava na revitalização de sua unidade física e de sua atuação dentro do território alemão. Nesse sentido, o que teria levado a Província germânica e seus religiosos a aceitarem a missão de reerguer a Ordem franciscana em contexto tão distante e desconhecido, enquanto eles próprios vivenciavam um processo de restabelecimento enquanto instituição religiosa dentro do próprio país?

As fontes revelam que o nome de Frei Gregório Janknecht, ministro provincial da Saxônia durante três mandatos na segunda metade do século XIX, representou a figura central e de liderança que oficialmente aceitou o empreendimento na missão brasileira, expandindo a área de atuação da instituição religiosa alemã. O mesmo líder anos antes

⁴⁴ A vestição significa o momento em que os jovens postulantes à Ordem Franciscana recebem seu hábito, representando sua entrada no noviciado e o início de suas trajetórias como frades franciscanos.

também havia sido o responsável pela já mencionada missão no território dos Estados Unidos que deu origem à Província do Santíssimo Coração de Jesus.

Em Roma, por ocasião do Capítulo Geral da Ordem Franciscana em 1889, em que tomara parte Frei Gregório, nasceu praticamente esta nova missão. Naquela época, **um dos últimos franciscanos no Brasil, Frei Antônio de São Camilo de Lelis**, se havia dirigido ao Papa com o pedido de conseguir novas forças para sua Província. Através do Cardeal Prefeito da Propaganda Fide, o Santo Padre Leão XIII recomendou o Brasil, como campo de ação, ao Capítulo Geral da Ordem. Em seu livro [...] escrevia Pedro Sinzig: “Províncias do mundo inteiro estavam representadas naquela ocasião na capital do mundo católico, **mas quem se mostrou disposto a assumir esta incumbência** foi um Provincial, que, pouco tempo antes, havia presenciado cair vertiginosamente sobre seus conventos a tempestade de uma implacável e devastadora luta Igreja/Estado (Kulturkampf): Frei Gregório Janknecht”. **O Padre Geral, Frei Aloysius Parma, transmitiu, então, à Província da Saxônia, por decreto de 18 de dezembro de 1889, este novo encargo em terras brasileiras** (GRIESENBRÖCK, 1991, p. 19-20. Grifo nosso).

Ao que parece, o aceite foi centralizado nas mãos do líder provincial, porém o anseio pela missão e pela atuação em outras partes do mundo já se fazia sentir dentre os jovens frades que compunham as fraternidades alemãs. Estes já sonhavam em realizar viagens a lugares longínquos como a Ásia para a evangelização junto aos chamados “infiéis”, como mostra os relatos de Frei Amando Bahlmann e Frei Pedro Sinzig que abordam sua vida ainda no país natal. A América do Sul era idealizada em torno da figura de São Francisco de Solano, religioso seráfico espanhol que em fins de século XVI empreende missões catequizadoras junto aos indígenas nas florestas inóspitas do território sul-americano de colonização hispânica. Sobre as aspirações dos jovens frades, relata frei Bahlmann referindo-se a acontecimentos durante seu noviciado:

O nosso Pe. Instrutor, como era chamado o Mestre dos Noviços, foi o bondoso Pe. Osmundo, homem cheio de zelo pela Ordem Franciscana e rigoroso observante da Santa Regra. **Ao mesmo tempo ele tinha um interesse extraordinário pelas missões entre os infiéis. A leitura da vida de S. Francisco Solano, grande apóstolo da América do Sul, despertou nos nossos corações grande entusiasmo pela vida apostólica.** Naquele tempo chegou a Harreweld um Bispo Franciscano da China, italiano, que pelos discursos **aumentou ainda mais o desejo de ir pregar aos infiéis. Na nossa ideia já estava próxima a coroa do martírio** (BAHLMANN, 1995, p.35-36. Grifo nosso).

O texto de Frei Pedro Sinzig compartilha também esses sonhos e encantamentos dos aspirantes à Ordem pelas matas virgens do Brasil ou pelos jardins da distante China, deixando entrever que dentro das obrigações referentes à vida religiosa, a missão em terras estrangeiras parecia ser a mais atrativa. A ela estava

associada também uma busca pelo primitivo, pela natureza, seja por meio das florestas intocadas brasileiras ou pelas maravilhas chinesas moldadas em jardins, aspecto que ganha mais relevância quando observamos que a Província da Saxônia se situava, como mencionado, em uma das áreas mais industrializada da Alemanha, tanto no século XIX quanto na atualidade. Buscavam nessas duas longínquas regiões não só o caráter exótico, como também a própria ideia de paisagem.

Muito também estimávamos, nos passeios, a presença de um dos padres - o já citado frei Cyriaco – que sabia contar-nos **histórias maravilhosas, e que, em particular, nos entusiasmava com a descrição de terras longínquas**. Onde ele aparecia, os estudantes não mais o deixavam. O tempo, em sua companhia, corria vertiginosamente. No melhor das narrativas, o sino echoava ou o apito, impondo silêncio e com ele outra obrigação qualquer. Realmente, ter que voltar, **no melhor da festa, das mattas virgens do Brasil ou do jardim d'um mandarim chinês** às conhecidas águas da Graefte, não era a cousa mais agradável, mas – a obediência era absoluta: quem a impunha, era a consciência (SINZIG, 1917, p.55. Grifo nosso).⁴⁵

Essa busca pela missão e pelo apostolado fora dos conventos é comumente atrelada ao desejo pelo sacrifício, uma idealização do martírio que parece encontrar suas bases na própria vida e nos anseios de Francisco que buscava a morte redentora entre os infiéis. Assim, as terras estrangeiras e distantes soavam como campo ideal para a penitência missionária que iria coroar a vida de um frade, mas com um adendo entusiástico ao apreço sonhador pelo usufruto de natureza, seja no seu estado selvagem ou belamente trabalhada na forma de jardins. Frei Amando mais uma vez relata essa aspiração: “naquele tempo, um célebre missionário franciscano, Pe. Fuchs (suíço), foi bastante maltratado nas missões da China. Animamo-nos a apresentar-nos aos Superiores para aquela Missão. Não era tempo ainda, mas o Superior ficou satisfeito” (BAHLMANN, 1995, p. 36).

O império asiático não possuía parcela significativa de convertidos, e o Brasil, aos olhos dos jovens alemães, era o lugar dos índios que precisavam ser evangelizados. A morte em um tronco de árvore com índios dançantes em sua volta por ter recusado negar a fé, soava como a morte ideal para os jovens missionários franciscanos. Frei Sinzig ainda coloca que as ambições dos alunos do colégio seráfico de Harreveld não estavam depositadas apenas no desejo de tomar o hábito franciscano. Era preciso mais. Almejavam as estradas, o estar em terras estrangeiras, algo semelhante a busca de

⁴⁵ O texto acessado se refere ao livro “Reminiscências de um Frade” original em português publicado em 1917, que faz parte do acervo digitalizado do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH), vinculado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da USF. Optou-se por não atualizar ou corrigir pequenos deslizes na escrita ao reproduzir as citações, mantendo-as fiéis à escrita do texto original.

Francisco segundo São Boaventura: “Pois [Francisco] dizia que a lei dos peregrinos era hospedar-se sob teto alheio, ansiar pela pátria, andar pacificamente de um lugar a outro” (LM 7 in TEIXEIRA, 2008, p.593)⁴⁶. Mas talvez, por um outro ponto de vista, a esse desejo estava acrescido o deleite de encontrar o exótico, ainda talvez ecoando, de alguma forma, os relatos de Goethe. Brasil e China eram idealizados não mais apenas por serem os aguardados celeiros dos chamados infiéis ou pagãos, mas acrescidos por uma aura trazida por uma admiração estética ao mundo natural.

Um bom número dos alunos de Harreveld **não se contentava em querer ser franciscano; queriam ser mais: franciscanos sim, mas em terra alheia, missionários.** O que mais me atraía, com muitos outros, era a China. As razões eram óbvias. O imperio chinês, na sua quasi totalidade, continuava pagão; além disso, os costumes eram taes que não estava excluída **a realização dum sonho extremamente caro: a corôa do martyrio.** Nada nos encantava a tal ponto como as leituras sobre missionários, suas privações, seu ardor apostólico e a sua morte pela fé.

Em igual plano, sinão superior ainda, **como os da China, estavam para nós os missionários entre os índios bravios.** A biographia do padre Baucke, da Companhia de Jesus, circulava como um tesouro extraordinário. Falávamos frequentemente sobre os nossos planos e esperanças. **Viamo-nos, em espírito, já atados a um tronco de arvore, e ameaçados de morte cruel, si não renegássemos a fé.** Qual! Não havia quem não esperasse supportar tudo, por amor a Deus, por mais que custasse. Só eu, frequentemente, em segredo, me affligia por um possível tormento que receiava poder ser mais forte que toda a minha vontade. Si os índios me expuzessem a fogo lento, dansando em redor da árvore e uivando como feras, ou si me cortassem em pedaços, não seria muito agradável, mas, enfim, esperava que Deus me desse força. [...]

Mas, isso da China e de missões entre os índios eram castellos no ar. A província franciscana da Saxônia, naquelle tempo, não mandava religiosos para outras terras a não ser por excepção. **Um dia, porém, estoura uma bomba no meio dos rapazes; vae de bocca em bocca um nome que até então quasi só conhecíamos da geographia, e que, de repente, se torna familiar, como si fosse de pessoa muito querida: Brasil.** (SINZIG, 1917, p.61-62).

A expectativa, a fantasia e o entusiasmo em torno da missão no Brasil aparecem nos textos sempre envoltos a um sentimento de curiosidade e também de êxito e sorte para aqueles que inicialmente foram contemplados com a indicação para a empreitada no país estrangeiro:

Quando a notícia de uma provável missão no Brasil chegou ao Convento de Werl, escrevi logo ao Pe. Provincial, que ainda estava em Roma, que eu, assim como manifestara a **minha prontidão de ir para a China, estava pronto também a ir para as Missões do Brasil.** Recebi a resposta gratíssima que eu haveria de estar **entre os primeiros** que seguiriam para a nova missão. **Daí em diante a Filosofia perdeu para mim o grande interesse. Eu me preparava conscienciosamente para as aulas, mas a minha fantasia já estava**

⁴⁶ A sigla LM 7 se refere ao sétimo capítulo da Legenda Maior de São Boaventura.

em terras longíquas. [...] Mas não quero me despedir dos alunos de Filosofia sem dizer que eles também criaram grande interesse pelas missões. Efetivamente, dos meus alunos em Werl, 4 foram para o Brasil. Alguns anos depois vieram: Fr. Peregrino⁴⁷, Fr. Fernando, Frei Gabriel e Fr. Solano. (BAHLMANN, 1995, p.53-54. Grifo nosso.).

Frei Amando prossegue declarando que esse sentimento de euforia também era compartilhado pelo superior da Província: “O Pe. Provincial Gregório estava entusiasmado. Ele já tinha atravessado diversas vezes o oceano para levar os seus religiosos à América do Norte. Ele mesmo tinha vontade de levar os primeiros religiosos da Saxônia para o Brasil” (BAHLMANN, 1995, p. 55). Finalmente, reafirmando esse quadro de excitação perante a viagem ao Brasil que se elevava na Província da Saxônia e perpassava os sonhos dos jovens religiosos, temos a emblemática narrativa de Frei Humberto Themans que se inicia ainda em território germânico:

O quanto eu me recordo, foi no mês de Agosto ou Setembro do mesmo ano [1889] que o mesmo [Frei Gregório Janknecht], voltando de uma viagem a Roma, trouxe a notícia da aceitação da Missão no Brasil. Ainda no dia de sua volta, ele me disse que tencionava mandar-me à missão no Brasil. Já que eu fora por vários anos seu camareiro, **ele conhecia meu desejo de ir para a missão: como ele várias vezes me disse, esperava desta missão tudo de bem** (THEMANS, 1991, p.07. Grifo nosso).

Em 12 caixotes e cestos tinham sido empacotados objetos necessários, **objetos de igreja, vestes, aparelhos de cozinha e ferramentas, incluindo também algumas espingardas, revólveres, facões.** [...] Alguns dias antes da partida, que foi de Warendorf, onde morava o Pe. Provincial e nós também, seguimos para Harreveld para participarmos de uma festa de despedida que promoveram o Noviciado e o Colégio. **Certamente muitos dos mais jovens confrades e alunos nutriam o escondido desejo de viajar juntamente conosco, invejando nossa sorte** (THEMANS, 1991, p.07. Grifo nosso).

Além do já abordado entusiasmo dos religiosos que começavam a construir uma noção idealizada do Brasil, o excerto traz à tona os elementos levados na bagagem da primeira expedição, já denotando uma primeira imagem do que poderia ser encontrado no novo país. Aparentemente, o Brasil se apresentava aos olhos desses religiosos não só como lugar dos sonhos, da missão, do território a ser conquistado e evangelizado, mas também o fantasiavam como lugar rudimentar desprovido de condições materiais mínimas, o que exigia o traslado também de aparelhos e ferramentas para o cotidiano. Ao mesmo tempo, quando optam por trazer espingardas, revólveres e facões, infere-se a imagem de um lugar de natureza selvagem, indomável ou até perigosa, que

⁴⁷ Trata-se de Frei Peregrino Hillebrand, o primeiro guardião alemão do convento franciscano de Penedo-AL entre 1904 e 1906, segundos as crônicas da própria casa.

vinculavam à identidade do novo país, distante de um mundo urbanizado e industrializado relacionado à Vestfália onde viviam.

Apesar do aceite para a missão brasileira datar do final de 1889, seu início ocorreu apenas um ano e meio depois, quando a situação no país fora considerada mais estável após a Proclamação da República. Além de Frei Bahlmann, líder do grupo e Themans, cronista da viagem, a expedição inaugural também contou com o sacerdote Frei Xisto Meiwes, e o irmão leigo Frei Maurício Schmalor. Sobre a jornada a bordo de um navio que levou os primeiros frades alemães ao novo país, Themans prossegue:

Aos 23 de maio de 1891, num sábado às vésperas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro partimos sem alarde de Warendorf para Bremen. [...] No dia 25 ao meio dia fomos ao porto para entrar no navio que devia partir no dia seguinte. “Graf Bismark” era o nome do navio que **nos devia levar para o novo mundo, à nossa futura pátria. [...] Com sentimentos de alegria e curiosidade, subimos ao navio. Nada havia que nos causasse temor.** Do imenso e irrequieto mar nada podíamos ver. Calmo sem movimento algum, o navio descansava sereno entre os demais colossos. [...] Depois de termos levado nossa bagagem para os camarotes, voltamos ao convés para ver a partida e **dar o último adeus à pátria que talvez deixaríamos para todo o sempre.**

Um sentimento estranho aperta o peito quando se vê que **os laços externos que nos unem a todos amigos aos poucos se perdem no infinito. Adeus, Pátria amada.** [...] Todavia a despedida não foi triste. Nenhuma lágrima correu. **O sacrifício foi feito,** a graça divina me **tornou fácil o sacrifício.** A **terra pátria aparece em contornos imprecisos** (THEMANS, 1991, p.07-08. Grifo nosso)

O texto do cronista mais uma vez caminha no sentido de destacar o aparente desprendimento do grupo com relação à sua pátria natal que ficava para trás e tinha seus contornos dissolvidos na imensidão da paisagem marítima. Usando palavras como alegria, curiosidade, ausência de temor, Themans joga luz a esse gesto de desvencilhar-se dos laços de sua terra como um sacrifício, mas ao mesmo tempo enaltece a ausência de sofrimento perante este fato, e já começa acolher o Brasil como sua futura pátria. Essa relação entre missão-alegria-sacrifício é comumente exaltada nos textos desses religiosos como característica inerente às viagens. Os missionários não devem fincar raízes e reconhecer que a vida itinerante é uma vida penitente.



Imagens 44 e 45 - A primeira expedição alemã a chegar ao Brasil. Da esquerda para direita: Frei Amando Bahlmann, Frei Humberto Themans, Frei Maurício Schmalor e Frei Xisto Meiwes. Recorte de jornal com reportagem que celebra os 100 anos da chegada dos primeiros frades alemães no estado de Santa Catarina.

Fonte: Arquivo da Província da Imaculada Conceição, 1891; Recorte do Jornal de Santa Catarina de 1991 encontrado no Arquivo da Província da Imaculada Conceição.

Todavia, cabe também considerar que este e demais documentos escritos consultados foram construídos não necessariamente no âmbito do privado, mas possivelmente direcionados a confrades contemporâneos ou futuros integrantes da Ordem que deveriam, da mesma forma, abraçar o ideal da missão e seus sacrifícios. Tratam-se de registros sempre movidos por certa intencionalidade, e não necessariamente uma verdade expressa, o que de fato inexistente, como vimos com Morin.

Os relatos entusiasmados da viagem ao Brasil, de certa forma, contrastam com a fisionomia desses religiosos que as fontes imagéticas nos apresentam. Os arquivos nos mostram um significativo número de imagens acerca desse momento importante do percurso missionário, ou seja, o deslocamento, a viagem propriamente dita. Sempre em grupos, uma vez que a missão raramente é solitária, mas compartilhada com outros irmãos, os jovens alemães são capturados com semblantes sérios, serenos, contidos, tendo a cruz na parte central da fotografia, como na referida representação da equipe inaugural.

O Cristo crucificado, presente na toponímia da Província da Santa Cruz da Saxônia, envolve renúncia e sacrifício próprio do espírito missionário. Esse caráter penitente também é lembrado nos terços cingidos nos cordões dos hábitos destes frades que insistem em aparecer nestas fotografias. Na imagem seguinte, em mais um registro desse momento envolvendo outra expedição, o comandante da embarcação que conduziria os jovens ao novo país se apresenta como o personagem mais sorridente, descontraído e relaxado da cena. Os franciscanos, trajando seus hábitos com cordão e terço acoplados portam braços cerrados e semblantes tensos, estariam

esses olhares aflitos pela incerteza dos caminhos que sucederão o traslado para o novo mundo, e que, de certa forma, parecem distantes dos sentimentos jubilosos encontrados nos relatos escritos?



Imagem 46 - Frades alemães no Brasil durante viagem ao Brasil, primeira metade do século XX. Fonte: SCHMITZ, 2010.

A *Missionskreuz* (cruz da missão), como denominada na legenda encontrada junto da imagem subsequente, ganha ainda mais força nesta fotografia da década de 1930, quando cada franciscano a carrega junto ao peito, excetuando o sacerdote Frei Vitalis Boklage, provável mestre dos jovens missionários, que pela ausência do item sagrado, subentende-se que não acompanharia os demais na viagem. Produzida ainda na Alemanha nos momentos que antecediam a partida, a fonte imagética retrata alguns rostos esboçando leves sorrisos, mas há ainda as feições tensionadas frente os caminhos que seguirão. Seria essa rigidez e seriedade na forma de se portar própria desses religiosos germânicos ou as fotografias foram construídas como testemunhos imagéticos do sacrifício a ser consumado?



Imagem 47 - Franciscanos na Alemanha antes de sua viagem ao Brasil portando a “cruz da missão”. Imagem da década de 1930. Fonte: SCHMITZ, 2010.

Quebrando um pouco o tom das cenas e das formas de representação dos grupos missionários viajantes anteriores, a fonte imagética que segue captura um momento de certa agitação, quando aparentemente o registro fotográfico não era esperado, retratando o início da missão para um grupo de jovens frades logo após a cerimônia litúrgica de despedida, segundo legenda encontrada junto da imagem. A pequena aglomeração se encontra na estação de trem de Bardel, zona rural da cidade de Bad-Bentheim no estado da Baixa-Saxônia, onde foi fundado em 1921 um grande convento-colégio destinado a formar franciscanos para a missão no Brasil.

Uma ampliação da fotografia evidencia semblantes mais entusiasmados apreendidos pelo registro inesperado. A imagem não esconde a intenção de registrar a concentração de pessoas em meio aos franciscanos de hábito, numa forma visual de expressar a importância do momento para aquela comunidade. Os vários garotos que também compõem a captura provavelmente seriam jovens alunos do Colégio Seráfico que, quem sabe, almejavam o mesmo destino para os anos vindouros.



Imagem 48 - Frades alemães iniciam sua jornada ao Brasil na estação central de Bardel, primeira metade do século XX. Fonte: SCHMITZ, 2010. Recorte e ampliação da autora.

Retomando a primeira viagem missionária ao Brasil, os quatro estrangeiros desembarcam no país em 20 de junho de 1891, mais precisamente em Salvador, estado da Bahia, onde permanecem por breve período antes de continuar o deslocamento para

o sul do Brasil, “porque tínhamos recebido a expressa ordem de ir a Santa Catarina, no clima moderado para lá nos aclimatarmos” (THEMANS, 1991, p.21)⁴⁸. O cronista do grupo permanece endossando a imagem romantizada dos religiosos alemães acerca do Brasil, destacando o encantamento com os elementos naturais da paisagem que avistavam, as especificidades do lugar, como espécies da vegetação local, o branco da cal típico das simples construções brasileiras, e também a ansiedade para o encontro com a agora nova pátria, como já mencionado, qualificada como a terra de seus sonhos:

Depois da missa subimos para o convés, para dali desfrutar a bela entrada na **nossa nova pátria**. O vento agradável da manhã não deixava passar o **calor sufocante** que mais tarde teríamos que suportar. Olhos e corações abriram-se ao **espetáculo colorido** que se apresentava diante de nós. **Palmeiras esguias e touceiras de bananeiras que estavam às margens balançavam à brisa da manhã como se quisessem nos saudar como abraço de boas-vindas.** [...]. À margem da praia **os moradores seminus, morenos** dedicados às suas ocupações. Aos poucos as casas apareciam mais numerosas em conjunto de vilas. Aproximamo-nos da cidade. Já de longe saudava-nos uma igreja construída em um promontório, dedicada a Santo Antônio. Ainda uma volta fechada e vemos diante de nós na **clara luz da manhã as casas brancas e as igrejas** da Bahia. Nosso companheiro de viagem, o baiano, diz o nome das diversas igrejas. Especialmente procuramos a Igreja de São Francisco que logo encontramos um pouco distante e um tanto escondida na cidade de cima. **Um pouco agitados, com o coração batendo, aguardamos o momento quando como primeiros alemães franciscanos pudemos pisar o chão da terra de nossos sonhos.** [...] Enquanto os outros ainda titubeiam para mais comodamente descerem à terra, aproveitei o primeiro contato do barco com a ponte de descida para pular para a ponte. **Quase despertei a inveja dos outros de ter sido o primeiro do navio a ter pisado o solo do Brasil.** (THEMANS, 1991, p.19-20. Grifo nosso).

A animada fala de Themans sobre seus momentos iniciais em terras tropicais já desenha as primeiras impressões do religioso acerca do país por ele idealizado. Observa-se um relato rico em experiências sinestésicas em que referências aos cinco sentidos são pontuadas em descrições que elencam as cores e texturas da paisagem, suas edificações, elementos naturais e também as figuras humanas do lugar com seus aspectos físicos, sua cor negra e formas robustas. No entanto, causa estranheza no religioso a pouca quantidade de roupas que portam os habitantes, sendo descritos até mesmo como seminus. É verdade que a indumentária padrão de fins de século XIX

⁴⁸ Apesar da missão da Província da Saxônia ter tido como objetivo primeiro a Restauração da Província de Santo Antônio no Nordeste do Brasil, as fontes mostram que as primeiras expedições de missionários se estabelecem em Santa Catarina para uma aclimação inicial em uma região de clima mais ameno junto aos imigrantes alemães. A sugestão teria partido de um sacerdote de Tubarão (SC) chamado Padre Topp, natural de Warendorf na Alemanha, de onde partiram e viviam os frades da Província da Saxônia (Revista Vita franciscana, 1926, p.16).

ainda não permitia uma exposição maior do corpo, e as escassas vestes podiam causar espanto, em especial para um religioso, mas talvez o frade não tenha considerado também que o clima nordestino não exigia as pesadas vestimentas das baixas temperaturas do centro europeu às quais estava habituado. Não obstante, ele próprio revela o desconforto de seu corpo com o calor dos trópicos, bem como com os gritos e o cheiro das ruas que percorreram logo após o desembarque. As frutas e doces nas cestas das negras atraem seu olhar e referenciam os sabores que podem ser encontrados no novo país.

As mais das vezes são pessoas **robustas, bonitas**. Às vezes, porém, são **asquerosos e olhos flamejantes**. **Todos estão vestidos somente com uma calça e uma camisa. Muitos não têm camisa. Nas cabeças das negras balançam cestas e outros vasilhames cheios de frutas e doces** que oferecem para compra debaixo de **gritaria ensurdecidora**. Um **cheiro abominável** percebemos nas velhas ruas. **Elas são estreitas e sujas**, pelo menos aquelas que nós tomamos para chegar ao elevador que nos levaria à cidade alta (THEMANS, 1991, p.20. Grifo nosso).

A vivência iniciada nos trópicos leva a atenção do religioso principalmente para os elementos exóticos, em sua concepção, desse novo mundo: os vegetais descritos são as bananeiras e palmeiras, a cor que reluz é o branco das edificações, as formas humanas apontadas são os negros, e as vestes que ganham destaque são a ausência dessas. Sensações contraditórias também são despertadas nesse relato, já que, se por um lado chega-se ao país dos sonhos, de espetáculos coloridos cujo seu acesso desperta inveja nos demais irmãos, por outro o barulho é ensurdecidor, o cheiro é abominável, as ruas são sujas, as pessoas são asquerosas, despontando, assim, os primeiros conflitos com a chamada nova pátria. A tradução para o português ainda suprimiu a frase “Besonders auffallend zahlreich scheinen hier die Neger zu Hause zu sein”⁴⁹ (THEMANS, 1923, p.45) presente na crônica original que mostra o espanto ou surpresa do religioso com a quantidade de negros na cidade de Salvador e com o fato de estes “estarem em casa” na capital da Bahia.

Essa alternância entre o encantamento e o desgosto perante o espaço por vezes caótico encontrado nas cidades brasileiras frequentemente ganham as linhas da narrativa de Themans. A primeira expedição franciscana alemã ainda fez paradas no Rio de Janeiro e em Santos antes de aportar da Ilha do Desterro, atual Florianópolis. Sobre estas cidades reporta o cronista:

[Sobre o Rio de Janeiro] **As pouco atrativas e sujas ruas ao longo do porto que percorremos às pressas** e nas quais se encontram apenas armazéns, **não deixam lembranças agradáveis**.

⁴⁹ Em número particularmente impressionante, os negros parecem estar em casa aqui. (T.A.)

Inesquecível, porém, permanece a **visão da cidade vista do mar** como o porto com sua vida e seus arredores.

[Sobre o Rio de Janeiro] Logo depois da entrada, que não é muito larga, **o mar se estende em indizível beleza diante de nossos olhos. Ele é tão grande**, que como se diz, todos os navios de guerra do mundo ali teriam espaço. [...] Sobremaneira **belas e de diversos aspectos surgiam do mar as muitas e pequenas ilhas** habitadas ou protegidas como pequenas fortalezas: devem ser umas 39 espalhadas pelo porto. **Era uma bela e clara manhã** quando entramos no porto. Diante de nós, estende-se uma imensa amplidão do porto.

[Sobre o Rio de Janeiro] Cintilantes e brancas reluziam ao longo as muitas igrejas, palacetes e moradias, e **fantásticas formas da Serra do Mar** formavam o pano de fundo. Com **o brilho do sol da manhã**, parecia surgir das **ondas do mar**. Aqui e acolá emergiam por entre os edifícios as esguias **palmeiras** reais ou outros grupos de **árvores e desenhavam um quadro que pensávamos transferidos para o paraíso. Principalmente para nós, tudo era muito belo**. Diante deste aspecto, **insinua-se no coração uma alegria que torna fácil ter deixado a pátria. Indizivelmente belo** é o que aqui se vê. No entanto, não é possível recebê-lo, e senti-lo em um momento só. **A alma não o pode conceber. Como um sonho, se está extasiado diante desta beleza resplandecente** e somente pelo barulho da chegada e do atracamento se é desligado desse sonho.

Na nossa saída, fomos obrigados lamentavelmente a dispensar de **contemplar com calma essa grandeza**. Trata-se agora de arranjar um lugar para as nossas bagagens e para nós. **Falta uma ordem como nos navios alemães**. É um **selvagem atropelamento**. O navio está super lotado. [...] Fomos obrigados a permanecer nos camarotes quase **sufocados**. O nome do navio é “Satélite”. É um novo navio, pronto há poucos meses, mas **já terrivelmente sujo. Uma limpeza diária do convés como nos navios alemães não poderia ser feita já devido à superlotação e, no entanto, com este calor aqui seria tão necessário**. [...] A primeira meta era Santos. A costa continuava sempre visível pelo que nesta costa montanhosa havia sempre variedade. Muitas vezes avançavam **os finais das montanhas até o mar e são beijados pelas ondas**. [...]

[Sobre Santos] Como a vida no Satélite, devido à superlotação, era quase **insuportável**, decidimos fazer um longo passeio pela cidade e arredores. O mesmo não nos foi agradável devido ao **calor sufocante**, que havia em terra como também ao pouco atrativo da cidade. No porto e nas ruas adjacentes havia um **cheiro pestilento e nojeira asquerosa** via-se por toda a parte. Como não faltassem também comentários de desprezo e **sinais de que teríamos de temer coisas piores**, não ousamos ir além, principalmente, porque estávamos sem guia e porque nos havia sido dito antes que Santos era a **cidade mais difamada** dos portos brasileiros. Fomos, portanto, de volta para o Satélite, para do navio observar a vida e o movimento. Era um **selvagem tumulto, um barulho ensurdecador, um xingatório, e às vezes uma aglomeração** uma briga entre os carregadores e os guias de burros, quando ocorriam encontros ou logros (THEMANS, 1991, p. 24-26. Grifo nosso.).

O missionário alemão prossegue sua narrativa enaltecendo a natureza brasileira e aspectos inerentes à paisagem local, fazendo uso de termos como “paraíso”, “sonho”,

“grandeza” para descrever o cenário que apreciava, e insinuando que em meio a este panorama a pátria natal já teria ficado para trás. Assim, é construída uma imagem do Brasil que vai migrando de uma idealização pautada na ideia de uma terra dos índios e das florestas virgens, para um lugar de contemplação de belas formas que surgem junto ao imenso mar.

A comparação negativa com o país natal, porém, é inevitável ao descrever o navio brasileiro “Satélite”, quando Themans reclama da ausência de ordem e limpeza no espaço se comparado com as embarcações alemãs. Temos mais uma vez um relato recheado com suas experiências sensoriais frente aos espaços encontrados. Se por um lado as cenas onde há uma relevância da “paisagem natural” desperta emoções comparadas ao paraíso, por outro lado as cidades visitadas – o Rio de Janeiro e Santos do século XIX – evocam sensações de repulsa. Ruas sujas, calor sufocante, cheiro pestilento, nojeira asquerosa, selvagem tumulto e barulho ensurdecidor são algumas das adjetivações usadas pelo religioso ao descrever sua percepção do lugar. O encantamento se dissipa quando há uma aproximação com o espaço urbano, seu cotidiano e todas as impressões e aversões que a cidade provoca, e o mesmo não é mais visto como uma paisagem distante.

Dessa forma, nota-se que a aproximação ou a distância do observador exerce determinante influência no conteúdo da narrativa e na apreensão do religioso acerca do espaço do novo país. Ao olhar o Brasil sob uma perspectiva distante, a partir do ponto de vista do navio, a nova pátria transforma-se em paisagem a ser contemplada e reverenciada, ganhando um sentido divino cuja grandeza e caráter indizível causam êxtase no narrador, algo próximo da ideia romântica do sublime e seu poder de causar admiração, de espantar, de comover. Por outro lado, quando este observador aproxima se aproxima do espaço e vivencia as cidades propriamente ditas, a imagem contemplativa do Brasil se dissolve, dando lugar a um conjunto de percepções repulsivas acerca da realidade que se encontrava, abrindo espaço pra os choques e conflitos com a nova nação.

Vários grupos de religiosos repetiram essa mesma jornada nas décadas seguintes, tendo como destino as novas fundações e missões no sul do país, os antigos conventos do Nordeste a partir do final de 1892 e as casas coloniais do Sudeste que só recebem os frades da Saxônia mais tardiamente a partir de 1899.⁵⁰ Frei Amando

⁵⁰ Frei Basílio Röwer (2008, p.209) levanta como possível motivo do atraso da chegada de frades alemães aos conventos do Sudeste uma possível falta de interesse e objeção do último Ministro da Província da Imaculada Conceição, Frei João do Amor Divino, à restauração das províncias encabeçadas por frades da Alemanha. Fragoso (1991, v.1, p. 54) ainda completa: “[Frei João do Amor Divino] os vai rejeitar categoricamente. Ele só irá assumir a restauração no ano de 1899, mas sob pressão da Internunciatura Apostólica”.

Bahlmann, quando faz rápido retorno a Alemanha em 1892, enfatiza que “O Pe. Provincial e o Pe. Gregório logo mandaram que me preparasse para outra viagem ao Brasil, e deviam ir comigo muitos outros religiosos para o Brasil. Muitos religiosos queriam ir ao Brasil” (BAHLMANN, 1995, p.73-74).

Essas viagens permaneciam ancoradas na busca pelo sacrífico, na idealização do Brasil enquanto local do martírio, a exemplo do que foi as terras distantes do Marrocos e da China, por exemplo, para os primeiros franciscanos, segundo os escritos dos primeiros biógrafos como Celano. Essa ideia animava os jovens também que compuseram a terceira expedição missionária que desembarca em fins de 1892, a considerarmos os escritos de Bahlmann: “Não se pode descrever os sentimentos que animavam os missionários, quando no dia 8 de dezembro lhes apareceu o litoral do Brasil. “Eis (diziam) a terra da Santa Cruz! Eis o lugar dos nossos trabalhos e dos nossos sacrifícios” (BAHLMANN, 1991, v. 5, p.19).

A exaltação do papel do missionário é também colocada por Frei Gregório Janknecht em relato de 1896 destinado aos confrades conterrâneos que atuavam no Brasil, destacando o seu próprio desejo de estar no país estrangeiro caso sua idade ainda o permitisse. O escrito foi elaborado após visita que o religioso fez às atividades da missão brasileira pouco antes de retornar à Alemanha, e também nele estava imbuída a intenção de acalmar protestos de alguns jovens religiosos insatisfeitos com o trabalho no Nordeste do Brasil e desejosos pela missão no sul do país, como frequentemente atestam fontes. Assim, o frade destaca que houve expectativas frustradas por parte de alguns jovens acerca do novo país, “porque ao deixarem a Alemanha tinham pensado mais no trabalho entre os índios pagãos do que na difícil tarefa de despertarem do sono da indiferença religiosa as populações católicas do país” (AS ÚLTIMAS, 1928, p.42), mas ameniza este fato qualificando como felizes aqueles destinados ao trabalho nesta missão.

Todos devem **considerar uma graça o poder ajudar e colaborar no reavivamento e na restauração da vida religiosa deste país**, desapiedadamente caída por terra. Segundo uma inspirada expressão de Leão XIII, há de se envidar esforços e trabalhar, nos tempos de hoje, ainda mais na conservação da fé do que em sua propagação. Seria, pois, **um erro funesto considerar infrutífero e inútil o trabalho da cura d’almas junto ao povo brasileiro**. Isto estaria longe de ser a opinião do Santo Padre⁵¹, que convoca e convida membros das mais diferentes Ordens religiosas, de todas as partes do mundo, a tornarem a ocupar os abandonados conventos do Brasil, a introduzirem e a fortificarem a observância regular e promoverem as vocações, **com o objetivo de renovar a fé do povo crente e leva-lo a uma vida, que seja católica**, de fato, e não apenas de nome. **Talvez alguns dos**

⁵¹ Trata-se do Papa Leão XIII que teria proferido o seguinte alerta: “Em nossos tempos é mais necessário o trabalho pela conservação da fé do que o esforço por sua propagação” (AS ÚLTIMAS, 1928, p.42).

confrades tenham alimentado expectativas outras das que encontraram aqui. Eu, de minha parte, não tenho nenhuma dúvida em qualificar de felizes a todos aqueles que foram chamados para o trabalho nesta Vinha do Senhor. E quando olho para o grande número de jovens, que se dedicam a esta **obra santa**, sou acometido de santa inveja e dor no coração por já se terem ido meus anos. Ah, tivera eu ainda meus 20 anos! **Como teria gostado imensamente de trabalhar aqui na Missão, em qualquer lugar**, com todas as minhas forças! (JANKNECH, 1991, v.4, p.27-28. Grifo nosso).

Frei Amando Balhmann mantém o mesmo tom de enaltecimento do trabalho missionário, com um viés propagandístico, em sermão dirigido a conterrâneos na Alemanha no ano de 1908, relatando os trabalhos e sacrifícios feitos pelos religiosos alemães no Brasil e destacando o trabalho nas missões pelo mundo com seus percalços como um ideal de vida cristão. O discurso também é um apelo para novas vocações a atuarem fora de sua terra natal, e a escolherem as estradas como forma de expressarem seu amor pela fé católica, nas palavras do religioso. Assim, afeição pelo apostolado in via, desconectado de raízes com o lugar, e movido pelo ideal religioso da “salvação das almas” comumente associado ao carisma franciscano, se apresenta nos relatos como grande motivador para a missão brasileira.

Também na Alemanha muitos franciscanos partiram como missionários pelo mundo afora. No tempo do Kulturkampf, nos anos [18]70, muitos foram para as missões na América do Norte. E 17 anos atrás os franciscanos alemães foram também para a América do Sul, para o Brasil, para lá trabalharem nas Missões. Foi no ano de 1891, quando também eu com mais alguns confrades fomos enviados para o Brasil. Muitos franciscanos alemães nos seguiram. Mas também desta Missão, que apenas começava a florir, o nosso bom Deus exigiu um sacrifício. **No ano de 1896, 10 jovens franciscanos não resistiram à febre amarela. Mas isto não desanimou os que já estavam no Brasil nem assustou os irmãos da Alemanha, que já se tinham decidido ganhar almas para Deus neste campo de trabalho.** Chegaram sempre mais, de forma que o número dos franciscanos alemães hoje já é de aproximadamente 280. (BAHLMANN, 1995, p.202. Grifo nosso).

O amor à fé católica deve motivar-nos a trabalhar com entusiasmo na sua propagação também em outros países, também em terras pagãs. Como? Em primeiro lugar e de uma forma muito real pela entrega de corpo e alma à obra da propagação da fé. Se outros assim o fizeram e ainda o fazem, por que não poderíamos fazê-lo nós? Outros se tornaram missionários, por que nós não nos tornamos missionários? Felizes os rapazes, as jovens que se consagram à vida missionária! De todas as obras divinas, **a mais divina é trabalhar pela salvação das almas**, dizia São Gregório Magno. Quem tiver talento e aptidão para isso, quem se sentir chamado deve seguir com coragem a voz de Deus! (BAHLMANN, 1995, p.206. Grifo nosso).

As duas primeiras expedições que chegam ao Brasil (junho e dezembro de 1891) se fixam no sul do país, mais especificamente em Santa Catarina e expandem suas atividades para outras cidades catarinenses, como Blumenau, Lages e Rodeio. Após

experiência inicial no Sul, a Província da Saxônia retoma a ideia de sua missão original, e passa a enviar franciscanos para o estabelecimento definitivo no Nordeste. Apenas a partir de dezembro de 1892 chegam os primeiros religiosos a Salvador, onde iniciam a Restauração da Província de Santo Antônio.

E será justamente no Nordeste brasileiro que os conflitos com a realidade local se desenharão de forma mais contundente. Como apresentou Frei Bahlmann, a epidemia de febre amarela no Brasil no final do século XIX representou uma das passagens em que a missão no país ganha ares de sacrifício, a penitência que como já mencionado estava associada ao trabalho missionário, à busca do frade franciscano. No entanto, o próprio sacrifício passa a ser colocado em xeque frente aos choques dos religiosos com a realidade, com as pessoas e com a própria condição social e ambiental que encontram no Brasil. Paradoxalmente à fala do religioso em terreno alemão, as fontes relatam que em fins de século XIX houve um crescente descontentamento com o trabalho no Nordeste entre os jovens frades que viam o sul do país como local ideal para o desenvolvimento da missão, como sustentam os próprios religiosos que vivenciaram esses conflitos. Frei Adalberto Kirschbaum, que inicia sua trajetória no Brasil em 1893, relata:

Frei Ireneu⁵² tinha também chamado alguns padres do Sul, para a Bahia, afim de avaliar a situação na Província. **Estes descreveram a beleza do Sul, nas cores mais lindas. As admiráveis matas virgens, os muitos trabalhos na cura d'almas etc.** Eles entusiasmaram a todos, e os convidaram a fim de irem para S. Catarina. Tal coisa foi como "água nos moinhos". **Começou então a tempestade. De forma alguma se queria ficar nos velhos conventos do Norte, e por outro lado, se desejava ir para o Sul.** Um padre já tinha regressado à Alemanha, sem licença dos seus superiores. Outros o seguiriam, de bom grado. Cartas iam e vinham em direção à Alemanha, até que, por fim, Frei Ireneu, que não queria abandonar os velhos conventos, foi destituído (KIRSCHBAUM, [s.d], p.146. Grifo nosso).

Neste momento, observa-se que o "sacrifício" próprio da missão passa a ser trocado pela praticidade e facilidade de se exercer o trabalho em região de condições ambientais e sociais mais próximas à terra natal, gerando um conflito entre os defensores do norte e do sul que marcará os anos iniciais da presença franciscana alemã no Brasil, pelo menos até 1901 quando as duas antigas províncias seráficas do país foram declaradas restauradas⁵³. Uma série de circunstâncias corroboraram para a

⁵² Trata-se de Frei Ireneu Bierbaum, primeiro comissário da Saxônia para a missão brasileira que é destituído no cargo e volta à Alemanha em 1895, frente às duras críticas recebidas pelo apoio à permanência dos frades alemães nos antigos conventos do Nordeste (NIGGEMEYER, 1991, p.10-13)

⁵³ O decreto de ereção (ou nova ereção) das Províncias Santo Antônio e Imaculada Conceição foram publicados em 14 de setembro de 1901 pelo Vigário Geral da Ordem, Frei Davi Fleming (KLEIN, 1991, v. 6, p.9).

formação de uma imagem negativa do Nordeste brasileiro, ou até mesmo preconceituosa, como profere Frei Gregório Janknecht em carta enviada do Brasil no ano de 1895 ao então Ministro Provincial da Saxônia. O espírito missionário enfraqueceu-se quando a realidade local é rejeitada e passa-se a perceber o novo contexto com o olhar voltado para suas próprias origens.

Com efeito, não se pode negar que exista entre a maioria dos membros da Missão um sentimento de insatisfação e agitação, provocado pelos muitos casos de doença, ocorridos no ano transcurso, entre os confrades dos conventos do Norte. A isso sobrevém **as descrições exageradamente otimistas das vantagens da vida no Sul**. Assim aconteceu que, **no Norte, tudo passou a ser objeto de crítica**, chegando-se a achar que a vida e o trabalho entre os brasileiros estariam absolutamente condenados ao malogro. O resultado foi a queda numa insatisfação geral, e evidentemente, inquietante. Este estado de coisas pode tomar maiores proporções, com mais facilidade, **devido ao fato de que nenhum dos confrades jamais havia saído dos confins de seu torrão natal e do território de nossa Província**. Eles consideravam as circunstâncias religiosas da pátria longínqua como critérios de julgamento da nova situação **e caíam assim em preconceitos contra tudo o que fosse estranho e divergente** (JANKNECHT, 1991, v. 4, p.24-25. Grifo nosso).

Acerca das percepções negativas sobre o Nordeste brasileiro, os relatos escritos entrevem uma série de fatos que foram contribuindo para a construção dessa imagem. Talvez o principal desses acontecimentos tenha sido a epidemia de Febre Amarela em 1896, mencionada anteriormente, obrigando os religiosos saudáveis a deixarem as casas para evitar novas infecções⁵⁴: “Enquanto todos que tinham ficado se esforçavam com grande solicitude por conter e reprimir a força da doença, as partes internas do convento [de Salvador] eram esterilizadas com meios clínicos, a fim de se destruírem os germes danosos” (KLEIN, 1991, v.6, p.24). O relato de Frei José Pohlmann descreve a passagem em que os frades são obrigados a deixar o convento da capital baiana, deixando subentender um possível desprezo das autoridades com relação aos seráficos e uma tentativa de ridicularizá-los, em especial pelo traslado ocorrer em um dia de Carnaval em plena Salvador:

A 13 de fevereiro de 1896, morreu no convento da Bahia Fr. Estanislau Brokoetter. O nosso bom médico da casa, Dr. João Gustavo dos Santos, tudo fez para o salvar. Em vão! O doutor tinha então de comunicar o fato à Saúde (pública). **Ali, porém, estavam então senhores, para os quais nós religiosos nada significávamos**. Os meios mais radicais deviam se empregados, para impedir a expansão da febre amarela, da qual Fr. Estanislau tinha morrido. A comunidade inteira foi instada a desocupar o convento. Somente os que já estavam doentes, bem como o serviço absolutamente necessário, poderiam

⁵⁴ De acordo com texto do alemão Frei José Pohlmann acerca desta epidemia no ano de 1896, 14 religiosos da Alemanha padeceram da Febre Amarela no Brasil, nove residentes do convento de Salvador e cinco habitantes do convento de Recife (POHLMANN, 1991, v.6, p.22).

permanecer. O Governo colocou à disposição um vapor que conduziria uma parte dos religiosos a Paraguaçu e outros a Cairu. Foi incontestavelmente um bem que os sadios abandonassem por algum tempo o convento da Bahia. **Porém, as circunstâncias e o modo como se devia processar a mudança foram duros e irrazoáveis.** Coisa alguma se poderia levar consigo: nenhuma coberta e nenhum manto; **sim, o Dr. Fulano queria e nós tínhamos de ir para o vapor em hábito inferior.** Naquele tempo, nós usávamos hábitos inferiores de cor azul, e o êxodo devia se concretizar em um dia de Carnaval. **Por isso se fez um protesto contra tal exigência, e se prescindiu dessa medida sem sentido** (POHLMANN, 1991, v.6, p.20. Grifo nosso).

Os frades residentes na casa seráfica da capital pernambucana também registram os momentos em que epidemia castigou a comunidade: “O convento parecia um hospital. Como me recordo bem, havia uma vez doze religiosos doentes com febre. Só eu, que, como enfermeiro tratava deles, fiquei isento dessa doença maligna” (BROCHTRUP, 1991, v.6, p.30). Os relatos registram que as casas pernambucanas, Recife e Olinda, em especial, eram constantemente castigadas por doenças advindas das regiões tropicais: “No convento do Recife, as febres e a doença de beribéri, pelas quais nos anos passados os nossos frades frequentemente tinham sido afetados [...], ainda não tinham cessado; e vários [frades] enfermos, por vezes se refugiavam em Camaragibe, onde, em casa do Dr. Carlos Alberto de Menezes, amigo e benfeitor insigne, eram tratados com grande caridade e liberalidade” (KLEIN, 1991, v.6, p.24).

Pelo aspecto dramático da situação que vitimou dezenas de religiosos, e pela qualificação deste fato como um dos grandes sacrifícios inerentes ao trabalho missionário dos frades alemães no país, os episódios relativos às epidemias e enfermidades aparecem de forma frequente nos relatos dos primeiros restauradores. Se somarmos as doenças enfrentadas no Nordeste às descrições da situação em que se encontrava a materialidade dos conventos nordestinos, pode-se inferir que os jovens religiosos relacionavam a insalubridade das antigas edificações com as doenças que se propagavam. Os antigos conventos e o clima nordestino, portanto, ganhavam o estigma de disseminar enfermidades.

Frei Matias Teves (1967, p.45) usou a expressão “conventos anti-higiênicos” para explicar um dos motivos que provocavam as moléstias frequentes entre os religiosos que trabalhavam no Nordeste. Frei Damião Klein (1991, v.6, p.17) discorrendo sobre o convento de Salvador expõe que o então abandonado prédio ainda “não tinha ainda sido purificado suficientemente dos germes doentios”, e ainda complementa quando a Febre Amarela invade a casa baiana pela segunda vez em 1897: “Naquele tempo, a epidemia da Febre Amarela quase nunca se podia dizer ter sido plenamente

extinta, e os seus maus germes facilmente se infiltravam pelas paredes do convento” (1991, v.6, p.28).

A narrativa de Teves traz descrições detalhadas do estado do convento de Salvador em fins de século XIX, destacando as perdas materiais enfrentadas pela casa, não só do ponto de vista arquitetônico, mas também dos bens móveis a ela relacionados, como livros e alfaias, e nos fornecendo uma imagem textual do ambiente encontrado pelos restauradores a partir da percepção dos mesmos. Se por um lado pessoas ainda moravam na principal casa da velha Província, por outro o alemão destaca a inabitabilidade do lugar. Referências à insalubridade do espaço se sobressaem quando o religioso descreve os odores e texturas do convento: o cheiro é de podridão, as superfícies são estragadas, carcomidas e úmidas, o ambiente é escuro e abafado, a casa é repelente e desagradável. A materialidade causava repulsa não pela sua grandeza material, mas pela decadência desta:

A restauração ia ser iniciada no convento da Bahia. Vasto edifício solidamente construído, haviam as paredes mestras, resistido à inclemência dos tempos, mas internamente não passava de um **montão de ruínas**. Principalmente o corredor térreo, onde se achavam o refeitório, a cozinha, as celas dos serventes e irmãos donatos, no raio sul o antigo cemitério, onde se enterravam também pessoas seculares, as catacumbas em grande parte estragadas: **ossos humanos pelo chão, estava completamente estragado**. O piso aí era de barro batido, **o ambiente úmido e abafado**, as paredes sem calça e sem reboco, todo um conjunto do **mais desagradável aspecto e repelente, escuro e mal arejado**. A cozinha imprestável se encontrava para o lado do pátio onde havia antigamente as senzalas para os escravos, tudo em ruínas. As celas dos corredores do primeiro e segundo andar para o lado sul e ocidental do convento formavam **cubículos mal conservados em que residiam pessoas seculares e alguns sacerdotes** tanto no andar de baixo como nos de cima. A bela e rica **biblioteca devastada pelo cupim, as muitas e preciosas obras de valor, carcomidas pela polia e pela traça, imprestáveis, que ao serem abertas se desfaziam em pó**. A magnífica e célebre igreja ainda conservava imponente aspecto, mas de tal forma estragadas estavam as ricas obras de talha, **o cupim havia causado tão graves estragos** que em parte vinham caindo do teto pesados florões, e **o ambiente era de um ar abafado e podre, que mal se aguentava ficar por muito tempo** naquele templo falando de esplendores antigos, de fulgúres de ouro por toda parte, mas que apenas fulgurava de **peças estragadas e carcomidas, cheirando a podridão. A sacristia com seus majestosos adornos era igualmente empoeirada e grandemente deformada. As ricas alfaias haviam desaparecido, mal sobrava o necessário para celebrar. O claustro majestoso era lugar de vadios** que aí haviam causado bastantes estragos, uma vez que a portaria sempre aberta dava acesso a quem não tivesse outro abrigo. **Clausura não existia**. Do que constava do inventário pouca coisa ainda foi encontrada, alguns paramentos velhos e esfarrapados e alguns cálices. Apresentava o aspecto de um **castelo de fadas, arruinado** pela ausência dos donos e a incúria dos que o visitavam (TEVES, 1967, p.29-30. Grifo nosso).

Além da situação física do espaço conventual, também chamou a atenção do franciscano a presença de seculares e outros sacerdotes que residiam nas dependências do convento, assim como os denominados “vadios” que ocupavam o claustro do edifício, consequência do processo de exclaustração que esvaziou as casas e também de um afrouxamento da observância da Regra religiosa ao longo do século XIX. Se o espaço de atuação do frade é junto das pessoas nas cidades e estradas, o convento é espaço de recolhimento e nutrição espiritual, onde a vida em fraternidade propriamente dita se desenvolve e dessa forma a clausura é parte do cotidiano conventual. Assim, não surpreende o fato de que a presença de seculares nos antigos edifícios tenha incomodado os frades da Alemanha que parecem chegar ao Brasil com um impulso de “ordenamento” da situação religiosa aqui vigente. Até mesmo as irmandades profundamente ligadas às camadas populares, que possuíam certas vantagens dentro do convento de Salvador, não foram aceitas pelos novos moradores.

No convento de S. Francisco havia algumas celas desocupadas. Nas outras estavam os padres Franciscanos (4) e alguns padres seculares e muitos criados e diretores ou irmãos das Irmandades. [...] Os padres seculares reconheceram a necessidade de procurar outras casas. Mas os irmãos das Irmandades não podiam ou não queriam compreender isto. Muitos destes irmãos não moravam sempre no convento, mas queriam conservar lá uma cela à disposição. Finalmente eu disse ao Pe. Provincial: - No convento, ou ficam os irmãos das Irmandades ou nós. Assim não é possível preparar o convento para novos religiosos; as nossas malas estão ainda fechadas. Podemos ainda, sem dificuldades, tomar o vapor e seguir para Santa Catarina, onde temos as nossas casas limpas. – **Oh Frei Amando, - disse o Pe. Provincial [Frei Camilo de Lélis], - quero fazer tudo, mas não devemos desgostar os Irmãos das Irmandades; são eles que fazem sempre algumas festas e isto serve para nosso sustento. Eu respondi: - Já estamos esperando há tantas semanas. Agora é tempo de tomar providências** (BAHLMANN, 1995, p.75-76. Grifo nosso).

As confrarias, ou seja, as associações religiosas de leigos que nascem no país ainda no período colonial, trazem um caráter popular ao culto católico, em especial aos franciscanos, promovendo a devoção a um determinado santo. A própria condição da colônia distante dos grandes centros europeus, envolvendo o aspecto rudimentar do meio que dificultava até mesmo um controle maior das instituições e a escassez de material humano podem ter contribuído para esse caráter leigo que moldou a Igreja no Brasil dos séculos coloniais. Riolando Azzi coloca que essa presença leiga conduzida pelo aspecto devocional foi uma das características que diferenciou a Igreja do Brasil colonial da Igreja Europeia, que no geral enfatizava “a praxe sacramental e consequentemente o clericalismo, passando o leigo a ocupar uma posição totalmente passiva, em contraposição a valorização do leigo na Reforma Protestante.” (AZZI, 1977, p.171).

Tendo as confrarias ainda presença forte nos conventos de fins de século XIX, essa inserção popular nas entranhas do convento, também teria de certa forma escandalizado os frades alemães habituados com um regime em que ordem, clausura e clericalismo ditavam o cotidiano das casas. É provável, inclusive, que a presença de religiosos estrangeiros e o impacto que exerceram dentro do novo catolicismo que irradiam no país tenham contribuído para a esvaimento da força das irmandades durante o período republicano: “Essas confrarias tiveram seu período áureo no período do Brasil colonial, e perduraram fortes ainda na época imperial. Durante a fase republicana esse tipo de associação religiosa passou a ser marginalizado pela Igreja oficial, que começou a valorizar um novo tipo de associação religiosa mais vinculada ao clero, como o Apostolado da Oração, as Congregações Marianas e as Filhas de Maria” (AZZI, 1977, p.234).

Frei Matias Teves também detalha esse imbróglio com as diversas confrarias que ocupavam o convento baiano, qualificando como indecente o fato destas coletarem esmolas junto à comunidade por meio de cofres nas igrejas. Frei Damião Klein usa palavras como “abuso” ou “coisa que não se podia tolerar” (KLEIN, 1991, v.3, p.14). Soava estranho para os religiosos alemães o fato de uma igreja franciscana ser dotada de urnas para a recepção de dinheiro, quando o âmago do franciscanismo impede qualquer aceite de recursos que não sejam destinados ao sustento necessário.

Existiam domiciliadas no convento dez irmandades: a de N. S. da Conceição e Glória, de São Vicente Ferrer, de São Pedro de Alcântara, de São Benedito, Santa Efigênia, São João Batista, N.a S.a dos Anjos, Sta. Luzia, Sta. Cecília, N. S. da Congregação dos artistas. Tôdas elas estavam instaladas no convento do qual ocupavam a maior parte habitável, onde também faziam as suas reuniões e guardavam as suas alfáias, assim como tinham as suas caixas de esmolas. Era grande a dificuldade de convencer as irmandades de que já não podiam ficar no convento tanto mais quanto também os antigos religiosos recebiam delas alguma subvenção, a ponto de Frei Camilo declarar que não era possível obrigá-las a sair, uma vez que já tinham direitos adquiridos. [...] Frei Camilo então, compreendendo a necessidade impreterível, avisou as irmandades de que tinham de sair do convento para que nele se pudesse estabelecer o noviciado e acomodar tudo como a vida da comunidade o exigia, determinando ainda que, de conformidade com os dispositivos da vida franciscana, **deviam retirar da igreja as caixas de esmolas, cofres, etc. por ir de encontro às disposições dos nossos estatutos, mandando: “e ficam proibidos desta data em diante não só êstes como qualquer outro meio de arrecadar dinheiro dentro da igreja, por que é indecente e contra os estatutos”**. (6.11.1893). Depois de alguma relutância obedeceram as irmandades efetivamente às ordens do Provincial, deixando o convento e ao mesmo tempo definitivamente a igreja onde funcionavam. Só à irmandade de S. Benedito foi permitido continuasse a guardar numa dependência, ao lado do côro, algumas arcas com alfáias e ficou a mesma na igreja (TEVES, 1967, p.29-30. Grifo nosso).

Se deixarmos o convento de Salvador e nos deslocarmos para Recife, as irmandades que ali residiam, a saber, a da Santíssima Trindade e a de São Benedito também foram intimadas a deixar a casa a fim de abrir espaço para a chegada de novos religiosos (TEVES, 1967, p. 44). Em Penedo, Alagoas, também encontramos registro do afastamento da Irmandade de São Benedito do convento nos anos de 1920: “A Irmandade de São Benedito sempre teve sua sede no convento dos franciscanos, todavia, por razões ignoradas foi de lá desalojada pelo padre provincial em 27 de janeiro de 1924 e transferida para a Igreja de Nossa Senhora da Penha” (MÉRO, 1991, p.350). Percebe-se, portanto, uma clara resistência dos frades germânicos à apropriação de partes dos conventos pelas irmandades religiosas, indo de encontro a práticas populares devocionais que marcaram as casas seráficas desde os tempos coloniais.

Para além das confrarias, o comportamento dos frequentadores do espaço religioso também causou estranhamento nos frades estrangeiros. Assim como Themans descreveu sua surpresa com as figuras humanas brasileiras em seus momentos iniciais pelas ruas de Salvador, essa observação com ares de desconfiança e espanto das atitudes e costumes do povo, suas feições, vestes e cores também adentrará nos cômodos conventuais e na igreja. Como visto, Frei Themans descreveu em sua chegada à Bahia o barulho ensurdecedor das ruas da capital, já Frei Pedro Sinzig tem um choque ainda maior: habituado com o silêncio como o principal som a ecoar no interior de um templo religioso, ele não nega o choque com as sonoridades da igreja conventual de Salvador, onde se entoavam conversas, choros, soluços.

O serviço divino trouxe-nos uma surpresa não pequena. Acostumados a um respeito e silêncio absolutos na igreja, com verdadeiro espanto **vimos que ricos e pobres ahí entravam conversando alto até a hora da missa**, e reatando, depois de concluída esta, o fio da palestra. **Abraçavam-se, costume também novo para nós, com uma sem-ceremonia**, como si isto fizesse parte do ritual romano. Peor nas missas de sétimo dia. **Disseram-nos, e creio-o até hoje piamente, que ahí não só os parentes choravam, o que não era de extranhar, mas que se pagavam mulheres para que chorassem bem alto**. O que vimos confirmou plenamente esta afirmação. **Foram choros e soluços que não mais acabavam, a não ser que sobreviesse algum desmaio, também frequente** (SINZIG, 1917, p.90. Grifo nosso).

A gestualidade exagerada, intensa, teatralizada – ou até mesmo barroca - dos brasileiros chama a atenção do religioso, refletindo uma mentalidade que envolve certa rigidez, seriedade e sobriedade que no geral se vincula ao modo de vida germânico. Guardando todas as ressalvas, pode-se até mesmo fazer uma aproximação entre esse comportamento dos brasileiros que causou inquietação no alemão com a gestualidade medieval voltada à religiosidade e até mesmo com certas atitudes de Francisco, qualificado como uma personagem carnavalesca pelo medievalista André Vauchez

(2009). Quando voltamos até a Idade Média, vemos um Francisco que beija o leproso, e oferece “espetáculos” instrutivos – e até mesmo exagerados - em praça pública⁵⁵. Com ares cômicos, Frei Sinzig apresenta em suas reminiscências outras surpresas que lhe reservavam o novo país, que lhe causavam um espanto inicial:

A festa de São Benedicto (o Santo preto) trouxe **outra novidade**. Já tinha começado a Missa Solemne. Em pleno fervor de noviciado, durante o Santo Sacrifício, **não virávamos a cabeça, nem de leve, mantendo-nos numa atitude de respeito que, realmente, mal podia ser excedida**. Mas, eis que, **com espanto**, vejo surgir bem ao meu lado, no presbyterio, um homem, cuja presença, por muito recolhido que eu me mantivesse, não era possível passar desapercibida. **As côres de uma capinha, que nem lhe chegava até aos joelhos, eram tão berrantes - creio que iam juntos azul claro, vermelho e mais outra côr bem viva - que irresistivelmente attrahiam os olhos.**

Não sabia o que pensar, quando vi surgir ao lado, outro, vestido da mesma maneira, e outros ainda. **Será um grupo - nem ousou pensá-lo - de carnavalescos, que vêm profanar o culto divino?** Mas, como é que, neste caso, puderam passar impunes por toda a igreja, que se mantém tranquilla, até ao presbytério?

Crescem as minhas preocupações, quando vejo um dos homens, preto, aproximar-se da parte mais elevada do presbytério, onde se achavam sentados, durante o Gloria, os padres e os noviços que serviam de ajudantes de missa. Aproxima-se de um destes e procura chamar-lhe a atenção. **O noviço, sentado mais em cima não ouve, ou não quer ouvir. Vae, então, o pretinho de azul e vermelho, e não sei que mais, curvar-se para a frente, até chegar com a mão estendida aos pés do religioso, começando a puxar o dedo maior do pé descalço.** Nessas condições, **o pobre do noviço não tem mais recurso sinão attender ao carnavalesco**, que apenas pedia uma...tocha. Venho, então, a comprehender que **esses homens não queriam fazer mal nenhum, embora durante o resto da missa não desaparecessem de todo os meus receios.**

Contaram-me, depois, que a sua roupa multicolor não era nenhum travesti nem nenhum dominó cortado ao meio, mas que se chamava opa, e que os seus portadores formavam a Irmandade de São Benedicto... (SINZIG, 1917, p.90-91. Grifo nosso).

O próprio frade alemão toma consciência desse contraste entre a sua maneira de se colocar no espaço religioso e a dos negros da Irmandade de São Benedito quando inicia seu relato descrevendo a forma que os alemães participavam do culto católico:

⁵⁵ Tomás de Celano traz uma interessante passagem desse caráter teatral do franciscanismo primitivo em que Francisco promove uma espécie de espetáculo na praça central de Assis: “Aconteceu uma vez que, enfraquecido pela enfermidade, depois de ter comido um bocado de carne de frango, tendo retomado de algum modo as forças do corpo, entrou na cidade de Assis. E depois que chegou à porta da cidade, ordenou a um irmão que estava com ele que lhe amarrasse uma corda ao pescoço e assim o arrastasse como a um ladrão por toda a cidade, clamando e dizendo em voz de arauto: “Eis! Vede o glutão que se engordou com carnes de galinha, que ele comeu, estando vós a ignorar.” Por isso acorriam muitos a tão estupendo espetáculo e, chorando com repetidos suspiros, diziam: “Ai de nós, míseros, cuja vida toda se resolve em sangue, e nutrimos nossos corações e nossos corpos com luxúria e embriaguez”. E assim, de coração compungido, eram estimulados por tão grande exemplo a um estado de vida melhor” (1Cel 52 in TEIXEIRA, 2008, p.233).

despojados, descalços, imóveis e concentrados, no que ele qualifica como atitude de respeito. Em discrepância, Sinzig vê com espanto as roupas coloridas, berrantes em suas palavras, e de tamanho reduzido (“nem lhe chegava até aos joelhos”) dos membros da irmandade, que aos olhos do religioso não estariam apropriadas para a presença no interior da igreja, o que o leva a confundi-los com “carnavalescos” e até mesmo temer por suas ações. Assim, vemos uma apreensão da realidade brasileira muito alicerçada em impressões visuais e nos contrastes com a bagagem cultural e espacial desses religiosos, seja na descrição das paisagens, do lugar, ou também das pessoas, seus costumes e seus comportamentos. Tem-se aqui, portanto, mais um exemplo das diferenças culturais e seus choques que ganharam forma na trajetória dos frades alemães no país.

Para além das surpresas e novidades, as fontes primárias também expressam os desentendimentos e/ou incompreensões mútuas entre frades alemães e a população, que não se restringiram às confrarias. Frei Adalberto Kirschbaum coloca que desde o primeiro momento no território brasileiro, em 23 de maio de 1893, a chegada dos missionários despertou reações diversas: “fomos recebidos pela população com sentimentos mistos. Uns foram ao nosso encontro no porto, com turíbulo, e cantaram: “Benedictus qui venit!”. Outros, porém, levantaram pedras e gritaram: “Morram os frades!”” (KIRSCHBAUM, [s.d], p.146). O alemão também acrescenta a existência de um sentimento de desconfiança por parte da população, decorrente de um afrouxamento da disciplina em que vivia o clero no período.

Era então muito triste e sem esperança a situação religiosa neste país, de forma que se costumava ouvir muitas vezes a afirmação: “O Brasil está perdido!” Não havia nem freqüência à confissão nem prática religiosa. **Esta consistia apenas em pomposas festas exteriores, sem conteúdo algum eclesiástico. As Igrejas eram puros teatros, nas quais não se mantinha o mínimo respeito durante o dia, e se brincava, se sorria e se gracejava como numa praça de feira. Os conventos estavam abandonados, pois os religiosos moravam fora, com suas mulheres e filhos.** [...] Um Bispo nos contou: “Se nós quisermos suspender todos os pastores, que vivem em concubinato, então não teríamos mais nenhum vigário”. Devíamos novamente trazer ao caminho reto cristãos que estavam mergulhados no vício, e que tinham perante os olhos os maus exemplos daqueles que de religiosos só tinham o exterior. Devíamos conquistar a confiança do povo, **pois ele nos encarava com múltipla desconfiança, e julgavam que nós tínhamos vindo ao Brasil, para acumular dinheiro.** Eu mesmo ouvi dizer: “Estes são igualmente como os nossos padres!” (KIRSCHBAUM, [s.d], p.145)

Para além da decadência dos costumes do clero e da falta de observância às regras e aos votos religiosos, o relato de Kirschbaum também expõe os hábitos dos fiéis que, se por um lado podiam estar relacionados, de fato, com o relaxamento da prática

religiosa, por outro, também representavam o próprio comportamento dos brasileiros menos sóbrio frente a fé e o espaço sagrado. Semelhante a já mencionada fala de Frei Sinzig, Frei Kirshbaum também se incomoda com as trocas sociais, como conversas, gracejos, brincadeiras, ocorridas no interior do templo, e também com as festas religiosas externas que misturam atrações sagradas e profanas, e que até hoje se constituem em grandes eventos de apelo popular, principalmente em cidades interioranas brasileiras.

Um exemplo disso é a Festa do Bom Jesus dos Navegantes na cidade de Penedo, Alagoas, que todos os anos atrai considerável público com apresentações musicais laicas. Os textos do professor e historiador penedense Ernani Méro mostram que durante a realização desta festa, por seu caráter profano, frades alemães teriam impedido a saída de imagens de santos da igreja para integrar as procissões de barcos ao longo do Rio São Francisco, gerando mais um conflito com a população local. Após 1917, teriam impedido também a realização da procissão de cinzas pela ausência de conteúdo espiritual da mesma, ao que Méro qualifica como um “choque de culturas”. Essa aparente incompatibilidade entre o apostolado seráfico alemão mais ancorado na erudição e no clericalismo com a religiosidade popular brasileira, em especial, a nordestina, coloca os religiosos, em várias ocasiões, em embates com a cultura local.

Concordamos que esses atos religiosos tinham muito de dramatização e pouco de espiritualidade. Todavia, não aceitamos a sua extinção por um desrespeito à tradição religiosa brasileira. Deviam ser reconstituídas, de modo especial em Penedo que é um pólo turístico. [...] É bastante compreensível a atitude dos franciscanos acabarem com essa procissão. Havia um choque de culturas. Eles com uma formação mental e religiosa europeizada, jamais aceitariam costumes de uma religiosidade popular, tão própria da nossa gente (MÉRO, 1991, p.318).

Mas não apenas uma questão cultural exclusiva dos alemães podem estar por trás dessa conduta de inibir festas religiosas em que o caráter profano também se fazia presente. Ao que parece, essa postura estava atrelada a um projeto maior da Igreja no Brasil pós-republicano visando um fortalecimento da presença católica e uma recuperação do controle da instituição sobre a vida religiosa no país, após o período de decadência enfrentado durante o Império, como coloca Maria Cristina Wissenbach. Projeto do qual os frades alemães compartilhavam posicionamentos e se apresentavam como instrumentos para promoção dessa nova roupagem do catolicismo em terras brasileiras.

Não é de admirar que, ao tentar recuperar o comando da vida religiosa brasileira, sobretudo nos inícios do século XX, as autoridades da Igreja procuraram coibir principalmente a parte vista como profana e exógenas das festas religiosas, e conter as expressões imorais dos batuques, dos sambas de umbigada, dos cururus e desafios que se

seguiam aos rituais; interdições estas que ocorreriam tanto nas festas das zonas rurais como nas tradições do mundo das cidades (WISSENBACH, 2021, p.65).

A pobreza das localidades nordestinas e a dificuldade com a língua portuguesa também são postas pelas fontes como aspectos que associam a missão no Nordeste com a ideia de sacrifício. Segundo Frei Damião Klein, o povo nordestino não estava habituado com a mendicância dos frades menores, característica inerente à Ordem que pode ter perdido a força juntamente às populações com a decadência e esvaziamento dos conventos ao longo do século XIX.

A seguir também foram premidos [os frades alemães] por necessidades materiais. Pois, eram poucos os sacerdotes e ainda não conheciam suficientemente a língua portuguesa, a fim de providenciarem pelos serviços espirituais as coisas necessárias à vida, para si e para os seus confrades; e não podiam pedir esmolas suficientes para alimentar tantas pessoas, ao povo pobre, povo que não estava acostumado a este instituto da Santa Regra; e assim era necessário contrair dívidas. (KLEIN, 1991, v.6, p.17).

Frei José Pohlmann também descreve a dificuldade com o esmolar e a obtenção de mantimentos no pequeno assentamento de Paraguaçu na Bahia, em cujo antigo convento os frades alemães se hospedaram por alguns meses em 1896, enquanto a casa de Salvador se encontrava interditada devido à epidemia da Febre Amarela. Ainda hoje, quando visitamos o povoado às margens do rio homônimo sobressai-se a simplicidade e o isolamento do lugar que abriga o convento que na época colonial funcionava o Noviciado da Província. De canoa, os religiosos percorriam as redondezas em busca de suprimentos para a vida comunitária:

No lugarejo mesmo também se recorria às esmolas, porém, só eram dados alguns peixes e frutas refugados. Um dia, queria o P. "Praeses" ampliar o espaço do peditório e enviou Fr. Pedro e o escritor (desta redação) para a cidade de Cachoeira, situada no curso superior do rio. Com belas recomendações ao "senhor Vigário", partimos nós. Depois de uma viagem de mais de uma hora, chegamos nós a Cachoeira. Não encontramos o Vigário; o sacristão não tinha nenhuma vontade de nos dar atenção: "cada dia haveria peditório e o povo ficaria aborrecido!" Assim, devíamos nós voltar para nossa canoa e contar o acontecido aos remadores. Estes xingaram fortemente o sacristão preguiçoso. Com isso, porém, nós ao menos trouxemos conosco alguma coisa para Paraguaçu, pois, um dos remadores foi com autorização de esmolar. Embora só tendo encontrado poucas cabanas e algumas almas generosas, sempre conseguimos algum resultado no peditório (POHLMANN, 1991, v.6, p.21-22).

A escassez material do Nordeste se contrapõe muitas vezes com as descrições do cotidiano do sul, que embora também apresentasse certas privações em determinados momentos, pelo fato de que as casas catarinenses então habitadas, como

a de Blumenau, abrigassem excessivo número de frades, a proximidade com as colônias alemãs garantia parte do suporte necessário para o sustento da fraternidade. É natural que o reconhecimento cultural, identitário e linguístico permitia uma situação de maior conforto para os frades nessas colônias e na cidade serrana de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Frei Peregrino Sedlag, irmão leigo que exerceu a função de cozinheiro nos conventos brasileiros, vivenciou o cotidiano do início da missão em ambas as regiões e em seu relato discorre sobre a alimentação na casa de Salvador logo que esta é ocupada pelos alemães em 1892:

Nesse tempo também não tínhamos cozinha própria. Devíamos contentar-nos com esta situação, durante dois meses. O antigo Provincial tinha dois escravos velhos na cozinha: um já estava no convento 40 anos e o outro 20. Foi um tempo triste para nós os Irmãos alemães. De manhã, tínhamos algumas bolachas com café; depois, tínhamos de esperar até três horas da tarde. Sopa nunca víamos. De noite, tínhamos novamente café com bolachas. E assim terminava o dia. (SEDLAG, 1991, v.7, p.12)

Frei Adalberto Kirschbaum também destaca a pobreza inerente aos primeiros momentos no convento de Salvador: “Nós devíamos apertar o cinto para sobreviver, e a economia foi o nosso cozinheiro. Na Bahia, dizíamos nós: Num dia, a gente come feijão preto com carne, e no outro dia, carne com feijão preto” (KIRSCHBAUM, [s.d], p.147). Sobre a situação em Blumenau, Sedlag também menciona uma vida de escassez tendo em vista o grande número de frades perante a limitada oferta de suprimentos alimentícios. Por outro lado, os itens elencados nos parecem de certa forma abundantes se comparados as descrições dos momentos iniciais do Nordeste:

Nesses primeiros tempos, nós tínhamos de levar uma vida muito apertada. Para nosso sustento tínhamos 60 porcos e 200 galinhas, como também batatas, verduras, frutas, pêssegos, figos e laranjas. Nas colônias custava mil réis o que, fora, eram dois mil réis. Os irmãos faziam juntos, como trabalho noturno, suco de laranja e assim nós tínhamos alguma coisa para a mesa (SEDLAG, 1991, v.7, p. 19).

Por fim, o cotidiano na casa recém fundada de Petrópolis já no ano de 1897 evidencia que a proximidade com as colônias alemãs, de fato, assegurava um importante meio de doações que corroborava para a manutenção dos religiosos no lugar, mitigando as dificuldades inerentes à inserção em um novo território e construindo de forma mais fácil, se comparado ao Nordeste, a relação entre frades e comunidade local, ponto essencial do carisma franciscano.

Para mim foi uma verdadeira alegria desempenhar a função de cozinheiro. Arranjei também um bonito forno. Recebemos trinta bonitos e grandes pães das velhas mulheres dos colonos, que davam para uma semana. O resto eu arranjava. O bom legume alemão para a

cozinha, eu recebia de um granjeiro alemão. [...] O ano de 1897 foi um tempo muito bonito para a nossa comunidade. Tínhamos uma vida religiosa bem disciplinada. O bom povo (tanto os brasileiros como os alemães) nos trazia muitas esmolas (SEDLAG, 1991, v.7, p. 22-23).

Algumas situações ocorridas no Nordeste brasileiro um tanto inusitadas, principalmente ao olhar de um estrangeiro que inicia sua trajetória em um novo país, sobressaem-se nas fontes pesquisadas. Frei Amando Bahlmann, um dos defensores da continuidade da missão no Nordeste, relata ameaças que recebeu durante missões no interior da Bahia provenientes de maçons contrários à sua pregação. No entanto, o religioso destaca que a própria população se coloca em defesa dos alemães, mostrando que a relação entre os franciscanos da Saxônia e o povo nordestino nem sempre se desenvolveu de maneira conflituosa:

Certa ocasião, pregamos uma missão na ilha de Mar Grande, perto da Bahia. Tudo corria bem. Só depois de um sermão em que a maçonaria também recebeu o seu merecido capuz, com muita arrogância apresentou-se a mim um senhor trazendo uma carta na qual os maçons, formalmente, nos intimavam a deixar de falar contra a maçonaria, sob pena de sermos levados ao mar e afogados logo. [...] Muita gente pensou que os maçons fariam alguma coisa. Quando, na boca da noite, saí para pregar na praça, algumas mulheres disseram: - "Se os Padres forem, vamos também nós para morreremos com ele". Não chegara o momento, a felicidade de sermos mártires. O povo, tendo notícia do acontecido, se apresentou em massa para defender-nos (BAHLMANN, 1995, p.90).

Chama a atenção também as descrições de Frei Adalberto Kirschbaum acerca do interior do estado de Alagoas em inícios do século XX, mais especificamente a cidade de Igreja Nova no curso baixo do Rio São Francisco, onde os germânicos construíram uma igreja e convento em 1908. O franciscano se horroriza com os assassinatos brutais que presenciam na pequena cidade, com a politicagem local, usando qualificações como atrasado e primitivo para definir a população da região, apesar de amenizar tais críticas descrevendo as alegrias obtidas junto às camadas mais pobres e mencionando em outro momento que estas "nos carregavam nos braços" (KIRSCHBAUM, [s.d.], p. 154).

O lugar gozava de **má fama** por toda parte, em decorrência de sua politicagem e pelos muitos assassinatos, que ali aconteciam. Assim, um dia, foi assassinado um homem inocente, e sem qualquer roupa foi conduzido pendente de um pau, até a praça da feira, que estava justamente cheia de gente, e assim foi levado à sepultura. **E o mesmo povo, que tinha feito isso, nos denominava de "bárbaros", durante a guerra.** [...] **O lugar era um dos mais pobres, e mal construídos**, que eu já encontrei, na minha vida. **O povo era ainda muito atrasado e primitivo**, e em relação à Religião, muito ignorante. (KIRSCHBAUM, [s.d.], p.151. Grifo nosso).

Onze anos, eu trabalhei em Igreja Nova. Entre outras realizações, também concluí a Igreja. **Tive lá muita alegria, especialmente da parte**

do povo pobre que era muito bom. Mas também algumas coisas bastantes desagradáveis aconteceram comigo. E isto em consequência de uma **politicagem suja**, que lá dominava. Existiam lá dois partidos, que eram entre si inimigos mortais. Isto se evidenciava especialmente nas eleições, onde as **balas resolviam os problemas**. Um dia, havia outra vez eleição. Eu estava justamente na colheita do arroz, quando, de repente, ouvi o pipocar de tiros. Então, corri à cidade, onde assustado presenciei uma batalha, tendo de cada lado 80 homens armados atirando. [...]E fui me meter no meio das balas que passavam perto de mim, pedindo para acabarem com a briga; mas foi em vão. Então, eu me dirigi aos homens armados, e lhes disse: "Hoje vocês já mataram um. Mais derramamento de sangue eu não vou tolerar. O primeiro que vai morrer hoje, serei eu. Só por cima do meu cadáver, vocês poderão continuar o massacre!" [...] Eu me preparei para a morte, e também segui para lá. Foi então que eu apontei para o meu coração e disse: " Se vocês desejam sangue, então tomem o meu. Aqui está o meu coração. De bom grado, **desejaria morrer pelas minhas ovelhas**. Podem atirar!" Alguns minutos fiquei assim, de pé. Depois, eles se separaram. (KIRSCHBAUM, [s.d], p.152. Grifo nosso).

A passagem expressa não apenas um choque de mentalidades com a forma que questões políticas são resolvidas no lugar, impregnadas de tradicionalismo nas relações, do poder das oligarquias, e da violência atroz, mas também um choque de tempos, já que, para um religioso conduzido por um impulso civilizatório, o interior de Alagoas parecia ainda guardar condutas brutais de tempos remotos. Interessante pontuar que relatos semelhantes acerca dos habitantes da então parte sul da capitania de Pernambuco também foram produzidos pelos viajantes holandeses do século XVII que destacaram a atrocidade dos locais, caráter que vem compondo a imagem de Alagoas ao longo do tempo: "Os habitantes de Alagoas são os mais robustos de toda a costa, fazem-se respeitar, não querem ouvir falar em polícia, exercendo eles mesmos a justiça, e matam os outros à faca, como se fossem cães" (LAET IN OLIVEIRA, 2011, p.270).

O religioso busca desempenhar um papel ativo dentro dos conflitos, se inserindo nas problemáticas do cotidiano das pequenas cidades, se portando como uma espécie de organizador da vida urbana, repreendendo comportamentos que julgava errôneos, o que muitas vezes gerava insatisfações entre os locais. Kirschbaum menciona esses embates por meio de ameaças recebidas em outras cidades do interior nordestino: em Ipojuca-PE, frente à revolta popular contra a proibição de música na tradicional festa do Santo Cristo na cidade – em mais um choque entre as festas religiosas populares e a sobriedade alemã -, e em Pesqueira no interior pernambucano quando o religioso recrimina a atitude de rapazes do lugar.

Muitas vezes **estive eu no Brasil, em perigo de ser assassinado**. Em Ipojuca, Frei Lulo, **que pouco conhecia a índole brasileira**, proibira de solenizar a festa do Santo Cristo com música. Isto excitou tanto o povo, que queriam se vingar em mim, que era o vigário. Recebi

diversas cartas de advertência, para não dirigir eu a procissão. [...] Apesar disso, eu acompanhei a procissão. Fazia um tempo bonito. E eu perguntei então ao confrade (Frei Matias), por que ele ia sempre ao meu lado. **E ele me mostrou dois homens armados, que sempre estavam perto de mim.** [...]

Em Pesqueira, devia eu também dirigir uma procissão. Pedi então a uns rapazes que estavam se comportando muito mal, para ficarem calados. Mais tarde, uma mulher me contou que eles tinham ficado tão furiosos, **que tomaram o propósito de atirar em mim.** (KIRSCHBAUM, [s.d], p.153-154. Grifo nosso).

Voltando a Alagoas e à cidade de Igreja Nova, o texto de Kirschbaum ainda traz mais uma amostra das reações do frade à política alagoana em princípios de século XX, enfatizando que a intromissão nesse meio o obrigou por muito tempo a viver escoltado por soldados. Ecos desse modelo de política patriarcal, baseado em disputas entre oligarquias locais pelo controle de determinadas regiões, na violência e em assassinatos como forma de garantir a hegemonia política e eliminar opositores, e na proteção e apadrinhamento político de certos grupos, ainda hoje se fazem sentir na Alagoas contemporânea que ainda conserva essas relações tradicionalistas e datadas de séculos passados em seu espaço.

Os seguintes três dias e três noites foram para mim um tempo de nervosismo e de insônia. **Eu ficava andando continuamente de lá para cá, a fim de os impedir de assassinares uns aos outros.** E na manhã do segundo dia, chegou um dos bandidos, que já tinha na consciência 20 assassinatos, e passando pelo lado de fora do convento, disse "**Hoje a minha primeira bala é para o Vigário (para mim!), e vou atirar justamente na boca !**" Algumas horas depois, no tiroteio imediato, a primeira bala o acertou na boca. **Por sinal, ficou ele dois dias morto na praça da feira, até que as galinhas começaram a comer os seus intestinos.** [...]

Certos políticos, para se vingarem de mim, pela razão de os ter impedido de matar a outros, um dia mandaram um telegrama ao Governador, em que me acusavam de manter o convento cheio de cangaceiros. Uma vez que eu tinha de ir ao Ex.mo Bispo, visitei também a Fernando Lima, chefe político de Alagoas. **Eu apresentei a ele a situação em Igreja Nova, dizendo que aqueles "rapazes atiradores" eram simplesmente bandidos. Com isso eu futuquei um enxame de vespas. "Os nossos amigos não são bandidos!", disse ele com tristeza. Desde então, acabou a nossa amizade.** No mesmo dia, também visitei o Governador. Este achou graça de tal episódio, e me disse: "O Reverendíssimo disse pouco; devia ter dito mais!" E aos outros senhores disse ele: "Esse frade só não disse coisa pior, por ser estrangeiro e não saber palavra mais forte!" Tudo isto estava nos jornais, no dia seguinte. Pode-se imaginar como a raiva dominou os políticos em Igreja Nova, quando eles leram que os tinha chamado de bandidos. Por isso, **todos me aconselharam de não voltar mais para lá. Porém, eu voltei propositadamente.** Quando cheguei, os políticos estavam todos juntos, justamente na rua. Eu passei erguido no cavalo, pelo meio deles; olhei-os com olhar penetrante, e nenhum deles teve a coragem de dizer uma só palavrinha. **O Governador mandou então, por muito tempo, um oficial com 10 soldados a fim de garantir a minha segurança.** (KIRSCHBAUM, [s.d], p.153-154. Grifo nosso).

Ao contrário dos fatos que apontam os grandes impasses que ocorrem entre os frades alemães e as sociedades locais no Nordeste, são frequentes as menções positivas relacionadas ao sul do país, transformando a região em uma espécie de lugar idealizado. Estas diferenças também vão encontrar registro nos relatos que narram as dissidências internas que colocavam em oposição o “movimento agitador” que defendia uma prioridade dos trabalhos no Sul, e os partidários da Restauração da antiga província do Nordeste, que aparece denominada como “Norte”. Os textos, no entanto, entrevem que a busca pelo Sul, mesmo que não explicitada por todos, era parte dos anseios da maioria desejosa de viver em um ambiente de maior proximidade sociocultural e ambiental: “Se eu quisesse dizer quantos padres, clérigos e alunos estavam plenamente satisfeitos no Norte, sem o desejo secreto de ir para o sul – sinceramente, eu só poderia indicar Fr. Amando, pois algumas queixas eram legítimas” (NIGGEMEYER, 1991, v.6, p.14).

Até mesmo o irmão cozinheiro Frei Peregrino Sedlag que traz um relato mais leve e utiliza adjetivações como bela e linda para descrever as cidades do Nordeste, em especial Salvador e São Cristóvão, estado de Sergipe, registra as vantagens de ter sido transferido para Santa Catarina:

Eu tinha conseguido uma boa troca. O clima era saudável e a comida alemã; a gente podia então ficar satisfeito. Só os cômodos da casa eram muito apertados, de forma que não havia bastante lugar. O refeitório e a cozinha ficavam no subsolo. Mas tínhamos um bom quintal, com bastante terreno, para legumes alemães, bem como espaço para 20 burros e 10 cavalos. Tudo isto foi cercado com uma sebe de plantas. (SEDLAG, 1991, v.7, p.17)

Talvez uma das comparações mais agressivas entre as duas regiões brasileiras tenham sido as mencionadas por Frei Capistrano Niggemeyer. O religioso descreve os detalhes dos conflitos e das reações de seus confrades e líderes perante as revoltas contra a chamada missão no Nordeste:

Numa terça feira, nós três passeávamos no jardim: Fr. Niceto no meu, Fr. Clemente à direita, e eu à esquerda. Fr. Clemente falava de que o **Norte era ruim como o diabo, e o sul puro como os anjos**. Eu o contradizia e Fr. Niceto ficava calado. (NIGGEMEYER, 1991, v.6, p.13. Grifo nosso).

O Irmão Fr. Wilehado (que na Alemanha, há alguns anos ainda falava mal do Norte) disse, naquele tempo diante de alguns frades (clérigos) e irmãos: “Estamos aqui no meio desta **cidade sebosa, num convento meio em ruínas, numa Igreja que sempre está escura, e somente é visitada e cuspidada por mulheres cheias de piolhos e pulgas.**” [...] Todos o escutavam atenciosamente, e lhes causava nojo a cidade suja e as mulheres a cuspirem no chão. (NIGGEMEYER, 1991, v.6, p.13. Grifo nosso).

Se por um lado essas palavras soam um tanto impactantes para religiosos franciscanos, por outro lado, evidenciam a força que esses choques representaram para os religiosos germânicos ao se depararem com um mundo diverso do seu e uma certa dificuldade em absorver e compreender uma realidade da qual não compartilhavam semelhanças identitárias. Frei Capistrano Niggemeyer ainda acrescenta: “A sede de aventuras, como Fr. Solano as relatava várias vezes, os fazia louco varridos” (NIGGEMEYER, 1991, v.6, p.12), enfatizando que muitos viam no sul do país a imagem das terras intocadas, das florestas com índios a serem evangelizados que tanto sonhavam.

Buscaram no sul do país, portanto, um lugar de características ambientais mais confortáveis ao corpo, dentro de condições sociais mais controláveis e também o desejo do trabalho nas matas virgens, a semelhança de Solano na América Latina, apontando assim, não só para uma postura prática, mas também para uma atitude civilizatória numa região de extensas áreas ainda não urbanizadas, conduta que pode ter sido vista, aos olhos dos restauradores, como requisito para levar humanidade para populações ainda não assistidas pela fé católica.

Os relatos desenham o Brasil dos sonhos e o Brasil dos sacrifícios, e mesmo que muitas vezes as fontes atestem que os religiosos tinham consciência do segundo, ou seja, do novo país enquanto espaço de penitência, local próprio para a busca pelo martírio que é característica particular do caminho missionário, e até mesmo a almejavam, os desejos foram muitas vezes voltados para o país dos sonhos. Mesmo que este campo ideal nem sempre tenha sido encontrado, era preciso transformá-lo.

3. O CORPO DEVE TORNA-SE MUNDO

3.1. Experimentar os trópicos

O pensamento novo fazia recuar a fábula, o fantástico dos bestiários, todas as maravilhas inventadas. Quando os cruzados, os mercadores e os missionários partiam a explorar regiões desconhecidas, ele dissipava as brumas e os fantasmas, substituía por animais vivos os monstros que ainda não há muito tempo os heróis dos romances cortesões encontravam no caminho de sua errância, e pelas folhas que todos podem ver na floresta, a flora visionária das iluminuras românicas. (DUBY, 1993, p.149)

O desenvolvimento do franciscanismo no século XIII se insere nesse novo contexto apontado por Duby na Baixa Idade Média, em que as viagens e os movimentos de cruzados, mercadores, peregrinos e missionários colocam seus corpos em contato com a tangibilidade do espaço, dissipando as criaturas fantásticas e os colocando próximo às formas, cores e sensações do mundo real. O próprio Francisco quando assume as estradas e as cidades como palco de seu apostolado demonstra uma sensibilidade para com o corpo orgânico e a natureza real. Para o santo de Assis, o corpo é por vezes visto como “fonte do pecado, é preciso, portanto, odiá-lo”, mas ao mesmo, “é um dom de Deus, e, para Deus, é preciso amá-lo (LE GOFF, 2011, p. 234).

Esse corpo que se coloca no mundo sensível, sente cheiros, prestigia sabores, vê a natureza em sua beleza e funções reais, numa espécie de visão sistêmica em que cada parte do todo tem sua importância e destinação, e apreende o espaço e as pessoas com os sentidos: “Francisco tem das pessoas e das coisas um conhecimento baseado no gosto, no odor e no sabor que o situa a milhas de um conhecimento intelectual do mistério divino” (VAUCHEZ, 2009, p.58). Quando Francisco se refere aos elementos da natureza em seu “Cântico das Criaturas”, os vê como irmãos próximos, com suas formas e cores reais, com suas atribuições dentro do espaço do mundo e reconcilia o homem com o universo material: o irmão sol ilumina, a irmã lua e as estrelas são claras e belas, a irmã água é útil e casta, o irmão fogo é robusto e forte, a irmã terra nos sustenta e produz frutos, flores e ervas, segundo as palavras do famoso poema do santo. Da

mesma forma, nos Fioretti⁵⁶ o lobo de Gúbio não é mais uma fera monstruosa, mas um animal com necessidades e do qual é possível se aproximar⁵⁷.

Apesar da já mencionada diferenças e nuances dos vários franciscanismos ao longo da História, trata-se de uma Ordem que desde suas origens está atrelada ao caminhar, ao sentir e ver o mundo em suas particularidades, ao corpo orgânico que é fonte de apreensão da realidade sensível. Os franciscanos alemães que missionam no Brasil também percebem esse novo mundo com os sentidos, expressando seus cheiros, sabores, cores e texturas, como já mencionando, observando o que acontece a sua volta nas cidades e lugares em que adentram, e fazendo questão de escrever sobre suas andanças nas estranhas do Brasil.

Entre sonhos, surpresas, espantos, sacrifícios, acolhimentos e choques com a realidade brasileira, os franciscanos da Alemanha vivenciam no país experiências que exigem não apenas a necessidade de adaptação a um novo contexto cultural, mas também demandam uma imersão nos espaços, nos caminhos e nas nuances da realidade brasileira. A atividade do missionário em terras estrangeiras nem sempre é exercida dentro de conventos e igrejas, mas é necessário usar o próprio corpo para evangelizar e também experimentar este novo mundo.

Os relatos dos germânicos enaltecem esse processo do caminhar, envoltos a esforços para alcançar lugares distantes e interiorizar sua ação no Brasil. O calor do novo país, ainda mais intenso para um homem do centro europeu, é quem determina o espaço de pregação nas missões: a praça das cidades, aos moldes da fraternidade franciscana primitiva com seu apostolado genuinamente urbano.

Mas os missionários no Brasil também saem para o interior pregam missões em lugares bem distantes, às vezes bem no sertão do Brasil. Tantas vezes o **caminho é muito longo**; andando dias a cavalo, passam eles por rios e por montanhas, atravessam florestas imensas até chegar às mais **distantes comunidades**. E então começam um trabalho realmente cansativo. **Por causa do grande calor, as missões se realizam em praça pública**, geralmente na praça do mercado. Sobre um estrado, para ser visto pelo povo, coloca-se o altar.

⁵⁶ Os Fioretti são uma coletânea de pequenas narrativas de caráter maravilhoso abordando milagres e exemplos, que se referem a “gestos e palavras de Francisco, que em geral podem ser considerados históricos ou de boa tradição oral, raramente devaneios legendários” (TEIXEIRA, 2008, p.1487). Ou ainda segundo Le Goff este conjunto de textos “deixa claro [...] que São Francisco inspirou desde cedo uma literatura na qual lenda e história, realidade e ficção, poesia e verdade estão intimamente ligadas”. (2011, p.58).

⁵⁷ A história do lobo de Gúbio trazida pelos Fioretti relata que em certo tempo apareceu na cidade Gúbio um feroz lobo que devorava homens e animais, provocando grande medo nos habitantes do local, que não tinham até mesmo coragem de sair da cidade. Compadecido pela situação, São Francisco vai até o lugar onde se encontrava o lobo, e se utilizando do diálogo, faz com que o animal prometa que nunca mais voltará a fazer mal algum. Estabelecida a paz, o lobo é acolhido pela cidade de Gúbio, passa a andar pelas casas com mansidão, onde é alimentado pelos cidadãos que vêm nele a santidade de Francisco. (Fioretti 21 in TEIXEIRA, 2008, p.1525).

O mesmo estrado serve também como púlpito. Às 4,30 da manhã se celebra a Santa Missa e, logo em seguida, segue a pregação da manhã. Depois vem a comunhão de todos na igreja. Enquanto se atendem as confissões, são celebradas outras Missas. Na parte da manhã confessam-se as mulheres, e à tarde principalmente os homens. (BAHLMANN, 1995, p,203. Grifo nosso).

Se em relatos anteriores apresentamos que muitas vezes os sons apreendidos no Brasil se mostraram perturbadores para os frades estrangeiros, como a gritaria nas ruas ou até mesmo o excesso de falas no interior das igrejas, há também situações em que as narrativas revelam sons prazerosos capturados durante as viagens: as rezas e os cânticos saídos do interior das residências das cidades interioranas. É verdade que essas percepções vêm de Frei Amando Bahlmann, defensor ferrenho das atividades dos germânicos no Nordeste, mas não é difícil de imaginar que a religiosidade católica que ainda hoje é presença forte em núcleos interioranos nordestinos tenham causado comoção no sacerdote alemão, conforme expresso em suas memórias. Em contraste com outros discursos, que destacam a ignorância e o desinteresse pelos sacramentos católicos por parte das populações locais, aqui o matuto nordestino é apresentado como ser virtuoso e modelo religioso e social.

Se todos os homens tivessem tanto amor à virtude como os matutos dos sertões, se rezassem tanto quanto os simples sertanejos, a moral seria melhor, a justiça e os bons costumes dominariam em toda a parte. Os matutos (como são chamados os sertanejos no interior da Bahia e do Sergipe) rezam e rezam muito. Mesmo não sabendo ler, eles conhecem de cor o Ofício de Nossa Senhora. E todos os dias, antes de amanhecer, as famílias cantam este piedoso Ofício. **Que impressão bonita, nas viagens, ouvir de madrugada estes cânticos ternos e devotos que vêm das casas.** (BAHLMANN, 1995, p,94. Grifo nosso).

Deixando Sergipe e migrando para Pernambuco, nas impressões de Frei Adalberto Kirschbaum ganham força os caminhos penosos em Ipojuca, num relato em que se sobressai a água, as chuvas, a lama do lugar, um panorama bem fidedigno do clima extremamente úmido que caracteriza a zona da mata sul pernambucana. A presença de engenhos com seus respectivos povoados e capelas, exigia ainda mais o deslocar dos frades e o imbricamento destes no território ipojucano. O frade enaltece as dificuldades impostas pelo lugar, que também incluem o desconhecimento das vias, necessidade de montar a cavalo e a indiferença das pessoas, mas ameniza colocando que o antigo Provincial da Saxônia qualificaria Ipojuca como o melhor local para o frade. Neste caso, são exatamente os sacrifícios exigidos ao corpo que tiveram peso nessa escolha de indicar o lugar ideal para um frade missionário.

Quando, eu me lembro de que ele [Frei Gregório Janknecht] falava da sua viagem a Ipojuca, dizendo que **nem na Terra Santa encontrou caminhos tão ruins, como aqui em Ipojuca.** No meio de um lamaçal

profundo, devia o velho homem descer do cavalo, tendo a sua **maleta desaparecido na água**. Na ocasião desta visita, ele me disse: "Se eu lhe posso dar um conselho fraterno, então fique em Ipojuca. Se eu fosse dez anos mais jovem, **não encontraria para mim outro lugar melhor**".

A chegada a Ipojuca foi muito triste. **Era o tempo da chuva, onde grandes trechos de estradas estavam inundados. Também havia muitos lamaçais profundos que os animais mal podiam passar.** Em parte, as pontes e veredas estavam destruídas. Eu cheguei à estação de trem, quando já estava ficando escuro. Chamou-me então Frei Fernando, que com o mesmo trem fora ao Recife: "Adalberto, lá está o seu animal!" **Como podia eu chegar agora até Ipojuca, sem um portador, não conhecendo o caminho, neste tempo chuvoso? E eu que nunca montara a cavalo?!** Não tive outra alternativa senão seguir avante, contando de vez em quando, com algumas almas boas, que pediam para me a acompanhar. E muito tarde da noite cheguei eu, sem "Sang und Klang" (sem festa nem banda de música). Também aqui **o povo nos recebeu com muita desconfiança**, e tinha um comportamento muito indiferente diante de mim. Por isso, também, não me ajudavam em nada, e nenhuma esmola davam ao convento. Evidentemente, vivíamos nós no convento muito mal, nos primeiros tempos. Porém, não morremos de fome! **Depois que o povo nos começou a conhecer, melhorou a situação.** (KIRSCHBAUM, [s.d], p.147-148. Grifo nosso).

Mas o Brasil também apresentava suas seduções. Para além dos relatos de Frei Themans que descrevia as belezas da paisagem brasileira, naquele momento ainda do ponto de vista do navio, ou seja, provida ao longe, vemos também frades que se entregam aos encantos dos trópicos quando efetivamente se embrenham nele. Frei Pedro Sinzig descreve o terno momento em que seu grupo de confrades adentra pela primeira vez no convento de Salvador sendo recepcionados pelas flores da Bahia: "Subito - já escurecia – noto no aperto em que estávamos que algo voa pelos ares. Seria uma reedição das pedradas de Leixões? Oh! não.⁵⁸ Um grupo de bahianos, creio que principalmente senhoras, atira-nos flores, da terra que escolhemos para nova pátria" (SINZIG, 1917, p.85). O religioso ainda descreve com entusiasmo a cidade de Olinda e os banhos de mar que a localidade proporcionava, apresentando um Brasil não apenas como local de sacrifícios, mas também, sob certas circunstâncias, pontuado por prazeres.

Como merece bem a cidade o seu nome: ó linda! A posição topographica é realmente encantadora. Suaves collinas, verde sempre vivo, aos pés o mar immenso, tudo justifica o nome. O convento, como o da Bahia, carecia de grandes concertos, pelo longo tempo em que estivera abandonado; contudo, nós estávamos bem à vontade, e aproveitamos a ocasião de tomar esplendidos banhos de mar, de saudosas recordações (SINZIG, 1917, p.99).

⁵⁸ O episódio do qual Frei Sinzig se refere trata-se do momento em que a 4ª expedição missionária de frades está em viagem rumando para o Brasil em 1893. Durante parada do navio Leipzig no porto de Leixões, norte de Portugal, ao passearem pela costa, os frades são apedrejados por grupos anticlericais que os obrigam a abortarem o passeio e a retornarem ao navio (SINZIG, 1917, p. 83).

Mas voltando ao tema mais recorrente, ou seja, aos “castigos” que são impostos quando se prova o desconhecido, os trópicos frequentemente escondiam perigos para o homem de clima temperado habituado a um contexto ambiental e geográfico diverso. Até mesmo o desfrutar dos sabores do Brasil, como as frutas tropicais, podia ser visto como ocasião de contrair muitas doenças: “[os alemães] não sabiam precaver-se dos perigos para a saúde nas regiões tropicais; e agravava-se o perigo quando eles comiam as frutas indiscriminadamente, não evitando o calor do sol, e não fazendo caso de outras coisas perigosas” (KLEIN, 1991, v.6, p.17). Quando o antigo provincial da Saxônia Frei Gregório Janknecht visita a missão brasileira, faz questão de ressaltar as precauções que adotava, que incluía a privação desses sabores: “De minha parte, tenho muito cuidado e até hoje abster-me conseqüentemente de todas as frutas sedutoras do Sul, laranjas, bananas, abacaxis, etc” (JANKNECHT in FRAGOSO, 1991, v. 4, p. 41).

O contato sem cautelas com o sol, o calor e a chuva durante as missões pelos caminhos do país também foram colocados como motivos para o desenvolvimento de enfermidades entre os frades germânicos. A interação com a natureza dos trópicos se mostrava perigosa para o homem europeu segundo os textos dos restauradores. O Brasil era visto como lugar sedutor, e que por isso mesmo escondia potenciais ameaças se experimentado em excesso.

Nós éramos novatos neste país, sem ter conhecimento algum das doenças tropicais e seu tratamento; ignorávamos completamente as muitas prescrições no **uso das comidas, os males que a natureza tropical esconde para um estrangeiro**; como algumas gotas de **chuva, um vento frio podem ceifar como herva** (sic) também a mais robusta natureza humana (BROCHTRUP, 1991, v.6, p.29-30). Era-nos muito prejudicial a ignorância em relação ao clima, às doenças tropicais, à alimentação de frutas etc. Frei Fabiano, um dos nossos melhores padres, acabou contraindo uma febre mortal, **porque muitas vezes, por horas inteiras, sem proteger a cabeça, andava ele pelo sol ardente**. O Irmão Frei Afonso foi o primeiro que adoeceu de beribéri, em Ipojuca. Nós não conhecíamos a doença. O médico dizia que era febre estomacal, e que não havia perigo...até que era demasiado tarde, e o Irmão morreu (KIRSCHBAUM, [s.d], p.146). Quando retornava, **chovia torrencialmente, ao longo de todo o caminho**; minhas botas estavam cheias de água até em cima, e eu devia até **nadar de cavalo através da água**. Tudo isso era evidentemente ruim para a beribéri. Por isso, fui eu logo para a cama, com grande medo. No outro dia, estava com saúde e nunca mais tive beribéri, embora minhas pernas no dia anterior, estivessem tão gordas como um tronco de árvore. (KIRSCHBAUM, [s.d], p.150. Grifo nosso).

Mas para exercer a atividade missionária e alcançar o maior número possível de almas, era preciso deixar se envolver por esse novo mundo e fazer parte dele. Uma fotografia não datada encontrada na biblioteca do convento de Penedo-AL, que compõe o acervo deixado pelos frades da Alemanha, é bastante emblemática neste sentido. A

imagem retrata frades portando seus hábitos e chapéus navegando em uma canoa pelo Rio São Francisco provavelmente na primeira metade do século XX. Os próprios religiosos manuseiam seus remos e são responsáveis pela navegação. O que teria levado a produção dessa imagem em meio às correntezas do Velho Chico? Seria a intenção de registrar a itinerância dos frades por caminhos espinhosos, ou o fato de eles mesmos desempenharem a atividade laboriosa de conduzir a embarcação? Ou ainda a ideia de retratar os religiosos franciscanos como parte dessa paisagem tipicamente tropical, que associa o rio, a embarcação à vela e a religiosidade seráfica imbuída na toponímia do rio e nos trajés dos navegadores?



Imagem 49 - Franciscanos navegam canoa à vela no Rio São Francisco.
Fonte: Acervo da biblioteca do convento de Penedo-AL, sem data.

3.2. Missionários e cidades

Esse imbricamento entre frades alemães e o contexto brasileiro também se evidencia quando analisamos as ações de alguns religiosos que adotaram uma forte postura missionária e se relacionaram profundamente com as populações. As fontes ligadas às províncias seráficas ressaltam as atividades de uma série deles que se destacaram pelo apostolado itinerante entre fins de século XIX e começo de século XX, e que também guardaram estreitos vínculos com os lugares em que atuaram, permanecendo estes latentes até a contemporaneidade. Frei Rogério Neuhaus, que chega ao Brasil na segunda expedição missionária em fins de 1891, é um desses casos. O frade alemão atuou principalmente no planalto catarinense, tendo como centro a cidade de Lages, região descrita por Frei Pedro Sinzig como sinônimo de longas viagens: “Lages, como as demais casas que temos no planalto do sul, é, para o sacerdote, a terra clássica das longas viagens. Não se sáe de casa sinão a cavalo ou no lombo de mula. Os caminhos [...] são tudo menos um meio commodo para a gente andar e chegar aonde quer ou deve” (SINZIG, 1917, p.252).

Frei Pedro Sinzig descreve de forma entusiasmada as ações de Frei Rogério incluindo as viagens para a distribuição dos sacramentos, a visita aos doentes aos quais ofereciam remédios homeopáticos de sua botica, e sua fama de santo e curador sobrenatural que se formava no imaginário popular da região. Além disso, Sinzig destaca uma certa permeabilidade de Neuhaus dentro das diferentes camadas da população, característica que o teria ajudado a concretizar suas obras e espalhar sua popularidade no planalto catarinense.

Um nome dentre todos os religiosos se impõe, sendo conhecido e venerado, extraordinariamente, em todo o planalto de Santa Catharina: o de frei Rogerio Neuhaus. **O povo o tem por santo**, e pode bem ser que tenha razão. A obra de frei Rogerio é estupenda. De inabalável confiança em Deus e de um fervor apostólico a toda a prova, não existe para elle a palavra impossível; consegue tudo. **Foi elle que construiu em Lages um grande collegio secundário, tendo de vir a cal, em cargueiros transportados no lombo de animaes, da costa, isto é, em seis dias de viagem! Contudo, o collegio sahiu o edifício então mais alto e mais importante de toda a cidade.** Os pobres tinham e têm em frei Rogério - Padre Rogério, dizem por lá, - um amigo que difficilmente pode ser excedido. Dá tudo de quanto dispõe, tendo-se mais duma vez privado dos cobertores da sua cama, indispensáveis no rigoroso inverno do planalto catharinense. **Onde há um doente, por grande que seja a distância, frei Rogério visita-o, reza por elle e consegue que se confesse.** Atribuem-lhe, creio que não sem razão, curas humanamente inexplicáveis.[...]

Grande parte do anno fr. Rogerio passa no lombo do animal, viajando e levando o consolo para toda a parte: **É o Anchieta do Sul. A sua palavra é acatada por ricos e pobres, por crentes e descrentes.** Sua popularidade não tem igual. Quem o vê trabalhar e quem o vê

absorpto em oração, compreende o motivo (SINZIG, 1917, p. 231-232. Grifo nosso).

A inserção de Frei Rogério Neuhaus na região e sua imagem santificada perante as populações locais ainda hoje apresenta uma forte memória na vida urbana das cidades em que atuou, emprestando seu nome a ruas, instituições e até mesmo a um município. Em Curitiba, na região de planalto no centro do estado de Santa Catarina, uma avenida, uma associação beneficente e uma fundação detentora de duas emissoras de rádio que abrangem 90 cidades nos três estados sulinos carregam o nome do religioso em sua toponímia. Um de seus antigos distritos se desmembrou em 1995 dando origem à atual cidade chamada Frei Rogério.

Como contraponto, o escritor catarinense Walmor Santos apresenta uma crítica a esse processo, uma vez que o antigo distrito nomeado Taquaruçu perde suas referências nativas indígenas em sua toponímia em favor da memória do religioso europeu.⁵⁹ Este conflito de memórias é apresentado no romance histórico por ele escrito e publicado em 2009 intitulado “Contestado: a guerra dos equívocos”, que apresenta como pano de fundo a região durante a Guerra do Contestado. Mesclando fatos reais com ficção, o autor metaforiza esse impacto dos religiosos alemães na cultura local: durante a narrativa, a personagem principal modifica o nome de Marcolino para Germano.

Retornando ao Nordeste, com uma inserção em meio às populações e cidades interioranas semelhante à de Frei Rogério Neuhaus, o também franciscano alemão Frei Martinho Jansweid exerceu seu apostolado e missões populares no estado da Paraíba. O religioso também é descrito pelas fontes como figura de grande apelo popular, “cuja memória ainda perdura nos sertões paraibanos” (RIBEIRO, ET AL., 2005, p.23) que buscou adentrar os territórios interioranos nordestinos em prol do trabalho evangelizador, distribuindo sacramentos e construindo igrejas. Sua imagem ganhou ares santificados perante as populações locais que ainda hoje veneram a figura do frade. Em três passagens de sua biografia, diferentes personagens tiveram má sorte por não obedecerem a Jansweid ou debocharem de sua missão. O frade alemão ganha fama no território paraibano por amparar espiritualmente as populações, mas uma outra leitura dos fatos pode também evidenciar em suas atitudes certo caráter até mesmo profético.

Ninguém no Estado da Paraíba foi tão conhecido e teve tanta autoridade como ele: «Frei Martinho disse!» - repetia-se entre os sacerdotes e o povo. Sua bênção era vivamente desejada; sua

⁵⁹ Sobre esse tema, ver entrevista do autor Walmor Santos concedida ao Portal Bem Paraná em junho de 2009. Disponível em < <https://www.bemparana.com.br/noticia/uma-guerra-alimentada-por-equivocos-108649#.YY2pc2DMJPZ>> Acesso em outubro de 2021.

palavra de reclamação ou repreensão, era temida. Isto foi comprovado por diversos fatos testemunhados, entre os quais os seguintes:

- Certa vez Frei Martinho pediu um senhor um cavalo para uma viagem urgente e o pedido foi negado secamente. Veio a resposta: nunca mais ninguém vai montar neste animal... No mesmo dia o cavalo morreu. - O afamado cangaceiro Antônio Silvino, que por muitos anos escapou da justiça, pouco depois que Frei Martinho ameaçar de castigo, foi preso para sempre. - Quando ele estava em viagem de Crismas um rapaz disse que iria mandar o seu burro para ele crismar... Pouco depois o moço caiu morto.

A sua atividade pastoral de 20 anos deu ao **povo da Paraíba uma atitude religiosa**, que chamava atenção até dos estranhos. Em poucos lugares do Norte do Brasil o hábito franciscano e os Filhos de São Francisco são tão estimados como aqui, o que lhe devemos mesmo após a sua morte. «**A vida e o trabalho de Frei Martinho são suficientes para garantir sempre à Ordem Franciscana no Brasil o maior mérito e estima.** (TRIBUNA, Recife, 5 de agosto de 1930). De maneira semelhante exprimiram-se outros jornais, quando anunciaram a sua morte - Alegremo-nos, porque a influência de Frei Martinho não acabou com a sua morte. (RIBEIRO, et al., 2005, p.11. Grifo nosso).

Na Paraíba da contemporaneidade, alguns resquícios mostram que a figura de Frei Jansweid ainda exerce força no imaginário popular. Seu túmulo localizado na cripta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em João Pessoa recebe visitas diárias dos fiéis (GOUVÊA, 2009, p.9). No centro-norte paraibano, divisa com o Rio Grande do Norte e na área do Planalto da Borborema, localiza-se a cidade de Frei Martinho, que assim como ocorreu no município de Frei Rogério em Santa Catarina, perdeu seu antigo nome Caboré para homenagear o popular frade alemão. A vida do religioso também ganha ares poéticos em um auto que rememora a história, as andanças e as virtudes do missionário, como pode ser visto em alguns trechos que aqui foram reproduzidos:

Na cidade de Colônia,
No país da Alemanha.
Em 05 de dezembro,
Do ano de 1876.
Nasceu um lindo menino,
Chamado pelo
Nome de André.

Muito cedo sentiu,
A vocação missionária,
Tendo sido enviado
Pelos superiores,
Ao Brasil

Onde havia e
Ainda existe a
Falta de missionários.

Como campo de trabalho,
Fez a escolha missionária.
Pregando sempre a Boa Nova

A quem necessitava

A Paraíba
Precisava desse
Então missionário,
Chegando pra trabalhar,
Lá na Igreja de
São Frei Pedro Gonçalves

Mas, não ficou
Aqui somente
Foi ao sertão
Da Paraíba,
Evangelizar muita gente

Chegou também
Ao Ceará,
E foi pregar
Aos cearenses.

Marcado no
Fundo do coração
Do povo sertanejo.
A figura de um irmão,
Que não tinha medo
De sacrificar-se para servi-los.

Viaja ao sertão
Galopando num cavalo
Por falta de condução
E de estradas de rodagem.

Dezoito anos passou,
A andar pela Paraíba,
Pregando sempre
Em missão
Auxiliando vigários e padres
De toda a região.

Muita gente
Hoje em dia,
E os pobres do sertão,
Continuam a venera-lo, como
O Santo – Missionário do sertão.

Quem sabe
Um dia possamos chama-lo:
Por São Frei Martinho.

(Trecho do Auto de Frei Martinho: O Santo missionário da Paraíba, de autoria de Teresa Cristina Teles de Holanda)

Dentro do contexto missionário, as fontes também evidenciam o nome do alemão Frei Casimiro Brochtrup, que diferente dos dois religiosos citados anteriormente, exerceu seu apostolado não em cidades interioranas, mas em comunidades pobres de

capitais, como Salvador e em especial no Recife. Frei José Milton Coelho⁶⁰ ressalta essa preferência de Brochtrup pelas zonas miseráveis urbanas, muitas vezes não atendidas pelo poder público, o que fazia com que o religioso saísse dos limites dos conventos e se infiltrasse nessas áreas para o atendimento religioso.

Em Salvador se dedicou ele aos pobres de Plataforma, um dos alagados mais miseráveis da Capital. Era um bairro só de operários, que vegetavam em condições de extrema miséria, em volta de uma grande fábrica de tecidos.[...] E as visitas domiciliares, indo de casebre em casebre, sobretudo quando se tratava de confortar os doentes. Andava a pé pelos lugares mais perigosos, o que não deixava de preocupar a quantos temiam pela sua vida. Para chegar à Plataforma, só para ganhar tempo, atravessava com toda naturalidade quase um quilômetro de ponte de ferro sem corrimão, por onde o trem cortava o braço de mar. Enfrentava sol e chuva, de dia ou de noite, para cuidar daquelas ovelhinhas desgarradas. Que alegria para o povo ter de novo, com a chegada de Fr. Casimiro, a capelania bem tratada e cheia de gente para o catecismo, a preparação aos sacramentos, as orações, a santa missa! (COELHO, [s.d.], p.3-4).

A principal área de atuação de Frei Casimiro foi a capital pernambucana, em especial as zonas mais pobres dos bairros de Santo Amaro e Campo Grande, junto aos mangues e às habitações locais denominadas mocambos nas décadas de 1920 e 1930. A fundação da missão permanente em Santo Amaro, mas especificamente no sítio da Macaxeira, “se tratava de uma ideia nova e fora dos moldes comuns, pois envolvia destacar um frade para dedicar-se totalmente a uma atividade, fora do convento, a serviço de uma Missão, que praticamente o isentaria da jurisdição do Guardião do Convento” (COELHO, [s.d.], p. 8). Assim, Frei Casimiro optava por se ausentar do amparo da vida conventual e a exercer seu apostolado junto às populações e junto às suas estruturas materiais, vivenciando o cotidiano e as práticas locais. O bairro de Campo Grande é apresentado por Coelho como “o bairro dos mangues. Aí os pobres catavam o caranguejo, o camarão, o siri. Nem precisavam sair de casa. "Casa" é uma maneira de dizer. Os mocambos nasciam dos mangues como se fossem um produto natural dos manguezais” (COELHO, [s.d.], p. 13).

Nesses bairros, Frei Brochtrup se dedicou não apenas às atividades de cunho religioso, como assistência espiritual e construção de capelas, mas também se empenhou na busca por melhorias sociais, como o estabelecimento e manutenção de escolas:

⁶⁰ Frei José Milton Coelho foi um escritor, estudioso, e autor de livros pertencente à Província de Santo Antônio. Conviveu com os religiosos alemães a partir de 1946 quando ingressou no Colégio Seráfico de Santo Antônio de Ipuarana, em Lagoa Seca, Paraíba. Foi entrevistado pela autora em 2012 no convento de Ipojuca e pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em 2013 na casa de Olinda. Faleceu em outubro de 2020 quando residia no convento de Recife.

Ao mesmo tempo Frei Casimiro atacou o problema da escola para crianças pobres e de outras obras sociais. De modo especial se fazia sentir a necessidade de uma escola, pois, não havia ali escola oficial. Abriu ele duas escolas em fevereiro de 1927, seguindo-se pouco tempo depois uma terceira escola. É bem verdade que tais escolas funcionavam em “palhoças”, mas atendiam a uma necessidade impreterível de toda uma população de menores abandonados. Com isso, Frei Casimiro lutava com todo o vigor para mudar a situação de miséria em que se encontravam as famílias operárias de nossas periferias.

Até 1930, as escolas funcionavam, como já acenamos, em palhoça e numa casa coberta de zinco. Só Deus sabe as dificuldades que Fr. Casimiro teve que enfrentar para conseguir professores, superar a evasão escolar, conseguir material didático, alimento para as crianças, médico, remédios e muitas outras coisas. Quantas humilhações teve de enfrentar, principalmente por parte daqueles que mais deviam ajudar, como os homens do Governo! Ele esmolava de porta em porta para os seus pobres. Mas sabia exigir também dos responsáveis pelo Estado o cumprimento de suas obrigações para com aqueles a quem deviam servir por ofício (COELHO, [s.d.], p. 10-11).

O interesse do frade alemão pela transformação da realidade social das comunidades pobres recifenses levou o religioso a fundar a obra social denominada “Liga Patriótica”, que segundo Frei Milton Coelho foi assim chamada por Frei Casimiro acreditar que sua obra representava um serviço à pátria. A instituição atuava na promoção da prática religiosa e da educação, tendo como objetivos “construir igrejas ou capelas nos bairros proletários mais populosos do Recife e manter nestas igrejas culto regular; [...] manter junto a estas igrejas escolas práticas paroquiais com ensino da religião.” (COELHO, [s.d.], p. 14). O franciscano buscava atuar como um agente urbano em paralelo ao poder público, representando um dos vários movimentos sociais, políticos e culturais que emergiam nos mocambos recifenses na primeira metade do século XX⁶¹.

Frei Milton Coelho ainda aponta em seu texto as dificuldades de Frei Casimiro Brochtrup em obter junto aos sucessivos governos do estado pernambucano auxílio para financiar seus projetos nos bairros da capital, “segundo Frei Casimiro, a sua atividade entre a população dos mocambos não era vista com bons olhos pelo governo” (COELHO, [s.d.], p. 11). Assim, nesse primeiro momento, a atividade de Brochtrup esteve desvencilhada de apoio político e apresentava autonomia com relação ao poder público da época. No final dos anos de 1930, no entanto, seu trabalho ganha o apoio do novo interventor do estado, Agamenon Magalhães, que se tornou amigo pessoal do frade seráfico. “Foi o Dr. Agamenon Magalhães, o grande amigo de Fr. Casimiro, que

⁶¹ FISCHER (2020) coloca que esses movimentos apresentaram origens e inclinações ideológicas bastante variadas, além dos de cunho religioso, havia iniciativas em resposta a ameaças de despejo, ou por pressões ao Governo por serviços urbanos essenciais, ou ainda movimentos culturais que buscavam a promoção das religiões afro-brasileiras e as festas populares.

fez reverter a perseguição às Obras Sociais Franciscanas em colaboração irrestrita ao grande "Apóstolo dos Mocambos", como assim o denominou" (COELHO, [s.d.], p. 12). Frei Milton Coelho transcreve parte do texto para o Jornal Folha da Manhã do então governador pernambucano sobre Frei Casimiro logo após sua morte em 1944:

A Cruzada Social contra o Mocambo perdeu, com a morte de frei Casimiro, um dos seus pioneiros. Levado pelo seu coração e pelo seu braço, é que conhecemos a Macaxeira, o arraial mais denso e mais triste de miséria e abandono social. As construções foram se multiplicando, abençoadas por Deus e pelos homens, aumentando o fervor apostólico do missionário, que não tinha medo da pobreza e que vivia os seus sofrimentos, pobreza que ocupou cinqüenta anos de sua vida, iluminada pela caridade e a fé. Quando inauguramos a primeira vila da Macaxeira, a Vila das Cozinheiras, ele nos pediu, com aquela humildade, que só os santos sabem ter, para falar ao povo. [...]

Frei Casimiro realizou o seu destino na terra e a sua obra social e cristã continuará depois dele. A caridade de hoje será a justiça de amanhã. Os seus olhos ainda viram esta verdade. A Macaxeira foi transformada. Os mocambos que cercava a sua igreja e a sua escola, ele os viu cair um a um, como viu surgirem, no seu lugar, as centenas de casas populares, que tornam hoje aquele sítio tão festivo e tão feliz. Depois da caridade de frei Casimiro é que surgiu a justiça do Estado. Foi apóstolo dos mocambos. Sentiu, como nenhum outro, a aflição dos que não tinham casa". (COELHO, [s.d.], p. 17).

É provável que Agamenon Magalhães tenha se utilizado da influência franciscana dentro dos mocambos como um dos sustentáculos para sua campanha massiva de erradicação deste tipo de habitação, usualmente em taipa e coberta de palha, em prol da construção de casas populares, procurando disseminar a imagem destes assentamentos como espaços anti-higiênicos e não civilizados, associados a uma verdadeira catástrofe social e moral (FISCHER, 2020). Como se sabe, esta política habitacional foi criticada pelos regionalistas, como o sociólogo Gilberto Freyre⁶² (2013) que enaltece os mocambos como construções de resistência negra e cabocla, expressões tipicamente brasileiras ligadas às matrizes africanas e indígenas, de caráter ecológico por conta de sua harmonização com o meio tropical e o ambiente local.

Na visão de Frei Casimiro Brochtrup, muito mais vinculada ao higienismo e às ideias de ordem, os mocambos estavam associados a forma paupérrimas e insalubres de habitações e um de seus desejos junto às comunidades era justamente suas substituições por outras formas de moradia. Assim, não é de se estranhar seu entrelaçamento com a política habitacional de Agamenon Magalhães. Mais que isso, emblemático é o fato desta proposta ter se iniciado com a "Vila das Cozinheiras" no bairro de Santo Amaro, onde se situava a missão de Brochtrup, no que Frei Milton

⁶² Como será visto adiante, Gilberto Freyre também manterá relações de amizade com os frades franciscanos alemães, em especial com os religiosos das últimas gerações que chegam ao Brasil entre as décadas de 1930 e 1950, a exemplo do antigo Provincial Frei Serafim Prein.

Coelho (2010) sugere uma possível inspiração do trabalho do franciscano sobre a política do governante: “Quando, em visita às obras de Fr. Casimiro, teve a inspiração de lutar contra os mocambos, e lhe manifestou o desejo de começar logo as obras de moradias dignas para o povo, Frei Casimiro lhe sugeriu: - Por que não começa aqui?”. É também em Santo Amaro que o nome do frade ainda hoje está marcado no cotidiano do bairro por meio da Rua Frei Casimiro.

É contemporânea a Frei Brochtrup a criação da Liga Social contra o Mocambo que partilhava com o religioso as ideias e concepções acerca dos mocambos e da própria urbanização da cidade do Recife. Assim, o espírito da época que atrelava desenvolvimento e urbanização à ordenação, disciplina, higienismo, embelezamento, imponência dos espaços urbanos e das habitações, ecoam não só em Frei Casimiro, mas nas ações de seus confrades germânicos em diversos aspectos de suas atividades nos âmbitos arquitetônico e urbano, como será visto mais adiante.

A atividade da Liga – que entre 1940 e 1945 promoveu a demolição de cerca de cem mocambos por semana! – consoava com as obras que a administração interventora do estado sustentava no bairro de Santo Antônio, o segundo mais antigo do Recife e que articulava toda a área central. Os “pardieiros foram postos abaixo, expulsando moradores e extinguindo serviços que ainda se mantinham no centro da cidade [...] As palavras proferidas na entrega do projeto de reforma e adequação de Santo Antônio prenunciavam as atividades da Liga, e explicitam a orquestração de atividades de disciplinamento do habitar e das habitações: **“Urbanizar é higienizar, facilitar, disciplinar, embelezar, dar enfim ao homem os elementos de uma vida que o afaste, cada vez mais, das formas iniciais dos estádios inferiores da comunidade humana. [...] A remodelação de uma parte central do Recife trará, é claro, saúde, imponência e beleza à cidade.”** (MARINS, 2021, p.154-155. Grifo nosso).

Ao traçarmos comparações entre as ações dos três missionários alemães apresentados, respeitando as particularidades de cada religioso e dos contextos regionais em que atuaram, de modo geral percebe-se uma atitude extremamente operativa apoiada no esforço de infiltração na realidade brasileira, procurando transformá-la conforme seus ideais. Buscaram as áreas periféricas, dentro de seus contextos, desassistidas materialmente e espiritualmente, renovando a prática religiosa nas comunidades e trabalhando em prol do desenvolvimento social local. Por outro lado, aos assumirem essa incumbência, por vezes eurocêntrica, de levar o “desenvolvimento” a comunidades marginais, assumiram uma postura de certa forma impositiva e em alguns momentos se associando ao poder político vigente, ou enfrentando o mesmo, como no caso de Frei Casimiro Brochtrup no início de sua missão. Se comportaram como agentes urbanos de ampla popularidade e capilaridade junto às populações, se utilizando da fé católica como instrumento para a garantia de um ideal de ordem, mas

também como ferramenta para a conquista da própria sobrevivência, condições humanas e desenvolvimento das comunidades locais, inspirados por um viés civilizatório.



Imagens 50, 51 e 52 - Frei Rogério Neuhaus, Frei Martinho Jansweid e Frei Casimiro Brochtrup. Fonte: Página oficial da Província da Imaculada Conceição do Brasil; RIBEIRO, et al., 2005; COELHO, 2010.

Sobre as gerações de frades alemães que atuaram em missão no Brasil, de forma geral, podemos identificar três diferentes grupos: a primeira leva que chega ao país a partir do fim do século XIX e primeira década do século XX, se tratando dos restauradores propriamente ditos; o segundo grupo de migrantes que vêm ao país no período entre guerras, já como os primeiros frutos dos colégios preparatórios de missionários destinados ao Brasil, como o Seminário de Bardel na Alemanha; e a terceira geração que desembarca no país nos anos e décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial.

Se os primeiros missionários alemães que aqui chegaram foram atraídos, se considerarmos os documentos examinados, pela ideia do Brasil como o país das florestas virgens e dos índios selvagens, as últimas gerações de frades viajantes almejavam encontrar novos aspectos que julgavam inerentes à realidade do país em meados do século XX. O Brasil como território de pobreza, de desigualdade social e dos miseráveis passa a emergir como ideal a ser buscado, uma conduta que pode ser interpretada como mais próxima ao santo fundador da Ordem que metaforicamente se casa com a Senhora Pobreza, se despoja de bens materiais, busca os pobres e denuncia a exclusão da nova sociedade urbana. Esse interesse pelos problemas do chamado “Terceiro Mundo” e a aproximação da Igreja com as camadas mais

necessitadas da sociedade serão o motor e a busca em especial dos religiosos da terceira geração de migrantes.

Alguns desses frades ainda vivem atualmente nos conventos brasileiros e nas casas franciscanas na Alemanha pertencentes à Província de Santo Antônio, nas cidades de Bardel e Mettingen, o que permitiu a realização de entrevistas nas quais foram coletas suas impressões. Constatou-se que, se os relatos dos primeiros franciscanos alemães que chegaram ao Brasil mostram que lugares como a China, terra distante de infiéis, rondavam os desejos secretos dos jovens estudantes, agora os sonhos das novas gerações se encontravam na África. Vários depoimentos expressaram que ainda na Alemanha no despertar de suas vocações, esses religiosos almejavam serem missionários no continente africano, seguindo a opção de Francisco pelo encontro com comunidades em situação de miséria.

Esses grupos de religiosos se caracterizam, portanto, por serem arraigados ao ideal da missão, defendendo a ideia da Igreja atuando fora do claustro e em movimento. Em suas falas, por vezes demonstram o incômodo com o estabelecimento em conventos e com o tempo desperdiçado no cuidado com a materialidade das casas, afirmando que o lugar do frade é no mundo, junto com as pessoas e no cuidado com o povo. O frade alemão Frei Walter Schreiber nos relata esse impasse com o trabalho dos religiosos dentro de conventos: “Ele pensou a construção de capelinhas e não de grandes conventos; São Francisco não servia em convento, era um missionário. [...] A questão é: a casa tem de ser cuidada. Sem dúvida nenhuma. Sou eu, pessoalmente, que não sou dado para cuidar da casa (riso). Como missionário assim. Não é? Embora eu ache que o valor cultural tem que ser mantido, eu me pergunto se eu, ou nós, temos que fazer isto”⁶³.

O também germânico Frei Hermano Cürten⁶⁴ nos fala que “antes os frades viviam presos no convento, quem saía era visto como quem não queria estudar”, em referência a essa mudança de postura da Província que no auge da presença alemã em inícios de século XX incentivava mais os estudos nas casas em detrimento do trabalho externo. Frei Cürten, que foi preso durante o período da Ditadura Militar por suspeita de envolvimento político, ainda relata que muito aprendeu com os trabalhadores e com as comunidades que trabalhou. Sua atividade missionária envolveu as populações periféricas de João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba, Mossoró, no sertão do Rio Grande do Norte, Fortaleza, no Ceará e Campo Formoso, sertão da Bahia, onde lutou

⁶³ Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem no convento franciscano de Ipojuca-PE em julho de 2008.

⁶⁴ Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem no convento franciscano de Campina Grande-PB em janeiro de 2013.

junto a famílias locais pelo acesso à água potável, segundo as palavras do próprio religioso durante a entrevista.

Frei Beda Vickermann⁶⁵, que atuou no Brasil por cerca de 30 anos, também evidencia em seu depoimento oral o papel do frade como missionário e o mundo como seu lugar genuíno de atuação. Salienta também uma sensibilidade voltada para questão da pobreza, como parte central do trabalho desenvolvido pela Igreja Católica.

Eu tinha duas matérias no ginásio, biologia e geografia. Biologia é natureza. E geografia... Eu lia um mapa como se fosse um livro. Eu gostava tanto. Até hoje eu olho sempre onde eu estou.

Quando eu saí de Düsseldorf [em viagem rumo ao Brasil], o avião levantou-se, eu olhei para baixo, comecei a chorar, e fiquei pensando "menino, você vai ficar pobre na vida". E hoje sou tão rico! É outra riqueza!

Para mim, o convento do frade é o mundo, é no meio do povo, ao lado do povo. Eu disse hoje também na pregação: Cristo nos mostrou o caminho ao céu, e o caminho passa por este mundo. Todas as dificuldades, alegrias, sofrimentos. **E a nossa Igreja deve estar muito mais ao lado do pobre.**

O religioso iniciou na década de 1960 uma iniciativa que apoia trabalhos sociais desenvolvidos no Brasil por meio de doações captadas na Alemanha. A organização “Aktionkreis Pater Beda” ainda hoje conduzido pelos franciscanos, mesmo após o falecimento de seu fundador em 2015, arrecada fundos nas regiões da Baixa-Saxônia e Vestfália na Alemanha, divulgando a problemática social brasileira, e apoiando projetos no Brasil, em especial no Nordeste, que se debruçam sobre a defesa dos Direitos Humanos, movimentos de trabalhadores rurais e cooperativas sem-terra e sobre grupos em estado de vulnerabilidade social, em especial, crianças de rua. A imagem de um globo terrestre estampa a logomarca do projeto, possível referência ao mundo como palco da atividade franciscana.



Imagem 53 - Logomarca do projeto “Aktionkreis Pater Beda” e mensagem na página oficial da organização em alemão acerca da pandemia de Covid 19. “Quem tem fome, não pode esperar. Não deixamos sozinhos nossos parceiros no Brasil na luta contra a Covid 19”. Fonte: Página oficial do projeto, disponível em <<https://www.pater-beda.de/>>, acesso outubro 2021.

⁶⁵ Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem no convento franciscano de Bardel na cidade de Bad-Bentheim, oeste da Alemanha, em julho de 2012.



Imagens 54 e 55 - Frei Beda Vickermann junto a comunidades rurais no Nordeste do Brasil. Fonte: Imagens cedidas pelo religioso em 2012.

Em seus discursos, de uma forma geral, essas últimas gerações de frades alemães colocam em destaque muito mais suas atividades apostólicas, sua inserção junto às comunidades, suas viagens e seu apreço pelo país, minimizando quaisquer choques ou dificuldades de adaptação que venham a ter tido com a nova terra. Essa exaltação do Brasil pode ser observada também na fala do frade alemão Frei Serafim Prein⁶⁶, antigo Provincial da Província de Santo Antônio, que salienta sua relação pessoal com o país estrangeiro:

Interessante que quando eu cheguei no Brasil não tive nenhum dia de saudades. Naquele tempo eu era muito jovem, a minha mãe me escreveu, meu filho você não tem saudades de nós, saudades da Alemanha. Então eu escrevi, mamãe nunca tive saudades nem de casa. Então ela escreveu: meu filho como você pode dizer que nunca teve saudades. De fato, eu não tive porque logo me senti muito bem no Brasil, desde quando cheguei, viu. Eu gostei imensamente e ainda gosto imensamente do Brasil. Foram os dias mais felizes da minha vida. Foram 36 anos, um tempo muito bom para mim. Eu visitava todos os anos todos os conventos, eu era o Provincial. Eu conheço todas as zonas, o Amazonas, o Nordeste... (Trecho da entrevista realizada em julho de 2012).

É provável que essa outra abordagem e aproximação com o território brasileiro também tenha se relacionado com uma outra circunstância temporal na qual os próprios movimentos políticos e institucionais pelos quais não só a Igreja Católica vivenciava na década de 1960, que atualizavam o papel social da instituição, mas que o mundo ocidental como um todo atravessava. Assim, no campo da religião, a América Latina e o Brasil ganhavam evidência mundial por meio de movimentos como a Teologia da Libertação, com a defesa dos pobres e a luta pela justiça social, que contribuiu para a conformação de uma Igreja tipicamente latino-americana.

Caminhando para a conclusão deste capítulo, voltemos às motivações que levaram o início dessa jornada de frades alemães nos trópicos ainda em fins de século

⁶⁶ Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem no convento franciscano da cidade de Mettigen, oeste da Alemanha, em julho de 2012.

XIX. É verdade, como foi posto, que motivações individuais, o espírito missionário e o desejo por novos territórios, em suas diversas formas, exerceram importante influência ao longo de todo esse processo. Contudo, estes posicionamentos estão atrelados ao tempo em que tais fatos se davam, retomando a ideia de um franciscanismo mutável e colado ao tempo presente.

Nas últimas décadas do século XIX, a Igreja Católica caminhava na esteira do Concílio Vaticano I⁶⁷, procurando responder as questões do mundo moderno e reagindo às ideias secularizantes trazidas pelo Iluminismo e seus impactos nas esferas política e social. Antônio Bispo coloca que ao idealismo dos religiosos europeus, juntou-se o espírito restaurativo católico que procurava reinserir e renovar a Igreja em um período que ainda se sentiam os abalos do racionalismo, do anti-clericalismo, da exclausuração e da Kulturkampf, no caso alemão:

As novas possibilidades abertas pela proclamação da República no Brasil constituíram uma oportunidade única, inesperada de propagação do restauracionismo católico no Mundo no espírito anti-modernista do Concílio Vaticano I. A disponibilidade de forças de comunidades e a conquista individual de religiosos e aspirantes para a ação além do Oceano tinha como pressuposto a existência de meios materiais e humanos, assim como o idealismo daqueles que seguiam a vida religiosa. Essas condições variavam de país para país na Europa, mas tinham a característica comum de inserir-se no grande movimento de reforma de cunho restaurativo do Catolicismo do século XIX [...].

A restauração de conventos brasileiros não representou, assim, apenas o repovoamento de edifícios, mas inscreveu-se em amplo processo de restauração litúrgica e disciplinar eclesial, em movimento que atravessava séculos remontante à época da Contra-Reforma e do Concílio de Trento, mas que atingiu na Recatolização do século do Concílio Vaticano I a sua fase culminante (BISPO, 2014, n.151, s/p).

A imigração europeia ao Brasil que antecedeu a vinda dos frades alemães também se coloca como fato importante a ser considerado nesse contexto. Para além dos aspectos religiosos, pode-se fazer uma leitura que a vinculava a uma busca pela civilidade, que no caso do final do século XIX e início do XX se traduzia por um esforço em criar uma outra plataforma social, hierárquica, cartesiana, higienizada. E daí advém a tentativa de promover a atualização de hábitos e costumes, e a “modernização” do

⁶⁷ O Concílio Vaticano I foi convocado em 1869 pelo Papa Pio IX como uma resposta da Igreja Católica aos então recentes acontecimentos do mundo moderno que questionavam o papel da Igreja em favor do racionalismo e da secularização da vida cotidiana. O'MALLEY (2019) descreve a infalibilidade papal promulgada pelo Concílio como uma forma de estabilizar o caos do período: “The pope, like most Catholic leaders, was deeply distressed over the utterly new situation ushered in by the French Revolution and saw it as destructive of Christian values and even of Western civilization itself. He saw an infallible pope as the remedy that could provide stability amid the threatening chaos. Papal infallibility became the dominating issue at the council, and it is for the council’s definition of it that Vatican I is remembered”.

país, com rebatimentos na educação, nas relações de trabalho, e na construção da mão de obra livre assalariada, atrelando-se também a um processo de esbranquiçamento da população brasileira.

Portanto, em um primeiro momento, se torna muito mais pertinente o esforço dos frades alemães em se juntar aos conterrâneos no Sul, que praticamente realizam o mesmo movimento de migração, embora por razões diversas, mas não excludentes. “Os imigrantes trariam para o Brasil os valores da “civilização”, e conseqüentemente, era preciso limpar a área ocupada pelos “selvagens”, a fim de que ali se instalassem os portadores da civilização” (FRAGOSO, 1991, v1, p.19). Ocupando áreas em franco processo de urbanização, em especial a região sul, os imigrantes católicos também demandavam assistência religiosa de sacerdotes “tanto em sua língua materna, quanto na expressão de seus outros valores culturais próprios” (FRAGOSO, 1991, v1, p.20). Mas muito mais que isto, as famílias de imigrantes e os religiosos se irmanavam no propósito de se fixarem em uma terra estrangeira, para a qual optaram migrar.

Ainda de acordo com Fragoso, o governo alemão também apoiava essa empreitada: “Mesmo o protestante Bismark declarara a seu tempo à Santa Sé, mediante o embaixador da Rússia, que o governo da Prússia via com prazer estabelecerem-se missionários das “possessões” coloniais alemães, e que poderiam contar com a proteção do governo prussiano” (FRAGOSO, 1991, v1, p.20).

O Império Alemão possivelmente nutria interesse em ampliar a esfera de influência germânica para além dos contornos europeus, ao mesmo tempo que incentivava a diáspora das mesmas ordens religiosas que perseguiu em meados do século XIX com as rigorosas leis no auge da Kulturkampf. Assim, a imigração de religiosos atendia os interesses de ambos países e o objetivo comum de expandir a cultura europeia para outros mundos. Nesse sentido, levanta-se aqui a possibilidade de que o estabelecimento inicial dos frades alemães no sul do Brasil, junto as colônias de imigrantes, em detrimento da reocupação dos velhos conventos, conforme objetivo original da missão, tenha se dado não apenas por questões de aclimatação dos jovens franciscanos, como atestam as fontes, mas também por manobras políticas.

É possível, inclusive estabelecer paralelos entre a imigração europeia e a vinda de frades da Alemanha, dentro do escopo ideológico do próprio governo brasileiro. Ambos se vinculam a processos de “reeuropeização” (Bispo, 2014) e recolonização do território, com o objetivo de conferir mudanças à realidade tradicional brasileira. No que se refere à religião, a revitalização dos conventos e da vida franciscana não deveria se restringir as esferas clericais, mas irradiariam novos valores com rebatimentos na vida moral e cultural da sociedade:

O repovoamento dos conventos brasileiros poderia ser visto como importante momento de uma “reeuropeização” do Brasil, da transformação ou mesmo substituição de desenvolvimentos que tinham adquirido uma própria dinâmica através dos séculos. Tratou-se de uma transfusão que deveria revitalizar não só a vida conventual, mas a cultura religiosa e moral, e que reconectava o país mais estreitamente com movimentos religiosos europeus, cujos principais centros já não se encontravam nos países ibéricos.

O que surgia como renovação tanto na Europa como no Brasil era de modo quase que paradoxal expressão de intentos retroativos e reacionários, de reforma restauradora e que na idealização romântico-historicista da Idade Média religava o país com um passado que este nunca teve.

A “reeuropeização” era assim dupla: aquela representada pelos próprios europeus que repovoavam os conventos, transformando-os em centros de ação e irradiação cultural europeia no país, e aquela da visão histórica e da avaliação de desenvolvimentos e formas de expressão em extensão de processos religioso-culturais do Velho ao Novo Mundo à época dos Descobrimentos. (BISPO, 2014, n.151, s/p).

Se por um lado a vinda de frades alemães ao país foi motivada por uma ideia enquadrada como modernizante em consonância com as transformações pelas quais sociedade brasileira enfrentava em fins de século XIX, Bispo apresenta um contraponto a essa ideia afirmando que este processo também foi moldado por intentos retroativos de restauração da influência da Igreja na vida cotidiana e a uma reciclagem da ideia colonialista de que os “princípios civilizatórios” do velho continente precisam ser expandidos para outras partes do mundo conhecido. Essa ideia da “reeuropeização”, no entanto, pareceu estar muito mais atrelada ao próprio governo brasileiro do período, que buscava uma imagem moderna para o país, do que relacionada às aspirações dos religiosos que viam a inserção de novos valores na vida franciscana conventual brasileira como um ideal missionário de civilizar o novo mundo.

Em meio a esses entrelaçamentos sociais e políticos que possam ter sustentado a saga dos franciscanos alemães no Brasil, ressalta-se que o ideal da missão, profundamente enraizado nas origens do franciscanismo e cultivado pelos menores ao longo dos anos, estava imbuído nos desejos e nas expectativas desses frades, conferindo certo aspecto ligado às emoções, ao subjetivismo e ao individual nessa história. Todavia, vale lembrar que esses anseios e sonhos foram apresentados pelo viés de documentos, produzidos para serem lidos mais adiantes, e, portanto, com a intenção de que o ideal missionário permanecesse impulsionando gerações de religiosas futuras. E isso pode ser percebido em singelas palavras proferidas por esses frades. Quando pedimos ao franciscano alemão Frei Hermano Cürten para nos apontar a palavra que considera mais bela, o mesmo não hesitou e respondeu: “a caminhada”.

PARTE 2:

ESPACIALIZAÇÕES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: FRADES CONSTRUTORES

Em 4 de Junho do mesmo ano, assisti, na colônia italiana de Rodeio, com outros confrades, à benção da nova igreja, ali construída graças ao labor insano de Frei Lucínio Korte. Parece incrível, conseguir tão grande e bem feita construção numa colônia pobre, e ainda dotá-la, aos poucos, com um rico altar, um grande órgão e mil outras cousas que numa igreja não podem faltar (SINZIG, 1917, p. 216).

A jornada dos religiosos franciscanos da Alemanha no território brasileiro, além de ter estado vinculada a um forte desejo missionário, como visto anteriormente, foi impregnada por um espírito itinerante e de mobilidade que os levaram a atuar em várias cidades do país em pelo menos 13 diferentes estados. Essa atuação de caráter móvel deixou também marcas construídas no território por meio do erguimento de igrejas, conventos e escolas que irão compor parte importante dos núcleos urbanos que receberam essas edificações. De fato, o encontro dos frades germânicos com o novo país foi norteado por um ímpeto operativo e desejo de transformação: era preciso mudar a realidade local, portanto, era preciso construir. Neste sentido, este capítulo se volta à materialidade produzida por estes religiosos em território brasileiro, seja por meio das intervenções nos antigos conventos, seja pela análise de suas novas construções que passam a integrar a paisagem das cidades brasileiras, ou ainda, em um terceiro momento abordará aspectos relacionados as artes e as técnicas, que despertaram a sensibilidades dos religiosos germânicos e apresentaram rebatimentos nos espaços construídos.

A fala de Frei Pedro Sinzig na citação de abertura chama atenção para o “labor insano” de Frei Lucínio Korte em torno da edificação da nova igreja na então singela colônia de Rodeio, no Vale do Itajaí catarinense. Esse paradoxo entre “tão grande e bem feita construção” com núcleos urbanos pequenos e pobres que Sinzig pontua se repetirá em outras localidades brasileiras que receberam as edificações dos franciscanos da Alemanha ao longo do final do século XIX e primeira metade do século XX. E assim como Korte exerceu protagonismo na localidade habitada por colonos italianos, outros religiosos alemães, como Frei Clemente Sagan, Frei Martinho Jansweid, Frei Godofredo Zibbert, Frei Egydio Lothar, também se destacaram em diferentes contextos regionais como frades construtores, seja pela idealização dos novos prédios, seja pela participação ativa nas obras.

Este capítulo falará de arquiteturas franciscanas. Abordará o legado construído deixado por frades alemães no Brasil por meio de novos conventos, igrejas e escolas

que ergueram no país a partir de fins de século XIX, mas também olhará para as casas seráficas edificadas no período colonial e as transformações que esses religiosos executaram nesses espaços. Lembremos que a missão original dos germânicos em território brasileiro englobava justamente a revitalização dos antigos conventos datados dos primeiros séculos de ocupação portuguesa da então colônia do Novo Mundo. Como será o encontro desses frades com essa herança alheia à sua história? Portanto, iniciaremos essa segunda parte da tese justamente com essas edificações, seus espaços e significados, para posteriormente nos debruçarmos sobre a atuação dos germânicos nas edificações que já encontraram estabelecidas em território brasileiro, e por fim, adentrarmos nos novos complexos conventuais que erguem no país. Essas novas construções guardarão relações com as já pré-existentes no Brasil, ou representarão rupturas consistentes? Como os frades da Alemanha espacializam sua memória, sua conduta e suas visões de mundo nas cidades brasileiras? O que legam para a arquitetura do país?

A imagem seguinte retrata o momento em que franciscanos posam para foto em meio a obras da catedral de Lages, no planalto catarinense, cuja construção foi iniciada pelos menores em 1912. Junto a eles, em meio às pedras e em posição periférica na fotografia, aparecem também trabalhadores, provavelmente mão de obra local da cidade. Erguer igrejas e conventos representou uma das principais atividades dos franciscanos alemães em terras brasileiras, ações essas evidenciadas não apenas no número de edificações erguidas, mas nos relatos e nas imagens que destacam e exaltam o papel e trabalho desses religiosos como frades construtores. Mas que espaço terá a própria paisagem brasileira, com suas pessoas, culturas e ambiências nesses novos objetos arquitetônicos que passam a integrar ativamente a vida urbana das cidades do Brasil a partir de fins de século XIX?



Imagem 56 - Frades franciscanos na obra para a construção da Catedral de Lages-SC em 1913. Fonte: Extraído de <<http://lagesconhecalagesape.blogspot.com.br/>>. Acesso em dezembro/2020.

4. ESTRUTURAS ESPACIAIS PRÉ-EXISTENTES: OS CONVENTOS HISTÓRICOS

4.1. Um conjunto de conventos-irmãos na costa brasileira

A presença franciscana em território brasileiro ainda nos primeiros séculos da colonização portuguesa é amplamente conhecida e reportada nos estudos acadêmicos e culturais ligados à área da Arquitetura, Patrimônio Cultural e História. Sabe-se que na esquadra de Cabral que aporta no Brasil em 1500, a Igreja Católica se fez presente por meio de um grupo de franciscanos liderados por Frei Henrique de Coimbra que celebrou a primeira Missa em terras brasileiras, imagem que foi retratada e “romantizada” no século XIX na famosa tela de Victor Meirelles e utilizada como ferramenta iconográfica para a então construção de uma ideia de nação no período pré-republicano. Além disso, em termos de arquitetura e urbanismo, a atuação franciscana em séculos coloniais está marcada até hoje na paisagem das mais antigas cidades brasileiras por meio de grandes complexos conventuais construídos nos séculos XVI, XVII e XVIII, a maior parte hoje tombada a nível nacional.

Neste período foram erguidos na costa brasileira 28 conventos, distribuídos ao longo do litoral nos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo pertencentes inicialmente à Província portuguesa de Santo Antônio de Lisboa, e depois às Províncias de Santo Antônio, no Nordeste, e da Imaculada Conceição, Sudeste brasileiro. Construções franciscanas, entre conventos e hospícios, também foram empreendidas em menor número nas então capitânicas do Maranhão e do Grão-Pará, porém vinculadas às Províncias portuguesas de Santo Antônio, Conceição e Nossa Senhora da Piedade⁶⁸. Neste trabalho, no entanto focaremos nas edificações relacionadas às duas mais antigas províncias brasileiras.

Este capítulo, em especial, se beneficia de uma série de viagens realizadas pelo território brasileiro, como colocado na introdução, incluindo 17 cidades em que se localizam antigos conventos erguidos no período colonial, e 13 localidades que receberam as novas construções conduzidas pelos germânicos. Seguindo a conduta

⁶⁸ Frei Apollinario da Conceição (1733, p.178) menciona no século XVIII a existência de cinco edificações da Ordem Primeira Franciscana do ramo observante situadas nas então capitânicas do Grão-Pará e Maranhão, são elas: o convento de Santo Antônio em Belém, vinculado à Província de Santo Antônio de Portugal; o convento de Santo Antônio em São Luiz e o hospício de São Boaventura em Belém, subordinados à Província portuguesa da Conceição; e o hospício de Nossa Senhora da Piedade em Gurupá, no Pará, e o hospício de São José em Belém, pertencentes à Província da Nossa Senhora da Piedade também de Portugal.

itinerante franciscana, eu mesma me coloquei in via, me deslocando entre cidades e estados do país com paisagens, pessoas, culturas e contextos históricos diversos.

Foi acerca das antigas casas da Província de Santo Antônio que na década de 1940 German Bazin escreveu um importante trabalho. Historiador de arte e antigo curador do Louvre, também assume uma postura itinerante ao empreender uma série de viagens ao Brasil, se atentando em especial ao patrimônio barroco. Como produto desta empreitada, publica na década de 1950 a obra intitulada “A arquitetura religiosa barroca no Brasil”, em que dedica um capítulo a esses exemplares, evidenciando em especial a qualidade arquitetônica dos conventos franciscanos erguidos no Nordeste em séculos coloniais. Um outro ponto interessante abordado pelo autor foi aventar a hipótese acerca de suas similitudes construtivas e estilísticas, representando um esforço inicial em olhar essas edificações não apenas em suas individualidades, mas como parte de um conjunto arquitetônico coeso e expressivo, qualificado pelo autor como “uma das criações mais originais da arquitetura religiosa do Brasil” (BAZIN,1956, p.137).



Imagem 57 - Fachadas dos conventos franciscanos situados no Nordeste do Brasil erguidos entre os séculos XVI e XVII. Na imagem tem-se os conventos localizados nas cidades de Igarassu (PE), Marechal Deodoro (AL), Povoado de Paraguaçu-Cachoeira (BA), Olinda (PE), Penedo (AL), João Pessoa (PB), Pau d’Alho (PE), Cairu (BA), São Francisco do Conde (BA), São Cristóvão (SE) e Sirinhaém (PE), respectivamente. Fonte: Fotos da autora, 2009 e 2010.

Tabela 05 - Conventos franciscanos do Nordeste erguidos entre os séculos XVI e XVIII

	CIDADE	DENOMINAÇÃO	FUNDAÇÃO
<i>PERNAMBUCO</i>	Olinda	Nossa Senhora das Neves	1585
	Igarassu	Santo Antônio	1588
	Recife	Santo Antônio	1606
	Ipojuca	Santo Antônio	1606
	Sirinhaém	São Francisco	1630
	Pau d'algo	Mosteirinho de São Francisco	1635
<i>BAHIA</i>	Salvador	São Francisco	1587
	São Francisco do Conde	Santo Antônio	1629
	Paraguaçu/Cachoeira	Santo Antônio	1649
	Cairu	Santo Antônio	1650
	Salvador (hospício)	Hospício de Boa Viagem	1710
<i>PARAÍBA</i>	João Pessoa	Santo Antônio	1589
<i>SERGIPE</i>	São Cristóvão	Santa Cruz	1657
<i>ALAGOAS</i>	Penedo	Nossa Senhora dos Anjos	1660
	Marechal Deodoro	Santa Maria Madalena	1660

Fonte: Autora, 2021. Dados extraídos em MÜLLER, 1957.



Imagem 58 - Fachadas dos conventos franciscanos situados no Sudeste do Brasil erguidos entre os séculos XVI e XVIII. Na imagem tem-se os conventos localizados nas

idades de Cabo Frio (RJ), Angra dos Reis (RJ), São Sebastião (SP), Itu (SP, apenas o cruzeiro atualmente), São Paulo (SP), Bom Jesus da Coluna (RJ), Vila Velha (ES), Santos (SP), Rio de Janeiro (RJ), Itanhaém (SP), Vitória (ES), Taubaté (SP) e Itaboraí (RJ), respectivamente. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2017.

Tabela 06 - Conventos franciscanos do Sudeste erguidos entre os séculos XVI e XVIII

	CIDADE	DENOMINAÇÃO	FUNDAÇÃO	
ESPÍRITO SANTO	Vitória	São Francisco	1591	
	Vila Velha	Nossa Senhora da Penha	1650	
RIO DE JANEIRO	Rio de Janeiro	Santo Antônio	1608	
	Itaboraí	São Boaventura	1649	
	Angra dos Reis	São Bernardino de Sena	1650	
	Cabo Frio	Nossa Senhora dos Anjos	1684	
	Rio de Janeiro/ Ilha do Bom Jesus	Bom Jesus da Coluna	1705	
	SÃO PAULO	São Paulo	São Francisco	1639
	Santos	Santo Antônio do Valongo	1639	
Itanhaém	Nossa Senhora da Conceição	1654		
São Sebastião	Nossa Senhora do Amparo	1658		
Taubaté	Santa Clara	1674		
Itu	São Luís de Tolosa	1691		

Fonte: Autora, 2021. Dados extraídos em RÖWER, 1957.

O texto de Bazin também corrobora para validar a ideia de uma prática itinerante dos frades menores dentro do território da então colônia portuguesa, sugerindo a existência de “uma verdadeira escola de construtores pertencentes à Ordem” e de “oficinas ambulantes” (BAZIN, 1956, p.137-138) traduzidas nas similitudes entre as formas, molduras, detalhes e elementos construtivos destes conventos. Bazin deposita sua análise no conjunto franciscano erguido no Nordeste, todavia, um olhar mais atento pode ampliar essas aproximações, abrangendo também os conventos erguidos no mesmo período do Sudeste do país⁶⁹.

Acerca dessas edificações, os conventos franciscanos são o abrigo e suporte material para o desenvolvimento das atividades da Ordem, que, com o passar do tempo e sedimentar da instituição necessitou da fixação em casas. Ainda que a fraternidade

⁶⁹ A análise comparativa entre conventos franciscanos do Nordeste e Sudeste construídos nos séculos coloniais não será abordada neste trabalho, porém vem sendo objeto de investigação atual do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

primitiva tenha exaltado a vida errante, a sobrevivência, legitimidade e institucionalização dos seguidores de Franciscano dependeram desse apoio físico. A própria expansão e disseminação seráfica, apesar de, a princípio, movida pelo espírito itinerante, ganha solidez e permanência quando encrava nos novos territórios sua expressão material sob a forma de conventos.

As construções franciscanas erguidas no Brasil nos séculos coloniais seguirão formas e funções tradicionais da arquitetura monástica medieval, em que a ordem, a organização, o rigor na divisão do tempo e do espaço, codificados em suas regras e normativas, conduzem a composição formal desses edifícios, aspectos apontados pelo historiador da arte alemão Wolfgang Braunfels (1972), em seu trabalho sobre arquitetura monástica do Ocidente. "Monasteries became interpretations of the Rule according to the changing spirit of the times"⁷⁰ (BRAUNFELS, 1972, p.9). No Brasil colonial, os conventos seráficos traduziram materialmente os princípios de organização de uma instituição monástica, mas também as feições de uma Ordem que nasceu ancorada na simplicidade, no lirismo e na delicadeza. Expressaram a linguagem barroca própria do tempo trazida pelo colonizador, mas também a ambiência selvagem, tropical e mestiça com influências negras e indígenas em suas várias matizes, mas também de outros povos europeus e asiáticos apreendidas nas viagens dos menores pelo mundo.

Estas edificações se localizavam nos limites dos principais povoados, vilas e cidades que emergiam nos primeiros séculos de ocupação portuguesa do território. Os complexos franciscanos com sua imponente construtiva se destacavam em meio à acanhada paisagem edificada, impactavam no próprio traçado dos pequenos núcleos, e também funcionavam como um grande equipamento urbano em um cenário ainda desprovido de estruturas materiais e sociais de suporte à vida cidadina. Promoviam não apenas amparo religioso, mas também ofertavam serviços educacionais, de saúde, hospedagem, farmacêuticos, e abrigos durante guerras, devido à sua solidez construtiva e privilegiada localização.

Viajar por esses conventos nos coloca no interior de um mundo cheio de atravessamentos, onde várias camadas temporais se entrecruzam e dentre as quais, a contemporaneidade os atualiza tornando-os atrativos aos dias de hoje. Espaços em que os mais singelos detalhes podem revelar traços de cotidianos, de usos, de gestos passados. Pisos em pedra mais desgastados em determinadas áreas que outras, por exemplo, demonstra as frequências dos fluxos. Um púlpito isolado em um refeitório, flores e pássaros desenhados em áreas privilegiadas, uma ruína de chaminé em meio

⁷⁰ Os monastérios se tornaram interpretações da Regra, de acordo com o espírito de mudança de cada época (T.A.).

à vegetação. São sinais da história e de suas sobreposições. Ao mesmo tempo, ruídos de conversas e burburinhos de turistas circulando em áreas no passado restritas ao circuito religioso nos ofertam outras dimensões desses espaços na atualidade.



Imagens 59, 60 e 61 - Ruína de chaminé no convento de Paraguaçu-BA, pintura floral na sala do capítulo do convento de Cairu-BA e púlpito no antigo refeitório do convento de Marechal Deodoro-AL. Fonte: Autora, 2009 e 2010.

Os complexos franciscanos não se restringem a uma única edificação, e nem apenas ao que é construído e palpável. Compreendem áreas livres, às paisagens que os enquadram, aos sons e ao silêncio que insistem em sobreviver em seus espaços, aos frades que ainda perambulam portando seus hábitos nas ruas e no interior do edifício, às pessoas que nutrem devoções e zelo por esses ambientes - mesmo nos casos de conventos que não abrigam mais vida seráfica -, às práticas imateriais vinculadas ao franciscanismo, e aos vestígios de natureza que os olhos buscam apressadamente, tendo em mente as conhecidas relações entre Francisco e os seres vivos, que o tornaram o padroeiro da Ecologia e patrono dos animais ⁷¹. O convento ecoa na paisagem pintada, nos usos diversos, nos casos, nos livros que os descrevem.

⁷¹ São Francisco foi proclamado padroeiro da Ecologia pelo Papa João Paulo II, em 29 de novembro de 1979.



Imagens 62, 63 e 64 - Cotidiano no convento do Rio de Janeiro-RJ e Penedo-AL.
 Fonte: Autora, 2010, 2012 e 2009.

A própria materialidade dos conventos se inicia na sua transição física com a cidade por meio dos adros, grandes áreas livres situadas defronte as igrejas dos conjuntos arquitetônicos, que abrigam cruzeiros demarcando que ali mesmo o transeunte já se encontra em solo sagrado. Cada vez mais com o passar do tempo, abrigaram também atividades do cotidiano urbano, como a circulação, o descanso, a conversa, o comércio de ambulantes ou até mesmo a passagem de blocos no período de Carnaval. Valorizam o edifício religioso na paisagem da cidade criando cenografias, ao se situarem no ponto de fuga da perspectiva urbana, recurso legado do urbanismo barroco muito empregado nos antigos núcleos coloniais.⁷²



Imagens 65 e 66 - Adros dos conventos franciscanos de São Cristóvão-SE e Igarassu-PE.
 Fonte: Autora, 2009 e 2010.

Não só o espaço do adro guarda estreitas relações com a malha urbana, mas também chama atenção uma expressiva área verde que até hoje ainda envolve a massa construída de uma boa parte desses complexos, a chamada cerca conventual. As

⁷² Sobre a temática dos adros franciscanos ver MARX, 1984 e ALBUQUERQUE, 2012.

cercas, além de estarem associadas ao respiro da atividade religiosa, área contemplativa, contato com a natureza e com o mundo exterior, também guardam aspectos operativos essenciais para o funcionamento dos conventos e sua subsistência. Essas porções de verde também ofertavam alimento à comunidade religiosa, por meio do cultivo de frutas, hortaliças, vegetais e a criação de animais. Guardam muitas vezes a presença de poços que no passado ganhavam especial importância para o suprimento de água. Há ainda exemplares de cercas que mantêm ainda trechos de cursos d'água por vezes dotados de portos, como é o caso do antigo convento de Igarassu, em Pernambuco, ou o da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas.

Na cidade contemporânea, as cercas seráficas perderam parcialmente ou até totalmente (caso do convento de Recife-PE) suas áreas originais, reflexo de uma atitude preservacionista majoritariamente focada da proteção dos elementos construídos e não considerando esses espaços verdes como parte integrante e essencial dos complexos franciscanos.⁷³



Imagens 67 e 68 - Os conventos franciscanos de Penedo e Marechal Deodoro, em Alagoas, construídos no século XVII, envolvidos pelo verde de suas cercas.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

No que diz respeito aos espaços internos dessas edificações, estas abrigavam a rigorosa divisão de atividades que conduziam a rotina conventual: espaços para rezar, comer, estudar, trabalhar, punir, contemplar, dormir, tendo como centro o claustro, pátio interno onde a vida em clausura toca o céu, local de passagem, núcleo que organiza demais ambientes, o coração do convento nas palavras de Braunfels (1972, p.10). Ao mesmo tempo, esse rigor é amenizado pela simplicidade poética que gentilmente abraça a natureza dos trópicos, seus materiais, sua gente e suas paisagens enquadradas pelas amplas janelas, como já abordado na obra de um ex-presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) Glauco Campello sobre os

⁷³ Sobre a temática das cercas franciscanas ver ALVES, 2017.

atributos da arquitetura franciscana no Brasil: “ao adaptar-se às condições climáticas e acolher influências étnicas e culturais híbridas, não perdeu aquelas qualidades de simplicidade, de concisão e de expressividade terrena, chã, de sentido ecológico” (2001, p.39).

Se por um lado a maior parte da edificação conventual apresenta espaços sóbrios, geométricos, desnudos, despojados onde o branco da cal e a textura da pedra, embora por vezes pintada⁷⁴, predominam, no principal espaço dedicado ao divino outros tons e formas se sobressaem. O conjunto das igrejas franciscanas expõem, em maior ou menor grau, todo o mistério, sinuosidade e exuberância do barroco por meio de suas fachadas recortadas e recheadas com frontões ondulados, figuras humanas, florais escultóricos. Profusão de detalhes também vistos em seus interiores dotados de ricas decorações em talhas douradas, cantaria, azulejos que retratam passagens bíblicas ou vida de santos, e forros coloridos e ilusionistas, adornados com motivos de flores, frutas, conchas e anjos. Essas construções são hoje consideradas um dos principais acervos de arte barroca do país o que levou ao seu reconhecimento legal pelos órgãos que gerem o patrimônio cultural nacional. Destes 28 conventos franciscanos construídos no Brasil durante o período colonial, 22 foram tombados a nível nacional pelo IPHAN entre as décadas de 30 e 80 do século XX⁷⁵.

Além disso, as casas seráficas de Olinda, em Pernambuco, e Salvador, na Bahia, estão inseridas em centros históricos que foram declarados Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco, em 1982 e 1985, respectivamente. O amplo adro do antigo convento de São Cristóvão, em Sergipe, conhecido como Praça de São Francisco, recebeu a mesma distinção internacional em 2010⁷⁶.

⁷⁴ Sobre a pintura das pedras no interior dos conventos franciscanos do Nordeste do Brasil ver ALMEIDA, 2016.

⁷⁵ De acordo com a Lista dos Bens Tombados e Processos em Andamento (1938 - 2019) do IPHAN, todos os 15 conventos franciscanos construídos no período colonial no Nordeste são tombados a nível nacional. Dos 13 conjuntos do Sudeste, 7 apresentam o mesmo reconhecimento, enquanto 5 são tombados apenas a nível estadual, incluso o convento de Santos-SP, em que apenas o retábulo da Capela da Ordem Terceira é tombado pelo IPHAN dentro da categoria “bem móvel ou integrado”. Já o antigo complexo seráfico de Itu-SP não mais existe, restando o cruzeiro que é tombado a nível estadual.

⁷⁶ Sobre os sítios declarados como Patrimônio Mundial Cultural pela UNESCO no Brasil ver: < <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazil> >



Imagens 69, 70, 71, 72 e 73 - Detalhes dos conventos franciscanos de Vila Velha-ES, Cairu-BA, Ipojuca-PE, João Pessoa-PB e Marechal Deodoro-AL. Fonte: Autora, 2013, 2009, 2016, 2010 e 2016, respectivamente.



Imagens 74 e 75 - Detalhes da fachada e interior das igrejas dos conventos franciscanos de Penedo-AL e Salvador-BA. Fonte: Autora, 2011, 2012, respectivamente.



Imagens 76, 77 e 78 - Detalhes das igrejas dos conventos franciscanos de Igarassu-PE, Rio de Janeiro-RJ e Olinda-PE.

Fonte: Autora, 2016, 2010 e 2016, respectivamente.



Imagens 79 e 80 - Influências orientais e indígenas no interior do convento de Penedo-AL. Fonte: Autora, 2018 e 2017.

Atualmente essas construções estão enquadradas em grandes centros urbanos, pequenas cidades ou até povoados, permanecendo como elementos marcantes na paisagem urbana, reconhecidos como bens patrimoniais, como exposto, ou até mesmo emprestando suas imagens como símbolos, principais pontos turísticos ou cartões postais de algumas cidades. Em alguns locais, ainda guardam fortes vínculos com suas populações que lotam suas igrejas, frequentam as festas em honra aos santos franciscanos ou se aglomeram em filas para receber o famoso pão de Santo Antônio. Mesmo em conventos já desprovidos de vida religiosa, como é o caso do exemplar do povoado de Paraguaçu, situado no Recôncavo da Bahia, seus moradores ainda conservam zelo pelo espaço, tendo a posse das chaves da edificação e realizando

limpezas periódicas.⁷⁷ Esses laços com a comunidade se apresentaram mais dissolvidos em exemplares que já há algum tempo não abrigam mais vida religiosa e se transformaram em museus ou pontos turísticos, como se observa em João Pessoa-PB e Vitória-ES.

Com o declínio do interesse religioso e diminuição das vocações na contemporaneidade, muitos desses conventos abrigam reduzido número de religiosos, e por consequência, espaços subutilizados. Soma-se a isso o fato de que essas edificações históricas exigem de seus moradores cuidados e manutenções específicas, trabalho este pouco atrativo para os frades que hoje habitam as casas, já sobrecarregados no cumprimento de outras funções religiosas. Assim, as províncias franciscanas têm sido levadas a ceder alguns de seus prédios, como aconteceu recentemente com os conventos de Sirinhaém, em Pernambuco, Cairu, na Bahia e Santos, estado de São Paulo. Abre-se, portanto, uma discussão acerca das possibilidades de uso contemporâneo dessas edificações para que estas voltem a ter sua função urbana otimizada, debate este que já vem sendo conduzido, dentre outras frentes, pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem⁷⁸.

Essas edificações se encontraram em situação de decadência física e com sua função religiosa reduzida - ou até mesmo encerrada - no final do século XIX, quando as ordens religiosas enfrentavam as consequências das duras perseguições adotadas pelos governos colonial e imperial. A vida franciscana no Brasil atingiu seu apogeu numérico no século XVIII, quando as suas duas províncias contavam cada uma com quase 500 frades (WILLEKE, 1977, p.135) e todos os 28 conventos anteriormente mencionados já haviam sido estabelecidos. Por outro lado, este século também representou o início da repressão às instituições religiosas, processo que se intensificou nas décadas finais dos oitocentos, e que, como se viu, se conecta ao episódio dos frades alemães no Brasil.

A adesão ao Iluminismo em Portugal, representada pela figura de Marquês de Pombal, ministro do rei José I, desencadeou a implementação de uma série de medidas anticlericais na metrópole e em suas colônias, visando reduzir a influência política, social e econômica da Igreja. Dentre suas ações destacam-se o desenvolvimento de uma educação apartada da Igreja e a proibição da entrada de noviços nas ordens religiosas sem a permissão do governo no ano de 1764⁷⁹ (TEVES, 1967, p.6).

⁷⁷ Informações colhidas durante visitas ao convento de Paraguaçu realizadas juntamente com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem nos anos de 2009 e 2016.

⁷⁸ Sobre este tema ver SILVA, 2014.

⁷⁹ O franciscano alemão Frei Matias Teves ainda coloca que todos os pedidos feitos pela Província ao Governo para entrada de religiosos foram negados, só sendo permitida a entrada de novos religiosos,

Em 1855, com o Brasil já independente de Portugal, D. Pedro II retoma as medidas de Pombal e suprime as ordens religiosas, fechando mais uma vez os noviciados nos conventos (WILLEKE, 1977, p.135). A decadência dos costumes e da disciplina dentro do ambiente religioso, bem como as polêmicas com o clero e o bispado, são apresentadas como outras razões para o processo de esvaziamento das casas franciscanas e conseqüente redução da outrora forte influência desses conjuntos arquitetônicos para a construção da vida urbana brasileira.

Consultando um documento do cronista do convento franciscano de Penedo (AL)⁸⁰, acompanha-se um relato de 1866 de D. Manuel de Medeiros, bispo de Olinda, que, de dentro da própria ordem, confirma este afrouxamento das regras claustrais no interior das ordens religiosas brasileiras:

Bem sabemos, Irmãos diletíssimos, quanto tendes concorrido para esse estado, já abandonando as salutare disposições da disciplina monástica, já esquecendo a oração, a penitência e outras práticas que constituem a base essencial das instituições monásticas e que são os princípios geradores da influência que essas instituições exerceram em todos os tempos e poderão ainda exercer nas sociedades modernas. (...) outra vez o dizemos, **que o ar que se respira em vossas habitações não é o mais saudável, não é o ar de santidade**; mas também estamos certos de que não é fechando as portas suas à novas vocações, que se conseguirá purificá-lo; porquanto é bem sabido que **para restituir-se ao ar alterado em um determinado lugar a sua primitiva pureza, não se devem cerrar as portas, mas sim abri-las, para que pela renovação se torne puro, afastando-se ao mesmo tempo desse lugar as causas determinantes da impuridade.** (...) Vossa reforma é de urgência nós o confessamos, a honra do paiz e mais que tudo a causa da religião a reclamam instantaneamente; e por isso **fazemos votos ardentes para que brevemente amanheça o dia que deve trazer o sol a esses cubículos há tanto tempo desertos a virtude, a oração e o amor dos estudos a vossos** recintos; predicados estes que foram e serão sempre os predicados dos vossos institutos." (Livro das Crônicas de Penedo I, 1903-1930, s/p. Grifo nosso).

O bispo pernambucano recorre à metáfora do ar e da limpeza como forma de expressar a necessidade de renovação da vida religiosa nos velhos conventos, o que ecoa, dessa forma, no discurso dos frades alemães já reportados. Em um período em que se despontava a necessidade de purificação dos ambientes como forma de evitar a propagação de males e doenças, o religioso aproveita, portanto, esta condição para tratar da renovação do ar espiritual desses prédios que também se fazia necessária. Portanto, prolonga o higienismo material para o domínio do ético e do religioso.

mesmo que em menor número e de forma irregular, após o afastamento de Marquês de Pombal (TEVES, 1967, p.6).

⁸⁰ O material consultado trata-se do Livro das Crônicas de Penedo, uma série de livros manuscritos encontrados na biblioteca do cenóbio de Nossa Senhora dos Anjos que relatam o cotidiano da vida conventual na casa bem como o registro dos sacramentos distribuídos. As crônicas mais antigas consultadas em Penedo foram escritas no primeiro decênio do século XX já pelos religiosos germânicos.

Sabe-se que, em determinados casos, o chamado processo de exclaustração ocorreu até de modo mais agressivo no contexto europeu, onde grande parte das casas religiosas foram confiscadas pelo Governo ganhando novos usos, o que repercute até mesmo na atualidade. Em território lusitano o cenário da exclaustração transcorre no ano de 1834 quando foi determinada “a extinção de todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas das ordens e congregações regulares e a inclusão dos seus bens na Fazenda Nacional” (JORGE, 2005, p.96) e agrava-se em 1911 com a nacionalização de “quase todo o remanescente do espólio eclesiástico do país” (JORGE, 2005, p.83). Assim, manteve-se as igrejas dos antigos complexos conventuais, mas a parte claustral em geral foi desfigurada ou dissolvida na própria cidade com outras funções, a exemplo da cerca do antigo convento da cidade de Viseu, norte de Portugal, hoje transformada em parque urbano⁸¹.

Com este panorama, a Ordem Franciscana no Brasil se reduzia a poucos representantes e a um conjunto de conventos que tendiam ao arruinamento ou ao confisco por parte do Governo, como ocorreu em solo europeu e como também foi o destino de algumas dessas edificações. Em 1891, contava-se com apenas 10 frades idosos habitando todo o seu território: um religioso pertencente à Província da Imaculada Conceição no convento do Rio de Janeiro e nove frades da Província de Santo Antônio (WILLEKE, 1977, p.135) residentes nas casas de Salvador, Recife, Cairu e São Francisco do Conde⁸². Portanto, 10 conventos da Província do Nordeste e 12 do Sudeste se encontravam esvaziados.

É nesse contexto que se insere a vinda dos franciscanos da Alemanha ao Brasil, através da ação da Província Franciscana do Nordeste, então dirigida por Frei Camilo de Lélis, que solicita ao Ministro Geral da Ordem na época, Frei Leonardo Romantino, a vinda de frades estrangeiros, alegando a necessidade de catequizar os indígenas pertencentes a uma missão da Arquidiocese da Bahia situada em Ilhéus. Dessa forma, o Governo Imperial poderia permitir a entrada de religiosos no país (TEVES, 1967, p.13). A missão é aceita em 1889 pela Província da Saxônia na Alemanha (WILLEKE, 1977, p.137).

⁸¹ Dados colhidos durante visitas realizadas aos antigos conventos franciscanos de Portugal em junho e julho de 2017, acompanhadas do Professor Virgolino Jorge da Universidade de Évora.

⁸² Frei Matias Teves transcreve em sua publicação (TEVES, 1967, p.20) a Ata da sessão quase-capitular realizada em 2 de março de 1893, que pela primeira vez conta com a presença dos frades germânicos e incorpora Frei Amândo Bahlmann e Frei Taciano Thesing à Província brasileira. Ao relatar os frades que compareceram e que estiveram ausentes na reunião, além do Ministro Provincial Frei Antônio de São Camilo de Lellis e dos definidores que viviam no convento de Salvador, são mencionados os guardiões dos conventos de Recife, Cairu e da Vila de São Francisco do Conde, o que nos leva a crer que essas eram as casas ainda habitadas na época.

4.2. Reparar, modernizar: intervenções de frades alemães

A partir de 1891, após a estabilização da situação política do país, grupos de frades alemães⁸³ desembarcam no Brasil para reconstruir a vida seráfica local, dando início à chamada “Restauração” das províncias franciscanas brasileiras. Ressalta-se ainda que as principais fontes que detalham o cenário franciscano brasileiro em fins dos oitocentos, e mesmo a respeito de períodos anteriores, como Venâncio Willeke e Matias Teves, são justamente frades alemães que se dedicaram à escrita da história franciscana no Brasil ao longo do século XX. Sendo assim, é importante destacar que as lentes e olhares desses frades estarão presentes na própria construção não só da história, mas da própria historiografia da Ordem no Brasil.

O termo Restauração é frequentemente empregado para tratar da retomada da vida religiosa e espiritual das duas mais antigas províncias franciscanas brasileiras. Todavia, este termo também é pertinente quando nos referimos à atuação dos frades germânicos sobre o patrimônio edificado das duas instituições. Repovoar as casas não foi suficiente, mas devia-se incluir também o processo de reerguimento físico das casas. Segundo eles, era preciso reformá-las, evitar o arruinamento e adequá-las a mentalidade dos novos moradores e os ares dos novos tempos.

Quando observamos estas construções atualmente, percebe-se que as casas franciscanas que receberam a atuação dos missionários germânicos coincidem em grande parte com as que ainda hoje abrigam vida religiosa ou que até recentemente eram habitadas por frades, uma vez que atualmente um novo processo de esvaziamento vem levando as duas províncias franciscanas mais antigas do país a cederem parte de seus velhos prédios para outros usos. Dos 28 conventos seráficos construídos entre os séculos XVI e XVIII, 16 foram ocupados em algum momento pelos religiosos alemães (11 no Nordeste e 5 no Sudeste), e deste número, 9 ainda detêm o mesmo uso desde os tempos coloniais (6 no Nordeste e 3 no Sudeste)⁸⁴.

Esta diferença significativa no número de conventos repovoados no Nordeste e no Sudeste pode ser resultado de um certo atraso da Província da Imaculada Conceição em absorver os restauradores estrangeiros em relação à Província de Santo Antônio. Enquanto o processo de reocupação das antigas casas inicia-se no Nordeste no fim de

⁸³ A fim de exemplificação, entre maio de 1891 e março de 1896, foram enviados ao Brasil 152 missionários alemães. Em setembro de 1901, já haviam chegado ao país 206 religiosos (JEILER, 1991, p.10).

⁸⁴ Até recentemente este número era de 13 conventos ainda pertencentes às províncias franciscanas, porém nos últimos cinco anos as casas seráficas de Sirinhaém-PE, Cairu-BA, São Sebastião-SP e Santos-SP foram cedidos ou emprestados às dioceses locais. As duas casas paulistas foram entregues em agosto de 2019 e dezembro de 2020, respectivamente.

1892 com a chegada da 3ª expedição missionária ao convento de São Francisco em Salvador, as casas coloniais do Sudeste começam a ganhar novos religiosos apenas no ano de 1899, com a chegada ao Rio de Janeiro do frade alemão Crisólogo Kampmann e do brasileiro Diogo de Freitas (RÖWER, 2008, p.210).

Frei Basílio Röwer (2008, p.209) ainda coloca uma possível falta de interesse e oposição do último Ministro da Província da Imaculada Conceição, Frei João do Amor Divino, à restauração encabeçada por frades alemães, o que tardou a chegada dos estrangeiros aos antigos edifícios do Sudeste. Em carta de 1892 direcionada a Frei do Amor Divino, transcrita e encontrada nas crônicas do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, o então bispo diocesano D. José Pereira da Silva Barros incentiva o religioso a seguir o exemplo do provincial do Nordeste, Frei Camilo de Lélis, e a aceitar um encontro com o alemão Frei Amando Bahlmann para tratar da restauração da Província do sudeste.

No entanto, o cronista relata que as conversas foram infrutíferas e ainda expressa sua indignação e animosidade com as atitudes de Frei João acerca dos religiosos da Alemanha, evidenciado que, de fato, as relações entre os germânicos e o antigo provincial não eram amistosas. Outro ponto interessante a ser levantado no relato diz respeito à frase proferida pelo amigo de frei do Amor Divino em carta dirigida ao mesmo: “O erro deles [dos alemães] foi terem-se filiado à Província da Bahia”. Existiria desavenças entre as duas antigas Províncias em fins de século XIX que justificasse tal frase, ou de fato, como afirma o cronista, Frei João do Amor Divino buscava uma total independência de sua administração e de seus conventos sem vínculos com outras instituições franciscanas, seja a província da Santa Cruz da Alemanha ou a de Santo Antônio do Nordeste do Brasil?

A conferência [entre Frei Bahlmann e Frei João] não teve resultado algum. **Frei João não mostrou nenhuma vontade de restaurar a Província.** Queria guardar a sua independência. A carta do Exmo. Senhor Bispo tinha despertado a sua desconfiança. Via ameaçada a sua independência e **trabalhava evitar o “perigo” de ver-se obrigado a receber religiosos alemães nos seus conventos.** As palavras cheias de unção da carta dirigida ao Exmo. Senhor Bispo **não passavam de uma hipocrisia.** Logo depois da conferência com Frei Amando Bahlmann foi para Vitória para tomar as duas medidas e providências a fim de **impedir que o convento da Penha fosse ocupado pelos religiosos da Província da Santa Cruz.** Uma carta reservada, encontrada entre os papéis do seu espólio, dirigida à Frei João por um amigo íntimo, **serve muito bem para conhecer os seus verdadeiros sentimentos e os receios** que tinha. Passo a copiar um trecho da carta, que é datada do Rio de Janeiro, de 11 de abril de 1893. Frei João se achava no convento da Penha. Eis o trecho... “Tudo aqui em paz. Os alemães não apareceram aqui, contando achar-se hospedado no Castelo o tal Blamam (que dizer Bahlmann). O Vianna (Conselheiro Ferreira Vianna) disse-me, **que o senhor pode estar descansado, que eles não irão aí (Victoria) e muito principalmente**

no convento de Santo Antônio. O erro deles foi terem-se filiado na província da Bahia. Ele está alerta e nada acontecerá. O Internúncio é amigo do Vianna e tem com ele conferenciado sobre assuntos sérios”....Tantos receios e apreensões, quando da nossa parte ninguém pensava em apoderar-se dos antigos conventos, que quase todos já estavam quase em ruínas. (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.19-20. Grifo nosso).

Frei Basílio Röwer (2008) coloca que a iniciativa para o reerguimento da antiga província do Sudeste e reocupação de seus conventos partiu da Santa Sé que conseguiu estabelecer um acordo com o Frei João do Amor Divino e enviou de Roma ordens para que franciscanos sediados em Petrópolis se transferissem para a antiga casa do Largo da Carioca em abril de 1899⁸⁵. As crônicas do convento do Rio de Janeiro também discorrem sobre essa reviravolta, que representou o início da presença dos frades alemães nos conventos do Sudeste construídos em séculos coloniais:

Não existia nenhuma relação entre os franciscanos alemães e o Provincial Frei João devido à sua atitude tomada no princípio. Passaram alguns anos sem haver alteração alguma da situação criada pela má vontade da parte de Frei João. Não pensávamos em restauração da antiga Província, quando inesperadamente veio uma ordem direta de Roma ao Comissário Frei Hippolyto Zurek, residente em Petrópolis para mandar três religiosos do convento de Petrópolis ao convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Nem o revmo. Pe. Geral, nem o Provincial da Saxônia foram consultados antes da expedição da ordem, mas era preciso executá-la, porque foi terminante (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.20).

É importante ressaltar que as missões e construções de novos edifícios franciscanos no sul do país a partir de 1891 – quando de fato se iniciou a atividade franciscana alemã no país - não tiveram quaisquer relações com a então administração da Província da Imaculada da Conceição e com seu antigo provincial, mesmo que posteriormente o sul do país e seus conventos venham a ser incorporados por esta Província. Nas tabelas seguintes, são listados os anos em que as casas franciscanas erguidas no período colonial são reocupadas, bem como assinaladas as edificações que não receberam frades alemães em nenhum momento de sua história, muitas vezes por não pertencerem mais à Ordem no momento da Restauração das províncias, como é o caso dos conventos de Marechal Deodoro-AL e João Pessoa-PB.

⁸⁵ Sobre este acordo que possibilitou a vinda de religiosos para o convento do Rio de Janeiro, Frei Basílio Röwer complementa: “Querendo a Santa Sé recompensar os serviços prestados por Frei João à Ordem, agraciou-o com o título de Monsenhor de báculo e mitra e Custódio da Terra Santa. O velho Provincial sorria, pois via realizado o desejo desde muito tempo acariciado” (2008, p.10). É possível, portanto, que a perspectiva do recebimento dos almejados títulos tenha feito parte do acordo com Frei João, que possibilitou sua concordância com o envio de frades alemães ao convento carioca.

Tabela 07 - Ano de reocupação dos antigos conventos do Nordeste e usos atuais

	CONVENTO	ANO REOCUPAÇÃO	USO ATUAL
1	Olinda/PE	1893	convento franciscano
2	Salvador/BA	1892	convento franciscano
3	Igarassu/PE	1895	museu e uso diocesano
4	João Pessoa/PB	X	museu
5	Recife/PE	1893	convento franciscano
6	Ipojuca/PE	1895	convento franciscano
7	São Francisco do Conde/BA	1894-1896	convento franciscano
8	Sirinhaém/PE	1908	uso diocesano
9	Paudalho/PE	X	ruínas
10	Cairu/BA	1896	uso diocesano
11	Cachoeira/BA (Paraguaçu)	1896	ruínas
12	Penedo/AL	1893	convento franciscano
13	Marechal Deodoro/AL	X	museu
14	São Cristóvão/SE	1902	museu e hospedaria
15	Hospício de Boa Viagem/BA	X	ocupado por outra Ordem religiosa

Fonte: Autora, 2020. Dados sobre as datas de reocupação consultados em TEVES, 1967; FRAGOSO, 1991.

Tabela 08 - Ano de reocupação dos antigos conventos do Sudeste e usos atuais

	CONVENTO	ANO REOCUPAÇÃO	USO ATUAL
1	Vitória/ES	X	museu
2	Rio de Janeiro/RJ	1899	convento franciscano
3	São Paulo/SP	1908	convento franciscano
4	Santos/SP	1922	uso diocesano
5	Itaboraí/RJ	X	ruínas
6	Vila Velha/ES	1942	convento franciscano
7	Angra dos Reis/RJ	X	centro cultural
8	Itanhaém/SP	X	ruínas
9	São Sebastião/SP	1937	uso diocesano
10	Taubaté/SP	X	ocupado por outra Ordem religiosa
11	Cabo Frio/RJ	X	museu
12	Itu/SP	X	ruínas (restou apenas cruzeiro)
13	Ilha do Bom Jesus/RJ	X	ruínas (restou apenas a igreja)

Fonte: Autora, 2020. Dados sobre as datas de reocupação consultados em RÖWER, 1957.

Cabe ressaltar algumas particularidades com relação à reocupação desses conventos. A casa situada no pequeno povoado de Paraguaçu abrigou os frades alemães por um período de apenas quatro meses durante a epidemia de Febre Amarela no ano de 1896, quando a residência de Salvador foi interditada por membros da Saúde Pública (KLEIN, 1991). Mesmo nessa época as fontes descrevem a situação de grande degradação física que se encontrava o convento que, somando-se à dificuldade de acesso ao lugarejo, possivelmente impediram uma retomada do processo de reocupação da construção, contribuindo para que o edifício, sem uso efetivo, tenha se sofrido um processo de arruinamento ao longo do tempo. Os restauradores assim descrevem o seu estado quando a ocuparam provisoriamente: “As paredes daquela casa estavam íntegras, mas o teto tinha muitos estragos [...], e o interior do convento estava em situação misérrima [...]. Muitas das próprias tábuas de conexão das celas e dos forros estavam faltando; de forma que no primeiro dia, de tarde, aconteceu que um dos clérigos, entrando em certa cela, desabou por entre as tábuas do piso, lá embaixo” (KLEIN, 1991, p.25).

Com relação ao convento da capital paulista, os franciscanos passam a residir-lo em 1908, no entanto, ocupando apenas a área da igreja e os cômodos em seus fundos como a sacristia. Uma nova construção conventual situada no terreno ao fundo da igreja foi erguida no ano de 1941, onde abriga até hoje a fraternidade seráfica da capital paulista. O antigo prédio do convento propriamente dito foi emprestado ao Governo em 1828 para abrigar o Curso Jurídico (atual Faculdade de Direito da USP), e apesar de batalhas judiciais empreendidas pelos frades ao longo da primeira metade do século XX para reaver a edificação, o antigo convento não retornou para as mãos da Ordem, permanecendo até hoje sob posse da Academia (RÖWER, 1957).

Por fim, outra especificidade se refere aos conventos de São Sebastião, em São Paulo, e Vila Velha, estado do Espírito Santo, reocupados apenas tardiamente em um período em que as vocações brasileiras já participavam da constituição e da gestão da Província da Imaculada. Segundo Röwer (1957), a Santa Sé confiou a administração do convento capixaba situado em Vila Velha à Mitra diocesana em 1898, que ficou responsável pela manutenção e uso do espaço, incluindo o chamado Santuário da Penha, durante a primeira metade do século XX. Apenas em 1942 os frades franciscanos voltam ao local a pedido do então bispo diocesano, com o intuito de estimular o aumento movimento religioso no santuário, e somente no ano de 1955 se consolida a devolução de todo o complexo conventual da Penha para a Província franciscana.

Acerca dos conventos repovoados pelos frades germânicos, os relatos dos próprios restauradores colocam ênfase no estado de degradação física em que se

encontravam esses prédios no momento em que iniciaram sua reocupação, fato que, como mostrado no capítulo anterior, contribuiu para uma repulsa inicial de alguns grupos de frades com relação às atividades do Nordeste. Mesmo o convento de Salvador que ainda abrigava poucos religiosos, é descrito com espanto por Frei Pedro Sinzig:

O convento era enorme, formando, com a igreja sobrecarregada de riquíssima obra de talha, um vasto quadro. Só parte, porém, era habitável. Assim o andar térreo de uma das grandes alas, em quase toda a sua extensão, tinha sido transformado, - os leitores nunca o adivinhariam, si não lh'o contasse logo - em ... cemitério! Craneos e ossos, peitos de homens, amarellados e quasi transformados em couro, jaziam aqui e acolá no chão, nos vãos da janella, em toda a parte! (SINZIG, 1917, p.89).

Os frades alemães também relataram a situação física que encontraram nos conventos pernambucanos. Frei Adalberto Kirschbaum descreve a situação da casa de Ipojuca: “O convento estava muito arruinado, não se encontrando mais nele nenhuma janela; as paredes transpiravam água e estavam totalmente verdes por causa da humidade” (KIRSCHBAUM, [s.d], p.148). É comum os textos fazerem referência às perdas sofridas decorrentes de saques de partes dos prédios, como esquadrias, forros, pisos de madeira ou até partes dos altares, sendo estas reconstruídas pelos próprios religiosos, em especial os frades não sacerdotes chamados “irmãos leigos”, que entre os germânicos exerciam funções específicas nas casas como cozinheiro, marceneiro, pedreiro.

O convento do Recife achava-se nas mesmas condições de abandono como o da Bahia. **Uma grande parte estava ocupada pelo governo, muitas celas serviam de residências seculares, em parte estudantes, bom número de irmandades** e aí estavam instaladas dentro do convento, a horta se encontrava completamente abandonada, os muros da clausura destruídos o que dera lugar a que se fixasse aí uma casa de divertimentos, **um pequeno teatro em parte no terreno próprio do convento.**

Em piores condições se encontrava o convento de Olinda. Com a morte do último dos seus religiosos, em 1885, ficou completamente abandonado [...]. **A horta estava ocupada com casebres**, alguns de pedra e cal, cujos donos se haviam aproveitado de tudo quanto lhes podia ser útil do convento, arrancando janelas, tábuas do piso e quantas coisas, de modo que afora as paredes quase nada mais existia do convento. **Os irmãos leigos Fr. Feliciano, pedreiro, e Frei Junípero, marceneiro**, iam durante alguns meses do convento do Recife ao de Olinda, onde passavam a semana, para reparar as faltas e substituir o que o descuido e a malícia dos seculares haviam estragado e roubado. [...] Em seguida foi Frei Amando visitar também os conventos de Ipojuca e de Sirinhaém. Este parecia mais uma ruína do que habitação e muito menos convento. Tudo havia sido roubado, até as tábuas do piso em grande parte. (TEVES, 1967, p.35-36. Grifo nosso.)

A passagem anterior mostra que o esvaziamento das casas levou à ocupação das cercas conventuais por parte de seculares que se aproveitavam da grande área

abandonada para estabelecerem pequenas moradias ou outras construções, como um teatro no caso de Recife, que Frei Amando Bahlmann denominou como “praga”. Entendida muitas vezes como parte desvinculada do complexo religioso, e por consequência, do patrimônio construído que envolve o conjunto, a cerca comumente principia os processos de perda e ocupação secular das construções conventuais, como pode ser visto ao longo da história das casas nos séculos XX e XXI, em que perderam considerável porção de área em favor do crescimento urbano e de novas funções demandadas pelas cidades.

Ainda sobre o teatro erguido na cerca conventual de Recife no século XIX, a acanhada construção foi derrubada pelos próprios alemães que também ergueram um muro para evitar novas invasões. O religioso ainda se mostra surpreendido com as apresentações teatrais consideradas “escandalosas” realizadas na área sagrada da cerca conventual:

E na mesma noite levantamos o muro, trabalhando desde às 2 horas da madrugada. Os irmãos leigos, Frei Feliciano e Frei Junípero, Frei Peregrino Hillebrand – agora guardião de Penedo – e eu trabalhamos até a hora da missa (8 horas). Quando os empresários do teatro chegaram, às 9 horas da manhã, metade do teatro já tinha desaparecido, o muro já estava alto e nós em trabalho forçado para acaba-lo até o meio dia. Não podiam mais embargar a obra e realizar os seus planos de profanar o terreno do convento com escandalosas representações de teatro (BAHLMANN, 1995, p.88).

Esse empenho em construir, reformar, reparar, repor, transformar que comumente reportam as fontes mostram o papel que os frades germânicos desempenharam na manutenção e preservação desses espaços históricos, mesmo que algumas de suas ações tenham sido envoltas em polêmicas e embates, e muitas vezes demonstrarem uma ausência de sensibilidade perante detalhes artísticos que encontraram nas antigas construções, como se verá neste capítulo. A seguir, abordaremos mais detalhes acerca das principais intervenções em quatro conventos construídos no período colonial, nos oferecendo uma visão geral sobre as ações dos religiosos germânicos nos espaços já construídos que encontraram quando chegaram ao Brasil. Para isso, selecionamos os conventos de Salvador na Bahia, Ipojuca em Pernambuco, Penedo em Alagoas e no Rio de Janeiro, por se tratarem de construções que sofreram significativos impactos da presença seráfica alemã e por dispormos de fontes escritas ou orais que se detenham sobre essas edificações.

No caso das casas do Sudeste, o convento situado no centro carioca se enquadra como o caso mais expressivo para análise, uma vez que, diferente dos demais conventos da antiga Província da Imaculada, sua ocupação ocorreu no auge do processo de Restauração das antigas províncias e da vinda dos franciscanos alemães

ao país no fim do século XIX, e seu prédio como um todo se manteve sempre em posse da instituição seráfica.



Imagem 81 - Conventos franciscanos recuperados após a Restauração das províncias entre os séculos XIX e XX. Destacou-se em vermelho os conventos a serem analisados.

Fonte: Autora, 2021.

Os trabalhos de repovoamento das antigas casas se iniciaram no convento da cidade de Salvador, antiga sede da Província de Santo Antônio. O relato de Frei Matias Teves destaca as reformas desempenhadas pelos germânicos no espaço, mas deixa implícita uma crítica a uma ausência de interesse dos administradores anteriores acerca da preservação do espaço. O texto evidencia também o esforço dos religiosos para

prover o convento de saneamento e salubridade, preocupação esta que se repetirá em outras casas, como já visto. No caso abaixo, destaca-se a ação das formigas, tão comentadas em relatos escritos nos dois primeiros séculos acerca da colônia portuguesa na América.

No convento da Bahia **grandes foram os trabalhos constantes para colocar em condições de habitabilidade** o convento.

Uma das causas e, de certo grande inconveniente, era o fato, de que **os esgotos da rua vinham despejar na horta do convento**, à falta de canalização. Com grande dificuldade conseguiu-se que a autoridade municipal fizesse afinal desaguar os esgotos na rede municipal, o que contribuiu poderosamente para **o saneamento do convento**. Isto em fins de 1898. **Nunca mais se manifestou a febre amarela.**

Grande foi a luta contra as formigas que haviam minado os alicerces do velho convento, principalmente na parte ocidental do claustro e do refeitório. Já havia fendas nas paredes e algumas pareciam estar desaprumadas. Tendo continuado, ninguém sabe durante quantos anos a sua ação destrutiva, **sem que ninguém as incomodasse nem procurasse extingui-las, não admira tenha chegado a ponto de ameaçar ruína todo o vasto edifício. Os irmãos leigos meteram mãos à obra**, cavaram até os alicerces, extinguiram o enorme formigueiro, tomaram as fendas dos alicerces de cimento, reconstruíram as paredes prejudicadas e **firmaram de novo o edifício, preservando-o da ruína**. Em diversos lugares ao pé das paredes externas fizeram a mesma cousa, **conseguindo restabelecer a segurança do convento que pela ação sorrateira das formigas ia ameaçando ruir** (TEVES, 1967, p.51. Grifo nosso).

Frei Matias Teves faz alusão ao fato de que mesmo após 50 anos de reformas constantes na casa de Salvador, esta nunca esteve completamente adequada para a necessidade dos frades e da vida religiosa em comunidade. As grandes proporções da edificação podem ter contribuído para estes trabalhos constantes, mas ao mesmo tempo indaga-se sobre uma falta de identificação dos germânicos acerca daqueles espaços previamente construídos que demandavam constantes arranjos para moldá-los à sua concepção de construção religiosa.

Indo para uma casa tão abandonada, antes de tudo, havia de se fazer uma limpeza geral e mesmo os consertos mais urgentes. [...] O convento da Bahia continuou por quase todo este tempo de cinquenta anos sempre em obras feitas pelos irmãos leigos e que nunca chegaram a conseguir uma casa preparada para todas as conveniências da vida religiosa, continua e continuará um arranjo feito para os que querem viver pobremente dispostos a uma vida de sacrifícios (TEVES, 1967, p. 31).

A famosa igreja conventual da capital baiana, conhecida pelo revestimento em talha dourada que recobre quase todas suas superfícies, também recebeu grandes intervenções de recuperação executadas pelos alemães. Quando Teves descreve o incômodo gerado pelo local pouco arejado e pelo mau cheiro decorrente do

apodrecimento da madeira da talha, percebe-se mais uma vez uma preocupação com a salubridade do lugar, também demonstrada ao pontuar o trabalho de limpeza na biblioteca. O frade ainda salienta que estes trabalhos de reparos permitiram a conservação da obra em um período que antecedeu a fundação de órgãos nacionais de preservação que posteriormente decretarão tombamento de grande parte destes conventos. Portanto, mesmo sem a formação e o aparato técnico necessário, esses religiosos iniciam o processo de conservação dessas obras, e trazem à luz a importância da sua manutenção e conservação, antecedendo uma discussão que será legitimada apenas na década de 1930 com a fundação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), precursor do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Cuidados especiais exigiu a conservação da igreja, célebre pela escultura em madeira que lhe cobre as paredes todas. Estava em tal ponto de abandono, roída a madeira pelo cupim, que de vez em quando caíam pedaços e o ambiente estava sufocado de abafado e de mau cheiro, devido ao madeiramento em grande parte podre e estragado. Aconteceu que um dia, felizmente em hora em que ninguém se achava aí, caiu com estrondo uma grande parte do teto do coro. **Foram os irmãos leigos, tendo como mestre o ótimo carpinteiro frei Berardo que imediatamente principiaram a solidificação das obras artísticas já grandemente destruídas.** Construiu Frei Berardo uma torre movediça, para poder atingir todas as partes estragadas até a abóbada da igreja, e foram consertando o que mais estragado estava e fixando com fortes pregos as peças sem resistência quando os velhos pregos enferrujados já não podiam sustentar as peças. **Embora esse trabalho não fosse uma restauração, impossível naquela época devido à escassez dos meios, mas tem o grande merecimento de ter conservado uma obra que conta entre as mais artísticas e belas do Brasil.** A igreja ficou conservada, de forma que anos depois foi possível fazer a restauração completa e criteriosa de que ela precisava. O mesmo trabalho se fez no grandioso **salão da biblioteca que ficou limpo e conservado.** (TEVES, 1967, p.51-52. Grifo nosso).



Imagens 82 e 83 - Altar-mor e coro da igreja conventual de Salvador. Fonte: Autora, 2012.

Apesar de Teves ressaltar o trabalho dos religiosos e o cuidado envolvido na conservação do importante bem cultural do país, em conversas com os frades emergiu um fato curioso: ao contrário dos relatos escritos acessados até o momento, que enaltecem a beleza artística da igreja, eles narram que alguns religiosos germânicos quando chegaram a Salvador teriam demonstrado espanto com a quantidade de ouro revestindo o espaço franciscano e proposto sua retirada. Este fato os teria colocado em conflito com a população local, o que impediu o seguimento da empreitada. A riqueza expressada pela decoração dourada representaria um paradoxo com o ideal seráfico de pobreza e desprendimento material, e apenas objetos pontuais, como o sacrário, poderiam ser revestidos com tamanha pompa (RABELO, 2010).

Não é difícil imaginar essa situação quando ouvimos a fala do alemão Frei Hermano Cürten⁸⁶, ao nos contar sua reação perante essas igrejas de ouro: “Não gostava da ideia de conventos com muito ouro, demorei a me acostumar com a decoração barroca, questionava essa decoração”. O excesso, o drama, a exuberância, os elementos artísticos que iludem e enganam o olhar parecem que não ganharam a aprovação de uma parte dos seráficos alemães. Ao contrário, a sobriedade, o despojamento decorativo e a limpeza vão se desenhando como uma das características imbuídas nas suas ações no país.

Essa sobriedade, por exemplo, é a característica que Frei Venâncio Willeke destaca quando descreve o convento de Santo Antônio de Ipojuca-PE, com sua fachada de linhas mais retilíneas e simples, se comparadas aos exemplares irmãos, e seu claustro superior de escala humana, dimensões acanhadas, e colunas rudimentares, bem mais delgadas e despidas se comparadas às colunas e arcadas de outros claustros conventuais franciscanos. Destaca a beleza da sobriedade e simplicidade como formas atreladas ao espírito de pobreza franciscana, e também aos frades alcantarinos que constituíram as antigas províncias seráficas no Brasil⁸⁷.

As linhas sóbrias que notamos na fachada traduzem o ideal de pobreza que guiava os franciscanos alcantarinos. Na simplicidade está a maior razão de sua beleza. [...] No andar superior, merece atenção o claustro,

⁸⁶ Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em janeiro de 2013 no convento franciscano de Campina Grande-PB.

⁸⁷ As duas mais antigas províncias franciscanas do território brasileiro, de Santo Antônio e da Imaculada Conceição se vinculavam à província portuguesa de Santo Antônio, pertencente ao ramo alcantarino. Dentre os movimentos de reforma da Ordem Franciscana que despontam no século XVI, destaca-se o movimento dos Descalços, também chamados de alcantarinos por conta de seu idealizador, o então provincial da Província de São Gabriel na Espanha, São Pedro de Alcântara. A reforma proposta caracterizava-se por maior rigor no cumprimento da Regra seráfica e no seguimento da pobreza evangélica, envolvendo a não posse das edificações, a construção de conventos, igrejas e quartos de tamanhos reduzidos, com ambientes despojados e paredes toscas, a abolição do uso do dinheiro, a proibição do uso de sandálias, devendo os frades andar descalços, a disciplina diária e o acolhimento da vida contemplativa (TITTON, 1970).

cujo aspecto prima pela simplicidade: paredes mal rebocadas, colunas toscas e baixas, enormes arcos que comunicam com os corredores, tudo, sem qualquer adorno, interpretando o ideal do Poverello de Assis. (WILLEKE, 1956, p. 66).



Imagens 84 e 85 - Fachada e claustro do convento franciscano de Ipojuca-PE.

Fonte: Acervo do convento de Ipojuca, s/d.; autora, 2016.

Uma maior liberdade para moldar a edificação da igreja conforme suas visões de espaço religioso, tiveram os alemães no convento de Ipojuca, uma vez que o prédio foi encontrado bastante comprometido quando o reocuparam. Frei José Milton Coelho, escritor, pesquisador, que morou no convento da zona da mata pernambucana por muitos anos e conviveu com frades alemães a partir de meados do século XX, nos transmitiu suas impressões acerca do trabalho dos restauradores: “Ninguém vinha mais à igreja, a religião aqui foi um fracasso depois que os franciscanos saíram, o convento ficou abandonado, a igreja cheia de lodo, caiu o telhado, não encontraram nada aqui. Fica até difícil dizer o que é original aqui e o que foi que eles fizeram. Até as tábuas do assoalho tinham levado, janelas, portas, encontraram o convento todo aberto, o gado entrava para pastar na igreja”⁸⁸.

O trabalho de reformas no espaço da igreja envolveu a recomposição decorativa do ambiente e a instalação de novos altares, uma vez que os antigos barrocos desapareceram nesse período de abandono. Não se sabe ao certo o destino dos originais, todavia Frei Milton Coelho acredita que podem ter sido levados para engenhos da região. Para os novos altares, os religiosos da Alemanha optaram por introduzir novos elementos estilísticos com características neogóticas, se utilizando das suas marcantes formas pontiagudas, pináculos e arcos ogivais, semelhante ao que encontramos nos conventos construídos pós-Restauração no sul do país. Um processo às avessas do que ocorreu séculos antes na Europa do século XVII quando igrejas góticas ganharam elementos decorativos barrocos na esteira do Concílio de Trento. Em

⁸⁸ Entrevista concedida à autora no convento de Ipojuca em janeiro de 2012. Frei José Milton Coelho faleceu recentemente em outubro de 2020.

Ipojuca, a igreja barroca abre espaço para elementos neogóticos, deixando as marcas da memória dos frades alemães e do próprio gosto de inícios do século XX com os chamados *revivals* estilísticos.

O alta-mor neogótico ainda abrigava imagem do Sagrado Coração de Jesus trazida da Alemanha, que segundo Frei Milton, era uma devoção bastante cultuada naquele país. O religioso ainda relata as características e disposições desse altar que tinha como elemento central a imagem do Sagrado, rodeadas por anjos e pelos santos da devoção franciscana, neste caso o próprio São Francisco e Santo Antônio.

A igreja de Santo Cristo não tinha a forma que hoje possui. Onde hoje está a imagem de Santo Cristo [altar-mor], existia o altar-mor, todo trabalhado a canivete, de madeira cedro em estilo lembrando o gótico, tendo ao centro a imagem do Coração de Jesus, ladeado por dois anjos, e, ao lado dos anjos, as imagens de São Francisco e de Santo Antônio. Todas as imagens em madeira. Os altares laterais também em madeira trabalhada, sobressaiam da parede cujo nicho que abrigava as imagens estava dentro das grossas paredes continham as imagens de Nossa senhora [da Conceição] no degrau superior e, no inferior, Santa Inês; à esquerda, no mesmo estilo, no degrau superior, São José, e, no inferior, São Luiz [Gonzaga]. (COELHO, 2009, [s./p]).

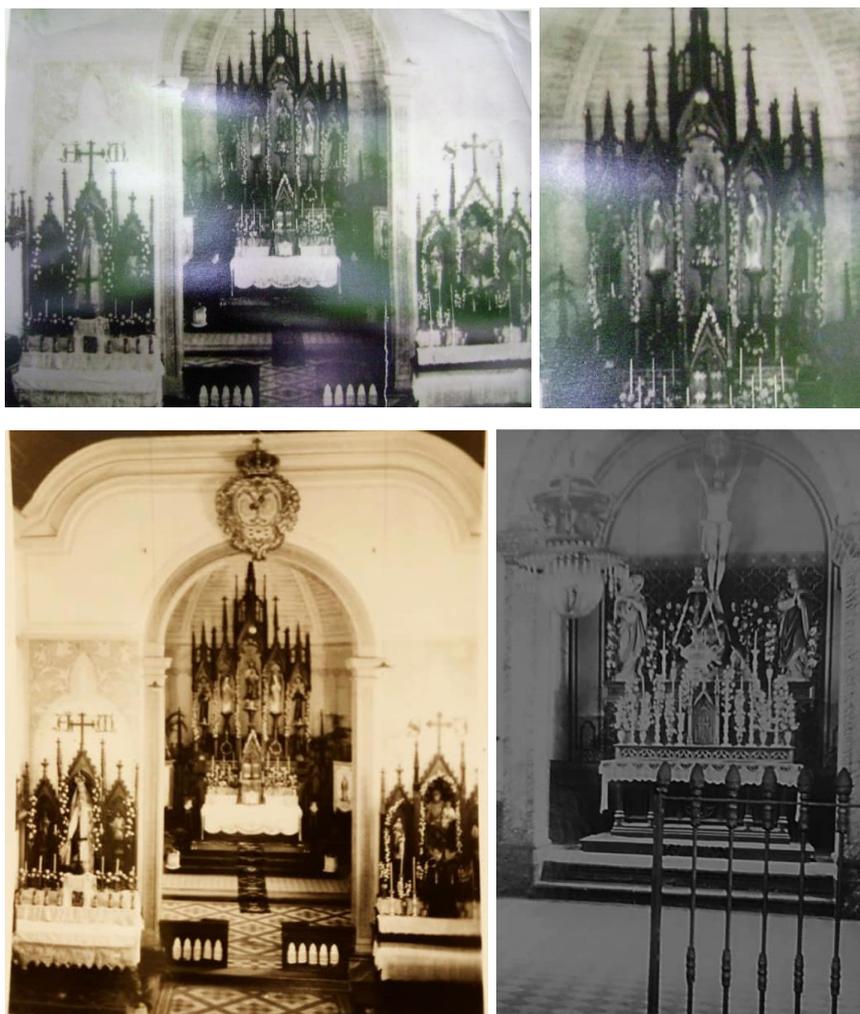


Imagem 86, 87, 88 e 89 - Antigos altares neogóticos do convento de Ipojuca produzidos pelos frades alemães. Fonte: Acervo do convento de Ipojuca, entre as décadas de 1920

e1930 (acima); página do Facebook Ipojuca Ontem e Hoje ⁸⁹, entre as décadas de 1920 e1930 (abaixo).

Estes novos altares não mais fazem parte da composição espacial da igreja conventual de Ipojuca uma vez que foram completamente destruídos no incêndio de 1935 que devastou o templo religioso. Uma nova reconstrução foi conduzida no espaço nos anos seguintes lideradas pelo então guardião, o já mencionado historiador Frei Venâncio Willeke. Os trabalhos de reconstrução contaram com a mão de obra popular da cidade, dentre carpinteiros, pedreiros, pintores e marmoristas (COELHO, 2009, [s./p.]), o que pode ter influenciado nas novas características dos atuais altares que ganharam traços, volutas, pseudo-colunas, recortes e cores que referenciam muito mais a estética barroca e em nada se assemelharam aos destruídos em estilo neogótico. Na impossibilidade de reconstruir as feições barrocas originais da igreja, cabe deixar a indagação se teriam os artífices e seus contratadores, por meio dos novos altares, procurado inserir elementos decorativos que remetesse ao estilo que tradicionalmente marcou igrejas e capelas da zona da mata nordestina.

Outra mudança importante que também pode traduzir essa maior participação local na reconstrução da igreja diz respeito à imagem principal a ser exposta no altar-mor. A escultura trazida da Alemanha do Sagrado Coração de Jesus, antes elemento central do anterior alta-mor neogótico, passou a integrar a capela lateral e deu lugar à regionalmente cultuada imagem do Senhor Santo Cristo entronizada em 1937 e que ainda hoje atrairomeiros para a igreja, também chamada de Santuário do Santo Cristo.

A imagem trazida de Portugal possivelmente no ano de 1663 (WILLEKE, 1956), é envolta em lendas, histórias populares, milagres e devoções, sendo parte importante da cultura imaterial da cidade⁹⁰. Levanta-se também a possibilidade dessas

⁸⁹ Disponível em:

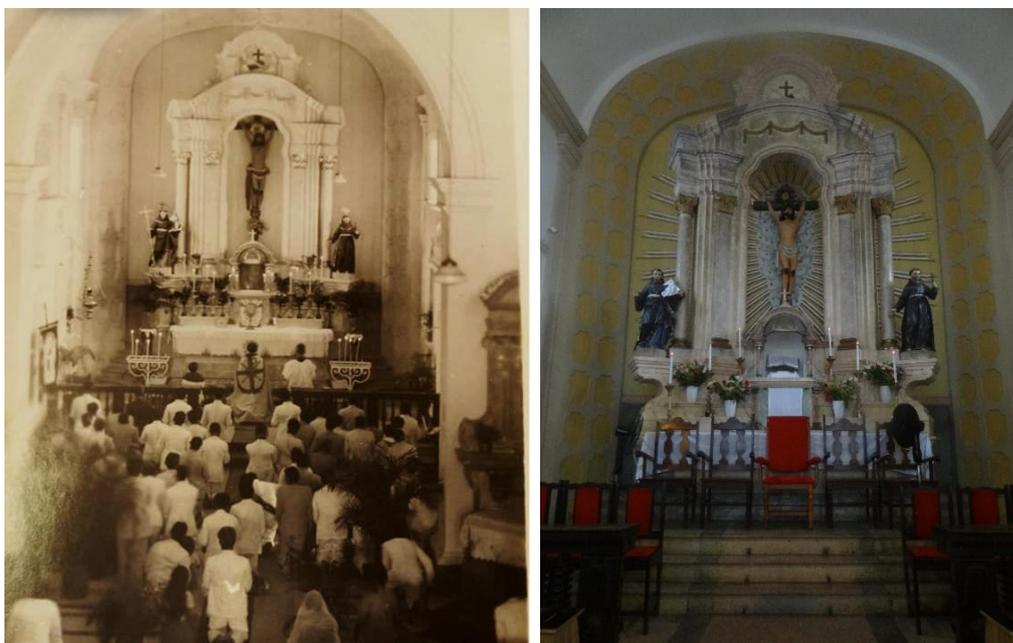
<<https://www.facebook.com/ipojucaontemehoje/photos/pcb.937809073334970/937808756668335>>. Acesso em novembro de 2021.

⁹⁰A lenda sobre a imagem - relatada tanto no livro e artigos de Willeke sobre o convento de Ipojuca quanto nos textos de Frei Milton Coelho - diz que ainda no século XVII estaria um frade leigo, Frei Antônio de Santa Maria, espanando uma imagem de Cristo Crucificado no coro do convento, quando por meio de um descuido a imagem caiu e se quebrou. Temendo o castigo que lhe seria aplicado, o irmão leigo procurou auxílio de seu tio, Francisco Dias Delgado, o mesmo que doou as terras para o convento, que prometeu providenciar uma nova imagem de Portugal. O procurador do senhor de engenho viaja a Portugal, mas esquece de fazer a encomenda. Na véspera da viagem de volta ao Brasil um vendedor misterioso aparece oferecendo a imagem do Crucificado que a deixa com o procurador, e nunca mais retorna para coletar o pagamento. Chegando a imagem ao Brasil, o navio que deveria desembarcar no Recife é impedido pelos ventos que aporta em Porto de Galinhas, terras de Dias Delgado. O benfeitor, achando a imagem muito grande para o coro, ordena seus empregados que a levem para outra capela, porém os bois rejeitam e não saem do lugar. O senhor de engenho, então, permite que os bois tomem o rumo desejado, assim os animais percorrem os canaviais com a imagem em cima do carro de boi chegando até a porta do convento franciscano de Ipojuca, onde de lá não mais saiu. A cruz para compor a imagem foi feita no Brasil, com o uso de um único tronco de madeira que já apresentava o formato de cruz, encontrado nas terras do engenho Trapiche de Dias Delgado.

transformações relacionadas a uma ênfase maior na figura do Santo Cristo e a própria nova visualidade da igreja terem sido também influenciadas pelo então guardião Frei Venâncio Willeke, que de forma recorrente demonstrou interesse pelo Brasil e sua História ao mergulhar no passado da Ordem e das antigas coloniais brasileiras, historiando-as em suas múltiplas obras e dedicando-lhes variadas pesquisas.



Imagens 90 e 91 - Frei Venâncio Willeke na igreja conventual de Ipojuca destruída após o incêndio, e imagem das ruínas após o incidente. Fonte: Acervo do convento de Ipojuca, 1935; site oficial da Prefeitura de Ipojuca⁹¹, 1935.



Imagens 92 e 93 - Entronização da imagem do Santo Cristo após reconstrução do altar em 1937 e imagem atual. Fonte: Página do Facebook Ipojuca Ontem e Hoje⁹², 1937; autora, 2016.

⁹¹ Disponível em < <https://www.ipojuca.pe.gov.br/2021/03/01/ha-86-anos-populacao-de-ipojuca-se-uniu-para-combater-incendio-ao-convento-de-santo-cristo/>>. Acesso em novembro de 2021.

⁹² Disponível em < <https://www.facebook.com/ipojucaontemehoje/photos/pcb.937809073334970/937808983334979>>. Acesso em novembro de 2021.



Imagens 94 e 95 - Aspecto atual da igreja conventual de Ipojuca reconstruída na década de 1930 após o incêndio de 1935 sob a liderança do alemão Frei Venâncio Willeke.
 Fonte: Autora, 2010 e 2016.



Imagens 96, 97 e 98 - Altares laterais dedicados à Nossa Senhora da Conceição e a São José, e capela lateral dedicada ao Sagrado Coração de Jesus construídos na década de 1930. Fonte: Autora, 2012.

No local onde se localiza atualmente a capela lateral que abriga a imagem do Sagrado Coração de Jesus, chama a atenção a presença de três vitrais que trazem tons mais marcantes e coloridos, com ênfase para o vermelho, azul, verde e dourado, para o espaço franciscano. Retratam o calvário de Cristo da sua prisão e o carregar da cruz, até a Ressureição em janelas adornadas com vidro multicolorido, desenho bem marcado, portais arrematados com um arco ogival, florais e folhagens, elementos também associados a estética neogótica que convive no espaço com outros elementos de linguagens diversas. Se nos atentarmos aos detalhes, a relação com a presença germânica imediatamente desponta: a expressão alemã “Gebr. Fries Trier, Deutschland” denuncia sua origem, a cidade alemã de Tréveris no estado da Renânia-

Palatinado, provavelmente provenientes da fábrica de vitrais “Gebrüder Fries”. Se por um lado os antigos altares neogóticos desapareceram com o incêndio, restaram os vitrais como testemunhas da introdução de referências medievais em um convento do interior nordestino.

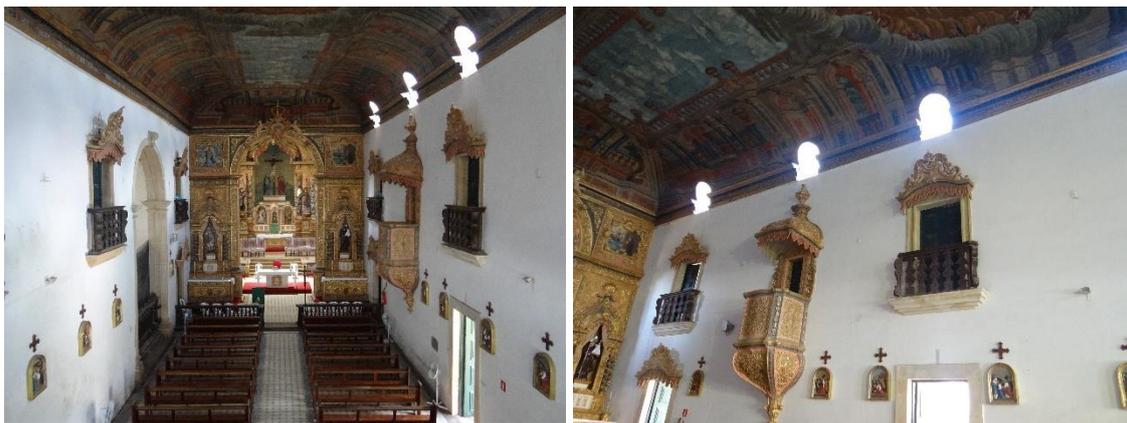


Imagens 99, 100 e 101 - Vitrais produzidos na Alemanha localizados na capela do Sagrado Coração de Jesus no convento de Ipojuca-PE. Fonte: Autora, 2016.



Imagens 102, 103, 104, 105 e 106 - Detalhes dos vitrais produzidos na Alemanha localizados na capela do Sagrado Coração de Jesus no convento de Ipojuca-PE. Fonte: Autora, 2016.

Essa busca por pistas deixadas pelas intervenções dos religiosos da Alemanha nos antigos conventos também levanta aspectos curiosos no que tange ao convento franciscano situado na cidade de Penedo, Alagoas, às margens do Rio São Francisco. Que intenções ou motivações estariam por trás, por exemplo, das aberturas localizadas no forro da igreja conventual que rasgam a pintura ilusionista do século XVIII e que ainda hoje captam atenção de olhares mais atentos?



Imagens 107 e 108 - Igreja do convento franciscano de Penedo-AL com aberturas em seu forro à direita. Fonte: Autora, 2014.

O Livro das Crônicas do convento revela que os primeiros franciscanos alemães chegam a Penedo em 1893, sendo representados pelos frades Frei Hermenegildo Jacobi e Frei Theobaldo Herker, após a abertura da edificação realizada pelo Provincial Frei Camilo de Lélis. A reocupação foi noticiada por um jornal local: “Depois de fechado e em abandono por alguns anos está de novo aberto e administrado devidamente o importante convento da Ordem de S. Francisco desta Cidade”. (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p). Após a morte do antigo Provincial em 1904, a edificação passou a ser administrada completamente por religiosos germânicos, fato que perdurou até a década de 1980 quando a guardiana da casa de Nossa Senhora dos Anjos passou a ser exercida por religiosos brasileiros.

Assim como ocorreu nos demais conventos, esses religiosos se envolveram diretamente no processo de várias reformas e readaptações descritas nos Livros de Crônicas. Sob a direção de Frei Peregrino Hillebrand a partir do final de 1904, por exemplo, todo o edifício foi caiado, o telhado restaurado e instalou-se o encanamento de água que foi executado pelo mecânico e religioso leigo da Ordem Frei Cypriano. Entre 1909 e 1910, foi “construído canal de esgoto que dá para o quintal do Convento”. (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p) e foram executadas reformas nas antigas latrinas. O edifício se modernizava e se adaptava às facilidades e as demandas higiênicas do novo século.

As fontes primárias do convento penedense também mostram de forma recorrente a preocupação dos germânicos com a limpeza dos espaços, destacando os processos realizados para o asseio da edificação. Percebe-se o interesse dos religiosos por espaços mais claros, visualmente mais limpos e brancos, estética, que de certa forma, se afasta dos contrastes de claro-escuro, luz-sombra e os excessos visuais propostos pelo barroco.

Cozinha e corredores, bem como o claustro de baixo passaram pelo mesmo **processo de limpeza e caiação**. Outro aspecto tornou a sala de visita, donde tiramos os biombos e o armário da Biblioteca da confraria do Rosário com seus vidros em pedaços. Oleado o forro mandamos fazer uma **pintura simples mas agradável** das paredes. **Desapareceu a nota triste do Convento com a pintura mais clara** de todas as portas, grades e janellas. Enfeitamos os corredores comuns belos quadros emoldurados devidamente. Tiramos a grade, que fechava a parte de cima da escada junto a sacristia que parecia entrada de uma prisão. [...] Com um bem profundo “Deo Gratias” podemos hoje viver neste convento pobre mas **limpo e asseiado**. (Livro das Crônicas do Penedo III, 1931-1974, s/p. Grifo nosso).

Seguindo as práticas que observamos nos outros conventos irmãos como Salvador e Ipojuca, em Penedo o espaço da igreja conventual foi palco talvez das principais ou mais polêmicas reformas desempenhadas pelos franciscanos alemães nas antigas casas. Este fato comum entre os conjuntos edificados pode ser explicado pela importância da igreja dentro do complexo conventual, espaço que guarda como significado a casa de Deus e local de leitura do Evangelho (BRAUNFELS, 1972), portanto, ambiente dominante dentro da composição do convento e detentor de cuidados e atenção especial. Ao mesmo tempo, a igreja representa o espaço de maior proximidade das populações locais com a casa seráfica, principalmente em tempos de clausura rigorosa quando a portaria era o limite entre o mundo sagrado e o secular.

Os primeiros registros de intervenções mais significativas no interior da igreja datam de 1905, sob a liderança de Frei Peregrino Hillebrand, primeiro guardião alemão da casa, e é nos seus depoimentos que encontramos alguma informação sobre a primeira abertura executada no centro do forro: “para obter maior claridade da Igreja [Frei Peregrino] mandou fazer aquela claraboia que está na abóbada do Presbytério” (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p).

Seguindo essa ideia, outras aberturas foram executadas provavelmente em 1906 durante a guardiania de Frei Casimiro Brochtrup, conforme registro deixado nas crônicas: “Sendo a igreja do convento muito pequena, escura e quente, mandou Frei Casimiro fazer uma escada para que os homens pudessem subir logo da igreja para o choro. [A fim] de clarear e refrescar a igreja foram abertos alguns óculos pelo lado do convento [...]”. (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p).



Imagens 109 e 110 - Claraboia aberta no presbitério da igreja conventual de Penedo em 1905. Fonte: Autora, 2018 e 2011.



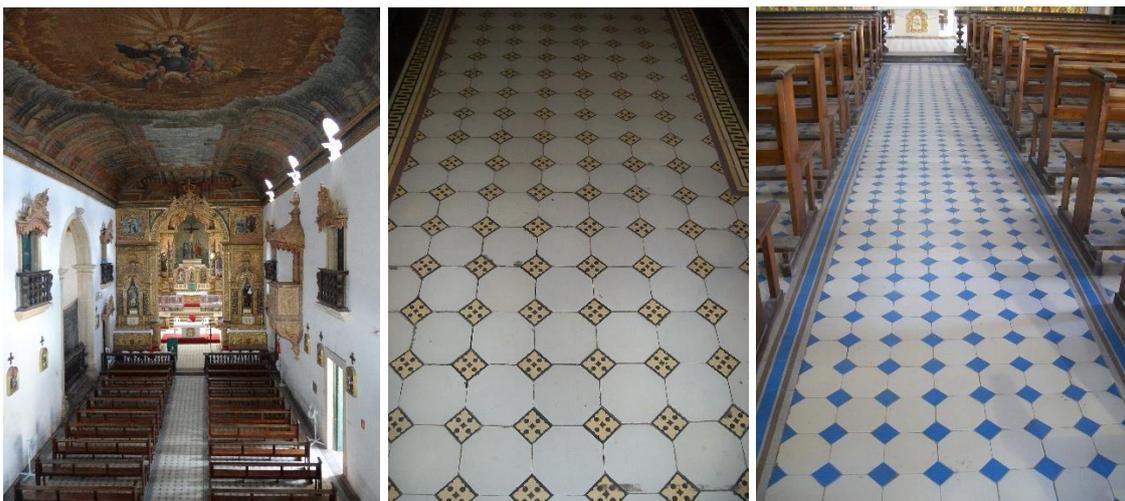
Imagens 111 e 112 - Aberturas executadas no forro da nave da igreja conventual de Penedo em 1906. Fonte: Autora, 2011

Essas aberturas que laceram parte da pintura barroca ilusionista do forro evidentemente desconsideraram os valores artísticos, à unidade estilística e a integridade e originalidade da edificação, mostrando uma preocupação maior dos religiosos da Alemanha com as condições de conforto, higiene e salubridade do espaço. A igreja considerada quente e escura para o corpo de um homem do centro europeu que passava a viver nos trópicos necessitava desses “conductores de luz e ventiladores” (Livro das Crônicas do Penedo I, 1903-1930, s/p) para satisfazerem os níveis de conforto mínimos necessários para o desenvolvimento das atividades religiosas no espaço. Ao mesmo tempo, essa busca já se atrelava à própria época pois é tempo em que as teorias higienistas ganham força no Brasil e impactam em especial os centros urbanos promovendo mudanças nas topologias residenciais e alavancando reformas urbanísticas em grandes cidades.

Novos materiais também passam a compor o ambiente da igreja durante as intervenções dos religiosos estrangeiros. O antigo piso de madeira do presbitério e da nave é substituído por ladrilhos hidráulicos nos anos de 1912 e 1915 respectivamente, de acordo com o Livro de Crônicas da casa:

“Acerca de meados de abril foi começado o assentamento do ladrilho no Prebyterio da Igreja [sic] [...]. Para tornar mais cômodo o banco da comunhão era preciso elevar um pouco o chão na Capella Mor [...]. Os ladrilhos foram encomendados na Alemanha [...]. Não foi possível ladrilhar logo toda igreja porque as despesas eram superiores às forças do convento.” (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p).

Sobre essa questão, podemos nos indagar acerca das razões que levaram a esta troca, que de fato vai ocorrer em várias edificações religiosas, e nestes casos, sem interferência alemã. Em Penedo, por exemplo, a igreja das Correntes também terá seu piso substituído por ladrilhos hidráulicos. Seguindo a mentalidade das intervenções anteriores, é possível que a procura por materiais mais higiênicos tenham levado à mudança, uma vez que o novo tipo de piso permite um processo de limpeza mais fácil e impossibilita o surgimento de infestações por insetos, a exemplo de cupins, mostrados pelas fontes como importantes fatores para a deterioração de pisos, forros, talhas e demais elementos em madeira nos antigos conventos. Além disso, o ladrilho hidráulico trazia o frescor relacionados aos novos materiais e sistemas construtivos que a arquitetura brasileira passava a absorver entre fins do século XIX e início do século XX, muitos dos quais influenciados pela mão de obra imigrada dos países europeus⁹³.



Imagens 113, 114, e 115 - Aspecto geral da igreja conventual de Penedo e ladrilhos hidráulicos que revestem o piso do presbitério e da nave. Fonte: Autora, 2018 e 2012.

⁹³ Sobre as mudanças na arquitetura brasileira no referido período ver REIS FILHO, 2000.

O revestimento do piso da igreja franciscana representou uma obra de grandes proporções, alterando a ambiência do espaço e permanecendo até a atualidade como uma camada temporal deixada pelos frades estrangeiros na igreja. Marcas mais sutis, porém, também foram acessadas no templo penedense, revelados pelas obras de restauro conduzidas pelo IPHAN no início da década de 2010, e que foi possível acompanhar de forma bastante próxima. Marcas aparentemente não significativas, mas que chamam atenção pelo que escondem. Durante o trabalho restaurativo e uma minuciosa decapagem, foi descoberto um fato curioso acerca de uma pintura de Nossa Senhora que por muitos anos era vista portando um vestido branco. Localizada próxima ao arco-cruzeiro que separa a nave do presbitério, a pintura original trazia uma representação um tanto rara: Maria carregando o Menino Jesus em seu ventre.

De acordo com o então guardião do convento, Frei José Teixeira Rodrigues, a imagem foi coberta por pudor em meados do século XX pelo frade alemão Libório Lipke que teria considerado a representação inapropriada e até mesmo indecente. A figura feminina e a exposição de seu corpo, mesmo que de forma não realista, junto com a imagem de Jesus nu enquanto bebê atrelado à sua mãe por meio de uma placenta, podem ter soado constrangedor para um franciscano alemão, preocupado em educar os fiéis dentro dos princípios da moral cristã e com um controle rígido sobre o corpo.



Imagens 116 e 117- Pintura de Nossa Senhora com o Menino Jesus em seu ventre e sua localização na igreja conventual de Penedo. Fonte: Autora, 2014.



Imagens 118 e 119 - Pintura de Nossa Senhora com o Menino Jesus em seu ventre em sua conformação original descoberta após obras de restauro e com seu útero coberto após intervenção do frade alemão Libório Lipke.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.



Imagem 120 – Ampliação da imagem do Menino Jesus no ventre de Nossa Senhora.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011. Recorte da autora.

Em Penedo, onde historicamente a população da cidade mantém fortes vínculos afetivos com o convento, também houve momentos em que os próprios habitantes se posicionaram contrários a medidas adotadas pelos germânicos. Já na década de 1970, os manuscritos reportam mais uma intervenção no espaço conventual, e a polêmica gerada em torno da instalação de ventiladores conduzida pelo então guardião, o alemão Frei Luís Maria Rastetter, que incomodado com as condições de conforto térmico do espaço, providencia a implantação dos equipamentos.

Nos últimos dias de fevereiro a “Indústria de Ventiladores Ciclone Ltda” de Recife instalou em nossa Igreja Conventual nove (9) ventiladores V.T-400 e mais dois pequenos perto do altar [...], pois, o calor era demais. Ganhamos ainda dois V.T-400 para o convento – um para o refeitório e outro para a sala de visita. (Livro das Crônicas do Penedo III, 1931-1974, s/p.).

Junto ao relato do cronista, encontramos em anexo recortes do jornal diocesano local “O Apostolo” publicados em março de 1973 que expõem divergências entre dois de seus colunistas acerca das reformas executadas no convento de Nossa Senhora dos Anjos no período: Ernani Méro⁹⁴, historiador penedense publica suas impressões acerca das transformações na casa franciscana, e é rebatido após alguns dias em uma coluna escrita pelo guardião Frei Luís Maria Rastetter. A situação é emblemática pois expõe e exemplifica um conflito entre o posicionamento de uma referência cultural local e as ações do religioso alemão. Em seu artigo intitulado “A Igreja da Senhora dos Anjos em Penedo e o Conforto dos Ventiladores”, Méro mostra sua preocupação com as intervenções do franciscano no espaço e a descaracterização do mesmo em favor da “modernização” e do conforto do local, o que qualifica como uma “regressão cultural” em um momento em que os órgãos de preservação nacionais se voltam para a conservação do patrimônio vinculado ao barroco no país.

Tenho para com Frei Luís Maria profunda admiração como sacerdote religioso franciscano e homem de vasta e profunda cultura. Eis a razão porque estou com uma luta dentro de mim e não consigo chegar a uma explicação razoável.

Vamos aos fatos. Deter me ei no anglo da questão que se prende às reformas que estão sendo feitas no convento e agora na igreja da Senhora dos Anjos. **Hoje o velho cenóbio de paredes simples, piso de pedra sabão, está moderninho com azulejos branco na cozinha, refeitório e até um rodapé de azulejo também na sala de visita:** Para mim que não sou homem de cultura vejo em tudo isso uma **descaracterização do estilo Barroco colonial da obra arquitetural:** No altar de entrada os seus detalhes belos em arte barroquista e na parte de baixo foi jogado uma tinta de esmalte azul que é um contraste que salta aos olhos. [...] Na parte superior do convento continuam as reformas, nos quartos e nos pisos: E **agora, são os ventiladores confortáveis.** [...]

Meu caro Frei Luís Maria, sei repito, de sua condição de homem de profunda cultura e sacerdote dotado de uma capacidade pastoral a toda prova, mas, não posso entender **como conciliar o seu status cultural com certas atitudes** e o distinto amigo sacerdote assume. Agradeço que leia esta reportagem. Sei que de primeira vista vai fazer seu sangue subir à cabeça. Leia de novo olhando como sacerdote, franciscano e de modo especial homem de profunda cultura filosófica, teológica e humanística. Vá à igreja da Senhora dos Anjos e lá reflita sobre a situação. [...] Pelo fato de Frei Luís Maria ser tudo aquilo de

⁹⁴ Ernani Méro foi historiador, pesquisador, professor e compositor nascido em Penedo que integrou a Academia Alagoana de Letras e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Publicou diversas obras que abarcaram temas como a História de Alagoas, História de Penedo, o barroco em Alagoas, as edificações religiosas em Penedo e Maceió e o franciscanismo em Alagoas.

bom com que julgo é que **não posso conciliar certas atitudes** que o irmão em São Francisco vem assumindo como superior de nosso convento.[...]

Não julgamos viável [a reforma], pois, **descaracterizar uma obra arquitetural barroquista** [ilegível] quando o Governo do Brasil está empenhado em restaurar os monumentos de várias cidades e entre [ilegível] Penedo. [...] Nessa situação, Penedo, até parece dar testemunho de **“regressão cultural”**. [...] Não me interessa se esta minha crônica vai criar áreas de atritos. Não me interessa, pois estou na defesa da **integridade do Patrimônio artístico cultural de minha terra, de minha cidade de Penedo**. [...]

Esta minha posição, respeitosa, porém clara, tem uma finalidade que é a defesa daquilo que Penedo ainda tem de belo em arte. Que me julguem os leitores. Eu sei que assistir a um ato litúrgico em um ambiente ventilado é uma maravilha, mas o prejuízo do conjunto é tão sério que poderá até afastar a nossa cidade do Penedo do plano de restauração. [...] Continuarei qual sentinela avançada na **defesa de nosso Patrimônio Histórico**. [...]Veja a situação em que vivemos, o fato de Penedo ser uma cidade englobada no plano de reforma do Governo Médici e sinta a realidade de seu governo em nosso convento, no que tange às reformas. (MÉRO, 1973. Grifo nosso).

Em resposta ao historiador penedense, Frei Rastetter expressa sua irritação, ratificando seu posicionamento em defesa das intervenções que garantam uma melhor ventilação e conforto térmico para a igreja e que minimizem o incômodo gerado pelo calor no interior do espaço religioso. O guardião ainda questiona Méro acerca da impossibilidade de se harmonizar o edifício antigo com as novidades e facilidades trazidas pela modernidade, ameaçando, inclusive o abandono dos conventos antigos pelos frades, caso as ações que garantam os níveis adequados de higiene e conforto não possam ser executadas:

Professor Ernani Méro, não se preocupe o seu artigo em nada conseguiu sensibilizar-me. [...] Todavia, a sua reportagem me deixou um tanto perplexo, mas não consegui fazer meu sangue subir à cabeça. E isto porque já estou bem acostumado com estas coisas que sempre aparecem de um certo grupo de **gente mal satisfeito com a minha pessoa ou minha atuação aqui em Penedo**. Também, as suas atitudes não mais me são estranhas e o seu artigo apenas me mostrou que a **sua cultura é diferente da minha, como também a sua filosofia é diversa da minha**. [...] Mas como tem uma certa culpa no cartório com relação à minha pessoa, preferiu indagar um operário meu, [...] fez o seu escrito (em nada louvável) convocando alarmado a Autoridade Municipal, Vereadores, Departamento de Turismo, Clubes e até Faculdade de Filosofia para consigo – inflamador barato – irem contra este frade que só queria o bem para os que frequentam a nossa igreja conventual.

Domingo passado, 18/03/1973, um colunista do jornal diocesano publicou uma reportagem referindo-se aos ventiladores que foram instalados na igreja conventual pelo atual Superior do convento em benefício do povo que frequenta esta igreja, **defendo-o contra o calor tremendo por falta de uma ventilação natural**. [...] Que crime eu cometi, para este cidadão, filho da terra, conclamar a cidade toda contra o Superior do convento N. Sra dos Anjos?

Só porque a igreja e o convento são tombados nem o povo nem os frades podem ter o mínimo de conforto? O povo que frequenta a nossa igreja tem de suportar, firmemente, o calor tremendo e os frades são condenados a viver sem o mínimo de conforto e higiene? Será possível tudo isto em pleno século vinte? O povo bom de Penedo julgue.

Que uma igreja como a da Corrente, onde não há movimento religioso nenhum, não necessite de ventiladores ou outras igrejas que possuam uma boa ventilação natural, concordo. Mas uma igreja como a nossa do convento que não tem ventilação nenhuma, como todos sabem, não vejo nenhuma razão querer criar casos e dificuldades [...].

Outra, será que nós não podemos harmonizar o antigo com o novo ou progresso com os tempos idos? Será que a nossa igreja, só porque é de estilo Barroco não pode ter ventiladores, se em outras igrejas velhas e tombadas já existem? Será que nós frades do século vinte não podemos ter o mínimo de conforto e higiene, só porque o convento tem 300 anos e é um monumento histórico? Será que só aqueles que tem uma morada de certos tempos pra cá, tem direito ao conforto e outros não? Isto é lógico, é aceitável? Neste caso vamos abandonar os mosteiros antigos e procurar outros lugares. [...] E Penedo, na [ilegível] que vai atualmente facilmente poderá ficar sem os frades franciscanos, não duvidem. [...] corremos o perigo de ver um dia o convento fechado e para sempre, mas então não culpem o frade que se sacrifica ao extremo para servir ao povo (RASTETTER, 1973. Grifo nosso).

O conflito entre Méro e Rastetter ilustra dois tipos de embates que observamos permear a história dos frades alemães nos antigos conventos: o choque com representantes locais que estabelecem relações afetivas, religiosas ou de uso com o monumento histórico; e a relação muitas vezes polêmica dos frades da Alemanha com o próprio espaço já existente, colocando em evidência discussões acerca das intercessões entre a preservação da integridade e originalidade dos bens patrimoniais e a atualização e adequação destes tendo em vista as demandas e praticidades trazidas pelo tempo presente.



Imagens 121 e 122 - Recorte do Jornal “O Apóstolo” publicado em 1973 apresentando o conflito entre Ernani Méro e Frei Luís Rastetter. Fonte: Autora, 2011.

Migrando para a região Sudeste, convém apresentarmos também algumas considerações sobre o convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro que, como já mencionado, representou a primeira das antigas casas a serem ocupadas na Província da Imaculada Conceição no ano de 1899. De acordo com o Livro de Crônicas da casa, a primeira comunidade é constituída pelo brasileiro Frei Diogo de Freitas, e os alemães Frei Crisólogo Kampmann e Frei Patrício Tuschen, como também o antigo Provincial brasileiro Frei do João do Amor Divino, que apesar de residir em casa particular, ainda conduzia a administração do convento, o que impedia o início de transformações mais consistentes no local. Os manuscritos fazem referência a um descontentamento dos novos frades perante a situação em que viviam na casa seráfica carioca, impossibilitados de executar ações mais ativas e vivendo “presos nas suas celas”, uma vez que seculares e militares também se hospedavam na edificação.

A vida dos três religiosos no convento de Santo Antônio era uma vida triste. [...] No convento residiam ainda muitos seculares. O fundo do convento estava ocupado por um Batalhão de Infantaria. Os muros da clausura estavam em ruínas e grande parte não existia mais. Dentro da antiga clausura os “intrusos” tinham feito casas e casebres e no tempo da morte de Frei João ainda moravam lá ao lado e nos fundos do convento não menos de 17 famílias. Os religiosos estavam, pois, presos nas suas celas, mesmo depois de terem saído os soldados em 1900. O convento estava num estado desolador. O telhado estragado tinha inúmeras goteiras. A maior parte das celas e o arquivo guardavam-se fechados de maneira que nem da limpeza os religiosos podiam cuidar (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.21).

Como visto anteriormente, quando os frades da Alemanha passam a estabelecer residência no convento de Salvador, uma das condições de sua permanência seria a expulsão dos seculares e das irmandades que habitavam as celas da casa para assim tornar possível a clausura religiosa e a vida interiorizada que alimentavam a estrita observância do modelo de vida da Ordem. Portanto, não é difícil de imaginar que a situação do cenóbio do Largo da Carioca estivesse longe de fornecer as condições ideais que os frades da Alemanha buscavam para o cotidiano conventual. A crônica da casa relata os incômodos gerados à clausura pela presença do Exército no local e também por saques efetuados por moradores do morro. Com a conhecida reforma urbana do então prefeito Pereira Passos e seu extenso programa de demolições, o cronista ainda discorre acerca de um aumento pela procura de abrigo nas dependências conventuais:

Uma grande parte do convento era ocupada pelo Sétimo Batalhão da Infantaria do Exército que desde o ano de 1885 ali achava-se aquartelado. Toques de cornetas, rufos de tambores, vozes de

comando e sobretudo os ensaios da banda que começavam às 9 horas da manhã e estendiam-se até às 2 e 3 da tarde perturbavam o necessário sossego do claustro. Na parte habitada pelos religiosos estavam hospedados sacerdotes e seculares. No dia 22 de agosto de 1900 evacuou o Batalhão as dependências que ocupava no convento. Os religiosos puderam assim respirar mais livremente. Os hóspedes iam-se também retirando aos poucos e foi-se dificultando novas entradas ainda que se não o pudesse impedir de todo. Entretanto os cômodos desocupados pelo Batalhão excitaram a cobiça de amigos de casas baratas. Como gente do morro viesse tirar as portas, janelas, forros, assoalhos e até telhas, não podendo os religiosos impedirem essas depredações, julgaram conveniente ceder nos fundos por onde eram feitas as incursões uma morada para uma família encarregada de vigiar. De fato, não mais voltaram os amigos do alheio que queriam à custa dos frades levantar suas barracas no alto do morro, mas outras famílias pobres obtiveram concessão do Ver. Pe. Provincial para se acomodarem em outras dependências. Com as demolições do Prefeito Passos, cresceram os pedidos de cômodos no chamado antigo Quartel do Sétimo. O número de famílias ali abrigadas chegou a 18 com uma média não menor de cem pessoas. (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.27).

Essa situação expõe um paradoxo relativo à postura dos frades alemães frente a morada de seculares dentro do complexo conventual: o acolhimento a pobres e necessitados está tradicionalmente vinculado ao franciscanismo e à memória do próprio santo de Assis. Por outro lado, a clausura conventual visando a observância da Regra, à nutrição espiritual e ao respiro entre as atividades voltadas ao apostolado urbano, se mostrava como parte essencial do cotidiano dos frades. Voltando à Bahia e ao ano de 1893, quando analisamos a ata da sessão quase-capitular que incorporou Frei Amando Bahlmann e Frei Taciano Thesing à Província de Santo Antônio, observamos que entre os requisitos para que os antigos religiosos da Província permanecessem residindo no convento de Salvador, estavam listados a obrigação de não se perturbar a ordem da casa e a proibição de permitir o acesso de seculares, sob qualquer pretexto, às dependências do convento.⁹⁵

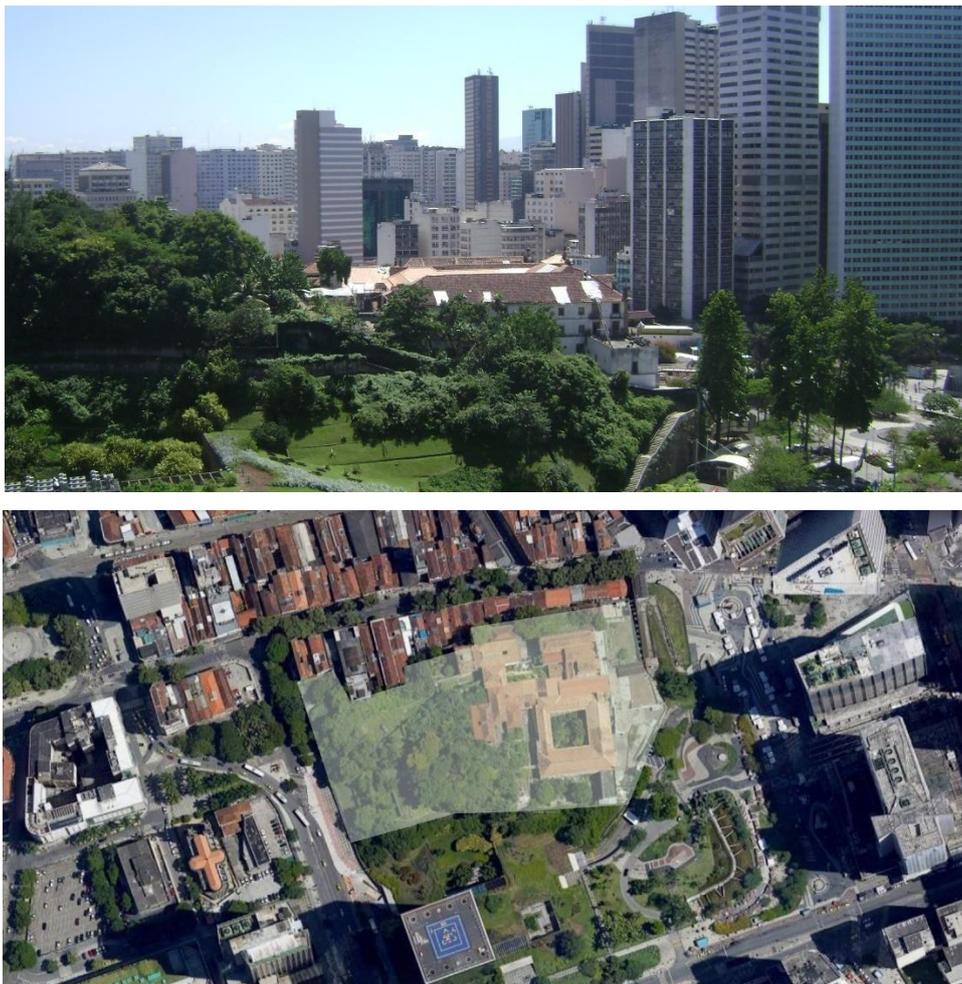
Portanto, é ratificada a importância que os religiosos da Saxônia conferiam à manutenção de uma rigorosa clausura para o pleno desenvolvimento de suas atividades, colocando-os em mais um conflito com as práticas que encontraram estabelecidas nos antigos conventos, seja com as irmandades que detinham suas próprias celas nesses espaços, como em Salvador e Recife, seja com os seculares que procuravam abrigo nas dependências da casa do Rio de Janeiro. A ordem era condição que os frades alemães colocavam como indispensável para o trabalho no novo país.

⁹⁵ A ata da sessão quase-capitular ocorrida no convento de Salvador no dia 2 de março de 1893 pode ser acessada na publicação do frade alemão Frei Matias Teves (1967). A sessão representou oficialmente o início dos trabalhos de restauração da antiga Província brasileira do Nordeste pela Província da Saxônia da Alemanha.

Com o falecimento do último dirigente da fase antiga da Província da Imaculada, Frei João do Amor Divino, no início de dezembro de 1909, pode-se finalmente iniciar as transformações no convento do Largo da Carioca e as constantes reformas seguindo o exemplo das casas nordestinas. A mencionada importância dada à ordem e à clausura parece ter também motivado as primeiras intervenções que se assentaram justamente na demolição de casas, casebres ou quaisquer outras pequenas edificações na área do convento que atraíssem os olhares externos e a construção da muralha que restabeleceu as fronteiras do convento e do território sagrado. Outra prioridade foi a reconstrução da área verde denominada cerca conventual, mas que nas fontes primárias de início do século XX, os religiosos usualmente a definem como horta ou jardim. Restaurar a edificação religiosa e a fraternidade local também significava reabilitar a total ou em parte autossuficiência do complexo conventual.

Aos 27 de dezembro de 1909 começaram as obras de demolição da ala em que estava a antiga enfermaria e das outras casas que estavam na frente da antiga biblioteca. As pedras dos edifícios demolidos servirão para a construção da muralha e do muro que formam a clausura do convento. Foram demolidos também os casebres dos intrusos e a casa que estava na frente do convento, que tinha servido ao Comandante do Batalhão aqui aquartelado por muitos anos. Em princípio de maio, o muro da clausura estava pronto e começou-se a fazer a horta do planalto que ficou nos fundos do convento. (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.22).

A cerca reerguida poderia conferir tanto parte do sustento da comunidade por meio da horta, como espaço de contemplação e introspecção dentro de um convento situado em meio à efervescente região central da então capital do país, o que pode ter, assim, contribuído para a prioridade dada à sua reimplantação. Ainda hoje, ela representa um oásis de área verde no extremamente adensado centro carioca. Nas imagens a seguir, pode-se ver que a cerca conventual ainda ocupa uma expressiva porção de verde na área central da cidade, ainda que tenha tido sua área significativamente reduzida pelo crescimento urbano, como ocorreu nos demais conventos do país. Sobre a imagem área extraída da plataforma Google Maps, pode-se demarcar o perímetro deste espaço, buscando seguir os muros visualizados por meio da imagem de satélite. Enfatiza-se, no entanto, que esta demarcação provavelmente guarda imprecisões e um retorno ao conjunto seráfico poderá confirmar sua exata delimitação.



Imagens 123 e 124 - Complexo conventual franciscano do Rio de Janeiro ao centro com a área verde da cerca nos fundos da construção.

Fonte: autora, 2010; Google Maps com intervenção da autora, 2021.

No que diz respeito às obras empreendidas a partir de 1910, as crônicas da casa conferem destaque ao irmão leigo alemão Frei Feliciano Schlag, arquiteto de profissão, segundo Basílio Röwer (2008, p.212), e que conduziu grande parte das intervenções no cenóbio: “O nosso confrade irmão Frei Feliciano Schlag que já trabalhava com um grupo de operários desde o dia 7 de abril, foi encarregado de continuar as obras propriamente ditas do edifício. Com raro tino, dedicação e inteligência, tem ele conduzido essa obra difícil e fatigante”. (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.29).

Seguindo a conduta adotada nos antigos conventos nordestinos, também vemos no Rio de Janeiro intervenções guiadas pela necessidade de conferir maior ventilação e iluminação natural aos espaços, com a abertura de janelas e claraboias nas celas, corredores e no salão que passou a abrigar a nova biblioteca, local de significativa importância tendo em vista a valorização que os frades alemães davam aos estudos e a grande quantidade de livros que trouxeram de seu país natal, ainda hoje podendo ser encontrados nas bibliotecas de conventos franciscanos. A preocupação com a higiene

e salubridade do espaço são refletidas na rápida instalação de banheiros e latrinas em todos os andares ainda no ano de 1910.

Felizmente todo o convento, a Igreja, antiga biblioteca e as outras dependências estão todas retelhadas. Em cima dos portais das celas **abriu-se janelas para melhor ventilação dos quartos**. O corredor, que fica no fundo da quadra do convento, **antigamente sem ar e luz, hoje já oferece outro aspecto. Abriram-se duas janelas para o fundo de maneira que o sol da tarde pode entrar**. Estão prontas as latrinas em todos os andares, igualmente tem **banheiros novos em todos os andares** (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.23. Grifo nosso.).

No teto do salão que fica por cima dos fundos da sacristia com janelas para o jardim desta, **abrimos duas claraboias e forramos-lhe todo o teto**, aproveitando a altura do madeiramento. Todo o assoalho foi também restaurado, retirando-se os barrotes podres, colocando-se outros são de boa madeira de lei e pregando sobre eles tábuas antigas de [ilegível] e peroba. **Tornou-se assim um salão claro e arejado**. É aqui que vamos instalar a nova biblioteca do convento, pois a antiga fica em lugar muito incômodo, quase inacessível (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.51. Grifo nosso).

Outra mudança pertinente a ser comentada consiste no ajardinamento do claustro do convento carioca. Segundo o Livro de Crônicas da casa e os textos de Frei Basílio Röwer, o espaço central do prédio religioso era completamente pavimentado e impermeável, o que conferia ao pátio um aspecto de maior imponência e monumentalidade, proporcional às grandes dimensões da casa. Um convento de ampla escala exigia estruturalmente e funcionalmente um claustro de medidas também avantajadas. Durante as reformas de 1913, o claustro ganha canteiros e jardins atribuindo uma significativa mudança à ambiência do lugar, que ainda hoje pode ser apreendida quando visitamos o convento de Santo Antônio e acessamos o frondoso verde que repousa no lugar, perceptível, inclusive, pela vista aérea apresentada na imagem anterior.

A vegetação além de amenizar as temperaturas do microclima da construção, também garante uma área contemplativa para o espaço que assim como a cerca, proporciona o contato do convento com o mundo exterior. Röwer também destaca essa nova característica introduzida ao claustro com a reforma:

Pôs-se remate às obras executadas no claustro, com o ajardinamento do pátio. Desapareceram as lajes que cobriam o chão, desapareceu o aspecto imponente e grandioso, mas lucrou o pátio em amenidade e a vista deleita-se nesse verde exuberante de plantas e palmeiras (RÖWER, 2008, p. 217).

No dia 3 de fevereiro [de 1913] estava terminado todo o trabalho do claustro, que ficou todo limpo e pintando, com os canteiros da área bem arranjados em número de oito, em forma de raios intercalados e caminhos cimentados. No centro foi levantado uma arrumação de

madeira de lei com oito postes de ferro [...]. Fizemos ligação da água para dentro da área para a irrigação do jardim ali cultivado. (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.51.).



Imagens 125, 126, 127 e 128 - Claustro do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro.
Fonte: Autora, 2010.

Acerca das intervenções realizadas na igreja conventual, as crônicas trazem importantes reformas no início da década de 1920, sob a guardiania do alemão Frei Inácio Hinte, que modificam o formato do forro daquele espaço e elevam o telhado, proporcionando uma maior altura para o interior. Assim como ocorreu no templo de Penedo, o ambiente ganhou duas claraboias provavelmente com o intuito comumente perseguido pelos religiosos alemães de trazer mais iluminação ao recinto. Outro ponto a se destacar é a retirada do que o cronista chama de “janelas fingidas” com função exclusivamente decorativa, artifício legado da estética barroca que trai e confunde o olhar do usuário. Sem função prática aos olhos dos interventores, as pseudo-janelas foram retiradas dando lugar ou a paredes lisas e nuas, ou a verdadeiras janelas de vidro.

A capela-mor ganha vitrais coloridos vindos da Europa como atesta Frei Basílio Röwer: “Para as janelas mandaram vir da Alemanha belos vitrais, sendo o do meio, que representa Santo Antônio em atitude de receber de Nossa Senhora o Menino Jesus, ofertado pela Ordem Terceira do convento” (RÖWER, 2008, p.249). Os vidros inseridos

conferiram à igreja conventual novos materiais estranhos à sua linguagem original, mas em sintonia com os novos tempos. Intervenções dirigidas para que o mistério e a dúvida deem lugar à luz, clareza e à praticidade.

As obras de reconstrução da nossa igreja iniciadas no dia 1º de dezembro do ano passado [1920] estão muito adiantadas. O telhado foi levantado cerca de dois metros com madeiramento novo e resistente (peroba de Campos), com uma **claraboia no centro**. A capela-mor muito estragada ficou agora completamente restaurada em seus primeiros trabalhos de talha, pintura e douramento, e abriu-se **mais uma claraboia por cima do altar-mor**. O **corpo da igreja recebeu um novo forro** diferente do antigo que tinha esta forma [desenho]. O atual tem esta outra [desenho] que está sendo decorado pelo pintor patricio Ir. Pedro Cechet. [...]

Em acrescentamento ao que temos dito sobre as obras da igreja, temos a dizer que havia nas paredes dela algumas **janelas fingidas que serviam de ornamento e foram agora retiradas, ficando lisas as paredes**. Ao lado do altar de Nossa Senhora, a janela fingida foi **substituída por uma de vidro** que gira sob a base, tendo-se para isso aberto a parede que dá para o interior do convento. O mesmo se fez com as duas que ficam na capela-mor ao lado do Evangelho. As duas frentes do lado da Epístola **receberam vidro novo de cores** e passaram também a mover-se sobre a base (Crônica do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, p.79. Grifo nosso).

O uso de materiais mais atuais visando a praticidade e o higienismo também são observados na mudança do revestimento do piso da igreja nas reformas da década de 1920. O anterior assoalho de madeira, danificado pela umidade excessiva, cede lugar para uma nova cobertura em ladrilhos, justificada pela rapidez da deterioração dos pisos em madeira e também pela dificuldade de limpeza desse material, o qual Röwer compara a um asfalto pelos excessos de sujidades. O ladrilho traria leveza visual e permitiria a limpeza física, possibilitando uma almejada melhor higienização do espaço. As antigas campas próximas ao arco-cruzeiro também foram removidas em favor de um novo piso em massa, eliminando assim vestígios da prática de tempos coloniais de se realizar enterramentos no interior da igreja.

Resta ainda referir a renovação do chão da igreja. O assoalho, posto por Frei Diogo em 1912, infelizmente não resistiu à umidade. Pouco mais de dez anos foram suficientes para as madeiras apodrecerem. Depois, não havia possibilidade de trazer a igreja limpa. O pó preto, tão conhecido no Rio de Janeiro, fazia com que o assoalho parecesse ser de asfalto, não de madeira.

À vista de tudo isso, Frei Inácio resolveu ladrilhar o corpo da igreja, o que efetivamente se fez, e para tornar mais agradável o aspecto, escolheram-se ladrilhos de diversos padrões, uns para os grandes panos, outros para os corredores. [...] O espaço entre as grades e o arco-cruzeiro teve ainda o assoalho posto em 1856 e aí achavam-se as já descritas quatro campas. Foram elas removidas junto com todo o espaço não ladrilhado, mas coberto com massa a que chamam konit, e foi posta no meu uma grande estrela de diversas cores (RÖWER, 2008, p. 250).

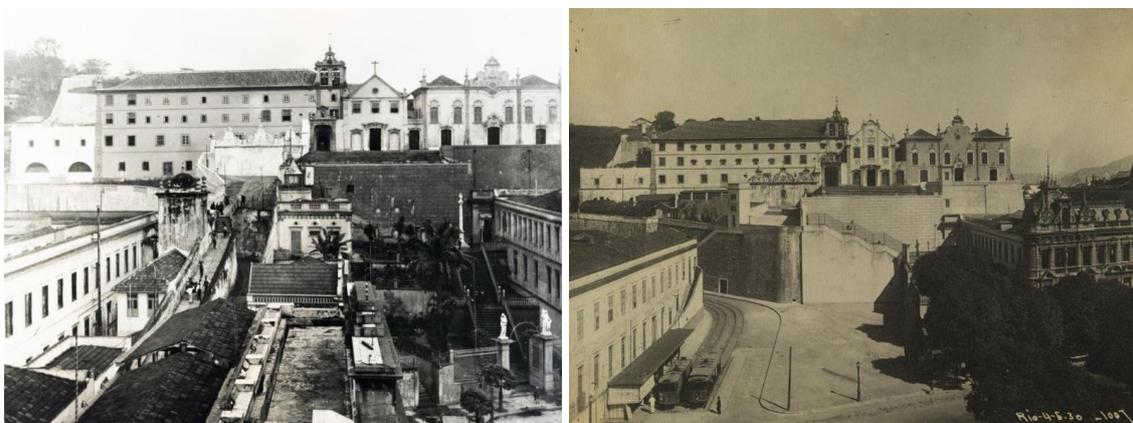
Aspectos funcionais também motivaram a mudança de posição do púlpito da igreja, utilizado pelo sacerdote no momento de pregações. A peça em estilo barroco foi reformada e conservada em suas características originais, porém deslocada para posição mais baixa e próxima do altar, com a finalidade de facilitar a visibilidade tanto dos fiéis quanto do pregador, como coloca Röwer (2008). Ainda se fechou o acesso ao púlpito pelo corredor situado no primeiro andar do convento, anexando ao bem uma escada e permitindo o acesso do mesmo pela igreja. Assim, observa-se que necessidades de ordem prática que buscavam aprimorar a funcionalidade do espaço foram determinantes para justificar a mudança nas feições originais da igreja.

Na parede da igreja, do lado do Evangelho (esquerdo), existe o púlpito para as pregações. [...] Também essa peça de legítimo estilo barroco, encimada por um dossel, ameaçava ruir, além de estragada nas suas esculturas. Na reforma que sofreu respeitou-se escrupulosamente a feição antiga; resolveu-se porém, colocá-la em outro lugar, menos alto e mais para o lado do altar. Resultou daí a vantagem de o pregador ter diante de si o auditório e facultar às pessoas poderem olhar sem esforço para o pregador. Em consequência desse deslocamento, já que se não podia conservar o acesso pelo corredor interno, foi preciso fazer uma escada. Esta, pois, é nova, como também o espaldar em lugar da porta; o restante é o púlpito histórico (RÖWER, 2008, p.251).

Uma das mais polêmicas intervenções dos frades germânicos na igreja conventual do Rio de Janeiro foi realizada na fachada do templo, ganhando este novas características e ornamentos que destoaram significativamente de suas feições originais que marcaram a paisagem do centro carioca por três séculos. Sobre as alterações executadas pelo frade arquiteto Schlag, discorre Röwer: “Todo modificado foi o frontispício da igreja. Frei Feliciano Schlag (1857-1923), o irmão arquiteto, deu a ela uma nova feição mais ornada, alteou as três janelas, pôs três óculos e outros enfeites e instalou luz elétrica para a iluminação nos grandes dias de festa” (RÖWER, 2008, p.249).

Essa mudança em um primeiro momento, e considerando o caráter das demais intervenções dos franciscanos alemães em outros conventos, soa estranha principalmente quando é observado que, no geral, grande parte das suas ações eram pautadas na busca por mais simplicidade, despojamento, limpeza visual e praticidade. A remodelagem de Frei Schlag confere curvas ao frontispício, vitrais e diversos ornamentos em massa, desde o famoso emblema franciscano que une os braços de São Francisco e Jesus Cristo em torno da cruz, até rosetas e elementos florais que preenchem os espaços vazios da fachada. É provável que o frade alemão tenha deixado se inspirar pelo gosto arquitetônico do período e pelas mesclas e surpresas propostas pelo estilo eclético. As janelas e o frontão que ganham altura, a inserção de novos coruchéus que apontam para o alto remetendo a pináculos, e os óculos em formato de

rosetas podem ser uma referência ao estilo neogótico, mais uma vez buscado pelos religiosos alemães.



Imagens 129, 130, 131 e 132 - Aspecto do convento franciscano do Rio de Janeiro em 1903 e em 1930, depois da reforma de Frei Feliciano Schlag.

Fonte: Acervo Brasileira Fotográfica Digital da Biblioteca Nacional, 1903 e 1930⁹⁶.

⁹⁶ Imagens disponíveis em:

<<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/9344>> e em

<<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2961>>. Acesso em novembro 2021.

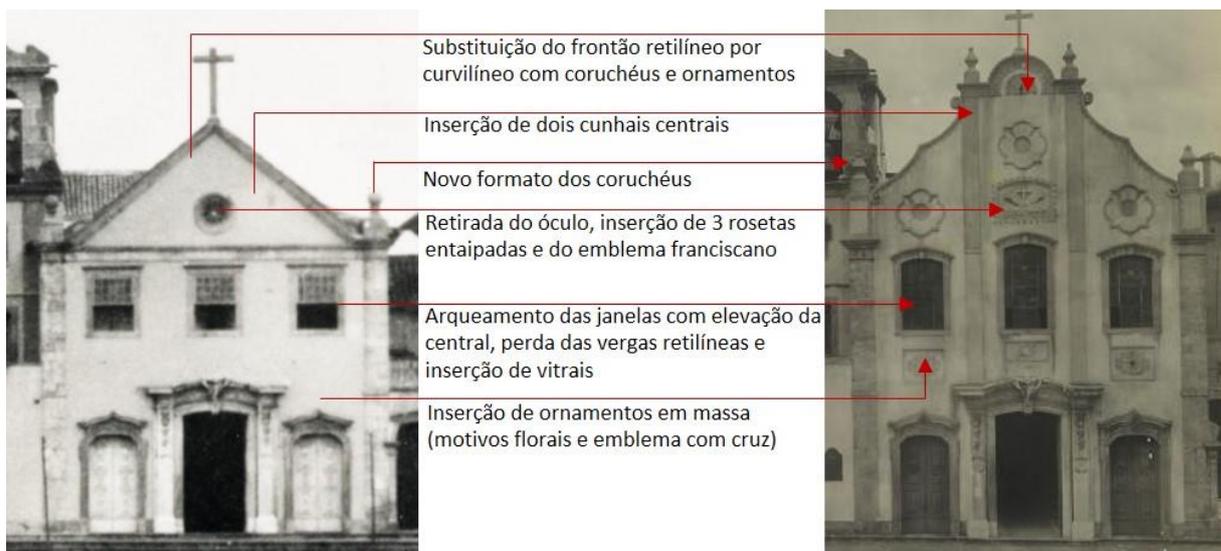


Imagem 133 - Intervenções realizadas pelos frades alemães na fachada da igreja conventual do Rio de Janeiro. Fonte: Acervo Brasileira Fotográfica Digital da Biblioteca Nacional, 1903 e 1930⁹⁷. Esquemas da autora.

Por meio das imagens, observa-se também que o acesso ao complexo conventual foi alterado de um caminho em ladeira seguindo a declividade do terreno, para um conjunto de escadarias mais compacto. Não foram encontradas referências nas fontes a respeito da mudança que podem ter sido feitas pelos religiosos, ou ainda serem frutos das reformas executadas pelo então prefeito Pereira Passos no centro carioca em inícios de século XX, atestadas pelas construções demolidas percebidas quando comparamos as duas imagens.

Atualmente pouco se pode apreender das intervenções dos frades germânicos no espaço da igreja conventual do Rio de Janeiro, uma vez que as obras de restauro executadas pelo IPHAN no edifício em 1953 e mais recentemente entre 2007 e 2014, tiveram como mote o retorno das feições originais da construção e conseqüentemente, o apagamento dos traços deixados pelos religiosos da Alemanha. O restauro de 1953 dirigido pelos arquitetos Lúcio Costa e Orlando Reis retirou os ornamentos em massa da fachada, os coruchéus que encimavam o frontão e os óculos em forma de rosetas, permanecendo apenas o elemento central. Além disso, foram trocados o forro e o piso implantados nas obras da década de 1920, ganhando a igreja nova pavimentação de mármore branco, preto e rosa (COELHO, 2018).

Já os trabalhos restaurativos mais recentes, dentre várias mudanças, inseriram um novo forro de madeira na edificação da igreja, com perfil que remete ao forro original,

⁹⁷ Imagens disponíveis em:

<<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/9344>> e em <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2960>>. Acesso em novembro 2021.

deslocou mais uma vez o púlpito para seu local de origem, reconstituindo o seu antigo acesso pelo corredor do convento e elaborou mais uma grande intervenção na fachada do edifício. O principal objetivo da mudança foi resgatar seu aspecto original:

A fachada primitiva da Igreja foi modificada entre 1920-1923, quando das intervenções realizadas pelos frades alemães, sob a direção do arquiteto Frei Feliciano Schlag. Tais intervenções podem ser consideradas as mais desastrosas para a integridade física e estética do conjunto arquitetônico. A alteração da fachada principal foi realizada totalmente sem compromisso com os valores estéticos e históricos desse monumento que durante três séculos manteve o frontispício de sua fábrica original. [...] Para a realização de uma intervenção que recuperasse a legítima identidade da Igreja, a grande modificação realizada pelos frades alemães e a contemporização estética realizada em 1953 não poderiam ser consideradas restaurações adequadas. A única restauração possível deveria buscar a fachada que perdurou de 1779 a 1920 (COELHO, 2018, p.47-50).

Portanto, a nova intervenção devolveu o frontão retilíneo triangular à fachada, rebaixou as janelas para sua altura original retornando suas vergas retas, retirou os vitrais trazidos da Alemanha, eliminou o óculo em formato de roseta, substituindo por um novo óculo circular semelhante ao primitivo, eliminou os coruchéus colocados na década de 1920, aproveitando a base original e reconstituindo as esferas que o encimavam. Dessa forma, a nova fachada que atualmente emerge no Largo Carioca eliminou completamente as marcas deixadas pelos germânicos.



Imagens 134, 135, 136 e 137 - Fachadas da igreja conventual franciscana do Rio de Janeiro ao longo do tempo: (1) aspecto original, (2) após as reformas dos frades alemães na década de 1920, (3) após o restauro de 1953 e (4) após o restauro de 2007-2014.

Fonte: Acervo Brasileira Fotográfica Digital da Biblioteca Nacional, 1903 e 1930⁹⁸; autora, 2010; e Página oficial da Província da Imaculada⁹⁹, s/d.

Entende-se a importância da conservação da originalidade e da integridade física de um bem cultural e da manutenção de suas características primitivas que muito

⁹⁸ Imagens disponíveis em:

<<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/9344>> e em <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2960>>. Acesso em novembro 2021.

⁹⁹ Imagem disponível em: <<https://franciscanos.org.br/quemsomos/ondeestamos/fraternidade-santo-antonio-rio-de-janeiro/#gsc.tab=0>> Acesso em novembro 2021.

se relacionam com os valores históricos, culturais e artísticos da edificação. Todavia, indaga-se acerca dessa busca constante pelo original, através de reconstruções que por si só já representam novas inserções isentas de originalidade. Além disso, quando se apaga completamente camadas temporais de outras intervenções e outros momentos históricos, se deleta também memórias que fazem parte do percurso do edifício ao longo do tempo, e as formas que assumiu perante épocas diversas, por meio de estéticas conflitantes, mas que quando convivem evidenciam que o monumento histórico permanece vivo e inserido em sua contemporaneidade.

Os conceitos e condutas que orientaram o IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico Nacional), principal órgão de salvaguarda e preservação do patrimônio cultural brasileiro, durante seus anos iniciais de atuação ao longo do século XX, “limitava o foco da instituição a identificar e proteger bens destacados por sua excepcionalidade histórica, monumental ou artística” (PORTA, 2012, p.11), englobando, em especial a herança construída no período colonial, que é o caso das edificações que tratamos aqui. Essa busca pela excepcionalidade histórica significava também uma busca pelo original, considerada a camada mais importante do bem arquitetônico, e negando as demais sobreposições temporais. Márcia Chuva, ao abordar este procedimento adotado pelo SPHAN, órgão precursor do IPHAN, relaciona essa busca pela originalidade aos traços definidores das origens da nação brasileira, pauta recorrente entre os modernistas que assumiram a direção dessas instituições em meados do século XX:

Na leitura dos relatórios de diferentes obras e também em alguns artigos dos arquitetos do SPHAN publicados na revista do órgão, pode-se notar a necessidade de desvendar as origens da nação – para conhecê-las e cultivá-las – na sua expressão arquitetônica, que se encontrava encoberta por reformas inadequadas. Ou seja, buscavam os traços definidores das origens da nação, que se escondiam por trás das inúmeras reformas sofridas pelo patrimônio edificado. Na busca do “aspecto primitivo”, “original”, pretendia encontrar a “harmonia de estilo” rompida com reformas posteriores. Para recuperar à nação a posse das suas origens, o patrimônio deveria manter-se e/ou voltar ao seu estado primitivo. A restauração do patrimônio tombado buscou recuperar, física e simbolicamente, as origens da nação, promovendo a reconstituição de um patrimônio “original”, “autêntico” e “primitivo”, “genuíno” (CHUVA, 2012, p.96).

Em anos mais recentes, a postura do IPHAN vem se desvencilhando desses conceitos que aprisionam a ideia de patrimônio, englobando outras heranças também passíveis de proteção. “Na década de 1970, tiveram início as discussões sobre a necessidade de atualização e ampliação desse conceito para que fosse capaz de abarcar os diversos legados históricos e culturais da trajetória brasileira” (PORTA, 2012, p.11). Mais recentemente, na década de 2000, as primeiras ações regulamentadas em torno da salvaguarda do patrimônio imaterial também ampliam a ideia a noção de bens

patrimoniais, para muito além dos monumentos de excepcionalidade histórica e artística.

Todavia, observa-se que esses conceitos ainda se encontram arraigados e, mesmo que silenciosamente, conduzindo intervenções contemporâneas realizadas sob a tutela dos órgãos preservacionistas, carregando traços dessa busca pela originalidade, como visto nas obras de restauro recentes realizadas no convento do Rio de Janeiro, postura que além de aprisionar o conceito de História, nega o próprio percurso histórico da edificação. Dessa forma, as camadas temporais deixadas pelos frades alemães nos antigos conventos, muitas vezes representam memórias silenciadas, consideradas estranhas à unidade estilística do prédio, mas reveladoras de processos importantes que nos ajudam a entender sua própria contemporaneidade.

Caminhando para a conclusão do capítulo, consideramos que as intervenções dos frades da Alemanha nos antigos conventos erguidos em épocas coloniais representam traços materiais de um momento histórico para esses edifícios que muito se associaram com as próprias transformações que a sociedade, arquitetura e as cidades brasileiras vivenciavam em princípios de século XX. Apesar das críticas que se possa levantar acerca das ações dos germânicos, elas não apenas garantiram a conservação desses prédios até a atualidade, mas também inseriram nestas novas estéticas que, mesmo de forma pontual, procuraram inserir aspectos ligados à modernidade, porém atrelados a um rigor e conservadorismo próprios dos frades estrangeiros. Se por um lado em certos momentos tiveram pouca sensibilidade perante os elementos artísticos originais da edificação, por outro, puderam garantir vida a essas construções, fixando nelas marcas de outros tempos.

5. UMA NOVA REDE DE CASAS FRANCISCANAS, IGREJAS E CIDADES

5.1. A conquista de novos territórios

Aos reocuparem 16 dos 28 antigos conventos seráficos já existentes no território brasileiro, os frades da Alemanha permitem a continuidade das atividades da Ordem em centros urbanos em que os franciscanos atuam desde os séculos coloniais, como nas sedes da colônia - Salvador e Rio de Janeiro - e do império, Rio de Janeiro, e outros núcleos de grande e pequeno porte distribuídos, em especial, no litoral do país. Além dessa “restauração” física e espiritual dos antigos prédios, motivação original para a solicitação da vinda de frades estrangeiros, os religiosos germânicos expandem a área de atuação franciscana para outras cidades do país, demarcando-a por meio da fundação de novas fraternidades e de edificações construídas em 12 estados brasileiros: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, no Nordeste; Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, no Sudeste do país; Santa Catarina e Paraná, na região sul¹⁰⁰.

Diferente das casas franciscanas erguidas em tempos coloniais que, de forma geral, apresentam semelhanças construtivas, estilísticas e estéticas como já apresentado, os conventos edificadas a partir do final do século XIX se caracterizam pela heterogeneidade, sendo, no geral, dotados de feições distintas entre si que variam de acordo com o local em que estão implantados, com o período de construção, e até mesmo com a função principal da casa. Ressalta-se que, apesar da importância a nível local de cada um desses prédios, não há quaisquer levantamentos ou estudos anteriores que os agrupem enquanto um conjunto produzido sob uma mesma matriz franciscana, o que pode ser justificado pela ausência de uma linguagem comum entre esses prédios, mas também por este fato não ter sido observado como um fenômeno que possuísse ligações internas. Dessa forma, apenas uma busca criteriosa em publicações e nas páginas oficiais das províncias, bem como em entrevistas com os frades, permitiu a realização de um levantamento dessas casas e igrejas.

¹⁰⁰ Neste trabalho estamos considerando as edificações situadas nos territórios das Províncias franciscanas de Santo Antônio e da Imaculada Conceição, que abrangem os 12 estados mencionados. Todavia, ressalta-se que franciscanos da Alemanha também ergueram construções em outros estados como as casas de Óbidos, Monte Alegre, Alenquer e Oriximiná, no Pará, dentro do território da então Prelazia de Santarém administrada pela Província de Santo Antônio durante boa parte do século XX; no Maranhão e Piauí que também receberam frades provenientes da Província da Saxônia a partir de 1952 (LIMA, 2018); e no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul onde atuaram religiosos da Província da Turíngia (KNOB, 1988).

Foi preciso também se atentar ao recorte temporal dessas construções, uma vez que novas fraternidades continuaram a ser fundadas ao longo de todo o século XX, principalmente na Província da Imaculada Conceição que permaneceu abrindo novas casas até mesmo na primeira década do século XXI. Portanto, como o escopo deste trabalho repousa sobre as ações dos frades alemães entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, optou-se por incluir no levantamento as fraternidades fundadas até a década de 1950.

Ressalta-se, porém, que uma influência maior dos missionários da Alemanha poderá ser observada nos edifícios erguidos nos séculos XIX e início do século XX, e quanto mais avançarmos na linha temporal, mais os frades estrangeiros se misturam às vocações locais, se tornando até mesmo difícil qualificar essas edificações como obras resultantes apenas das ações dos religiosos europeus. Isso pode ser observado principalmente dentro da Província da Imaculada Conceição, que nas primeiras décadas do século XX já contava com vocações locais, como atestam as fontes. A existência do Colégio Seráfico de Bardel, na Alemanha – destinado à formação de futuros frades para a missão no Nordeste do Brasil – pertencente à Província de Santo Antônio até os dias hoje, possibilitou a existência de um intercâmbio de religiosos mais duradouro na região nordestina. Os dados levantados sobre os conventos erguidos nesta região, mesmo na década de 1940, mostram que estes ainda apresentaram uma expressiva influência de frades alemães em sua construção, como buscaremos pontuar.

As tabelas que se seguem sistematizam o levantamento realizado acerca das fraternidades franciscanas fundadas dentro da área de atuação das duas antigas províncias seráficas brasileiras entre a última década do século XIX e a década de 1950, em 12 estados do país. Dentro desse recorte, foram reunidos 14 conventos localizados no Nordeste e 34 situados nas regiões Sudeste e Sul, totalizando 48 edificações. Algumas dessas casas não mais contam com a presença de frades franciscanos, apresentando novos usos no presente, como o antigo convento de Rio Negro no Paraná, que abriga hoje a prefeitura do município e o chamado Parque Ecoturístico São Luís de Tolosa. Há ainda exemplares que mantêm a vida religiosa agora sob administração de dioceses locais, a exemplo das construções de Angelina em Santa Catarina, Quissamã e a Igreja de Nossa Senhora da Paz no Rio de Janeiro, Tianguá no Ceará e Itajuípe na Bahia; e ainda construções já demolidas como as primeiras edificações seráficas em Ituporanga, Concórdia, Forquilha, estado de Santa Catarina, e Palmas, no Paraná.

Salienta-se também que algumas das novas fraternidades fundadas se estabeleceram em igrejas já existentes, construídas antes da chegada dos frades alemães, como por exemplo o Santuário de Canindé no Ceará, a igreja de São Benedito em Amparo, São Paulo e a igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Paty do Alferes,

no estado do Rio de Janeiro, ainda que os franciscanos tenham contribuído com reformas nessas edificações ao longo dos anos. Dessa forma, as datas de fundação apresentadas nas tabelas seguintes, correspondem ao ano de criação das novas fraternidades, ou seja, o estabelecimento dos frades nas respectivas localidades.

Tabela 09 - Fraternidades fundadas entre 1891 e 1960 no Nordeste

CIDADE/ESTADO	NOME	FUNDAÇÃO	IMAGEM
Pesqueira/PE	Imaculada Conceição	1903	
Igreja Nova/AL	Sagrado Coração de Jesus	1906	
João Pessoa/PB	São Pedro Gonçalves (a construção da igreja antecedeu a chegada dos frades alemães)	1917	
Canindé/CE	Santo Antônio (a construção do santuário antecedeu a chegada dos frades alemães)	1922	
João Pessoa/PB	Nossa Senhora do Rosário	1927	
Fortaleza/CE	Nossa Senhora das Dores	1929	
Aracaju/SE	Santo Antônio	1934	

Itajuípe/BA	Sagrado Coração de Jesus	1937	
Lagoa Seca/PB	Santo Antônio	1940	
Tianguá/CE	São José	1940	
Mossoró/RN	Nossa Senhora da Conceição	1941	
Campina Grande/PB	São Francisco	1944	
Triunfo/PE	São Boaventura	1945	
Campo Formoso/BA	Santo Antônio	1946	

Fonte: Autora, 2021. Dados coletados em FRAGOSO, 1982.¹⁰¹

¹⁰¹ Fonte das imagens - Igreja Nova, Lagoa Seca e Campina Grande: Autora, 2013. Pesqueira: Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/38023390796>> Acesso em dez. 2021. João Pessoa (São Pedro Gonçalves): Disponível em <<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/igreja-de-sao-frei-pedro-goncalves/>>. Acesso em dez. 2021. Canindé: SANNIG, 2013. João Pessoa (Rosário): Disponível em <https://mapio.net/pic/p-21633705/>. Acesso em dez. 2021. Fortaleza: Disponível em <<https://turismoreligiosofortaleza.blogspot.com/2010/02/parouquia-de-nossa-senhora-das-dores.html>>. Acesso em dez. 2021. Aracaju: Google Street View. Acesso em dez. 2021. Itajuípe: Disponível em <<https://www.vipersomparaigreja.com.br/projeto/parouquia-sagrado-coracao-de-jesus/som-para-igreja-parouquia-sagrado-coracao-de-jesus-itajuipe-b-a-1-2/>>. Acesso em dez. 2021. Tianguá: Disponível em <<https://diocesedetiangua.org/curia>>. Acesso em dez. 2021. Mossoró: Disponível em <<http://ofmsantoantonio.org/>>. Acesso em dez. 2021. Triunfo: Disponível em <<http://opiniaotriunfodigital.blogspot.com/2021/01/convento-sao-boaventura-e-destaque-na.html>>.

Tabela 10 - Fraternidades fundadas entre 1891 e 1960 no Sul e Sudeste

CIDADE/ESTADO	NOME	FUNDAÇÃO	IMAGEM
Lages/SC	Patrocínio de São José	1891	
Blumenau/SC	Santo Antônio	1892	
Rodeio/SC	São Francisco de Assis	1894	
Petrópolis/RJ	Sagrado Coração de Jesus	1896	
Curitiba/PR	Bom Jesus	1898	
Gaspar/SC	São Pedro Apóstolo	1900	
Curitibanos/SC	São Francisco Solano	1900	
Santo Amaro da Imperatriz/SC	Santo Amaro	1900	

Acesso em dez. 2021. Campo Formoso: Disponível em < <http://ofmsantoantonio.org/>>. Acesso em dez. 2021.

Quissamã/RJ	N. Senhora do Desterro	1902	
Palmas/PR	Santa Cruz (Construção já demolida.)	1903	
Florianópolis/SC	Santo Antônio	1909	
Guaratinguetá/SP	N. Senhora das Graças	1910	
Amparo/SP	São Benedito (A construção da igreja antecedeu a chegada dos frades alemães.)	1912	
Porto União/SC	Nossa Senhora das Vitórias	1914	
São Paulo /SP	Santo Antônio do Pari	1916	
Rio de Janeiro/RJ (Ipanema)	N. Senhora da Paz	1918	
Rio Negro/PR	São Luís de Tolosa	1918	

Angelina/SC	N. Senhora da Conceição	1921	
Luzerna/SC	São João Batista	1923	
Ituporanga/SC	Santo Estêvão (Imagem da primeira construção de 1931 já demolida. Em 1954 uma nova igreja foi construída)	1926	
Concórdia/SC	N. Senhora do Rosário (Imagem da atual construção da década de 1970. Não foram encontradas imagens da construção original não mais existente.)	1934	
São João de Meriti/RJ	São João Batista	1935	
Sorocaba/SP	Bom Jesus	1936	
Forquilha/SC	Sagrado Coração de Jesus (Construção já demolida.)	1937	
Xaxim/SC	São Luiz Gonzaga	1940	
Paty do Alferes	Nossa Senhora da Conceição (A construção da igreja antecedeu a chegada dos frades alemães.)	1940	

São Paulo/SP (Vila Clementino)	São Francisco de Assis	1942	
Pato Branco/PR	São Pedro Apóstolo	1946	
Niterói/RJ	Porciúncula de Santana	1949	
Agudos/SP	Santo Antônio	1950	
Nilópolis/RJ	N. Senhora da Conceição	1951	
Bauru/SP	Santo Antônio	1951	
Vila Velha/ES	Santuário Divino Espírito Santo	1956	
Coronel Freitas/SC	Patrocínio de São José	1956	

Fonte: Autora, 2022. Dados coletados na página oficial da Província da Imaculada Conceição¹⁰².

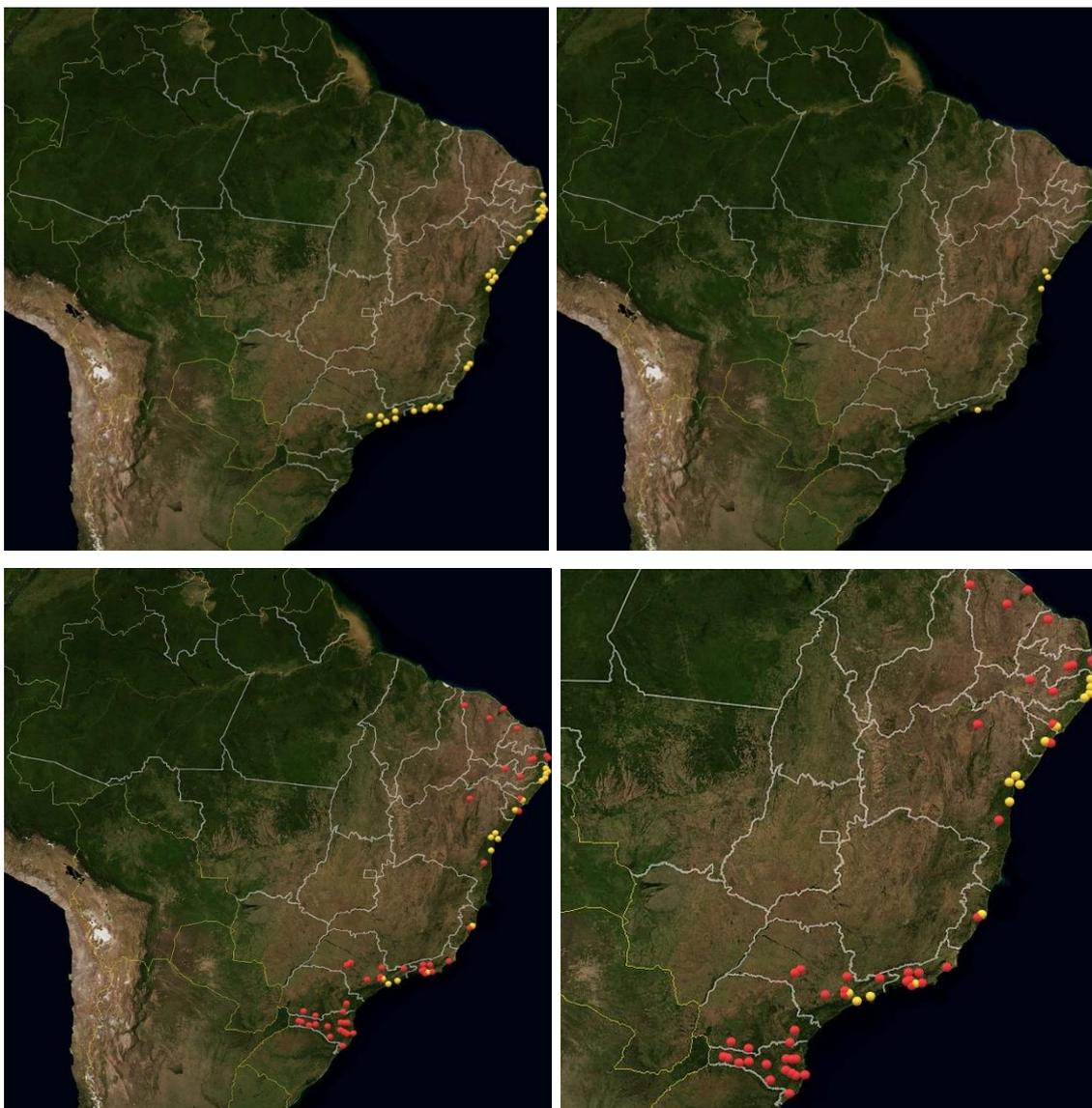
¹⁰² Fonte das imagens - Lages, Blumenau, Rodeio, Petrópolis, Gaspar, Santo Amaro, Florianópolis e São Paulo (Pari): Autora, 2013. Curitiba, Curitibaanos, Angelina, Luzerna, Concórdia, Xaxim, São Paulo (Vila Clementino), Pato Branco, Niterói, Agudos, Nilópolis, Bauru, Vila Velha e Coronel Freitas: Disponível em < <https://franciscanos.org.br> > Acesso em jan. 2022. Quissamã, Amparo, Ipanema, São João de Meiriti, Sorocaba: Google Street View. Acesso em jan. 2022. Guaratinguetá: Disponível em <

Apesar de os frades alemães da Província da Saxônia terem fixado as novas edificações ao longo dos estados litorâneos, seguindo assim a continuidade da rede de conventos já estabelecida em território brasileiro, o mapeamento das novas casas mostra uma interiorização da presença franciscana no território. Priorizou-se a abertura de fraternidades em cidades mais distantes do litoral, onde muitas vezes as construções impulsionavam o próprio crescimento de núcleos urbanos que emergiam no fim do século XIX. O agreste nordestino, o Vale do Itajaí bem como o oeste catarinense, e os interiores dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro são exemplos dessas novas áreas que passaram a receber as atividades dos religiosos franciscanos.

Assim como ocorreu em tempos coloniais, os habitantes dos pequenos povoamentos ou cidades emergentes demandavam assistência religiosa, o que resultou na vinda dos frades para estes novos territórios, muitas vezes a pedido das dioceses locais impossibilitadas de assumirem todas as paróquias vacantes, em especial em áreas mais distantes. O historiador franciscano Frei Hugo Fragoso, ao abordar a interiorização da Província de Santo Antônio no Nordeste, ainda adiciona a essa demanda existente o espírito missionário dos religiosos que impulsionou o aceite de novos campos de atuação distantes dos centros já consolidados:

Se prestarmos atenção ao mapa dos novos conventos, percebemos que estes envolveram uma “interiorização” da Província de Santo Antônio. Tal interiorização expressava, por um lado, um espírito missionário que não buscava instalar-se nos lugares mais adiantados ou de maiores comodidades; e por outro lado, significaria toda uma descoberta do “outro Nordeste”, que iria sobretudo no setor das vocações, ser o celeiro para a empresa de Restauração da Província pela sua própria revitalização. As motivações dos franciscanos para aceitarem o encargo dessas novas fundações foram várias. O mais comum, porém, foi o pedido dos Srs. Bispos, expressando uma necessidade de determinadas comunidades de suas Dioceses. Mas poderíamos resumir todos os motivos que levaram os franciscanos a essas novas fundações, num só motivo: atendimento ao apelo da Igreja local. (FRAGOSO, 1982, p. 84).

<http://vivointensamenteascoisasmaissimples.blogspot.com/2013/08/n-s-das-gracas.html>>. Acesso em jan. 2022. Rio Negro: Disponível em < <https://paranaportal.uol.com.br/gente/quer-fugir-da-fofia-conheca-roteiros-sossegados-para-o-carnaval>> Acesso em jan. 2022. Ituporanga: Disponível em <<https://www.matrizituporanga.com.br/historia.html>> Acesso em jan. 2022. Palmas: Disponível em <<https://www.diocesepalmasbeltrao.com.br/noticia/923/prelazia-de-palmas-completa-87-anos-de-criacao/>> Acesso em jan. 2022. Paty do Alferes: Disponível em <https://issuu.com/provinciafranciscana/docs/com_mar2017> Acesso em jan.2022. Forquilha: Disponível em <<https://www.forquilha.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/59272>> Acesso em jan. 2022.



- Conventos franciscanos construídos no período colonial - séculos 16, 17 e 18
- Conventos franciscanos construídos no fim do século 19 e primeira metade do século 20

Imagem 138 - Conventos franciscanos construídos no período colonial.
 Imagem 139 – Antigas casas ainda habitadas por frades no fim do século XIX;
 Imagem 140 e 141 - Conventos antigos reabertos pelos frades alemães em amarelo e
 novas edificações erguidas após a Restauração alemã em vermelho.
 Fonte: Autora, 2021.

A partir do mapeamento observa-se que em alguns casos as novas fundações estiveram próximas dos antigos prédios, levantando a ideia da existência de uma interdependência entre as casas, e necessidade de comunicação entre elas, bem como evidenciando a irradiação do trabalho dos frades para as regiões do entorno. Essa proximidade entre uma casa antiga e nova fundação pode ser vista por exemplo, entre os conventos de Penedo e Igreja Nova em Alagoas, as casas de São Cristóvão e Aracaju em Sergipe, e também no Sudeste como se observa na proximidade entre o antigo convento do Rio de Janeiro no Largo da Carioca com as casas de Petrópolis,

Niterói, São João do Meiriti, Nilópolis e em Ipanema, bairro da mesma cidade, caso também do convento de Santo Antônio do Pari construído na cidade de São Paulo, onde os franciscanos já haviam voltado a se restabelecer no Largo de São Francisco.

Pode-se dizer, portanto, que no Nordeste do Brasil a restauração da Província de Santo Antônio tem como ponto de partida a ocupação dos antigos conventos, e apoiada nesta rede já consolidada de edificações, a atuação seráfica se expande para outras regiões conforme demandas locais e interesses da própria Ordem. A primeira nova fundação no Nordeste, a casa de Pesqueira no agreste pernambucano, em 1903, por exemplo, foi proposta do então Bispo de Olinda e Recife D. Luís Raimundo da Silva Brito que almejava uma casa religiosa no interior de sua Diocese como ponto de apoio para os trabalhos espirituais na região central do estado (FRAGOSO, 1982, p.85). Localizada na porta de entrada para o sertão de Pernambuco, nas palavras de Frei Adalberto Kirschbaum, Pesqueira “era então uma rica e florescente cidade, sobretudo pelo comércio do algodão e peles de bodes, que para lá chegavam de todo o sertão” (KIRSCHBAUM, [s.d], p.150). A pequena cidade emergente pareceu ser um ponto estratégico que abriu as portas para os franciscanos penetrarem pela paisagem árida nordestina.

A segunda nova fundação no Nordeste consolida a presença franciscana no Baixo São Francisco com a construção de uma imponente igreja e pequeno convento na cidade de Igreja Nova (AL) liderada pelo alemão então residente na casa de Penedo Frei Clemente Sagan a partir de 1903. Assim como em Pesqueira, a iniciativa da vinda dos menores partiu de pedidos do Bispo Diocesano D. Antônio Manoel Brandão desejoso de que franciscanos assumissem a paróquia da então Triunfo¹⁰³ elevada em 1897 à categoria de cidade (Livros das Crônicas do convento de Igreja Nova, s.p.). Em Canindé, sertão do Ceará, os frades germânicos já encontraram em 1923 o trabalho apostólico dos franciscanos capuchinhos bem desenvolvido, incluindo a construção do Santuário de São Francisco das Chagas. Com a saída dos mesmos da região para assumirem a Prelazia de Grajaú no Maranhão, mais uma vez a diocese local recorre aos menores para assumir os trabalhos religiosos em uma localidade que até hoje ainda atrai milhares de romeiros (FRAGOSO, 1982, p.94).

Seguindo a ideia da existência de uma rede de conventos, Fragoso (1892) relata que o convento de Fortaleza, capital do Ceará, é fundado em 1929 não apenas pelo interesse do arcebispo¹⁰⁴ local em ter uma casa franciscana na sede de sua

¹⁰³ Triunfo corresponde ao nome original da atual cidade de Igreja Nova. Não confundir com a cidade de Triunfo, no sertão pernambucano, que também recebeu uma casa franciscana na década de 1940.

¹⁰⁴ Trata-se de D. Manuel da Silva Gomes que vincula o Ceará à “terra de São Francisco” - possivelmente pelo afluxo de romeiros que se dirigem ao estado por conta da existência do Santuário em Canindé – em

arquidiocese, como também pela necessidade dos frades de terem uma residência na capital do estado como ponto de apoio para a fraternidade de Canindé. A casa seráfica de Mossoró no Rio Grande do Norte e de Campo Formoso na Bahia também surgem por meio de uma solicitação diocesana, esta última também sendo impulsionada pelo desejo da Província em manter uma casa de férias no sertão da Bahia para os religiosos que cursavam os estudos teológicos no histórico convento de Salvador.

Observa-se assim que essa expansão da Ordem pelos interiores nordestinos tem estreita relação com o interesse da Igreja em firmar sua presença em determinadas áreas por meio da natural vocação franciscana de imbricamento em territórios mais distantes. As fontes ainda relatam que os frades alemães já mantinham missões itinerantes nos interiores nordestinos – Bahlmann (1995) faz diversas referências em sua narrativa – o que pode ter contribuído também para uma demanda popular para uma presença franciscana mais sólida nestas cidades.

Também foi parte importante desse processo em novas áreas do Nordeste, a fundação de conventos destinados a impulsionar as vocações locais, principalmente a partir do início da década de 1940 quando a Província não poderia mais contar com os jovens alemães formados no Colégio Seráfico de Bardel na Alemanha, fechado pelo governo nazista em fins de 1938 (ALBUQUERQUE, 2000). É nesse contexto que são construídos o convento e seminário Santo Antônio no sítio de Ipuarana, cidade de Lagoa Seca na Paraíba e as casas que funcionavam como escolas apostólicas preparatórias para os estudos em Ipuarana, a exemplo de Tianguá no Ceará e Triunfo no sertão pernambucano, no que Fragoso qualifica como “pontos estratégicos da vasta Província de Santo Antônio” (FRAGOSO, 1982, p.111).

Tianguá vinha se somar à já existente escola apostólica de Canindé, ambas localizadas do estado do Ceará, considerado à época como “um dos maiores, senão o maior, celeiro de vocações religiosas e sacerdotais do Norte do país”, e a cidade de Triunfo era vista como “lugar de um clima excelente, situada a mais de 1000 metros de altitude, no seio de uma população fervorosa e boa, ponto estratégico para os sertões pernambucanos e paraibanos, zonas de grandes possibilidades como fornecedoras de vocações sacerdotais e religiosas” (FRAGOSO, 1982, p.111-120).

A casa de Campina Grande também integra essa rede de novas construções fundadas na década de 1940, servindo como ponto de apoio para o convento de Ipuarana, uma vez que a pequena Lagoa Seca não oferecia os mesmos serviços e suporte encontrados na já florescente cidade do agreste paraibano. A importância que

passagem trazida por Fragoso (1982, p.98): “A capital da terra de São Francisco, que é o Ceará pois não há estado no Brasil onde Nosso Senhor por intermédio de São Francisco, espalhe tantas graças e benefícios, deve possuir um convento dos franciscanos”.

Campina Grande já detinha em meados do século XX – descrita por um frade viajante da Província do Sul no ano de 1942 como “atualmente, o maior empório de algodão do mundo” (EMMENDOERFER, 1942, p.11) - e seu papel de centro regional também levaram à Província de Santo Antônio a estabelecer uma casa na localidade, além do interesse de lideranças religiosas locais:

Era esta cidade um dos maiores centros de comunicação do Nordeste brasileiro, sendo ponto de passagem obrigatório entre vários conventos espalhados por esta zona, bem como lugar de trânsito necessários nas muitas viagens missionárias e apostólicas pelos sertões paraibanos e nordestinos em geral. Tudo isso exigia a fundação de um convento na capital do sertão paraibano. Tal ideia foi ao mesmo tempo secundada pelos pedidos do Sr. Arcebispo de João Pessoa, D. Moisés Coelho (a quem estava então adscrita Campina Grande), bem como do vigário desta cidade, P. Severino Mariano, desejosos de que os filhos de São Francisco viessem dar o seu contributo nos vastos trabalhos apostólicos dessa grande cidade, que crescia enormemente de ano para ano, aumentada simultaneamente a necessidade de mais obreiros da vinha do senhor. Tais pedidos foram endereçados ao P. Provincial, Frei Pedro Westermann, já em fins de 1942 (FRAGOSO, 1982, p.115-116).

Com exceção das novas fraternidades implantadas em João Pessoa e Fortaleza, as demais localidades agraciadas com edificações conventuais franciscanas correspondem a núcleos que ganharam o estatuto de cidade entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, dentre as quais sobressaem-se Aracaju, capital do estado de Sergipe, e cidades interioranas que vivenciavam certo progresso econômico no período como Campina Grande, Pesqueira e Itajuípe, no coração da zona cacauera da Bahia. Dessa forma, percebe-se que o estabelecimento das novas casas seráficas, além das já mencionadas motivações, também esteve vinculado ao próprio crescimento de novas cidades do Brasil. Sendo a Ordem franciscana dotada desde sua gênese de um forte caráter urbano e atrelada ao espírito do seu tempo, parece natural que suas casas continuassem a ser estabelecidas em áreas que começam a ganhar importância dentro de um determinado contexto regional.

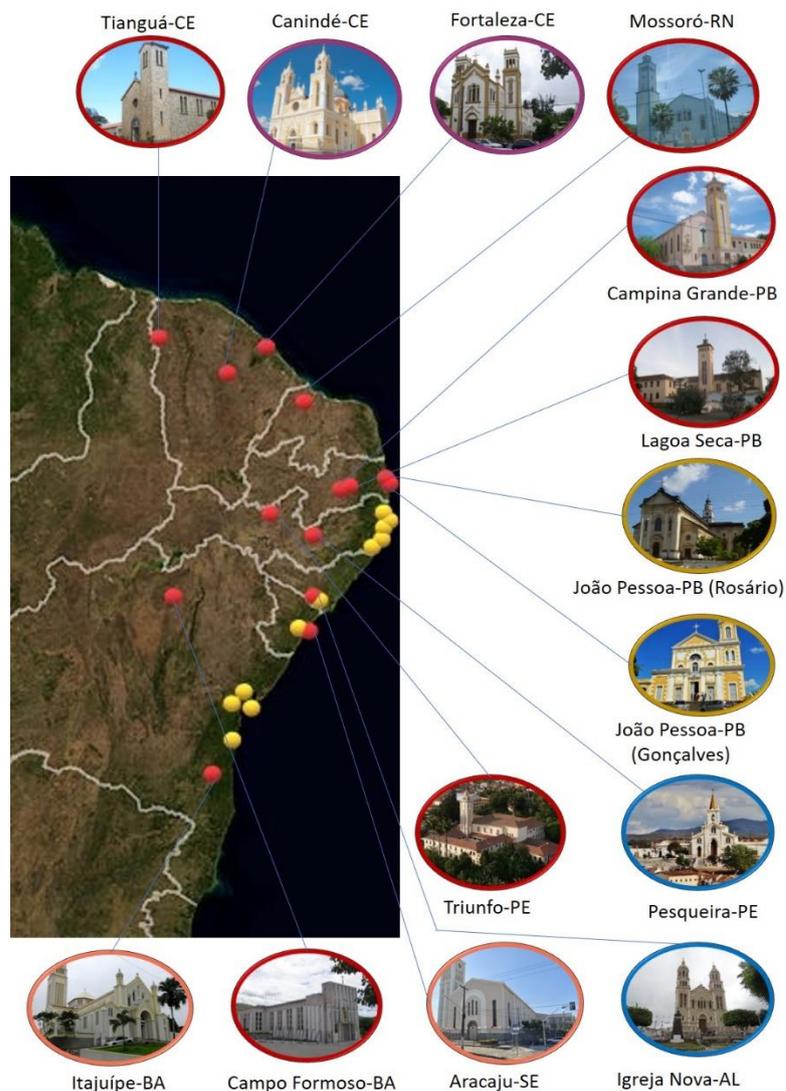


Imagem 142 – Fraternidades franciscanas fundadas no Nordeste no século XX. Em azul, casas fundadas na primeira década do século XX, em amarelo fundações da década de 1910, em roxo década de 1920, em laranja década de 1930 e em vermelho casas fundadas na década de 1940. Fonte: Autora, 2022.

Nos movendo agora para o sul e sudeste do país, observa-se que o processo de Restauração da Província da Imaculada Conceição ocorreu de maneira distinta de sua província irmã, se iniciando a partir da fundação de novas casas, e não englobando os antigos conventos em um primeiro momento. De fato, tendo em mente a já mencionada oposição do último Provincial da Imaculada, Frei João do Amor Divino, à Restauração encabeçada por frades da Alemanha, as primeiras casas construídas no Sul e no Sudeste não guardaram, a princípio, relação com a antiga Província, estando vinculada apenas à missão brasileira dirigida pela Saxônia. Estas casas foram posteriormente incorporadas à antiga Província em um processo iniciado em 1899 quando os primeiros frades alemães (e um religioso brasileiro) vindos da nova fraternidade de Petrópolis foram incorporados à Província da Imaculada e passam a ocupar o convento do Rio de

janeiro (RÖWER, 2008, p.210). O renascimento da instituição franciscana é finalmente legitimado em 1901, quando o Vigário Geral da Ordem declara a restauração das duas antigas províncias brasileiras (BAHLMANN, 1991, p.53).

No subcapítulo anterior, foi apresentado que esse aceite tardio retardou o processo de ocupação dos antigos conventos do Sudeste, e por sua vez, também pode ter contribuído para uma quantidade menor de casas antigas reocupadas dentro desta província, e que, por consequência, tenham permanecido com seu uso original ou até mesmo alcançado um grau de preservação maior, se comparamos com a situação dos antigos conventos do Nordeste. Por outro lado, o reerguimento da Província da Imaculada Conceição foi apoiado principalmente no estabelecimento de um grande número de novas fraternidades, consideravelmente superior à instituição nordestina, como pode ser visualizado nas tabelas anteriores.

No mapeamento das novas casas seráficas estabelecidas no território brasileiro entre o fim do século XIX e final da década de 1950, observa-se que o estado de Santa Catarina é o detentor do maior número de fraternidades fundadas no período em questão, espalhadas por praticamente todas as regiões do estado, como na Grande Florianópolis, Vale do Itajaí, sul catarinense, região serrana e no oeste catarinense. É provável que essa ampla distribuição de conventos guarde relações com a própria permeabilidade que os religiosos da Alemanha alcançaram na região. Como já mencionado, Santa Catarina foi o primeiro local no Brasil em que os frades alemães estabeleceram moradia, apesar da missão no país ter sido requisitada a pedido da Província de Santo Antônio para a reocupação dos conventos nordestinos. Um texto de autoria indefinida publicado em alemão na Revista Vita Franciscana de 1926¹⁰⁵ menciona que já existiam padres diocesanos nascidos na Alemanha que atuavam nas colônias germânicas, e por meio do convite de um desses religiosos, a missão da Saxônia se iniciou pelo estado sulino:

Unterdessen hatte man in Santa Catharina, wo drei Priester aus dem Bistum Münster seit einigen Jahren unter den katholischen Deutschen tätig waren, erfahren, dass deutsche Franziskaner nach Brasilien gehen sollten.

P. Topp, Pfarrer in Tubarão, schrieb sofort nach seiner Heimat Warendorf und liess die Franziskaner bitten, sich zunächst in Santa Catarina niederzulassen. Dort sei gar keine Gefahr, dass sie verfolgt würden, das Klima sei dort weniger gefährlich als in Bahia; die Ordensleute könnten sich dort erst an das Klima des Landes gewöhnen und die Landessprache erlernen und später, wenn es die Verhältnisse erlaubten, auch die alten Klöster wieder besetzen.

¹⁰⁵ Trata-se do texto “Unsere erste Niederlassung in Santa Catharina” (Nosso primeiro estabelecimento em Santa Catarina). Apesar da revista não trazer a autoria do documento, uma análise de seu conteúdo sugere que o autor possa ser um dos frades que integraram as duas primeiras expedições ao Brasil que se estabeleceram na colônia alemã de Teresópolis, município de Águas Mornas, Santa Catarina.

Die Bitte und Mitteilungen wurden als eine Weisung von oben angesehen. Die Provinzleitung beschloss, die ersten Patres und Brüder nicht nach Bahia, sondern nach Santa Catharina zu senden. Sobald P. Topp dieses erfuhr, tat er die nötigen Schritte, damit die Pfarrei Theresopolis, welche seit einiger Zeit verwaist war, den erwarteten Franziskanern übertragen würde (UNSERE..., 1926, p.16)¹⁰⁶.

Assim, conjectura-se que a demanda por religiosos que atendessem as comunidades católicas de imigrantes em Santa Catarina foi fator importante para que o estado se tornasse não só o primeiro campo de ação dos frades alemães no Brasil, mas também um dos territórios de maior influência desses religiosos. Apesar das fontes não fazerem menção a uma possível participação do governo republicano no envio de religiosos estrangeiros para o sul, acredita-se que a vinda e as atividades dos franciscanos alemães para esta região estivessem em consonância com a política ainda iniciada em tempos imperiais de povoação do sul do país pelos imigrantes europeus. Em regiões de católicos, a demanda por sacerdotes seria uma requisição natural para aqueles que firmavam moradia no Novo Mundo, em tempos em que a religião era elemento importante da vida urbana e comunitária. Zuleika Alvim relata a situação precária em termos de assistência espiritual vivenciada por imigrantes europeus católicos no Brasil que constantemente demandavam padres para suprimirem as demandas das comunidades locais:

Quando se reprovam as mães que se esquecem de iniciar seus filhos nos princípios religiosos [...] elas respondem que estão numa terra de loucos e que os filhos não entendem nada daquelas coisas. O que elas procuram dizer é que quando não existe uma igreja, quando um padre não permanece no meio deles, é muito difícil dá algumas noções de religião às crianças. [...] Até conseguir uma igreja ou a presença de um padre, nos dias santificados ou aos domingos recorria-se a um colono – em geral um homem que sabia ler e iniciado nos preceitos religiosos -, o qual assumia as funções do sacerdote e fazia as orações junto ao grupo (ALVIM, 2021, p.200).

Corroborando com Alvim, o historiador catarinense Toni Jochem, pesquisador da temática da imigração alemã em Santa Catarina, também aposta essa necessidade, que sobrecarregava os sacerdotes locais. Assim, a vinda de frades franciscanos para o

¹⁰⁶ “Enquanto isso em Santa Catarina, onde três padres da diocese de Münster atuavam há alguns anos entre os alemães católicos, chegou a notícia de que franciscanos alemães deveriam ir ao Brasil. Padre Topp, sacerdote em Tubarão, escreveu imediatamente para sua cidade natal, Warendorf, e pediu aos franciscanos que se estabelecessem primeiramente em Santa Catarina. Lá não havia nenhum risco de serem perseguidos; o clima era menos perigoso que na Bahia; em Santa Catarina os frades poderiam primeiro se acostumar ao clima do país, aprender a língua e mais tarde, quando as condições permitissem, também ocupariam os antigos conventos. A solicitação e os avisos foram tomados como instruções vindas de cima. O governo provincial decidiu enviar os primeiros padres e irmãos não para Bahia, mas para Santa Catarina. Assim que Padre Topp soube disso, encaminhou os passos necessários para que a paróquia de Theresopolis, que já algum tempo estava abandonada, fosse transferida para os tão aguardados franciscanos” (T.A.).

sul do país, esteve vinculada ao próprio processo de povoação e estabelecimento dos imigrantes nessa região:

Em fins de 1889, com 35 anos de idade, em pleno vigor físico e espiritual, embarca para o Brasil, **a pedido dos imigrantes de Teresópolis**, o Pe. Francisco Xavier Topp [sacerdote diocesano] [...]. Seu campo de apostolado atinge a distância de mais de 90 km a partir do centro. Tinha que atender distantes núcleos habitacionais, visitar os doentes, enfrentar as florestas, o índio, e perigos de todo tipo. Também tomara para si o cuidado **dos colonos italianos e poloneses** da Colônia Grão-Pará, além de todo o Curato de Teresópolis. Pe. Topp, não podendo mais, sozinho, dar assistência ao curato de Teresópolis e sabendo que era preciso uma **organização pastoral que atendesse a todas as áreas carentes** do ministério sacerdotal, tratou de encontrar uma forma para preencher os vazios: **a vinda de novas Ordens e Congregações religiosas da Alemanha**, que depois **serão distribuídas por todo o território catarinense**. [...] Sabendo que Província Franciscana da Santa Cruz da Saxônia, na Alemanha, queria restaurar as antigas províncias [...] no Brasil praticamente inativas após a política anti-religiosa do Império, consegue eles venham para Teresópolis. Ali chegam os filhos de São Francisco de Assis a 10 de julho de 1891, sendo a primeira residência desses frades em Santa Catarina. **Foi desse ponto que teve início a restauração da vida franciscana no Brasil. Teresópolis foi ponto de partida para as fundações franciscanas;** de lá partiram para Lages e Blumenau em 1892, Rodeio em 1894, Petrópolis [no Rio de Janeiro] em 1896, em Curitiba em 1898, marcando sempre uma vigorada presença religiosa e pastoral (JOICHEM, 1992, p. 167. Grifo nosso).

Por meio do relato de Jochem, pode-se inferir sobre o papel da Ordem Franciscana, em especial dos frades da Saxônia, como instrumento de apoio religioso para diversas povoações de imigrantes que se estabeleceram principalmente nos vales de rios no estado de Santa Catarina, como no Vale do rio Itajaí-Açu e do rio Cubatão. De fato, muitas das cidades que receberam conventos franciscanos se originaram a partir de antigas colônias de imigrantes europeus ou localidades já existentes que receberam europeus de núcleos vizinhos, em especial alemães, como a primeira residência em Teresópolis, município de Águas Mornas, Blumenau, Santo Amaro da Imperatriz, Angelina, Forquilha e Rodeio fundada por italianos e austríacos vindos do norte da Itália, em especial da região do Tirol.

As semelhanças culturais e linguísticas com os colonos também deve ter contribuído para uma expansão dos franciscanos alemães no estado, como vemos nos relatos dos restauradores que frequentemente exaltam suas características germânicas: “Em Santa Catarina há muitos elementos alemães. E esta boa gente trouxe bons costumes da sua terra, sobretudo o costume de trabalhar honestamente e com aplicação. Por causa disto os colonos alemães, quase sem exceção, têm boas casas, grandes plantações, famílias numerosas e são católicos praticantes” (BAHLMANN, 1995, p.64).

A partir da pequena Teresópolis se irradiaram outras casas seráficas ainda fundadas no século XIX: em Lages no planalto catarinense, a pedido do então bispo da diocese do Rio de Janeiro, da qual o estado de Santa Catarina estava eclesiasticamente subordinado¹⁰⁷ (BAHLMANN, 1995, p.64); em Blumenau, a pedido do pároco anterior o também alemão padre José Maria Jacobs (BAHLMANN, 1995, p.64); em Rodeio, instalação resultante das frequentes visitas do alemão Frei Lucínio Korte – que dominava o idioma italiano – às colônias italianas do Vale do Itajaí, tendo como centro convento de Blumenau (PINTARELLI, 1994, p.14).

A partir de 1896, os frades da Alemanha cruzaram os limites de Santa Catarina para a fundação de fraternidades em outros estados, como em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro, para onde se dirigiram a fim de oferecer assistência à colônia alemã do lugar (NEOTTI, 1974, p.11); e em Curitiba, desde 1898, a convite do Bispo do Dom José Barros, para também prestarem suporte espiritual aos imigrantes germânicos, poloneses e italianos na cidade e seus descendentes residentes na região (JOCHM, 2005, p.51). Observa-se assim, que a primeira fase de edificação de novas fraternidades no sul e sudeste do país, ainda no século XIX, esteve estreitamente vinculada à necessidade de prover suporte religioso aos imigrantes europeus.

No último ano do século XIX, mais fraternidades são abertas em Santa Catarina em localidades próximas às residências já existentes, ampliando assim a área de influência dos religiosos germânicos nas suas três frentes de atuação no estado: em Curitiba, planalto catarinense próximo a Lages; em Gaspar, onde os frades do convento de Blumenau já visitavam em missões itinerantes pelo vale do Itajaí (SCHMITT, 2008, p. 97); e em Santo Amaro da Imperatriz no Vale do Rio Cubatão, para onde a comunidade seráfica foi transferida vinda da pequena e próxima Teresópolis¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Frei Amando Bahlmann ainda descreve a situação religiosa da cidade de Lages, o que possivelmente teria levado a insistência do então Bispo D. José de Barros para que os frades alemães assumissem a paróquia no planalto: “Eu já conhecia bastante a situação daquele lugar. O vigário, há pouco falecido, tinha deixado uma descendência numerosa naquele lugar onde havia funcionado como Vigário da Vara por 39 anos. O novo pretendente para a freguesia vaga de Lages já estava, com a sua descendência, pronto para a viagem. O exmo. Bispo insistiu que tomássemos conta da freguesia [...]. A recepção dos Sacramentos era muito deficiente. Não havia este costume. Só anos depois fiquei sabendo que lá alguns desejavam que eu entrasse na mesma vida do antecessor e que até me armaram algumas ciladas neste sentido. Felizmente sempre tive o princípio de ser cauteloso e assim nem dei fé a estes ardis” (BAHLMANN, 1995, p.64-67)

¹⁰⁸ Dentre os motivos para o fechamento da primeira residência dos frades da Saxônia no Brasil na colônia alemã de Teresópolis, Jochem aponta: o tamanho pequeno da povoação sem amplas perspectivas de crescimento, ao contrário do então povoado de Santo Amaro do Cubatão, situado em posição geográfica mais privilegiada; o envio dos frades da residência para atender a abertura de um convento em Curitiba; e as repetidas solicitações do antigo pároco para que os franciscanos fundassem um convento em Santo Amaro (JOCHM, 2005, p.52-53).

Na primeira década do século XX, quando os franciscanos alemães já haviam reocupado os antigos conventos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, os respectivos estados ganham também novas fraternidades seráficas em Quissamã, no norte fluminense, e em Guaratinguetá no Vale do Paraíba, norte paulista, observando assim, uma provável tentativa de consolidação da sua presença em áreas mais ao norte da Província da Imaculada Conceição. Neste período, a capital de Santa Catarina, Florianópolis também passa a contar com a presença franciscana, bem como Palmas no sudoeste do Paraná, divisa com Santa Catarina, abrindo uma nova frente de expansão que englobaria também o então distante oeste catarinense.

Diel e Tedesco (2007) colocam que a chegada dos franciscanos alemães à cidade de Palmas em 1903 representou um fator decisivo para a consolidação da Igreja Católica na região do Grande Oeste (Sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina), região marcada pela dispersão populacional, distância dos centros maiores e limitações materiais e econômicas ainda no começo do século XX:

Os franciscanos vão visitar a região de forma mais extensa e dar início a um processo de “nucleação” dos fiéis em capelas e em paróquias. Por outro lado, vão desenvolver de forma muito intensa a vida religiosa da população, criando as Congregações Marianas, o Apostolado da Oração e assistindo o povo na sua formação religiosa através da catequese e das pregações. Dessa maneira, os franciscanos vão consolidando aos poucos a institucionalização da Igreja no Grande Oeste, com a criação de capelas, paróquias e construindo as condições necessárias para a criação da prelazia, em 1933, e posteriormente das dioceses de Palmas e Chapecó, em 1958 (DIEL; TEDESCO, 2007, p.77).

A nucleação de fiéis em paróquias mencionada pelos autores pode estar também atrelada a um processo de ordenamento e organização espacial do território, em uma região descrita pelos mesmos como habitada por populações “dispersas no mato, andando com as tropas de gado ou mesmo mudando de lugar seguidamente” (DIEL; TEDESCO, 2007, p.77). É provável que essas características estivessem relacionadas aos caboclos, indígenas e até tropeiros que se deslocavam pelos sertões sulinos. Contudo, como já visto no trabalho com as fontes, o processo de evangelização das comunidades pelos frades da Saxônia envolvia frequência aos sacramentos, a educação das populações por meio de escolas apostólicas e o incentivo ao trabalho, o que demandava a fixação no território, e conseqüentemente a formação de núcleos mais estáveis. Dessa forma, os franciscanos podem ter incentivado e impulsionado o próprio desenvolvimento urbano local, e uma dissolução das características caboclas que até começo do século XX ainda apresentavam presença marcante na região.

Na segunda década do século XX, os franciscanos assumem mais paróquias na cidade de Amparo, próxima a Campinas no estado de São Paulo, e também em cidades onde já detinham antigas casas, como no Rio de Janeiro e São Paulo, avançando para regiões até então periféricas da cidade: em Ipanema na capital carioca, e no Pari, região do Brás na capital paulista, considerado à época “bairro inculto, quase inabitado, onde [...] as águas do Tietê e do Tamanduatey, em tempos chuvosos inundavam terrenos, transformando-os em brejos, onde coaxavam rãs e proliferavam pirilampos em noites caniculares”(CINQUENTENÁRIO..., 1964, p.2). Neste período, é também construído o grande convento e colégio seráfico de Rio Negro, no sul do Paraná, divisa com a cidade de Mafra em Santa Catarina, abrigando o seminário de formação de novos frades que anteriormente funcionava em Blumenau (SCHAETTE, 1942, p.7) e agora passava para uma região mais propícia para as casas de formação, afastada da agitação urbana, no alto de uma colina, de clima mais ameno, em meio às florestas de araucárias (BISPO, 2014, nº 151/10). Santa Catarina também recebe mais uma casa em Porto União, no planalto norte do estado, região próxima à já mencionada Palmas no Paraná, integrando mais um convento a formar a rede de casas na fronteira entre os dois estados.

Entre as décadas de 1920 e 1950, o estado de Santa Catarina ganha sete novas fraternidades, se consolidando como a principal área de atuação no Brasil da Província restaurada, e se expandindo em especial para o oeste catarinense por meio dos conventos instalados em Luzerna, Concórdia, Xaxim e Coronel Freitas. Mais uma casa seráfica é construída no Vale do Itajaí na cidade de Ituporanga, e também em Angelina, núcleo urbano com forte influência da cultura alemã na região metropolitana de Florianópolis, que também passa a integrar a rede de atuação franciscana no estado. No período, os frades também instalam a primeira casa no sul do estado em Forquilha, também colonizada por imigrantes europeus, em especial alemães, marcando, portanto, todas as principais grandes regiões do estado com a presença das atividades dos filhos de Francisco.

Na Revista Vita Franciscana de 1942, publicação interna da Província da Imaculada Conceição, um pequeno texto sem autoria definida delinea de forma enfática esse vínculo entre o franciscanismo e o espaço territorial catarinense, relacionando as diferentes paisagens do lugar com a itinerância seráfica no estado e as marcas que os religiosos deixaram nessas paisagens. Como consequência, o imaginário ligado aos franciscanos ainda hoje é bastante forte no estado sulino, como observado nas visitas de campo e em conversas com os locais, resultando também em um grande número de vocações da região que adentraram na Ordem ao longo do século XX. Como exemplo disso, observamos que dos quatro últimos ministros provinciais que dirigiram a Província do Sul/Sudeste, três são catarinenses.

Santa Catarina é uma epopeia do franciscanismo!!! Em suas terras está gravado o burel do franciscanismo. Muitíssimos corações (dezenas de milhares) foram amoldados segundo o espírito, a alma, o coração do franciscano. Muitos túmulos escondem as cinzas de apóstolos franciscanos. Muitas serras, muitos campos, muitos matos desgastaram sola franciscana e foram orvalhados com o suor do franciscano. Tudo quanto é lugar: cidade, planalto, sertão, - o filho de S. Francisco palmilhou. Na fantasia baila o burel, no coração vive a alma, no próprio ar, dir-se-ia, respira-se o espírito... do franciscano (DAS NOSSAS CASAS, 1942, p.23).

Ainda dentro do recorte temporal das décadas de 1920 a 1950, mas em quantidade menor que em Santa Catarina, foram fundadas fraternidades em todos os outros estados que compõem a Província: no Paraná, na cidade de Pato Branco, sudoeste do estado, na já mencionada área de atuação franciscana do Grande Oeste, englobando também o oeste catarinense; no estado do Espírito Santo, Vila Velha ganha uma nova fraternidade, além do convento de Nossa Senhora da Penha construído em tempos coloniais, corroborando para a ideia de uma necessária rede de casas próximas que ofereçam suporte mútuo entre si. Esse conceito também pode ser visto nas construções fundadas neste período no estado do Rio de Janeiro, todas situadas em municípios limítrofes à capital, em Niterói, Nilópolis e São João do Meriti.

Já em São Paulo, a capital paulista ganha mais uma casa no bairro Vila Clementino, onde passa a funcionar a sede da Província e também na cidade de Sorocaba, próxima a Itu, que em tempos coloniais abrigou um convento franciscano. Além disso, a Ordem se expande para o centro-oeste paulista se instalando em Bauru e em Agudos, onde um imponente seminário de grandes dimensões, a exemplo do seu similar nordestino em Ipuarana, é erguido em fins de década de 1940 numa fazenda local:

O prédio do Seminário do Rio Negro se revelava pequeno diante das perspectivas de vocações no Brasil. Com a guerra, Garnstock¹⁰⁹

¹⁰⁹ Trata-se do seminário seráfico de Garnstock, situado na Bélgica (território alemão antes da I Guerra), que preparava jovens seminaristas para a missão franciscana no Brasil, em especial para a Província da Imaculada Conceição, algo similar ao Colégio Seráfico de Bardel na Província de Santo Antônio. O prédio do convento de Garnstock, construído por Padres Sacramentinos a partir de 1909, foi comprado pela Província brasileira em 1923. Sobre o convento, Frei Lucínio Wzorek relata em artigo publicado na Revista Vida Franciscana de 1958: “Foi uma casa importante da Província no tempo em que no Brasil não havia seminários e não se fazia propaganda pelas vocações. Garnstock era então uma fonte de água viva, a bênção grande com que Deus abençoou o Brasil. É um nome que se entrelaça com a História da Província reformada” (WZOREK, 1958, p.141). Ainda segundo Wzorek, o funcionamento da casa foi proibido pelos nazistas durante da II Guerra Mundial e muitos alunos convocados para guerra, impactando diretamente no envio de religiosos para o Brasil. Após o conflito, os franciscanos retomam em 1951, mas a queda das vocações locais culminou com a saída dos seráficos na década de 1970, segundo reportagem de 2008 do jornal local Grenz-Echo, publicado na cidade belga de Eupen e destinado à comunidade de língua alemã (disponível em <<http://www.marienchoreupen.be/files/081002-Am-08051977-zogend-die-Patres-und-Brueder-aus.pdf>> Acesso em jan. 2022).

tornara-se uma incógnita. Na época o entusiasmo pelas vocações era grande. [...] Foi decidido em Definitório de 17 de agosto de 1943 partir para uma nova construção, em local central da Província e com perspectivas de sustento relativamente autônomo, clima favorável, água, eletricidade, etc, para diminuir os encargos da Província e garantir alimentação sadia para a mocidade (PRIM, 1975, p.7).

Percebe-se, portanto, que os homônimos Colégio e Seminário Santo Antônio tanto em Lagoa Seca na Paraíba, quanto em Agudos no estado de São Paulo foram construções resultantes de um ponto de virada na História das províncias restauradas, quando os laços com a Alemanha, principalmente no que diz respeito à oferta de vocações, começam a perder impulso. A construção de ambas edificações na década de 1940 coincide com o período da II Guerra Mundial, quando as casas de preparação dos candidatos à Ordem europeias são fechadas e era preciso, assim, estimular as vocações nacionais para a sobrevivência das províncias.

O historiador e pesquisador da Universidade Estadual de Ponta Grossa Edson Silva apresenta um levantamento, em artigo publicado no ano de 2012, em que contabiliza a nacionalidade de frades franciscanos que entraram na Província da Imaculada Conceição a partir da última década do século XIX, extraindo esses dados a partir dos obituários da instituição. Segundo Silva, até a década de 1930 o número de religiosos ingressos de nacionalidade alemã superava amplamente as vocações brasileiras.¹¹⁰

Apesar do autor não mencionar os dados de ingressos a partir da década de 1940, acredita-se que este período tenha representado o início de uma tendência de diminuição das entradas de frades germânicos, pelos motivos expostos anteriormente, processo que perdurou nas décadas seguintes com a diminuição das vocações europeias após a II Guerra Mundial¹¹¹. A edificação das casas/seminários de Ipuarana

¹¹⁰ Silva (2012) apresenta os seguintes dados obtidos por meio de pesquisa feita em 562 obituários da Província Franciscana da Imaculada Conceição: “No final da década de 1890, [...] entraram na Província da Imaculada Conceição 121 frades de origem alemã e apenas dez brasileiros. Entre 1900 e 1910, ingressaram, considerando-se os dados dos obituários, 76 alemães e 26 brasileiros. Na década de 1920, a proporção é de 62 alemães para 44 brasileiros; na década de 1930, 81 alemães para 37 brasileiros. Dos 562 obituários pesquisados apenas 31 frades apresentavam outros países de origem: Polônia, doze; Portugal, cinco; Holanda, três; Áustria, dois; Itália, dois; Croácia, dois; Japão, dois; Bélgica, um; Espanha, um; e Lituânia, um”.

¹¹¹ Frei Lucínio Wzorek, religioso da Província da Imaculada Conceição faz um relato acerca da diminuição das vocações na Alemanha em fins da década de 1950, relacionando-a como consequência de uma nova mentalidade pós-II Guerra mundial: “Na Alemanha há escassez de padres e vocações, e todos procuram defender-se com as vocações tardia. E nós saímos perdendo. Depois entrou muito materialismo na vida. A guerra matou, empobreceu, fez derramar lágrimas. Faltava tudo, mas as aflições sobravam. Veio a reação a esses sofrimentos. Procuram pagar-se das penas passadas e das futuras também, porque vindo outra guerra, repetir-se-á a mesma coisa, perderão tudo de novo. Cada um rodeia-se das comodidades que pode e de algumas que não pode enquanto é tempo. A Alemanha perdeu a guerra, mas lucrou mais com a derrota que outros com a vitória. Vive num nível econômico em que não vivem os outros países.

e Agudos marcaram, dessa forma, esse esforço de promover e captar as vocações nacionais e de diminuir gradativamente a dependência com a Alemanha, mesmo que até início dos anos de 1990, o Brasil ainda recebia franciscanos germânicos, porém, vindos de maneira isolada e em números discretos¹¹².



Imagem 143 – Fraternidades franciscanas fundadas no Sul do Brasil, estados do Paraná e Santa Catarina, no fim do século XIX e primeira metade do século XX. Em verde, fundações do século XIX. Em azul, casas fundadas na primeira década do século XX, em amarelo década de 1910, em roxo década de 1920, em laranja década de 1930, em vermelho casas fundadas na década de 1940, e em rosa década de 1950.

Fonte: Autora, 2022.

Infelizmente o dinheiro e as comodidades são maus conselheiros. Secam o coração e afogam a vocação” (1958, p.147-148).

¹¹² Segundo Frei José Rodrigues Teixeira, em conversa com a autora em janeiro de 2022, os últimos dois frades alemães que ingressaram na Província de Santo Antônio do Nordeste chegaram ao Brasil em 1896 e 1991, embora um deles tenha voltado à Alemanha e outro saído da Ordem.



Imagem 144 – Fraternidades franciscanas fundadas no Sudeste do Brasil, nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, no fim do século XIX e primeira metade do século XX. Em verde, fundações do século XIX. Em azul, casas fundadas na primeira década do século XX, em amarelo década de 1930, em laranja década de 1940, e em rosa década de 1950.

Fonte: Autora, 2022.

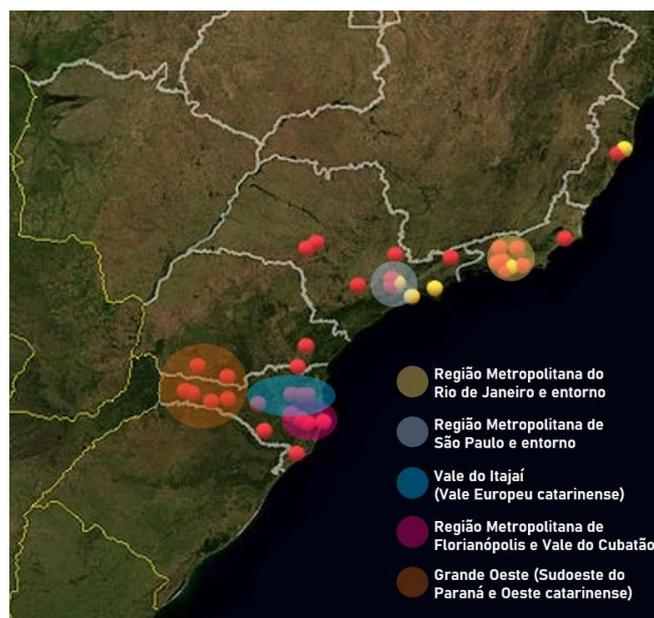


Imagem 145 – Principais áreas de estabelecimento de novas fraternidades franciscanas da Província da Imaculada Conceição entre o fim do século XIX e primeira metade do século XX. Fonte: Autora, 2022.

5.2. Novas arquiteturas franciscanas: construções de frades alemães

Movendo o olhar para uma escala mais próxima dentro das cidades, observa-se que essas novas construções franciscanas erguidas no contexto da Restauração ou após o reerguimento das Províncias se caracterizam por uma ampla diversidade de formatos, tipologias e estilos que variam, dentre algumas razões que se pode deduzir, de acordo com sua função urbana, com a região em que se localizam e também com seu período de construção. Se a arquitetura absorve o espírito do tempo presente, a profusão de estilos arquitetônicos que se difundem partir do final do século XIX, avançando para o século seguinte irá contribuir para a heterogeneidade e ausência de um padrão estilístico do conjunto arquitetônico franciscano desse período, diferenças que são significativas no decorrer das décadas.

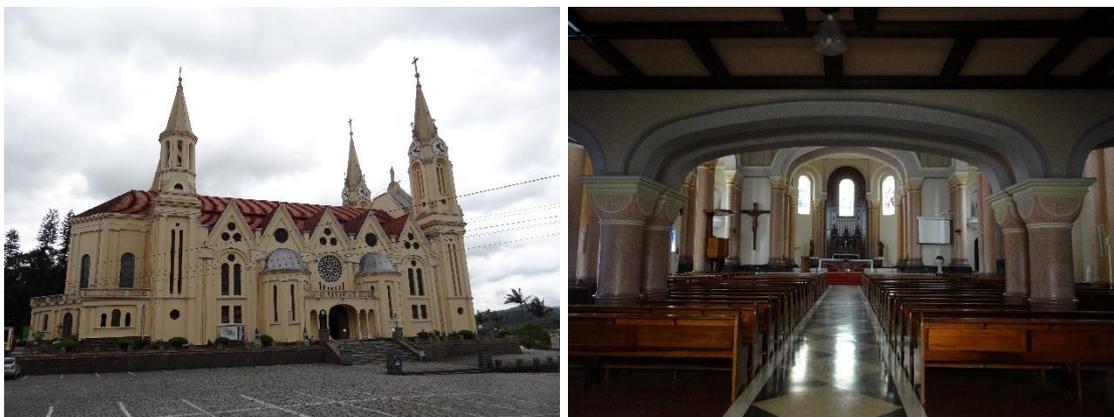
Dentro de um contexto temporal em que o Romantismo também ecoou na arquitetura, por meio dos *revivals* estilísticos e busca de formas e tipologias passadas, grande parte das igrejas construídas pelos frades germânicos se utilizarão da linguagem eclética, se destacando em muitos casos o neogótico e suas referências à medievalidade, que estes religiosos buscam aplicar como um estilo que atendia às demandas do tempo presente. O estilo neogótico é especialmente forte nas edificações erguidas no final do século XIX e começo do século XX, e principalmente, nos exemplares do sul do país, onde a presença dos imigrantes alemães também pode ter contribuído para a adoção dessa linguagem.



Imagens 146, 147, 148 - Igreja franciscana de Santo Amaro da Imperatriz, Santa Catarina.
Fonte: Autora, 2013.

Há ainda exemplares que não se atrelam a uma única linguagem estilística, apresentando misturas de elementos góticos, românicos e até clássicos, como é o caso das igrejas franciscanas de Gaspar em Santa Catarina, Pari em São Paulo, e Igreja Nova em Alagoas, que se enquadram naquilo que Luciano Patetta (1987, p.15) define como pastiches compositivos, gerando soluções estilisticamente inusitadas. A arquitetura eclética do templo de Gaspar, por exemplo, nos traz certas surpresas: seu

exterior detém de inúmeras referências ao estilo neogótico, como rosáceas, pináculos, torres em agulha e elementos verticalizados, porém seu espaço interno nos revela outras linguagens com arcos plenos e abatidos, colunas grossas e pesadas e forros em caixotões de madeira.



Imagens 149 e 150 - Igreja franciscana de Gaspar, Santa Catarina.

Fonte: Autora, 2013.

As construções mais recentes que se encaminham para meados do século XX apresentam soluções que se distanciam mais da arquitetura eclética e prezam por espaços visualmente mais limpos, soluções simples, ambientes iluminados, cores mais sóbrias e despojamento no que se refere aos elementos decorativos e iconográficos. Há ainda o caso da matriz de Blumenau que faz uso de uma linguagem moderna para estilizar elementos típicos da arquitetura gótica como a verticalidade, os vitrais, rosáceas, rosetas e as colunas delgadas.



Imagens 151 e 152 - Matriz de Blumenau, Santa Catarina, erguida pelos franciscanos.

Fonte: Autora, 2013.

Ainda que não seja possível identificar uma uniformidade e homogeneidade entre essas construções, algumas marcas no espaço nos trazem pistas da presença

dos religiosos germânicos. No templo de Igreja Nova, Alagoas, por exemplo, nos deparamos com inscrições em língua alemã nos vitrais e no piso, denunciando se tratarem de elementos trazidos do país estrangeiro. As fontes também corroboram para essa prática de importar partes a serem usadas em alguns dos prédios, principalmente no que se refere a elementos artísticos, sinos e os relógios que compõem a fachada das igrejas.



Imagens 153 e 154 - Inscrição em alemão em piso e vitral da igreja franciscana de Igreja Nova, Alagoas. Fonte: Autora, 2018.

Saindo da questão estilística das igrejas¹¹³ e considerando as formas dos complexos conventuais como um todo, de forma geral, foi possível identificar quatro tipos construtivos que se sobressaíram ao analisarmos seus conjuntos arquitetônicos: 1) conventos de menor porte, caracterizados pela existência de uma grande igreja e uma pequena casa que abriga a fraternidade seráfica, residência que pouco se assemelha às feições e aos elementos de um prédio conventual propriamente dito; 2) conventos de porte médio, englobando as igrejas urbanas e as casas conventuais, que apesar de não apresentarem as usuais grandes dimensões de um convento de uma Ordem religiosa, possuem elementos como pequeno claustro, cerca, refeitório, capela, celas, ambientes que se vinculam à arquitetura conventual; 3) conventos-escola, ou seja, as edificações de grande porte que correspondem justamente às construções que abrigam ou abrigaram as casas de formação das Províncias e/ou os colégios seráficos; e 4) as catedrais urbanas, desprovidas de uma edificação conventual anexa.

As construções franciscanas das cidades de Santo Amaro da Imperatriz e Gaspar, em Santa Catarina, bem como de Igreja Nova, em Alagoas, representam

¹¹³ Um trabalho mais detalhado acerca dos detalhes artísticos e estilísticos da arquitetura produzida pelos franciscanos alemães no Brasil foi realizado na dissertação de mestrado da autora. Ver MELO, 2016.

exemplares do tipo 01 em que evidenciamos um significativo contraste entre a igreja seráfica - imponente e ocupando lugar de destaque nos núcleos urbanos em que se localizam - e a casa dos frades propriamente dita. Esta se resume a um convento com feições de residência comum, que pode ser completamente dissociada do templo religioso tanto em sua espacialidade e linguagem arquitetônica adotada, como no caso de Gaspar, ou ainda apresentar a forma de uma acanhada construção anexa à igreja, como no caso do aspecto atual do convento de Santo Amaro e de Igreja Nova, este último guardando ainda algumas formas arquitetônicas (arcos plenos, cunhais e frisos) e cores do templo religioso. A casa de Igreja Nova ainda é dotada uma particularidade não usualmente encontrada nos conjuntos de menor porte: a presença de uma cerca conventual com plantações de hortaliças e árvores frutíferas, além de espaço para a criação de animais, que garantem alguns suprimentos para a fraternidade residente.



Imagens 155 e 156 - Igreja e convento franciscano de Santo Amaro da Imperatriz, estado de Santa Catarina. À esquerda fotografia da década de 1910 e à direita aspecto atual com o convento ampliado e anexo à igreja após reformas ao longo do século XX.

Fonte: JOCHEM, 2005, p.58; Google Street View, 2022.



Imagens 157 e 158 - Igreja e convento franciscano de Santo Amaro da Imperatriz, estado de Santa Catarina. Fonte: Autora, 2013.



Imagens 159 e 160 - Igreja e convento franciscano de Gaspar, estado de Santa Catarina.
 Fonte: Autora, 2013.



Imagens 161, 162, 163 e 164 - Igreja e convento franciscano de Igreja Nova, estado de Alagoas. Fonte: Autora, 2018 e 2011.

Acerca dos conventos em que enquadrados dentro da categoria de médio porte, podemos incluir uma grande parte dos conventos construídos no período do recorte temporal proposto, a exemplo dos conjuntos franciscanos de Campina Grande na Paraíba, Pesqueira em Pernambuco, Fortaleza no Ceará, Aracaju em Sergipe, Petrópolis no Rio de Janeiro, Pari na capital paulista, Curitiba no Paraná, Florianópolis e Lages situados em Santa Catarina. Nestes casos, as proporções entre casa e igreja

apresentam dimensões mais próximas, e no geral, tem-se uma continuidade e linguagem comum que conferem uma certa homogeneidade arquitetônica do conjunto seráfico casa-igreja. Dentro deste grupo, encontramos também ambientes conventuais mais definidos, que aparecem usualmente na arquitetura monástica, como claustro, biblioteca, portaria, ala de celas, capelas, bem como novos cômodos inseridos na arquitetura conventual brasileira pelos frades alemães como a sala do recreio¹¹⁴, sem, no entanto, existir qualquer padrão construtivo ou formal, como vemos nos conventos erguidos no Brasil em tempos coloniais.

Nesses conjuntos, a existência de edificações conventuais maiores demanda a presença de claustros ou pátios internos a fim de atender as necessidades morfológicas da arquitetura e garantir a solução de problemas de ordem funcional no prédio como a circulação, ventilação e iluminação dos cômodos. Nas casas do Nordeste, os claustros muito se assemelham com as respectivas estruturas encontradas nos conventos erguidos nos séculos de colonização portuguesa, com a presença de arcadas contornando todo o perímetro quadricular do claustro, e de varandas tanto pavimento inferior quanto no superior, como é o caso, por exemplo, das residências de Campina Grande na Paraíba, Fortaleza no Ceará e Aracaju em Sergipe. Teriam os frades da Alemanha se inspirado nos antigos conventos nordestinos, que ocuparam ainda em fins de século XIX, para traçar as estruturas claustrais das novas casas que eles mesmos ergueram?

Nos novos conventos do Sul e Sudeste os claustros dos conjuntos de médio porte se afastam dessas feições dos exemplares nordestinos, com exceção da casa do Pari na capital paulista que também apresenta arcadas e galerias, ainda que as varandas ocupem apenas duas alas do claustro. Em Petrópolis, o claustro se reduz a um simples pátio interno, área de ligação entre a igreja e a casa seráfica. Em Florianópolis, ganha contornos mais definidos, organiza as diferentes alas do convento, e para ele se descortina uma única galeria de varanda no primeiro pavimento, acompanhando a ala das celas. Arcadas e varandas estão ausentes no andar térreo

¹¹⁴ O recreio consiste no encontro fraterno e festivo entre os frades da residência, um momento de lazer, partilha e confraternização em meio às atividades cotidianas dos religiosos. Em geral, nas casas visitadas construídas a partir do século XIX, existe um espaço destinado para este fim, e mesmo nos antigos conventos erguidos nos tempos coloniais, espaços foram adaptados para abrigar a sala do recreio, introdução provavelmente elaborada pelos frades da Alemanha. No Noviciado da Província da Imaculada Conceição no convento de Rodeio-SC, existem recreios diários entre as aulas no turno da manhã e um recreio festivo realizado pela noite uma vez por mês. Já em conversas com os frades da Província de Santo Antônio no Nordeste, eles destacam como um hábito legado pelos frades alemães o costume de se tomar cerveja com embutidos e cebola frita durante o recreio. Frei José Rodrigues Teixeira e o ex-frade Marcelino Cantalice relataram que era comum a realização de um recreio festivo após a morte e enterro de um frade, denotando uma concepção positiva e celebrativa para tal momento, em depoimento colhido em fevereiro de 2011 no convento de Penedo, Alagoas.

deste espaço, embora a presença de bancos, de jardins floridos e de uma imagem de São Francisco, sugere tratar-se de um ambiente de permanência e de contemplação, associada às funções poéticas atribuídas à essa área dentro de um espaço conventual. Já em Lages, o claustro desaparece por completo, muito devido ao formato mais compacto da construção composta pela intersecção de blocos retangulares. O clima frio do planalto catarinense também acaba dispensando o espaço e as amplas áreas de varandas tão necessárias no clima quente nordestino.



Imagens 165, 166, 167 e 168 - Igreja e convento franciscano de Campina Grande, estado da Paraíba, com destaque para a área do claustro conventual. Fonte: Autora, 2013.



Imagens 169 e 170 - Igreja e convento franciscano de Fortaleza, estado do Ceará, com área do claustro conventual. Fonte: Página oficial da Província de Santo Antônio, 2021.



Imagens 171, 172 e 173 - Igreja e convento franciscano do Pari em São Paulo, com área do claustro conventual. Fonte: Autora, 2013.



Imagens 174 e 175 - Igreja e convento franciscano de Petrópolis e pátio interno. Fonte: Autora, 2011.



Imagens 176 e 177 - Igreja e convento franciscano de Florianópolis com claustro conventual. Fonte: Autora, 2013.



Imagens 178, 179, 180 e 181 - Igreja e convento franciscano de Lages, biblioteca e capela interna. Fonte: Autora, 2013.

Sobre a categoria 3 qualificada como conventos-escola, trata-se do grupo que envolve as maiores construções franciscanas dentro do recorte temporal proposto. Correspondem às casas que funcionam ou funcionavam como casas de formação ou colégios seráficos que preparavam as futuras vocações, atendendo uma ampla parcela de meninos das localidades em que se inseriam e oferecendo suporte educacional às comunidades, mesmo que nem sempre os estudantes persistissem na vida religiosa. Enquadra-se nesse grupo as casas seráficas de Rodeio, Blumenau e Rio Negro, no sul do país, e os dois grandes conventos e colégios construídos no contexto da II Guerra Mundial em Lagoa Seca, interior da Paraíba no Nordeste, e Agudos no centro do estado de São Paulo.

Essas edificações convergem entre si não apenas pelos grandes espaços que abrigam, incluindo salas de aula, amplos refeitórios e dormitórios e até mesmo mais um de um claustro - caso de Agudos e Ipuarana – mas também por se situarem em locais de relativo isolamento¹¹⁵ e apresentarem certa condição de autossuficiência, já que

¹¹⁵ O convento de Blumenau representa uma exceção a esta situação de isolamento, condição que, dentre outros fatores, como o clima do lugar e a má ventilação dos dormitórios - contribuindo para o aparecimento de doenças - motivou a saída do colégio seráfico do local e a mudança para Rio Negro, no sul do Paraná (PRIM, 1975, p.6).

eram dotados de estruturas de trabalho como oficinas e amplas áreas verdes para o cultivo de hortas e criação de animais. Por se tratarem de casas de formação, o distanciamento e o convívio em fraternidade dentro de uma espécie de “micro-cidade” se mostravam importantes para interiorização e discernimento vocacional.

As casas de Rodeio, Ipuarana e Agudos ainda hoje conservam boa parte de suas características originais, preservando a atmosfera de recolhimento e introspecção, mesmo que parte de suas amplas áreas não estejam mais sendo utilizadas em sua totalidade, a exemplo das antigas áreas de oficinas. A casa de Blumenau foi engolida pelo crescimento urbano, e hoje não detém mais de atividades religiosas, apesar de ainda permanecer sua alma educativa: abriga uma unidade do Colégio Bom Jesus, rede de escolas particulares, presente em cidades do sul e sudeste do país, pertencente e administrada pela Província da Imaculada Conceição.

Observa-se também as consideráveis semelhanças existentes entre as casas de Ipuarana na Paraíba e Agudos, em São Paulo, compostas por grandes blocos edificadas dispostos em torno de 3 e 4 claustros, respectivamente, situadas em áreas rurais, divergindo da típica implantação de conventos franciscanos inseridos no interior nos núcleos urbanos. Construídas na década de 1940, são frutos dos novos rumos que ambas as Províncias enfrentaram quando a II Guerra Mundial é desencadeada na Europa e os conventos de Bardel e Garnstock ficaram impossibilitados de prosseguir com o envio de religiosos estrangeiros. Era preciso, portanto, impulsionar as vocações locais, e esses grandes empreendimentos arquitetônicos representaram em sua materialidade essa resposta imponente e grandiosa que objetivava atrair as vocações locais e garantir o futuro das províncias. Ou como já mencionado, um ponto de virada que culminou com o processo de diminuição do componente vocacional alemão nos conventos brasileiros.



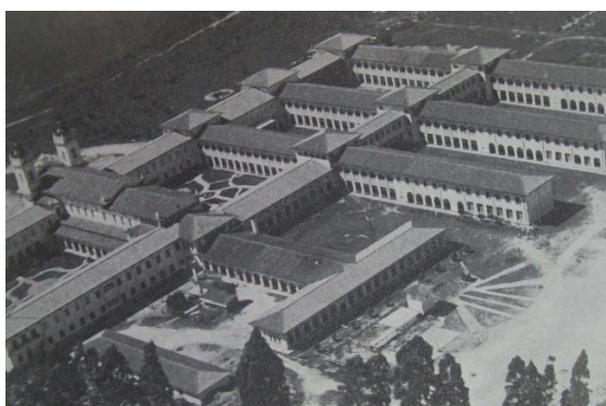
Imagens 182 e 183 - Convento de Rodeio, em Santa Catarina, fotografia da primeira metade do século XX e vista atual. Fonte: Acervo da biblioteca do convento de Lages, sem data; autora, 2013.



Imagens 184 e 185 - Convento de Blumenau, em Santa Catarina e imagem atual.
 Fonte: Revista Vita Franciscana, 1931; autora, 2013.



Imagens 186 e 187 - Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba e vista atual.
 Fonte: Revista Vida Franciscana, 1947; autora, 2013.



Imagens 188 e 189 - Vistas aéreas dos conventos de Ipuarana na Paraíba e Agudos em São Paulo. Fonte: Arquivo da Província de Santo Antônio, sem data; PRIM, 1975.



Imagens 190 e 191 - Convento franciscano de Ipuarana e Agudos e entorno. Fonte: Autora, 2013; Página da Província da Imaculada Conceição, sem data¹¹⁶.

Por fim, o quarto grupo de edificações franciscanas erguidas pelos religiosos da Alemanha consistem nas grandes igrejas matrizes, que posteriormente se tornaram catedrais, dissociadas de uma construção conventual, mas situadas próximas aos complexos seráficos das cidades. É o caso das atuais catedrais de Lages e Blumenau, ambas no estado de Santa Catarina, erguidas pela necessidade de abrigo de mais fiéis às celebrações, evidenciando a força dos frades franciscanos nas duas localidades. A atual catedral de Lages foi erguida entre 1912 e 1922, e atualmente não mais se encontra sob a administração dos franciscanos, que a entregaram aos Padres Diocesanos em 2 de fevereiro de 1971, segundo o Livro de Crônicas da casa. Já a atual Catedral de Blumenau, prédio erguido apenas em 1956 (KORMANN, 1944, p.53) esteve sob administração dos franciscanos até o ano de 2000, quando o Papa João Paulo II erigiu a Diocese de Blumenau e a igreja passou para os cuidados do bispo diocesano (BOHN, 2011, p.181).



Imagens 192 e 193 – Atuais catedrais de Lages e Blumenau em Santa Catarina. Fonte: Autora, 2013.

¹¹⁶ Disponível em < <https://franciscanos.org.br/quemsomos/casas/agudos/#gsc.tab=0>>. Acesso em janeiro de 2022.

De forma geral, e englobando todas as categorias que aqui agrupamos, os prédios erguidos pelos religiosos da Alemanha se assentam de forma imponente nos núcleos urbanos em que estão inseridos, sendo muitas vezes considerados as edificações mais importantes ou marcantes das cidades, principalmente em áreas urbanas de menor porte, com as torres de suas igrejas guiando ao longe os visitantes que se aproximam de seus centros. Essa força na paisagem citadina evidencia uma proposta de catequese urbana que coloca o catolicismo como centro e parte integrante da vida local. Ainda hoje essas edificações, em especial as igrejas do conjunto franciscano, são pontos de referência na cidade e o badalar de seus sinos, não apenas marcam a paisagem sonora local, mas também lembram os habitantes o horário, o momento da missa ou acontecimentos importantes.

Em Igreja Nova, Alagoas, o templo seráfico, apesar de ser considerado a principal referência visual do lugar, destoa completamente da escala, das proporções e das formas da acanhada cidade. Se o grande monumento erguido na primeira década do século XX soa estranho na paisagem agreste, simples e até bucólica da pequena localidade, ele também é eleito como o símbolo desta, estampando até mesmo a logomarca da prefeitura local.



Imagens 194, 195, 196 e 197 - Contraste entre a igreja conventual de Igreja Nova, Alagoas, e a acanhada cidade. Fonte: Autora, 2018 e 2013.

Já no Sudeste, na capital Paulista, o conjunto franciscano do bairro do Pari iniciado em 1922 também se impôs de forma monumental na então periférica região próxima aos rios Tietê e Tamandateí. Sobre seu idealizador, Frei Olivério Krämer, as fontes falam: “Foi cognominado por uns de Apóstolo Arrojado, acoimado por outros de louco por construir uma igreja de tamanhas proporções em bairro quase baldio, onde havia apenas uma rua habitada!” (CINQUENTENÁRIO..., 1964, p.8).” A igreja de pesadas e desproporcionais torres ainda impactam na paisagem local, mesmo que o crescimento urbano tenha adensado o bairro com um significativo número de construções uma vez que a área integra hoje uma movimentada zona de comércio popular junto com os vizinhos Brás e Bom Retiro.



Imagens 198 e 199 - Igreja e convento de Santo Antônio do Pari, em São Paulo.
 Fonte: Imagem disponibilizada por Frei Róger Brunório, sem data; site da Província da Imaculada Conceição, sem data¹¹⁷.

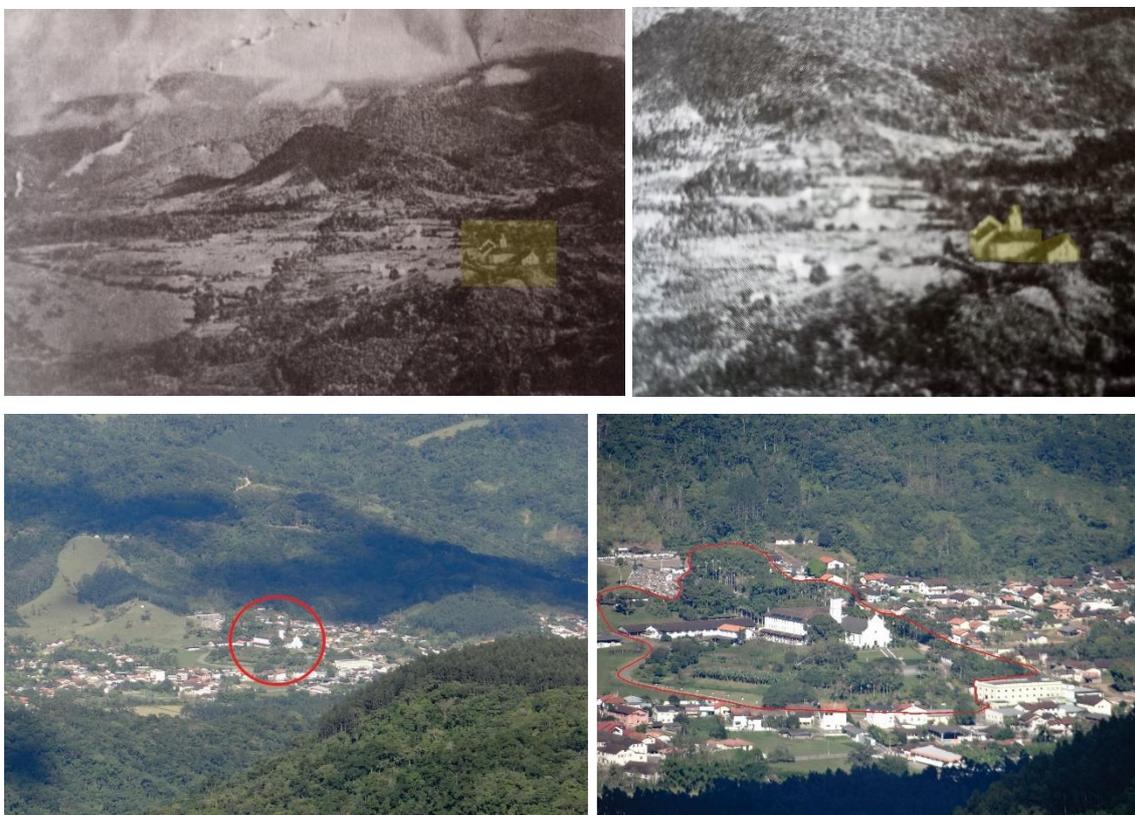


Imagens 200 e 201 - Igreja e convento de Santo Antônio do Pari, em São Paulo.
 Fonte: Érika Augusto¹¹⁸, sem data; autora, 2013.

¹¹⁷ Disponível em < <https://franciscanos.org.br/quemsomos/ondeestamos/fraternidade-santo-antonio-do-pari-sao-paulo/#gsc.tab=0> >. Acesso em fevereiro de 2022.

¹¹⁸ Disponível em < <https://historiasdopari.files.wordpress.com/2014/01/torres-da-igreja-colridas.jpg> >. Acesso em fevereiro de 2022.

Movendo os exemplos para o sul do país, mais especificamente para o estado de Santa Catarina, temos exemplos de cidades que crescerem em torno conventos erguidos pelos religiosos da Alemanha. Em imagem da primeira década do século XX, da antiga colônia italiana de Rodeio, observa-se que a edificação franciscana se apresentava como a única construção de grande porte da povoação, sendo difícil até mesmo a visualização das residências dos colonos e demais elementos arquitetônicos. Quando comparamos com a imagem, percebe-se que a posterior cidade cresceu em torno do convento, tendo este como núcleo do desenho urbano. Diferente dos exemplares anteriores, em Rodeio o complexo franciscano se acomoda mais gentilmente na paisagem local.



Imagens 202, 203, 204 e 205 - Vista da antiga colônia de Rodeio em Santa Catarina, entre 1900 e 1913, e da atual cidade. Fonte: Imagens antigas extraídas de PINTARELLI, 1994, p.19, com intervenções da autora; e imagens atuais da autora, 2013.

Semelhante situação vemos em Santo Amaro da Imperatriz, onde a edificação franciscana, erguida em posição elevada com vista para o rio Cubatão, exerce uma posição central no desenho urbano da cidade. As margens fluviais e o prédio seráfico, que se volta para o curso d'água, parecem ter conduzido o crescimento da cidade ao longo do século XX e não por acaso, representam duas importantes referências urbanas locais. Em Gaspar, no Vale do Itajaí-Açú, a igreja seráfica também dialoga com o

importante rio catarinense, em um dos pontos de maior movimento da cidade. O encontro entre o sopé do morro em que se assenta o edifício com o rio foi escolhido para a construção da Ponte Hercílio Deeke, formando todo esse conjunto urbano de igreja-rio-ponte o principal cartão postal da cidade.



Imagens 206 e 207 - Antiga vila de Santo Amaro com igreja franciscana à esquerda em imagem do início da década de 1910 e fotografia da cidade atual com destaque à construção franciscana em amarelo e ao rio Cubatão e suas margens em mancha azul.

Fonte: JOCHEM, 2005, p.68; imagem atual do site da Prefeitura de Santo Amaro da Imperatriz¹¹⁹, com intervenções da autora em 2022.



Imagens 208 e 209 - Cidade de Gaspar entre a década de 1950 e 1970 com destaque à construção franciscana em amarelo e ao rio Itajaí em azul; vista da cidade e do rio a partir da igreja seráfica. Fonte: SCHMITT, 2008, p.416 com intervenções da autora; autora, 2013.

¹¹⁹ Disponível em: <<http://www.pmsai.sc.gov.br/noticia/411/imoveisestao-sendo-recadastrados-em-santo-amaro>>, acesso em dezembro de 2015.



Imagens 210 e 211 - Cidade de Gaspar na década de 1960 e imagem atual em um dos pontos de maior movimento da cidade. Fonte: SCHMITT, 2008, p.398; autora, 2013.

Para além da força espacial dessas edificações na paisagem urbana, a construção de escolas junto aos conventos franciscanos representou não só uma novidade arquitetônica para esses complexos construtivos, mas também uma importante característica das construções dos frades alemães que estreita os vínculos entre convento e cidade. Esses espaços materializaram, por meio da arquitetura, o apreço dos germânicos pelo ensino e pela educação, parte de seu impulso em organizar o território e intervir nos aspectos não apenas diretamente religiosos, mas também sociais e culturais das regiões abrangidas por seu apostolado. Ressalta-se, porém, que a função educacional também existia nos antigos conventos erguidos na época colonial, inclusive direcionada para a comunidade, mas não resultou no aparecimento de um espaço arquitetônico específico, com raras exceções.

Essas escolas erguidas pelos religiosos alemães poderiam estar vinculadas aos colégios seráficos destinados à captação de vocações locais, como foi o caso dos conventos-escola explanados anteriormente, a exemplo de Ipuarana e Agudos, onde o próprio convento funcionava como uma grande escola e seminário preparatório, mesmo que nem sempre os estudantes perseverassem com a vida religiosa. Todavia, na maior parte dos casos, as escolas eram construção independentes e anexas aos conventos com o objetivo de oferecer serviços educacionais a comunidade urbana. Se iniciaram em pequenas construções improvisadas e se ampliavam conforme as necessidades locais.

Em alguns casos, antecederam até mesmo a construção dos conventos, como no caso da cidade de Florianópolis, onde a escola foi fundada pelos religiosos germânicos em 13 de junho de 1915, dia de Santo Antônio, e a igreja e convento são erguidos em 1921 e 1925, respectivamente, segundo o Livro de Crônicas da casa: “A obra de maior alcance para a formação religiosa [ilegível] da juventude, foi a fundação de uma escola primária e gratuita para os meninos da cidade. Havia de ser escola modesta, sendo os padres ao mesmo tempo professores (Livro de Crônicas do convento de Florianópolis).

Um caso de especial relevância foi a escola paroquial ligada ao convento de Petrópolis, no Rio de Janeiro. A escola gratuita de São José, destinada à educação de meninos pobres, iniciou suas atividades em 1897 dentro de quatro salas do próprio convento franciscano (NEOTTI, 1974, p.12). Impulsionada por uma necessidade de imprimir livros didáticos para os alunos que fossem considerados apropriados para o modelo educacional proposto pelos religiosos, nasceu sob a coordenação do alemão Frei Inácio Hinte a Typographia da Escola Gratuita de São José (ANDRADES, 2001), embrião da Editora Vozes que ainda hoje é administrada pelos frades da Província da Imaculada Conceição.

No geral, observamos que a construção dos conventos franciscanos no Brasil a partir do final do século XIX encabeçada pelos religiosos da Alemanha seguiu as próprias demandas da Igreja local acerca da ampliação de suas paróquias, suprindo lacunas decorrentes da falta de religiosos e da própria ampliação populacional dos núcleos de povoamento do território brasileiro, acompanhando o crescimento de novas cidades para além da costa litorânea. Ao mesmo tempo, procuram consolidar a fixação em antigas regiões abrangidas pelas atividades seráficas desde a época colonial, como São Paulo e Rio de Janeiro, formando redes de conventos em determinadas áreas que servem de apoio para o apostolado urbano e movente dos frades seráficos.

Apesar da ampla quantidade e variedade de formas, modelos, estilos, regiões abrangidas e influência locais ligadas a esses conventos – o que torna difícil enquadrá-los em conjuntos de características uniformes -, percebe-se que, de modo geral, a materialidade dessas edificações exerce uma expressiva força visual na paisagem das cidades em que estão implantadas, algumas vezes como elementos que contrastam ou pouco absorvem do entorno local, outras como núcleos propulsores do crescimento urbano. São produtos de religiosos germânicos que impõem seus traços, materiais e até mesmo um programa europeu, mas que são acolhidos pelas populações locais como elementos identitários de suas cidades. Representam ecos materiais de uma ação incisiva que buscou não apenas conquistar almas, mas também territórios.

6. TÉCNICA, ARTE E SENSIBILIDADES

O franciscano tem essa facilidade de caminhar dentro desse leque de modos de evangelizar de uma forma muito natural (Frei Vanderley Grassi, em entrevista no convento de Florianópolis em junho de 2013).

Razões para essa facilidade de se mover dentro de uma pluralidade de formas de evangelizar apontada por Frei Vanderley Grassi, frade brasileiro da atual Província da Imaculada Conceição, podem ser encontradas talvez dentro do já mencionado aspecto plástico da Ordem e sua sensibilidade em absorver as próprias mudanças do mundo. Acreditamos também que o contrário também é válido: as diferentes percepções franciscanas movidas por diferentes gestos, olhares, culturas também vão moldar as suas formas e processos de evangelização, como foi o caso do apostolado exercido pelos frades alemães no Brasil, muitas vezes pouco maleáveis aos aspectos locais, mas determinados a promover transformações e melhorias, segundo seus olhares, mentalidades e perspectivas.

Se tratam de gestos e percepções que evidenciam suas visões de mundo e do próprio Brasil, e que também se relacionam com sua maneira de exercer o trabalho evangelizador em um meio visto ora como hostil e primitivo, ora como débil e, portanto, carecido de melhorias sociais. Tais sensibilidades despertaram as emoções, mas também as ações, a atenção ou o empenho desses religiosos e que conduziram seu envolvimento com a realidade brasileira.

Frades pintores, frades músicos, frades trabalhadores...Religiosos que olham para o passado e para a História, mas também estão em busca do novo, da modernidade, das facilidades trazidas pelas máquinas. Serão estes aspectos, os abordados neste capítulo. Entende-se que os frades olham para a globalidade de sua missão, pactuada com a evangelização, mas também se atentam para outras formas que atuam como coadjuvantes ou como incorporadas ao projeto de estadia em terras brasileiras a demandar também cultura e progresso tecnológico. Nessa sessão, permanecendo com o aporte das fontes, em especial as imagéticas e bibliográficas, apresentaremos, três eixos em que expressaram sua apreensão do país estrangeiro: a tecnologia, a música e as artes plásticas. Serão tratados aqui por dialogarem diretamente com a atividade arquitetônica e urbana destes frades, objeto maior da análise conduzida nesta tese.

6.1. O trabalho, o tecnicismo e as máquinas

Entre visitas e andanças pelos antigos conventos erguidos em tempos coloniais, em meio a peças de cantaria entalhadas com folhagens ou interrompendo os aspectos cenográficos e contemplativos proporcionados pelos claustros, encontramos máquinas, utensílios, aparelhos que pareciam destoar da estética daqueles prédios. Ao indagarmos os frades residentes acerca da origem daquelas estranhas, mas interessantes peças, temos a resposta: “é da época dos alemães”.



Imagens 212 e 213 - Máquina de fazer hóstias nos corredores do convento de Penedo, Alagoas. Fonte: Autora, 2014.

Máquinas de fazer hóstias, aparelhos contadores, filmadoras, projetores, máquinas de costura, tipografias, máquinas para trabalhos de marcenaria, câmeras fotográficas... Objetos, materiais e procedimentos que indicam uma outra camada temporal associada a história dos antigos conventos. Postura afinada com os desempenhos da ciência e da técnica à época do século XX. Assim como trouxeram da Europa uma conduta que almejava o ordenamento do espaço, os frades Alemanha buscarão implementar em suas ações e no próprio espaço dos conventos aspectos ligados ao futuro, ou seja, à tecnologia que utilizarão como ferramenta para o próprio serviço religioso.



Imagens 214, 215, 216 e 217 - Equipamentos trazidos pelos frades alemães encontrados no convento de Penedo, Alagoas: contador, projetor, máquina de costura e barômetro.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

É preciso, todavia, destacar que esse apreço pela tecnologia está intimamente ligado a uma mentalidade que valoriza o trabalho, em especial, o manual. Como visto, a primeira expedição missionária de religiosos alemães que chega ao Brasil em 1891 já trazia em suas bagagens ferramentas diversas e aparelhos de cozinha que dariam apoio a missão. O próprio e intenso trabalho de restauração dos antigos conventos desempenhado principalmente pelos frades professos que não eram sacerdotes, também chamados irmãos leigos, já revelavam essa preocupação com duas frentes principais de atuação dentro da Província, como descreve Frei Matias Teves acerca das ocupações nos primeiros anos da missão no Brasil:

A parte principal da restauração era a da vida religiosa renovada. [...] Tudo na Província ficou estabelecido como na Saxônia [...]. Principiava-se o dia às 4,1/2 da madrugada, havendo a oração da manhã, o coro da prima e terça, em seguida a missa conventual, para se dar início às ocupações de cada um: para os clérigos o estudo, e para os irmãos leigos o trabalho nas oficinas e na restauração dos conventos (TEVES, 1967, p.36).

As fotografias também podem ser significativas fontes que atestam a importância dada ao trabalho com as mãos, já que muitos dos registros encontrados em álbuns e coleções de fotos deixadas por esses religiosos, elegem o esforço laboral como tema das imagens captadas, muitas das quais produzidas na Alemanha. Frades de hábitos e aventais, com enxadas, ferramentas ou equipamentos aparecem em diversas cenas que retratam seus cotidianos e seus ofícios dentro da fraternidade. Talvez o ineditismo em captar tais momentos, para além do apostolado urbano e das atividades clericais, tenha motivado a necessidade de fazer tais registros que aparecem com certa frequência nos álbuns de fotos encontrados.



Imagens 218 e 219 - Frades realizando trabalhos em campos próximos ao convento de Bardel na Alemanha, sem data. Fonte: SCHMITZ, 2010.



Imagens 220 e 221 - Frades realizando trabalhos manuais em oficinas em convento na Alemanha. Fonte: Acervo da biblioteca do convento de Penedo, sem data.

Em texto sem autoria publicado na Revista Vita Franciscana de 1942 acerca do cotidiano do convento de Blumenau, o cronista descreve as características dos cerca de vinte religiosos que compõem a fraternidade local, e a função exercida por cada um deles dentro da comunidade. Atribuições vinculadas a um ofício que permitem o funcionamento coeso da casa religiosa, e muitas delas atreladas à operação de

equipamentos que os religiosos da Alemanha inseriram na arquitetura franciscana brasileira: alfaiate, sapateiro, cozinheiro, padeiro, cozinheiro, ferreiro, funileiro, operador cinematográfico, enfermeiro, porteiro, eletricista, cultivador de hortaliças, encadernador, marceneiro foram as funções citadas pelo autor da crônica (DAS NOSSAS...,1942, p.22).

Ressalta-se, no entanto, que a questão das funções e dos ofícios é parte inerente ao mundo conventual e a várias ordens religiosas, e mesmo os antigos conventos brasileiros também apresentavam essas divisões de trabalho, ainda que também contassem com escravos, em um cenário de escassez de irmãos de leigos, algo que o alemão Frei Venâncio Willeke (1956, p.48) qualificou como fruto de um desprezo pelo trabalho manual: “Enquanto as vocações sacerdotais brasileiras em todas as ordens eram suficientes, notava-se entretanto a escassez de irmãos, porque o trabalho manual era desprezado como indigno de homem livre, conceito errôneo que fora refutado pelo próprio Cristo-Operário.”¹²⁰

Valorizar o trabalho manual, também significa acolher instrumentos que facilitem a sua realização e aumente a produtividade. Nesse sentido, a tecnologia assume papel fundamental, principalmente se considerarmos as condutas práticas, resolutivas e de caráter desenvolvimentista que por vezes caracterizam a ação dos franciscanos alemães no Brasil. É sabido que a Alemanha já se apresentava como uma importante potência industrializada na Europa desde a segunda metade do século XIX. E esses vínculos com as manualidades, com as máquinas e com a importância dada ao desempenho e a funcionalidade já podem ser vistos em movimentos e escolas ligados à arte, à arquitetura e o design que despontam no país no começo do século XX, como a Deutscher Werkbund e a Bauhaus. É de se esperar que esses ventos que acolhem a função, a praticidade e a modernidade também tenham ressoado nos frades germânicos que chegam ao Brasil no mesmo período.

Não só as inscrições contidas nos equipamentos encontrados, mas as próprias fontes escritas revelam que grande parte dessas máquinas que integravam tanto os antigos quanto os novos conventos eram trazidas da Alemanha. Em seu diário, Frei Peregrino Sedlag discorre sobre o tempo em que residia no convento de Salvador, em 1903, e lista uma série de equipamentos, bem como utensílios de trabalhos cotidianos, que foram trazidos das terras germânicas para renovar os espaços do velho cenóbio da capital baiana com o uso da tecnologia. Ao proferir a frase “não temos as coisas

¹²⁰ Em outra publicação acerca da presença de mão-de-obra escrava negra nos conventos franciscanos, Frei Venâncio Willeke fornece dados acerca da discrepância entre o número de religiosos irmãos leigos e os sacerdotes “A província franciscana de Santo Antônio contava, por exemplo 258 irmãos ao lado de 1765 sacerdotes e coristas, de 1585 a 1892, portanto apenas 16%” (WILLEKE, 1976, p. 355).

suficientes para a cozinha e para a casa”, entende-se que aos olhos germânicos, o Brasil e sua imagem de atraso não dispunha dos bem materiais necessários para equipar seus conventos, sendo assim preciso dotá-los dos modernos aparatos germânicos:

Em 1903, vinham outra vez alguns irmãos e padres (da Alemanha). O P. Guardião, Fr. Amando, há alguns anos, chegara a mim e dissera: "Fr. Peregrino, **nós não temos as coisas suficientes, para a cozinha e para a casa.** Podemos, porém receber tudo, sem pagar alfândega". Então eu lhe pedi uma **máquina para a cozinha, uma grande panela de cobre para o café, uma máquina para a sapataria, duas máquinas para a alfaiataria, 6 grandes baldes para água, 4 frigideiras para panquecas, 2 outras grandes frigideiras, algumas dúzias de facas, garfos e colheres, uma máquina para moer carne, outra máquina para cortar batatas e ainda outra máquina para cortar o pão, e também 6 pás, 6 gadanhos e 6 picaretas.** Então eu fui para o. P. Guardião, levei a lista de todas essas coisas e ele me disse: "Está certo! Eu vou arranjar tudo!" A maior parte dessas coisas, nós recebemos como doação feita por bondosos benfeitores, na Alemanha. Uma das máquinas eu tinha pedido para o Colégio. (Sempre se pensou em levar o Colégio para S. Cristóvão, o que finalmente aconteceu) "Eu acredito que estas coisas vão chegar em dois meses", (disse o P. Guardião) ao Irmão Fr. Peregrino. (SEDLAG, 1991, p.28. Grifo nosso).

Como mencionado no capítulo anterior, o nascimento da editora Vozes junto à casa franciscana de Petrópolis esteve intimamente vinculado ao apostolado franciscano germânico que priorizou o ensino escolar das comunidades que atendiam por meio da construção de escolas junto aos conventos. Para além da educação e da comunicação, percebe-se também que o aspecto da tecnologia também se relaciona com o surgimento da editora, e a busca dos frades germânicos por uma otimização, eficiência e rapidez nos processos ligados ao ensino e a imprensa católica. Marcelo Andrades, autor de uma publicação comemorativa sobre os 100 anos da editora, descreve o empenho do alemão Frei Inácio Hinte para estabelecer no convento uma máquina para a impressão de livros:

No final de 1897, Frei Inácio [Hinte] foi assistir à inauguração do jornal *O Estado*, que acabou não sendo publicado, no convento dos padres lazaristas. Naquele convento, Frei Inácio se deparou com uma máquina impressora *Alauzet*, mais parecendo um amontoado de “ferro velho”, conseguindo que fosse doada para os franciscanos. [...] Ali mesmo, debaixo da escada [do convento], com a ajuda de alguns estudantes pobres da Escola Gratuita, Frei Inácio começou a examinar e a limpar peça por peça. [...] Frei Ciríaco deu total apoio aos seus projetos e escreveu para os superiores da Província pedindo autorização para o funcionamento de uma tipografia, com o objetivo de imprimir livros para os alunos da Escola Gratuita de São José. Em 5 de março de 1901, o discretório do convento concedeu a licença para o funcionamento da oficina, com o nome de *Typographia da Escola Gratuita São José*. [...] (ANDRADES, 2001, p.22).

Ao longo dos anos, a pequena tipografia cresceu, modernizou seus equipamentos, ampliou o leque de publicações, inclusive contando com revistas de circulação nacional, como a Vozes de Petrópolis que em 1911 emprestou seu nome para editora que assim passou a ser nomeada (ANDRADES, 2001, p.38). Frei Pedro Sinzig, já mencionado ao longo deste trabalho, também exerceu funções de direção da tipografia contribuindo para um alcance mais amplo de suas publicações:

A soma do espírito empreendedor e da incrível produção cultural de Frei Pedro Sinzig com a diplomacia de Frei Ambrósio – muito bem relacionado com as autoridades civis de Petrópolis e do país – garantiram a projeção nacional da futura Editora Vozes, o aumento do espaço físico (novas instalações) da capacidade de produção (novas máquinas), o crescimento do número de publicações, e conseqüentemente, de funcionários, autores e colaboradores. A “Vozes” deixa de ser uma oficina gráfica no porão do convento para tornar-se um empreendimento editorial (ANDRADES, 2001, p.33).



Imagens 222 e 223 - Fotografias sem data das feições antigas da editora Vozes. As crianças dos registros são provavelmente alunos da escola que também trabalhavam na tipografia. Fonte: ANDRADES, 2008, p.64.

Vale aqui pontuar esse desejo de Frei Pedro Sinzig pela ampliação dos trabalhos e da produtividade da tipografia expresso em suas narrativas. Em viagem à Alemanha em 1910, 17 anos depois de sua chegada ao Brasil, Sinzig relata sua inquietação acerca de uma sugestão de um confrade alemão residente no convento de Aachen para que o religioso angariasse fundos na Alemanha objetivando a compra de uma máquina mais moderna para editora de Petrópolis, revelando, assim, esse espírito operativo, funcionalista e busca por eficiência e velocidade, própria da era das máquinas, que em vários momentos caracterizaram a ação dos franciscanos alemães no Brasil. De fato, o frade alemão obteve êxito na empreitada e, por meio de doações, conseguiu adquirir a máquina Windsbraut da fábrica de Schelter e Giseke de Leipzig que no mesmo ano levou ao Brasil (ANDRADES, 2001, p.36).

Toda a casa devia estar entregue ao mais profundo sono. Só em uma cela, um religioso se voltava de um para outro lado, impossibilitado de conciliar o sono. Era o autor das reminiscências [ele próprio]. - E si Frei Libório tivesse razão! ... Si eu pudesse arranjar o dinheiro para comprar

machina maior!...Que desenvolvimento havia de ser o das Vozes de Petrópolis e do recém-nascido Centro da Boa Imprensa! ... Chimeras! Castellos no ar! Impossível! ...Vou dormir!
 Não pude. O sono fugia tenazmente. - E si conseguisse realmente? Si, ao menos, o tentasse? Voltar ao Brasil sem uma tentativa séria, que remorso depois! Que responsabilidade! Sim, vou tentai-o. Porque não? Amanhã cedo, darei os primeiros passos, e agora vou dormir. Boa noite, frei Pedro! **Vá sonhar com a machina grande, a imprimir milhares de folhas por hora!** (SINZIG, 1917, p. 367. Grifo nosso).

Esse interesse pelo trabalho e pela tecnologia também rebaterá na própria arquitetura franciscana, tanto nos antigos conventos que serão equipados com modernas máquinas, quanto nas novas edificações que os religiosos germânicos ergueram, dotadas de grandes espaços anexos destinados a abrigar inúmeras oficinas: padaria, alfaiataria, sapataria, marcenaria, encadernadora, oficina de mecânica, são algumas das fabriquetas que já foram instaladas nos conventos, como na casa de Ipuarana, de acordo com os relatos dos frades.

Muitas dessas oficinas foram desativadas ou não mais existem na maior parte dos conventos visitados, processo resultante do fechamento das grandes escolas seráficas, como a de Lagoa Seca, diminuição do número de vocações ou ainda de uma ausência de interesse por parte dos frades mais jovens pelas tarefas voltadas às manualidades e uma dedicação maior aos estudos e trabalhos intelectuais. Essa realidade atual contrasta com os depoimentos colhidos no convento de Ipuarana, quando entrevistamos frades idosos que nos forneceram sua percepção acerca do trabalho nas casas franciscanas: ser frade, era ganhar uma profissão, assim, muitos religiosos entravam para o Colégio Seráfico, e posteriormente para a Ordem, com o intuito de aprender um ofício nas variadas oficinas existentes na casa de Lagoa Seca¹²¹.

Frei Anésio Gomes, que ingressou no colégio seráfico do local em 1950, nos contou que sua principal motivação para a entrada na ordem foi justamente o desejo de dominar um ofício e ganhar uma profissão, escolhendo atuar na área de mecânica. Em seu depoimento, o religioso brasileiro mostra seu encantamento pelas intensas atividades vinculadas ao trabalho manual desempenhadas pelos frades alemães no espaço ao longo das décadas de 1950 e 1960.

Os padres eram professores, funcionava um internato, durante 30 anos funcionou internato com a finalidade de vocações sacerdotais e do lado colégio e do lado convento era para os religiosos, o tinha as oficinas, os que vinham para ser irmãos, **tinhas as oficinas, tinha mecânica, marcenaria, alfaiataria, sapataria, encadernação, padaria tinha diversas oficinas... [inaudível] Quando eu cheguei aqui eu escolhi a mecânica, eu escolhi a oficina mecânica com a finalidade de aprender a dirigir, trabalhar com motores,**

¹²¹ Entrevistas coletadas junto ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem na fraternidade de Lagoa Seca (Ipuarana) em janeiro de 2013.

encanações, instalações elétrica. Cê ta vendo o tamanho da casa [inaudível] durante uns 15 anos mais ou menos tinha muito trabalho nesta casa. **E os alemães eram homens de trabalho mesmo, homens profissionais que entendia mesmo da arte, num é? E trabalhavam às vezes dia e noite, né? [...]**

Sim, foi numas missões dos missionários franciscanos [em resposta à pergunta sobre sua decisão de entrar na Ordem], então eles me informaram como era a vida aqui, aí quando eu cheguei aqui em 50 eu, fiquei, né, aí disse “aqui é o meu lugar, aqui viver uns 50 anos”, [inaudível] que **Frei Pedro¹²² que foi o construtor daqui, aí disse “não, você é muito novo, devia ir pra João pessoa para fazer as missão e no próximo ano voltava, volta para cá”,** aí disse “**não, frei Pedro, meu pensamento é outro, eu queria entrar numa oficina dessa, na mecânica, aprender a dirigir, trabalhar com motores, tinha muito trabalho naquele tempo. Aí frei Pedro disse “bom, você vai pra oficina aprender a arte, mas é pra aprender e ficar conosco, não é para aprender e ir embora não”,** aí eu nem tinha esse pensamento de aprender a arte e deixar, que **eu fiquei tão apaixonado aqui, né, me encantei por esta, pela vivência dos frades assim trabalhando nas oficinas,** eu pensei em morar aqui “ô, 50 anos”, de 50 já faz 63, já pensou? (Frei Anésio Gomes, em depoimento colhido no convento de Ipuarana em janeiro de 2013. Grifo nosso).



Imagens 224, 225, 226 e 227 - Religiosos desenvolvendo trabalhos em oficinas de conventos do Nordeste do Brasil não identificados.

Fonte: Acervo do Arquivo da Província de Santo Antônio, sem data.

¹²² Trata-se de Frei Pedro Westermann, idealizador e responsável pela construção do Colégio Seráfico de Ipuarana, em Lagoa Seca, Paraíba, na década de 1940.

Se em Ipuarana encontramos os resquícios relativos às antigas oficinas por meio das memórias dos próprios frades, no convento de Rodeio, em Santa Catarina, onde funciona o noviciado da Província do sul/sudeste, podemos ver ainda as marcas no próprio espaço. A edificação ainda detém de alguns antigos equipamentos em oficinas desativadas como uma grande máquina de produzir café e uma pequena fábrica de vinho e mantém ativas sua padaria, marcenaria, lavanderia e alfaiataria, mesmo que algumas das funções e operações nestes espaços são desempenhadas por seculares. Além disso, a residência, que é casa de formação, conta com novas oficinas que foram instadas mais recentemente, como uma fábrica de velas conduzidas pelos noviços, e uma fábrica de órgãos de tubo pertencente ao mestre organeiro alemão Georg Jann, instalada dentro da área do complexo, apesar da mesma não estar vinculada diretamente à fraternidade local. Esses elementos mantêm vivo o espírito do trabalho e da tecnologia introduzidos pelos alemães na espacialidade da arquitetura conventual brasileira.



Imagens 228 e 229 - Antiga fábrica de café e de vinhos no convento de Rodeio, em Santa Catarina. Fonte: Autora, 2013.



Imagens 230 e 231 - Atuais espaços de padaria e marcenaria no convento de Rodeio, em Santa Catarina. Fonte: Autora, 2013.



Imagens 232 e 233 - Atual fábrica de velas no convento de Rodeio, em Santa Catarina.

Fonte: Autora, 2013.

Para além das máquinas que executam funções ligadas aos ofícios manuais, outras atividades comumente exercidas pelos frades também ganharam um viés tecnológico e atualizado com as novidades trazidas pelo tempo. A itinerância, o caminhar, o mover-se de um lugar ao outro, que como mostrado nos primeiros capítulos estiveram sempre atrelados ao apostolado dos frades da Alemanha no Brasil, se apresentaram em alguns conventos sob a forma de “máquinas de andar”: motocicletas, lambretas, instrumentos ágeis de fácil penetração nos territórios, que deram um novo aspecto a mobilidade seráfica permitindo uma velocidade maior e redução do tempo dos trajetos percorridos, e por consequência, ampliando as áreas atendidas pela evangelização seráfica.

No convento de Canindé, no Ceará, motos alemãs são expostas como testemunhas das viagens percorridas pelos frades por volta da década de 1940, que adentravam os sertões cearenses, buscando atender comunidades mais distantes e necessitadas. A itinerância franciscana, nascida em tempos medievais, se modernizava e também assumia a estética da máquina que delineou diversas frentes de atuação dentro conventos franciscanos brasileiros do século XX.



Imagens 234 e 235 - Motos alemãs expostas no convento de Canindé, no Ceará.

Fonte: José Rudá Rodrigues, 2019



Imagem 236 - Frei Diogo Huptman em moto alemã modelo NSU em Canindé, 1942.

Fonte: Blog Memórias de Canindé¹²³.

Essa associação, que em um primeiro momento soa inusitada, entre o veículo motorizado e a imagem tradicional do franciscano de hábito marrom, que povoa o imaginário popular brasileiro desde os tempos coloniais, também chamou a atenção do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. Em artigo publicado na Revista O Cruzeiro em novembro de 1957, o escritor comenta acerca do “moderníssimo” uso de lambretas na cidade de Recife pelos frades, que as utilizam para acessar as localidades mais carentes do centro urbano nordestino em suas missões, nos fornecendo uma imagem atualizada sobre as novas formas em que os religiosos interagem com o espaço urbano, em sintonia com as ferramentas trazidas pela modernidade, porém, em uma atividade já há muito tempo entrelaçada à paisagem cultural do Nordeste e do Brasil.

Ao fotógrafo Antônio Rudge que veio do Rio realizar para O Cruzeiro a reportagem a que estas notas servem de texto, espantou o número de lambretas que viu no saguão do Convento de Santo Antônio do Recife. E ficou maravilhado quando as viu em flagrante de moderníssima atividade: frades de hábitos arregaçados rodando pelas ruas do Recife e subindo aos morros e descendo aos mangues povoados pela gente mais pobre da cidade, no desempenho de suas ásperas missões de sacerdotes que são também trabalhadores sociais (FREYRE, 1957, p.64).

Em seu texto, Freyre menciona a surpresa do fotógrafo responsável pelas imagens da reportagem com o número de lambretas no interior do histórico convento do Recife, fato que o levou a produzir um registro imagético trazido pelo próprio artigo. Na fotografia, um frade franciscano portando seu costumeiro hábito e cingido de seu tradicional cordão, aparece em cima de uma motoneta pronto para a partida, e posicionado no centro do claustro do convento datado de 1606. A fotografia chama

¹²³ Disponível em: <<http://memoriasdecaninde.blogspot.com/2012/09/frei-diogo-huptmam-fonte-augusto-cesar.html>>. Acesso em dez. 2021.

atenção não apenas pelo contraste entre as arcadas do claustro erguidas em tempos coloniais e a modernidade trazida pelo século XX, mas também exemplifica a coexistência de temporalidades que é substância inerente à arquitetura e às cidades. Evidencia que a espiritualidade não se separa da arquitetura e que a afeição à tecnologia e à otimização do trabalho que tanto marcou a presença franciscana alemã no Brasil também ecoa nos espaços, mesmo naqueles construídos em séculos coloniais, produzindo a coexistência de diferentes estéticas. Neste caso, o poder de atração do barroco com a velocidade das máquinas. Ainda pode-se fazer uma outra leitura da imagem: o que significa uma moto, a máquina de andar, no meio do claustro? Teria o ambiente claustral perdido sua força em pleno século XX, quando o rigor da clausura já se abrandava, ou o poder da máquina trazida pelos alemães, com sua otimização das funções religiosas, se sobrepunha ao emblemático espaço do edifício conventual?



Imagem 237 – Frades no claustro do convento de Recife, em Pernambuco.
Fonte: Antônio Rudge, para Revista O Cruzeiro de novembro de 1957.

6.2. A musicalidade

Seria aguardado que as estreitas relações existentes entre a cultura germânica e de língua alemã e as manifestações artísticas, seja nos campos da música, das artes plásticas ou da literatura teriam que, de alguma forma, se fazerem presentes na bagagem destes homens, quando deixam a terra natal. Das gravuras de Dührer até a

arte dos expressionistas de grupos como o Der Blaue Reiter e Die Brücke; dos grandes compositores clássicos como Bach, Beethoven e Mozart à poesia de Wolfgang von Goethe e Rainer Maria Rilke, elencamos assim, despretensiosamente, alguns nomes comumente associados ao imaginário da arte produzida em territórios de língua alemã, muitas delas com tangenciamentos com o mítico, com a religiosidade, com a natureza.

É de se esperar que esse apreço e vínculo com o mundo das artes também tenha se expressado de alguma forma nas ações dos franciscanos alemães no Brasil. De fato, a arte sempre esteve muito próxima da religião, pelo menos até o contexto abordado nessa tese, ou seja, meados no século XX. Fazia parte da vida religiosa, desde os tempos de Francisco, por exemplo, o culto à música, à pintura e outras manifestações que são cultivadas não só em palácios, mas sobretudo nas igrejas e outras edificações religiosas, como modo de exercer o louvor a Deus e como também maneira de sensibilizar os fiéis para as causas espirituais.

Além disto, sabe-se como foi preservado em edificações religiosas, também desde a Idade Média, o patrimônio literário da cultura ocidental, através das atividades dos religiosos escribas e iluminadores. Portanto, ser frade e ser músico, ser frade e ser escritor, seriam atividades plenamente aguardadas, em especial de religiosos vindos de terras germânicas¹²⁴. Assim, frades artistas desembarcaram em terras brasileiras e deixaram no país pistas desse traço marcante da cultura, não só germânica, mas fortemente ligada ao catolicismo. Talvez essa característica tenha se sobressaído de maneira mais evidente no campo da música, prolongando um traço já existente na cultura religiosa local, evidente desde a presença portuguesa ainda no período colonial.

A própria arquitetura já nos mostra marcas dessa cultura musical. Nas igrejas seráficas conventuais situadas em Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz, Gaspar, Lages (matriz), Curitiba, Petrópolis e no Pari em São Paulo, por exemplo, repousam em seus coros imponentes órgãos de tubos que conferem musicalidade às celebrações religiosas ou às vésperas cantadas. Fazendo uma associação com o tema do subcapítulo anterior, esses órgãos seriam espécies de “máquinas de música” a contribuir com as funções religiosas no espaço principal do convento. O Livro de Crônicas das casas franciscanas de Florianópolis e Igreja Nova também fazem menção à aquisição de harmônios para suas igrejas, ainda que atualmente não os encontramos mais em seus espaços.

Quando olhamos para as fontes, despontam os vínculos desses instrumentos com a própria Alemanha. Os textos destacam que alguns desses órgãos de tubos foram projetados por organistas de origem germânica, como o da igreja do Pari, construído

¹²⁴ Sobre as relações entre arte e as edificações religiosas na Idade Média, ver DUBY, 1993.

em 1931 pelo alemão Carlos Mochrle, e com decoração externa executada pelos próprios franciscanos que teriam feito uma cópia exata do órgão da Catedral de Freiburg no sul alemão (CINQUENTENÁRIO..., 1964, p.33). Ou ainda, temos casos de órgãos que vieram da própria Alemanha, como o exemplar de Rodeio obtido por frei Lucínio Korte em seu país natal em 1906. “O órgão de tubos, totalmente pneumático, de Rodeio, foi o primeiro, no gênero, a ser instalado em Santa Catarina, e, quiçá, no sul do Brasil” (PINTARELLI, 1994, p.19).



Imagens 238, 239, 240 e 241 - Coros das igrejas franciscanas do Pari, Rodeio, Lages e Curitiba, respectivamente, com seus órgãos de tubo.

Fonte: Autora, 2013 (três primeiras imagens); Maria Angélica da Silva, 2014 (Curitiba).

O apreço à música desses religiosos também se estendeu aos fiéis e, portanto, ao meio urbano, quando procuram incentivar entre as populações locais, atividades vinculadas à musicalidade, como a fundação de corais e bandas de instrumentos clássicos. Em Penedo, Alagoas, frades alemães fundaram em 1932 o coral misto “São Francisco” que participou ativamente da vida artística e cultural da cidade, sendo regido ao longo dos anos por diversos germânicos como Frei Boaventura Gottersohn, Frei Tito Wüstenberg, Frei Hilário Bujara, Frei Cláudio Schneider e Frei Flaviano Wiesmann, que

levou o coral à sua fase áurea e ainda hoje é lembrado por residentes mais idosos da cidade às margens do São Francisco¹²⁵.

Já Frei Lucínio Korte, no sul, foi grande incentivador da banda de música da pequena cidade catarinense de Rodeio, regendo-a e até mesmo fazendo doações para a manutenção dos instrumentos, segundo atesta o Livro de Crônicas desta residência. Ainda temos a figura de Frei Pedro Sinzig, um dos principais músicos e compositores da Ordem no Brasil, e fundador de um importante coral na cidade de Gaspar no Vale do Itajaí, embrião do ainda existente “Coral Santa Cecília”:

[Frei Pedro Sinzig] aqui reuniu sob a sua batuta elementos amantes do canto, fundando um coral misto, que seria o germe do coral Santa Cecília, umas das glórias da Gaspar católica de hoje [...]. Foi aqui que este coral do Frei Pedro executou, supostamente pela primeira vez, a sua famosa “Missa de São Pedro”, à meia-noite do dia 31 de dezembro de 1900, na passagem para o século 20. Esta missa, pela sua simples beleza melódica, cedo se tornou peça obrigatória no repertório de muitos corais. Organista tarimbado que era, Frei Pedro também conseguiu para a igreja de Gaspar o primeiro harmônio, ele próprio acompanhando seus hinos e constituindo o grande encanto dos colonos maravilhados (SCHMITT, 2008, p.161).

Frei Pedro Sinzig ganhou grande repercussão no meio musical sendo o autor de pelo menos 85 composições, e fundando em Petrópolis a Revista Música Sacra em 1940 (FRAGOSO, vol.9, 1991). Além disso, as fontes afirmam ter sido de sua autoria a tradução para o português do famoso cântico natalino alemão “Stille Nacht” (Noite Feliz), na forma que é atualmente conhecido e cantado no Brasil no período do Natal (SCHMITT, 2008, p.281).

Ainda dentro do levantamento acerca das produções bibliográficas produzidas por frades alemães realizado durante a pesquisa, foi possível reunir pelo menos sete livros de Sinzig que se debruçam sobre o tema da música, dentre manuais, guias de música e um dicionário musical. A obra “Cecília: Manual de Cânticos Sacros”, por exemplo, foi escrita em parceria com o também franciscano alemão, músico, compositor e escritor da Província da Imaculada Conceição Frei Basílio Röwer.

Um dos principais coros de crianças existentes no Brasil, o Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis, foi fundado pelo alemão Frei Leto Bienias em 1942, quando o religioso passou a reger os meninos da escola São José, ligada ao convento franciscano da cidade, para uma apresentação durante uma festa de 1ª Comunhão na igreja conventual e que se repetiu nas Missas nos domingos seguintes. Quando Bienias

¹²⁵ Dados disponibilizados em material de divulgação produzido pelo convento de Penedo organizado por Frei José Teixeira Rodrigues com base em pesquisa histórica elaborada pelo ex-frade Marcelino Cantalice, que fez parte da fraternidade seráfica penedense e foi o primeiro regente brasileiro do coral São Francisco.

assumiu a diretoria da escola São José, esta passou a ser orientada para o canto coral, dando impulso para o estabelecimento do Instituto dos Meninos Cantores, segundo informações nos passadas por Frei José Luiz Prim¹²⁶, também músico e franciscano catarinense, que sucedeu Frei Bienias na direção e regência do Instituto. Mas Frei José Prim também acrescenta que o interesse da Ordem pela música também encontra laços fortes com seu próprio fundador: “Também na esteira da tradição franciscana, Francisco de Assis era trovador, certamente cantor, compôs o Cântico do Irmão Sol que é famoso, então, os franciscanos sempre deram muito apreço à música”¹²⁷.

As fontes imagéticas acessadas nos dão pistas visuais da presença da música no cotidiano dos conventos e cidades abrangidas pela ação dos franciscanos alemães, fotografias que conferem um caráter sonoro a essa presença e evidenciam a importância da musicalidade enquanto instrumento de educação. No acervo do Colégio Bom Jesus de Blumenau, situado na edificação em que funcionou o convento e o Colégio Seráfico de Santo Antônio fundado pelos religiosos da Alemanha no final do século XIX, chama a atenção uma imagem em que se misturam seculares, frades portando seus hábitos, aventais, e instrumentos de trabalho - como uma foice -, e crianças, provavelmente alunos do grande convento-escola, vestidas de paletós e portando os mais diversos instrumentos de percussão, de sopro e violoncelos. A fotografia foi tirada próxima ao bloco de oficinas do antigo convento, e mescla dois aspectos apreciados pelos germânicos: a força e aspereza do trabalho manual, e a sensibilidade da música.

¹²⁶ Entrevista concedida à autora em maio de 2013 na Igreja de Nossa Senhora Aparecida em Blumenau, estado de Santa Catarina.

¹²⁷ A relação de São Francisco com a musicalidade é abordada pelos biógrafos do santo como um dos elementos marcantes de sua personalidade que se utilizava do canto, como forma de expressar alegria e louvor a Deus. Tomás de Celano descreve um desses momentos: “Quando fervia dentro dele a mais suave melodia do espírito, ele a expressava exteriormente em língua francesa, e a veia do divino sussurro, que seu ouvido captava furtivamente prorrompia em júbilo cantando em francês. De vez em quando, comovi com os meus próprios olhos, ele colhia do chão um pedaço de pau e colocando-o sobre o braço esquerdo, mantinha um pequeno arco curvado por um fio na mão direita, puxando-o sobre o pedaço de pau como sobre um violino e, apresentando para isto movimentos próprios, cantava em francês cânticos sobre o Senhor” (2CEL 127 in TEIXEIRA, 2008, p.382).



Imagem 242 - Frades e alunos diante do bloco de oficinas do antigo convento franciscano de Blumenau, Santa Catarina. Fonte: Acervo do Colégio Bom Jesus de Blumenau, sem data.

Os arquivos nos desvelaram também fotografias que unem a presença de um frade enquanto regente, maestro, líder de grupos de crianças ou adultos, que portam instrumentos musicais, ou se posicionam em corais. Tanto na imagem do coral de crianças no Colégio Seráfico de Ipuarana, agreste paraibano, quanto na banda regida por Frei Lucínio Korte, na cidade catarinense de Rodeio, o frade se destaca de seus aprendizes, todos portando vestes brancas, com a força de seu hábito marrom.

Em Penedo, também encontramos Flaviano Wiesmann, e o contraste de sus simples sandálias franciscanas, com o requinte dos trajés dos componentes do coral regido pelo religioso. Diferente das imagens anteriores, em Penedo aparece também figuras femininas, em geral ausentes, em especial nos acervos dos conventos-escola, destinados sempre para o público masculino. A cidade alagoana e sua população construiu um intenso histórico de envolvimento com os frades e seu convento¹²⁸. Há de

¹²⁸ Esse envolvimento do povo penedense com o convento franciscano permanece na atualidade, por meio de várias evidências, como por exemplo, pela existência da associação chamada “Amigos do Convento”. Os escritos dos próprios frades alemães também já destacavam essa proximidade no começo

se destacar que as mulheres também tenham integrado as atividades ligadas ao desenvolvimento de uma cultura musical ou pelo menos que, neste caso, o registro da presença feminina tenha sido realizado.

Essas ações urbanas no âmbito da cultura evidenciam, dessa forma, o frade que evangeliza, educa, rege e ordena por meio da música. Frei Elzeário Schmitt, franciscano catarinense de ascendência alemã, já falara que “onde há três alemães, há um coral” (2008, p. 161), assim, a força musical da cultura alemã também se fez ecoar nas pessoas e paisagens das terras brasileiras.



Imagem 243, 244 e 245 - Coral de crianças no Colégio Seráfico de Lagoa Seca-PB; banda de música dirigida por Frei Lucínio Korte, em Rodeio-SC; Frei Flaviano Wiesmann com o coral São Francisco em Penedo-AL. Fonte: Acervo do convento de Ipuarana, sem data (possivelmente meados do século XX); fotografia encontrada em PINTARELLI, 1994, p.41; acervo do convento de Penedo, sem data (possivelmente meados do século XX).

do século XX. Frei Peregrino Sedlag relata em seu diário: “Este tempo foi um tempo lindo. Nos domingos, às 4 horas, havia a primeira Missa. Era tanta a gente, como nunca vi em outro convento, fora do de Penedo. Nos primeiros tempos, eram milhares de comunhões. Participavam também muitos homens, de forma que a capela mor ficava cheia. Já às 3 horas da madrugada, havia gente diante da porta da igreja” (SEDLAG, 1991, p.40). Já Frei Adalberto Kirschbaum menciona: “O povo de Penedo é extraordinariamente piedoso. Em nenhum outro lugar, eu fui tratado como aqui. Se eu precisava de dinheiro para a minha Igreja, então mais ou menos em três dias, eu arranjava 3 contos. Tudo eu podia conseguir, especialmente com os mais bem situados.” (KIRSCHBAUM, 1991, p.154).

6.3. Arte e construção de paisagens

Se o envolvimento dos franciscanos da Alemanha com o campo da música ganhou uma considerável amplitude e é conhecido dentro dos círculos culturais e até encontra-se bem referendado no campo dos estudos acadêmicos, o mesmo destaque e repercussão faltaram às artes plásticas. Assim, há um interregno entre as obras pintadas nos conventos históricos, cobrindo retábulos, paredes e tetos, acoplados a elementos não só arquitetônicos, mas também escultóricos, e as produções artísticas promovidas pelo século XIX e XX, em especial, no caso em estudo, providas pelos frades alemães.

As pinturas internas continuam a existir, inclusive bem pactuadas com os *revivals* como o neogótico, por exemplo, bem como com as tendências divulgadas no início do século XX como o *Art Nouveau*. Contudo, dentre esta produção, em especial no que tange aos conventos do Nordeste, evidenciou-se a obra de dois frades de origem germânica, que não se expressavam ao modo tradicional da pintura mural, mas realizam um trabalho de pintura em tela. Recurso que se desenvolve no contexto do pensamento renascentista europeu, as primeiras telas ocorrem no final do século XIV e vão inaugurar uma outra forma de expressão visual, com o destaque que o artifício da moldura proporciona, através de um recorte autônomo da parede.

Dois tipos de representações e estilos no uso das cores e dos traços começaram a se distinguir e a se sobressair entre as telas observadas nas visitas de campo realizadas nos conventos nordestinos, bem como dois nomes: Frei Tarcísio e Frei Ambrósio. Com a ajuda dos religiosos residentes nas casas, nos é revelado se tratarem de frades pintores alemães que atuaram nos conventos nordestinos e aqui deixaram suas marcas sob a forma de desenhos e pinceladas.

A propósito, com certa recorrência, essa é a resposta que ouvimos quando indagamos acerca de um elemento ou artefato que, a princípio, soa estranho ao espaço dos antigos conventos e ao mesmo tempo carregam os traços da passagem do tempo, não sendo possível associá-los à contemporaneidade: “são alemães”, “foram dos alemães” ou ainda, “é do tempo dos alemães”. No caso dos artistas em questão, tratam-se do austríaco Frei Tarcísio Jungwirth e do alemão Frei Ambrósio Kunstleben (que, literalmente, carrega a palavra arte em seu sobrenome, “vida de arte” numa tradução livre), ambos religiosos que integraram a Província nordestina de Santo Antônio.

Nesse caso, como já dito, diferente do tema musical, realizamos aqui uma prospecção inicial, visto a ausência completa de fontes, porém, motivada pela qualidade dos trabalhos e por nos auxiliar na discussão que pontua esta tese, a respeito das trocas

culturais evidenciadas no processo da intervenção gerado pela presença dos frades alemães no Brasil.

Os quadros e desenhos de ambos os artistas franciscanos se encontram espalhados pelos mais diversos cômodos dos conventos da Província, desde em ambientes mais nobres como na parte central do presbitério, por trás do altar, caso da igreja conventual de Aracaju, ou ainda em um simples corredor como no convento de Olinda, ou em áreas de acesso exclusivo dos frades. As características marcantes do traço e das cores de ambos os artistas nos permitem reconhecer suas obras com certa facilidade, e nos oferecem gratas surpresas à medida que nos entranhamos nos conventos.

De forma geral, as pinturas de Jungwirth elegem as paisagens brasileiras do Nordeste como tema, representadas com um colorido vivo, alegre e marcante, feições naïf, retratando até mesmo certas áreas dos conventos franciscanos que dialogam com o meio externo e com a natureza. Já Kunstleben prioriza os retratos e as formas humanas, se utilizando de contrastes de luz e sombra, cores mais escuras, pinceladas mais intensas e uma carga dramática que conferem certa tensão em alguns de seus quadros. Uma de suas telas mais marcantes retrata um frade envolvido na leitura de um livro próximo a duas janelas com conversadeiras em algum antigo convento nordestino (provavelmente Penedo, por ser o local onde a obra se hospeda), reproduzindo os jogos de luzes e sombras que frequentemente marcam a estética desses espaços, e escolhendo uma área destes edifícios que, ao mesmo que são internas, se abrem para o mundo externo e que ainda hoje nos convidam a parar, a silenciar e lá permanecer.

A recorrência da presença das telas de ambos pintores nas casas visitadas nos levaram a realização de uma catalogação inicial de suas obras, procurando enxergá-las enquanto um conjunto que expressam determinada postura acerca do novo país. As tabelas seguintes sistematizam esse levantamento inicial que contém 17 obras de Frei Tarcísio Jungwirth e 12 telas de Frei Ambrósio Kunstleben.

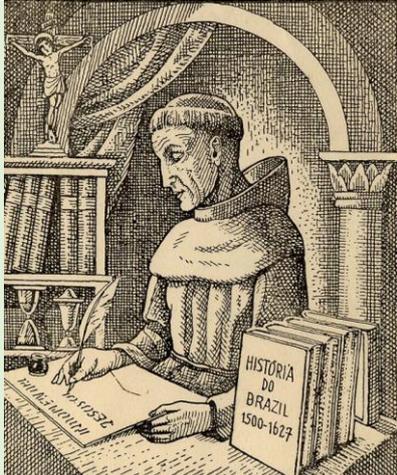
Tabela 11 – Obras de Frei Tarcísio Jungwirth coletadas durante os trabalhos de campo

OBRAS FREI TARCÍSIO JUNGWIRTH		
Nº	Pintura	Dados
1		<p>Local da obra: Arquivo da Província de Santo Antônio, Recife, Pernambuco.</p> <p>Tema: Vista da cidade de Olinda a partir do convento franciscano.</p> <p>Ano: não identificado</p> <p>Obra não assinada</p>
2		<p>Local da obra: Arquivo da Província de Santo Antônio, Recife, Pernambuco.</p> <p>Tema: Vista da cidade de Olinda a partir do convento franciscano.</p> <p>Ano: 1965</p> <p>Obra não assinada</p>
3		<p>Local da obra: Arquivo da Província de Santo Antônio, Recife, Pernambuco.</p> <p>Tema: Não identificado, mas acredita-se se tratar da cidade de Olinda pela temática das duas obras anteriores encontradas em conjunto com esta.</p> <p>Ano: não identificado</p> <p>Obra não assinada</p>
4		<p>Local da obra: Igreja do convento de Ipojuca, Pernambuco.</p> <p>Tema: A lenda da imagem do Senhor Santo Cristo de Ipojuca.</p> <p>Ano: 1942</p> <p>Obra não assinada</p>

5		<p>Local da obra: Igreja do convento de Ipojuca, Pernambuco.</p> <p>Tema: A lenda da imagem do Senhor Santo Cristo de Ipojuca.</p> <p>Ano: 1942</p> <p>Obra não assinada</p>
6		<p>Local da obra: Igreja do convento de Ipojuca, Pernambuco.</p> <p>Tema: A lenda da imagem do Senhor Santo Cristo de Ipojuca.</p> <p>Ano: 1942</p> <p>Obra não assinada</p>
7		<p>Local da obra: Igreja do convento de Ipojuca, Pernambuco.</p> <p>Tema: A lenda da imagem do Senhor Santo Cristo de Ipojuca.</p> <p>Ano: 1942</p> <p>Obra não assinada</p>
8		<p>Local da obra: Igreja do convento de Ipojuca, Pernambuco.</p> <p>Tema: A lenda da imagem do Senhor Santo Cristo de Ipojuca.</p> <p>Ano: 1942</p> <p>Obra não assinada</p>

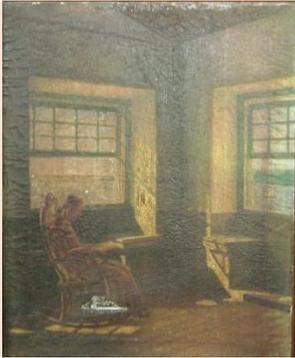
9		<p>Local da obra: Igreja do convento de Ipojuca, Pernambuco.</p> <p>Tema: Representação da Santíssima Trindade, Nossa Senhora, São Francisco e figuras angelicais.</p> <p>Ano: 1942</p> <p>Obra não assinada</p>
10		<p>Local da obra: Igreja do convento de Ipojuca, Pernambuco.</p> <p>Tema: Santa Clara de Assis</p> <p>Ano: 1954</p> <p>Obra assinada</p>
11		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba</p> <p>Tema: Construção do convento de Ipuarana</p> <p>Ano: 1946</p> <p>Obra assinada</p>
12		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba</p> <p>Tema: Natureza morta</p> <p>Ano: 1945</p> <p>Obra assinada</p>

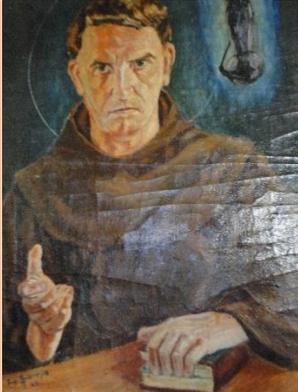
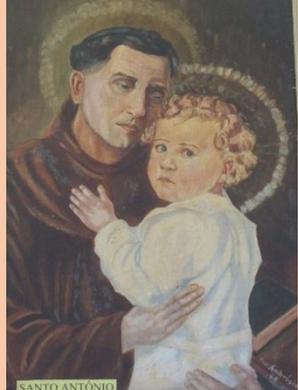
13		<p>Local da obra: Convento de Penedo, Alagoas. Tema: Vista da cidade de Penedo. Ano: 1956</p> <p>Obra assinada</p>
14		<p>Local da obra: Convento de Penedo, Alagoas. Tema: Alpendre do convento de Penedo, próximo à biblioteca Ano: não identificado</p> <p>Obra assinada</p>
15		<p>Local da obra: Convento de Olinda, Pernambuco. Tema: não identificado. Ano: não identificado.</p> <p>Obra assinada</p>
16		<p>Local da obra: Não identificado Tema: Noite de São João em Ipojuca. Ano: 1946.</p> <p>Obra assinada</p>

17		<p>Local da obra: Arquivo Municipal do Porto (online)</p> <p>Tema: Frei Vicente do Salvador, pai da História do Brasil</p> <p>Ano: não identificado</p> <p>Obra não assinada</p>
----	---	---

Fonte: Autora, 2022

Tabela 12 – Obras de Frei Ambrósio Kunstleben coletadas durante os trabalhos de campo

OBRAS FREI AMBRÓSIO KUNSTLEBEN		
Nº	Pintura	Dados
1		<p>Local da obra: Convento de Penedo, Alagoas.</p> <p>Tema: Frade próximo à conversadeira em convento não identificado.</p> <p>Ano: não identificado</p> <p>Obra assinada</p>
2		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba.</p> <p>Tema: São Pedro Alcântara</p> <p>Ano: 1946.</p> <p>Obra assinada</p>

3		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba. Tema: São Francisco Solano Ano: 1946.</p> <p>Obra assinada</p>
4		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba. Tema: João Duns Scot Ano: 1946.</p> <p>Obra assinada</p>
5		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba. Tema: Santo Antônio, modelo dos coroinhas Ano: 1941.</p> <p>Obra assinada</p>
6		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba. Tema: Santo Antônio Ano: 1946.</p> <p>Obra assinada</p>

7		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba. Tema: Santo Antônio Ano: 1942.</p> <p>Obra assinada</p>
8		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba. Tema: Não identificado Ano: 1945.</p> <p>Obra assinada</p>
9		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba. Tema: São Boaventura Ano: 1946.</p> <p>Obra assinada</p>
10		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba. Tema: São Conrado Ano: 1946.</p> <p>Obra assinada</p>

11		<p>Local da obra: Convento de Ipuarana, Lagoa Seca na Paraíba. Tema: São Francisco Ano: 1946.</p> <p>Obra assinada</p>
12		<p>Local da obra: Igreja do Espírito Santo, convento de Aracaju, Sergipe. Tema: O Espírito Santo Ano: 1955.</p> <p>Obra assinada</p>

Fonte: Autora, 2022

Pela proximidade com o tema da paisagem, da arquitetura e das cidades, optamos por concentrar nossa análise nas obras do austríaco Frei Tarcísio Jungwirth. Acerca da biografia deste frade, não foi possível a realização de um estudo acerca de sua vida, pela ausência de fontes coletadas que se debrucem sobre a temática e a dificuldade de acesso a arquivos em tempos pandêmicos. Dessa formou, optou-se por direcionar a análise para a sua produção artística que retrata, em especial, a paisagem nordestina. De 17 obras levantadas deste autor, 10 relacionam-se com o tema da paisagem.

Ao abordar as origens da paisagem no Ocidente, Régis Debray (1993) a qualifica como uma atitude de consciência, originada como fruto de uma mudança de postura perante o mundo, quando se olha menos para os céus, mas conquista-se o que está aqui, embaixo, à nossa volta. Assim, podemos dizer que a paisagem é mediada pelo nosso olhar, não existindo separação entre cultura e natureza. “Os pintores suscitaram os espaços e as paisagens de nossos campos surgiram dos quadros com o mesmo nome. O olhar sobre a natureza é um fato de cultura, cultura que foi visual antes de ser literária” (DEBRAY, 1993, p.190).

Os estudos acadêmicos situam a origem da paisagem no século XVI em especial com a produção realizada nos Países Baixos, ainda que alguns estudos apontem para uma relação entre o franciscanismo e a origem da paisagem, pontuando, em especial, o papel da pintura nesses vínculos¹²⁹. Contudo, estamos agora no contexto do século XX e frei Tarcísio Jungwirth nos deixa apenas a contemplação das suas obras para que dela extraíamos algum significado.

Pode-se deduzir que, se um significativo número de frades alemães deixou registros de suas impressões acerca do que viam no Brasil através de narrativas textuais, arquitetônicas e musicais, Frei Tarcísio optou por construir as suas por meio de paisagens, vistas externas que captaram sua atenção a partir dos conventos nordestinos, que, portanto, são produtos de sua interação com esse espaço, diálogo deste com o olhar de um estrangeiro. Os grandes centros não foram representados, Jungwirth olha para os núcleos urbanos interiores, pequenas cidades, para as especificidades naturais que podem denunciar sua preferência por tais localidades: “Com efeito, não se gosta do que se vê, olha-se para aquilo de que se gosta” (DEBRAY, 1993, p.197).

O austríaco parece escolher as visadas mais privilegiadas das casas franciscanas, pontos que até hoje apreciamos e reservamos alguns minutos a mais para permanecer e contemplar. O solar do convento de Olinda, com ampla vista para o mar, e a varanda lateral da casa seráfica de Penedo foram, por exemplo, escolhidos pelo artista como elemento central de duas de suas telas. Na pintura de Olinda, o verde iluminado de coqueiros, bananeiras e o imenso mar - ainda podendo ser apreendidos no local na atualidade - ganham destaque na representação, enquanto em Penedo, o pintor seleciona o farto beiral com telhas coloniais, apoiados por duplas colunatas em pedra, com vistosos mamoeiros carregados de frutos, ao fundo. Tratam-se de elementos imbuídos de tropicalidade, contrastantes com os espaços de sua terra natal, que parecem ter merecido o olhar do religioso europeu.

¹²⁹ Sobre este tema ver THODE, 1904.



Imagens 246 e 247 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando o solar do convento de Olinda e o mesmo espaço na atualidade. Fonte: Arquivo da Província de Santo Antônio, sem data (por volta da década de 1960); autora, 2016.



Imagens 248 e 249 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando varanda do convento de Penedo e o mesmo espaço na atualidade. Fonte: Acervo do convento de Penedo, sem data; Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Ao percorrer os conventos franciscanos erguidos na época colonial, nossos olhos imediatamente são atraídos pelas portas e janelas que enquadram os exteriores e seus elementos naturais. Produzimos paisagens enquadrando-as dentro das aberturas dos conventos, utilizando suas cercaduras como molduras para nossas telas que produzimos com câmeras fotográficas, ecoando, portanto, aquelas conquistas renascentistas trazidas pela adoção da tela e do cavalete. Jungwirth adota postura semelhante e enquadra o mar azulado de Olinda – cujos prazeres já fora mencionado por outros alemães, como Frei Pedro Sinzig, em passagem exposta em capítulos

anteriores – em uma porta da casa seráfica, exprimindo que o observador artista se atentou para a potencialidade cênica das aberturas da casa conventual.



Imagens 250 e 251 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando o mar de Olinda enquadrado por uma abertura do convento; foto atual da vista do mar a partir da janela do convento de Olinda. Fonte: Arquivo da Província de Santo Antônio, 1965; autora, 2016.

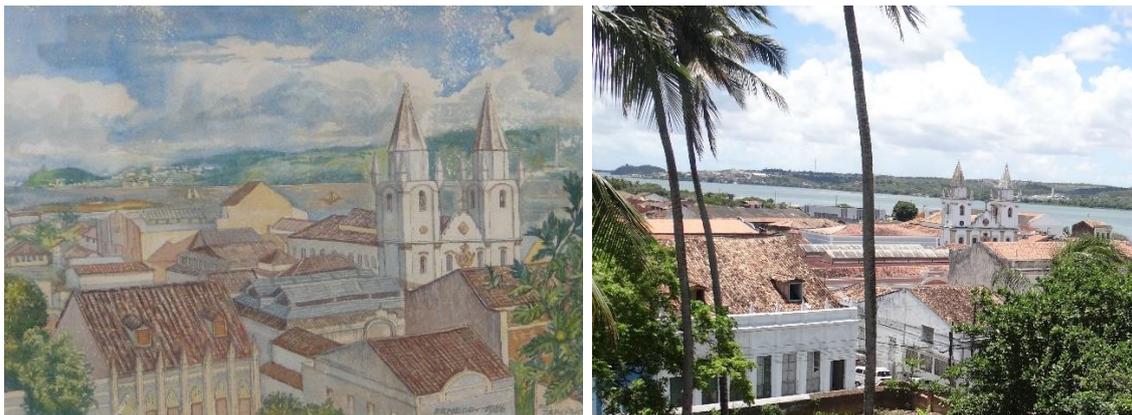
Como mencionado, os pequenos núcleos urbanos nordestinos receberam um particular interesse do frade pintor, no geral retratados de cima ou à distância. Em duas obras, em especial, que reproduzem áreas mais periféricas das cidades históricas de Olinda e Ipojuca, em Pernambuco, as acanhadas casas aparecem em volta a um vasto verde de vegetação e coqueiros esparsos, elementos naturais e construídos que se repetem várias outras pequenas cidades interioranas do Nordeste. O artista evitou selecionar as grandes edificações e ícones dessas localidades (como os próprios conventos), mas optou por porções do espaço geralmente relegadas a segundo plano por aqueles que buscam os grandes monumentos. Buscou o simples, o local, o popular e o regional, ao mostrar Olinda com seus verdes e frondosos quintais, e os panos alvos que secam ao calor do sol no varal, e Ipojuca celebrando uma festa tradicional nordestina com figuras humanas quase que imperceptíveis em volta de fogueiras juninas. Demonstra que construir paisagens pode requerer a busca e o olhar para o íntimo, para o particular.



Imagens 252 e 253 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando possivelmente a cidade de Olinda; tela intitulada “Noite de São João em Ipojuca”. Fonte: Arquivo da Província de Santo Antônio, 1965; Blog de Frei Milton Coelho¹³⁰, imagem de 1946.

Já em uma pintura de 1956, Frei Tarcísio adota um outro posicionamento e estampa, mais uma vez, uma das vistas da cidade de Penedo, mas agora observando um exterior edificado, a partir de um dos inúmeros pontos de observação ofertados pelas janelas do convento franciscano. O artista austríaco parecia estar consciente desses vários recortes de cidade e enquadramentos urbanos que a casa seráfica penedense propicia. Se compararmos o desenho do religioso com uma vista semelhante na atualidade, percebe-se a preocupação com a construção de uma imagem descritiva, que apresenta em detalhes as cobertas das casas do centro histórico, o Rio São Francisco com suas embarcações à vela, ou até a margem sergipana do rio com traços da cidade de Neópolis. Todavia, parece que o autor aproximou os planos mais fundos da imagem real em sua construção, o que conferiu à Igreja de São Gonçalo Garcia - também uma devoção franciscana - uma imponência e força visual maior na composição do artista.

¹³⁰ Disponível em: < <http://freimilton-ofm.blogspot.com/2009/06/>>. Acesso em janeiro de 2022.



Imagens 254 e 255 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando a cidade de Penedo a partir do convento e a mesma vista na atualidade.

Fonte: Acervo do convento de Penedo, 1956; Autora, 2014.

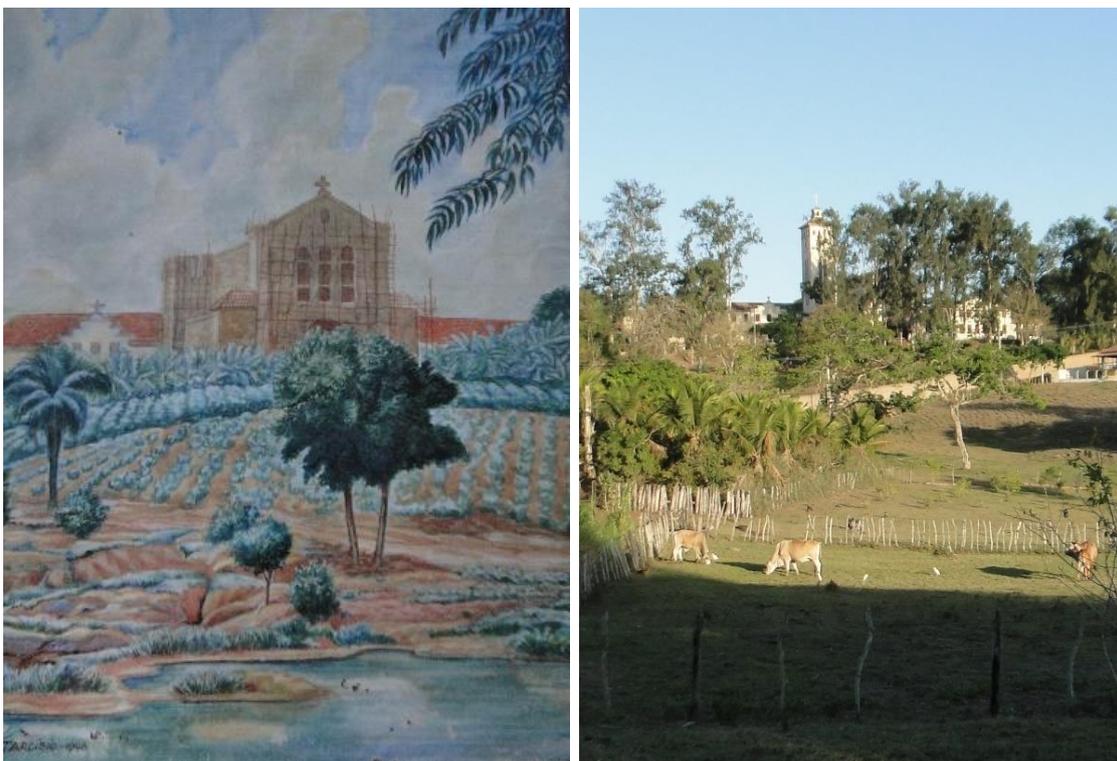
Saindo das áreas urbanas e das vistas a partir dos conventos ditos históricos, em 1946 Frei Jungwirth desenvolve o processo oposto: pinta o convento de Ipuarana, no agreste paraibano, ainda em processo de construção. Adota uma visada a partir do seu exterior, observada a partir da área da cerca conventual que envolve também a porção de terra defronte o terreno. Talvez a importância da ereção dessa grande casa, como espaço a garantir o futuro da Província por meio das vocações locais, tenha sido a motivação para que o frade pintor o tenha retratado ainda durante as obras de construção. Chama a atenção também as hortas, uma área cultivada com o plantio de algum gênero alimentar que abrange o espaço central da tela.

Em conversas com os frades do convento de Ipuarana¹³¹, percebeu-se que o cultivo de hortas está intimamente relacionado com a história dos vínculos entre a casa de Ipuarana e a cidade de Lagoa Seca. Seguindo o hábito já recorrente em outros conventos, a cerca da casa abrigava pequenas lavouras de legumes e hortaliças que contribuíam para certa autossuficiência alimentar do convento-escola. Porém, essa prática extrapolou os limites do edifício religioso, influenciando os hábitos alimentares da própria cidade. Segundo Frei Anésio Gomes e Frei Josafá de Araújo, residentes da casa, os franciscanos da Alemanha introduziram na população local tanto o hábito de consumir vegetais, quanto o de cultivá-los, incluindo, por exemplo, hortaliças e legumes como couve, acelga, pepino e rabanete, não utilizadas naquela região. Técnicas para o cultivo de hortas também foram ensinadas pelos frades germânicos à população local, introduzindo na região uma nova fonte de renda. Ainda hoje, a principal atividade econômica do município de Lagoa Seca está relacionada à produção de frutas, vegetais e à criação de aves.

¹³¹ Entrevistas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em janeiro de 2013 no convento de Lagoa Seca-PB.

Portanto, quando Frei Tarcísio retrata o convento de Ipuarana em construção junto com sua área de hortas cultivadas, está descrevendo também uma parte importante do complexo conventual que guardou fortes vínculos com a população urbana. Mais ainda, dá visibilidade a mudanças que os frades trazem ao cotidiano brasileiro.

Uma outra tela, datada de 1945, encontrada no refeitório deste convento também pode convergir para este tema: na obra, uma composição de natureza morta – aos moldes europeus – troca as usuais flores e frutas por legumes e verduras: tomates, cebolas, pimentões, cenouras, chuchus e beringelas compõem o quadro juntamente com uma moringa de barro e folhas de uma espécie vegetal – ao que parece *Caladium*. Única tela de natureza morta de Jungwirth acessada até o momento, não parece ser arbitrário o fato desta ter sido encontrada justamente no grande convento do agreste paraibano.



Imagens 256 e 257 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth retratando a construção do convento de Ipuarana e vista atual do local. Fonte: Acervo do convento de Ipuarana, 1946; Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2013.



Imagem 258 – Natureza morta em tela de Frei Tarcísio Jungwirth.

Fonte: Acervo do convento de Ipuarana, 1945.

Uma segunda frente que a obra do frade apresenta se remete a um outro antigo convento nordestino, o de Ipojuca. Em um conjunto de quadros elaborados para recobrir a igreja conventual do antigo convento de Ipojuca, que, como já visto, foi devastada por um incêndio na década de 1930, Frei Tarcísio Jungwirth deixa o usual caráter descritivo de suas obras e o troca por um teor mais narrativo. O frade dá cores e formas para a famosa lenda local sobre a imagem do Santo Cristo que fora registrada textualmente no século XVIII por Frei Jaboatão:

Após o incêndio de 1935, impunha-se a difícil tarefa de adornar o Santuário de novas pinturas. Nada mais natural do que levar à tela as cenas histórico-lendárias do próprio Santuário. Da tarefa se incumbiu, em 1942, o pintor franciscano Frei Tarcísio Jungwirth. Em seis quadros, recebe Jaboatão a ilustração dos fatos por ele contados, há 200 anos (WILLEKE, 1956, p.70).

Na tela situada em uma das extremidades do forro, em que é reportada a invenção da cruz inteiriça, o encontro do tronco de madeira em meio à mata ipojucana que seria utilizado para a construção da imagem do Crucificado, o artista estampa exuberância mata virgem tropical e a surpresa de brancos, índios e de um frade perante o tronco da milagrosa imagem. Já em uma das pinturas do centro do forro, Jungwirth dá contornos reais ao dia da entronização da imagem na igreja conventual em 1665, representando, mais uma vez, a Ipojuca das acanhadas casas envolta à farta vegetação tropical e o convento em destaque recebendo feixes de luz do céu, ainda que o artista tenha cometido uma certa atualização, ao representar o adro da edificação com as escadarias construídas pelos alemães no século XX, e não em sua forma original do século XVII. A população ipojucana também integra a obra, sendo retratada a devoção popular por meio das figuras locais que se prostam perante a imagem do Crucificado.



Imagens 259 e 260 - Telas de Frei Tarcísio Jungwirth que recobrem o forro da igreja conventual de Ipojuca. Fonte: Imagens da autora, 2016, dos quadros de 1942.

De forma geral, Frei Tarcísio Jungwirth priorizou em suas telas as particularidades da paisagem nordestina que ele constrói buscando extrair seus pormenores naturais e culturais que pareceram exóticos e ao mesmo tempo belos para o seu olhar germânico. Explorou as potencialidades dos antigos conventos em produzir recortes paisagísticos das cidades e deles se aproveitou para olhar o Nordeste. Um olhar que carrega certa delicadeza e interesse pelas novidades que a nova terra oferece. “Cada cultura, ao escolher sua verdade, escolhe sua realidade: aquilo que ela se permite reconhecer como visível e digno de representação” (DEBRAY, 1993, p.192). Assim, Frei Jungwirth cria uma imagem de um Nordeste vivo, em que convento e cidade estão em constante troca, em que as cores vivas e alegres pulsam em sua paisagem. Terá sido esse estilo próprio de Frei Tarcísio ou teria o próprio Nordeste brasileiro influenciado o colorido e a vivacidade de suas obras e paisagens?

7. LEGADOS DE FRADES ALEMÃES NO BRASIL: UM BALANÇO DOS CAMINHOS

Quando Goethe faz sua viagem à Itália entre os anos de 1786 e 1788, é de certa forma conduzido por itinerários pré-estabelecidos. O neoclassicismo colocava as terras italianas no centro dos interesses do homem do século XVIII, e o poeta alemão era conduzido pelos desejos despertados pelos tesouros da Antiguidade. Se é possível traçar uma comparação um pouco livre e bem distanciada de envergadura e propósito da viagem do famoso personagem alemão com as viagens realizadas com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, compartilhamos com Goethe a necessidade de experimentar de forma íntima os espaços visitados, porém, adotamos a postura inversa, mais impressionista e divagadora, de descobri-los deixando o imprevisto agir, sem preparativos prévios.

Tendo como ponto de partida estas viagens, tracei novos caminhos, que desembocaram nesta tese, tentando buscar conventos, lugares, cidades, territórios em que os franciscanos da Alemanha elegeram como seu campo de atuação, sendo guiada por minhas indagações, mas muitas vezes pelos próprios frades na contemporaneidade, através de suas memórias. De fato, este trabalho se inicia, como dito, pelo meu interesse pela cultura germânica e pelo estímulo de Frei José Teixeira Rodrigues, o Frei Zezinho, entusiasta da história da Restauração, ainda tão pouco conhecida e estudada. Viajei, assim como o Grupo, coletando o que podia pelo caminho, e deixando que as novidades do campo fossem moldando minhas pesquisas. E nesta tese, eu mesma me coloquei a caminho, oferecendo um itinerário a ser percorrido pelo leitor, apresentando um recorte de um fenômeno múltiplo, cujos desdobramentos escorrem até hoje, atingindo diversas camadas da esfera urbana de territórios que contaram com as ações daqueles também itinerantes frades estrangeiros.

O ato de viajar não envolve apenas o deslocamento, a mudança de espaço, mas exige também que o viajante abandone algumas de suas ideias e raízes para que se adeque melhor aos caminhos e ao destino. É nesse contexto que surge os conflitos, uma vez que nem sempre se consegue abrir mão de quem somos, em prol de uma adequação ao território cultural do outro. Quando analisamos as ações dos franciscanos alemães no Brasil, essas dificuldades de desenraizamento se traduzem em um fenômeno, por vezes unilateral, de construção de uma nova roupagem do franciscanismo no país, por meio da restauração das duas mais antigas províncias. A conclusão a que se chega, em especial examinando a prática arquitetônica destes frades, é que pouco absorvem influências locais e anteriores. Buscam, parece, transformar muito mais o novo mundo que habitam, que mudar a si mesmos.

Imbuídos de uma grande força de vontade, determinismo e um impulso de organizar e desenvolver a missão a que se dispuseram a cumprir, a tarefa dos frades da Alemanha pode ser qualificada como frutífera e exitosa uma vez que, de fato, impediu a extinção total da Ordem no país, conservou a materialidade dos antigos conventos erguidos nos séculos coloniais possibilitou a manutenção da presença franciscana na paisagem e na vida urbana brasileira, legou bens arquitetônicos que fortemente se atrelam à imagem de muitas cidades das três regiões abordadas, contribuiu para a educação e desenvolvimento cultural, técnico, econômico e social de comunidades atendidas.

A figura de Frei Pedro Sinzig, talvez um dos mais conhecidos e atuantes frades alemães no Brasil, traduz bem essa impulsividade, inconformismo e assertividade em várias frentes de atuação que esses religiosos desempenhavam no Brasil. Esteve na Guerra de Canudos à serviço do Governo Brasileiro, foi um dos líderes da editora Vozes, era colunista da Revista da Semana no Rio de Janeiro e ainda, “tornou-se famoso músico, compositor e fundador de corais, autor de oratórios, romances, jornalista fecundo, polêmico defensor da Igreja, em Lages e depois na imprensa do Rio, uma das cabeças mais lúcidas que os franciscanos tiveram no Brasil até hoje” (SCHMITT, 2008, p.81). Frei Hugo Fragoso ainda coloca que “Dele [Frei Pedro Sinzig] escrevia Fr. Mansueto Kohlen que sua vida foi uma luta contra a desordem estabelecida em busca de uma ordem ideal. Toda a sua atividade e obra se explica como busca de um humanismo integrado na ordem total de valores, de que por natureza participa” (FRAGOSO, 1991, v.9, p.58).



Imagem 261 - Visita de Getúlio Vargas ao convento franciscano do Rio de Janeiro. Frei Pedro Sinzig se encontra na extremidade esquerda.

Fonte: Revista da Semana, 1931.

Como visto ao longo do trabalho, essa busca por uma “ordem ideal” foi constantemente perseguida por esses religiosos. Mas como e por que impor uma ordem ideal a um país múltiplo, diverso, por vezes caótico, e profundamente barroco como o Brasil? Não obstante que essa busca tenha por vezes resultado em conflitos com a espacialidade, com a população e com a cultura brasileira, restou dela muitos frutos. Choques com o sujo, com a desordem, com o ouro da estética barroca, com as irmandades de comportamentos muito diversos dos europeus, com os conventos “anti-higiênicos”, com o clima hostil nordestino, com a população pouco instruída.

Não por acaso, o estado de Santa Catarina se tornou uma espécie de “estado-modelo” dentro da atuação dos frades germânicos, tendo recebido conventos e igrejas em praticamente todas as suas regiões, nomeando suas cidades e ruas com os nomes desses frades, mobilizando grandes números de fiéis, que os tem muito deles como santos, testemunhando ainda hoje a força da presença seráfica em seu território. Em Santa Catarina, eles se encontram com o igual, não sendo necessário se desvincular de suas raízes para acessar as comunidades, que em grande parte são imigrantes como eles.

Por outro lado, “se a partilha gera o choque, o choque gera a partilha”, frase proferida pelo professor Walter Matias em minha banca de qualificação. Mesmo que a ação dos franciscanos alemães no Brasil tenha sido imbuída de uma dimensão unilateral e uma imposição de valores, ideias, formas e estéticas, a troca e a partilha também puderam surgir das brechas e desses emaranhamentos, conforme os conceitos acerca do conhecimento complexo de Morin. “Qualquer sistema de pensamento é aberto e comporta uma brecha, uma lacuna em sua própria abertura. Mas temos a possibilidade de ter metapontos de vista” (MORIN, 2005, p.76).

Nos detendo nas marcas edificadas deixadas pelos franciscanos alemães no Brasil, seja nas ações nos antigos conventos ou na construção de novas casas e igrejas, percebe-se que esses religiosos se utilizam de um programa que carregam feições europeias e modernizantes. Ao trazerem a tecnologia para esses espaços, antecipam elementos, que por meios naturais, chegariam à vida seráfica brasileira anos depois. Salienta-se que as temporalidades nem sempre andam em paralelo aos espaços, especialmente há cem anos atrás, dessa forma, os alemães buscam preencher essas dissonâncias temporais entre Brasil e Alemanha com o uso da tecnologia, e ao mesmo tempo assumem ideias já disseminadas no Brasil no período como o higienismo, o funcionalismo, a limpeza visual, e a estética trazida pelo ecletismo e os *revivals* estilísticos.

É comum, no entanto, que essa memória seja silenciada em projetos e intervenções de restauro conduzidos pelos órgãos de salvaguarda do patrimônio cultural

nacional, em especial nos antigos conventos construídos em tempos coloniais. Trata-se de resquícios de uma postura que norteou os trabalhos do IPHAN ao longo do século XX que prima pela busca do primitivo, da originalidade, remetendo a uma procura simbólica pelas origens da nação (CHUVA, 2012), o que leva a uma tentativa de apagamento de camadas posteriores, como a memória deixada pelos religiosos da Alemanha nesses antigos edifícios. Dessa forma, questiona-se a ausência de um olhar voltado para a coexistência de temporalidades nas práticas restaurativas do IPHAN, comprometido com o próprio percurso temporal do prédio e suas manifestações na espacialidade do monumento. Além disso, será que o próprio trabalho de atualização desses conventos conduzidos pelos frades alemães não guarda relações com a conduta atual do IPHAN de modernizar e atualizar edifícios de valor patrimonial para reinseri-los com mais força na vida urbana contemporânea?

Voltando para o caráter das ações dos franciscanos germânicos na arquitetura conventual brasileira, apesar de pautada em uma via de mão única, estas encontram outras formas de conversar com o que é local. Ao repovoarem e reabrirem a maior parte dos conventos históricos oriundos dos tempos coloniais, permitiram a sobrevivência destas edificações que nem sempre estimavam, obtendo uma reaproximação da população com esses espaços, contribuindo para reativar a vida franciscana nesses locais, e assim, permitindo que esses prédios chegassem à atualidade. Aproximação também vista quando inserem nos novos conventos atividades urbanas para além das religiosas, com a inserção de escolas, cinemas, oficinas, bibliotecas, grupo de música, mesmo que essas ações pudessem extrapolar uma doutrinação religiosa e até adquirissem um viés anti-secularizador.

Considerando o patrimônio edificado por eles de raiz, embora algumas das igrejas tenham se inspirado em templos alemães comuns à época dentro da corrente eclética, e muitos dos materiais e objetos integrados como vitrais, relógios, piso, sinos tenham sido importados da Alemanha, a população assume esses templos como parte de sua paisagem, sua memória e sua história. A cidade de Gaspar, em Santa Catarina, é imediatamente reconhecida por quem anda pelas estradas no Vale do Itajaí quando as torres da igreja franciscana surgem ao longe, o que é motivo de vaidade da população local; os moradores de Igreja Nova, em Alagoas, se orgulham de terem em sua pequena cidade o exótico templo seráfico.

De fato, em Igreja Nova, o Rio São Francisco com suas embarcações típicas e velas quadradas ao vento compõem junto com a imponente igreja franciscana a peculiar imagem do lugar. É verdade que essas circunstâncias se enquadram mais em uma apropriação dos brasileiros deste legado do que um diálogo propriamente dito dos alemães com as novas terras. Mas em outros momentos, enxergamos vislumbres de

um possível diálogo que se torna mais evidente nas últimas décadas do recorte temporal escolhido para esta tese, e que demonstra uma outra atitude destes frades, estudando e valorizando aspectos da cultura brasileira.



Imagem 262 - Vista da cidade de Igreja Nova, em Alagoas, e sua igreja franciscana erguida por frades alemães, a partir do Rio São Francisco.

Fonte: Página da Prefeitura Municipal de Igreja Nova, sem data.¹³²

Quando viajamos e nos desterritorializamos, muitas vezes é necessário o dom da paciência. Frei Humberto Themans já relata tal necessidade, especialmente no Brasil: “Estávamos habituados à pontualidade alemã. Lá tudo corria certinho, aqui tivemos que aprender paciência, muito necessária no Brasil” (THEMANS, 1991, p.45). Frei Pedro Sinzig também nos fala que no momento que antecedeu seu desembarque no país “fiz os primeiros estudos práticos de português, pois uma palavra, desde então, indelevelmente se gravou em nossa memória, de tanto repetida por aduaneiros e médicos do porto: paciência! paciência!...” (SINZIG, 1917, p.84). Se considerarmos o apreço dos religiosos germânicos pela velocidade, rapidez de processos e otimização das atividades por meio das máquinas, veículos e novas tecnologias, por exemplo, talvez a paciência perca espaço em suas posturas.

Mas alguns ofícios, como o artista e o pintor, exigem mais dessa paciência própria dos camponeses que acompanham cuidadosamente a lentidão dos ciclos agrícolas, como coloca Debray:

¹³² Disponível em <<https://igrejanova.al.gov.br/o-desenvolvimento-de-uma-povoacao-que-virou-vila-e-depois-cidade/>>. Acesso em fevereiro de 2022.

Lembre-nos que Dürer foi o primeiro a empregar, simultaneamente, a paisagem e o óleo. Fluido vegetal, pesado e vivo, o óleo de linho puro misturado com resina tem a untuosidade do oleaginoso e a surda lentidão dos ciclos agrícolas. O homem apressado das megalópoles sente repugnância pelas paciências campesinas da lavoura. Pressa, preguiça – terá algo de comum? Não nos admiremos se, amanhã, um mundo sem camponeses vier a se tornar um mundo sem arte. As regiões do interior e as vanguardas eram, talvez, mais solidárias do que poderíamos imaginar (DEBRAY, 1993, p.200).

Deste modo, quando consideramos os frades pintores, que necessitam da lentidão para observar, e - porque não também-, os fotógrafos e antropólogos, ofícios que igualmente demandam um gesto paciente, abre-se um pouco mais de espaço para o diálogo e o compartilhamento. Assim, algumas ações demonstram um outro proceder, embora não hegemônico, como o olhar imbuído de cuidado e delicadeza acerca dos pormenores da paisagem nordestina esboçado pelo frade pintor Frei Tarcísio Jungwirth. Ao explorar com sensibilidade as potencialidades cênicas dos antigos conventos nordestinos, produziu suas telas em que absorve as formas e cores do Nordeste e constrói suas próprias paisagens.

Já Frei Tomás Kockmeyer fotografa com um olhar respeitoso as práticas ligadas ao Candomblé na Bahia, retratando pessoas em meio aos rituais, suas vestimentas, espaços de culto e artefatos. Publica em abril de 1936 na Revista Santo Antônio, periódico interno da província homônima, parte de suas fotos e um artigo em alemão em que explana para os confrades as características, nomenclaturas, rituais e entidades que abarcam o universo da religião de matriz africana, se utilizando de tabelas para apresentar os orixás e suas correspondências católicas.

Religiosos alemães como Frei Hugo Mense, Frei Bento Letschert e Frei Protásio Friel se imbricam em distantes comunidades indígenas na região Amazônica, aprendem línguas locais como as das tribos Tyrió e Tapajós, e as traduzem para o português e alemão, se utilizando algumas vezes dos fonemas da língua germânica para expressar os sons das línguas indígenas. Friel, por exemplo, é autor de uma classificação linguístico etnológica das tribos amazônicas no norte do Pará. (FREYRE, 1957, p.60). Nesses casos citados, pode-se ver tentativas mais próximas de um diálogo com o outro, ainda que no caso indígena, o objetivo final seja a conversão à fé cristã.



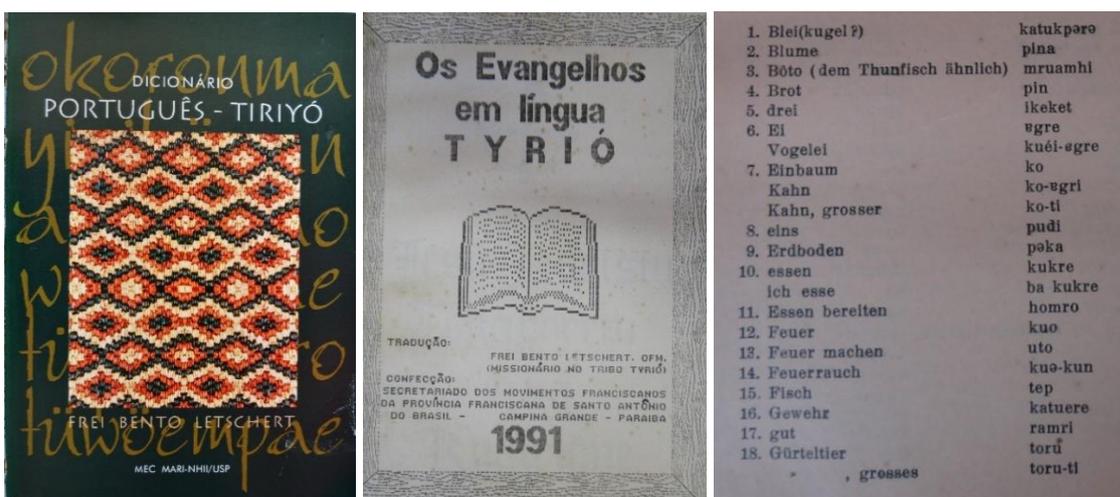
Imagens 263, 264 e 265 - Detalhes das telas de Frei Tarcísio Jungwirth.

Fonte: Imagens da autora de painel no convento de Ipojuca, 2016, do acervo do Arquivo da Província de Santo Antônio, 2013, e de tela do convento de Penedo, 2012.



Imagens 266, 267 e 268 - Mãe de santo, dança dos Munzenzá (candidatos iniciados) e filhas de santo durante a iniciação. Fotografias de Frei Tomás Kockmeyer.

Fonte: Revista Santo Antônio, abril/1936.



Imagens 269, 270 e 271 - Dicionário português-tyrió e os Evangelhos em língua Tyrió de Frei Bento Letschert; trecho de lista de palavras alemãs e suas respectivas tradução na língua tapajó realizada por Frei Hugo Mense. Fonte: Fotos da autora dos livros de Letschert

encontrados no Arquivo da Província de Santo Antônio, 2013; lista de traduções de Mense encontrada da Revista Santo Antônio de outubro de 1934.

Um outro aspecto que se faz importante destacar são as relações que os frades estabelecem com a intelectualidade local. Um exemplo significativo é a aproximação com o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, estudioso da cultura nacional e de questões acerca da identidade brasileira e nordestina, que guarda vínculos também com o pensamento alemão, já que algumas de suas principais influências – como o antropólogo Franz Boas, o sociólogo Max Weber e o colega de universidade Rüdiger Bilden – são estudiosos germânicos.

Cabe destacar um artigo denominado “Em torno do esforço franciscano no Brasil”, originalmente uma conferência proferida no claustro do convento franciscano de Recife em 1956, em comemoração aos 350 anos de fundação da edificação, e publicada na obra “A propósito de frades”. Ao enaltecer o trabalho dos frades menores, Freyre aproxima o franciscanismo do próprio Brasil e do modo de ser brasileiro, seja por conta de seus conventos intimamente integrados à paisagem do país, seja nos rebatimentos na vida cultural e social, ou ainda pela força que a imagem de um frade franciscano “com suas coroas, seus cordões e o brando rumor de suas sandálias a descerem dos conventos para as ruas, para as praças e para os subúrbios pobres” (FREYRE, 1957, p.60) exerce no imaginário popular.

A presença franciscana na paisagem, na vida, na cultura não apenas do Recife, mas do Brasil inteiro, é uma das constantes da condição brasileira; do modo brasileiro de ser ou, antes, de estar sendo, como diria outro pensador espanhol Ortega y Gasset, para melhor caracterizar o que em qualquer expressão regional ou nacional da condição humana é fluxo, movimento, transformação. [...] Não há novidade nenhuma em dizer-se da gente brasileira que uma das influências decisivas em sua formação vem sendo a da Igreja; nem que dessa influência, a que aqui madrugou, para nunca mais deixar de fazer-se sentir sobre essa mesma gente, ora de modo mais intenso, ora com menor vibração, foi e é franciscana (FREYRE, 1959, p.15).

Neste artigo, Freyre traça um arco das memórias franciscanas no Brasil em toda sua amplitude, referências que vão desde 1500, quando o primeiro franciscano está presente na esquadra de Cabral, até sua atualidade na década de 1950. São justamente os religiosos da Alemanha que são contemporâneos ao sociólogo, mantendo com eles, inclusive, vínculos de amizade, expressos, por exemplo, quando o sociólogo menciona uma viagem à Alemanha em que visita a família de Frei Serafim Prein, frade alemão que por doze anos exerceu o cargo de Ministro Provincial da Província de Santo Antônio. Ele é descrito por Freyre como “nascido na Europa, mas já tão brasileiro que seu português não se distingue da gente nativa” (FREYRE, 1957, p.60). São esses os

franciscanos que se relacionam com Freyre no momento em que este destaca os imbricamentos existentes entre franciscanismo e cultura brasileira.



Imagem 272 - Frei Serafim Prein e Gilberto Freyre sentados em conversadeira no convento de Recife. Fonte: Revista O Cruzeiro, nov. 1957.

Definimos aqui o legado, a memória e os desdobramentos materiais e imateriais resultantes das ações dos franciscanos alemães no Brasil como patrimônio cultural pela importância histórica, social e identitária que esse fenômeno exerceu nas cidades brasileiras. Fruto de um encontro balizado por diferentes nuances, se sobressaindo em um primeiro momento um aspecto unilateral, impositivo, resultando em choques e conflitos, mas que também abriu espaço, compulsoriamente ou não, para trocas em termos de língua, costumes, necessidades e paisagens, levando-nos a defini-lo enquanto um patrimônio, de alguma forma, compartilhado.

Dentre outros aspectos, a tese buscou contribuir na experimentação de formas de reconstrução da memória, que, no caso do objeto de estudo deste trabalho, se dissolve em diferentes áreas do conhecimento, regiões do país e marcas históricas distintas, sejam elas nas cidades, nas paisagens, nas edificações, sob a forma de livros, documentos escritos e imagéticos, obras artísticas ou na própria fala das pessoas. Dessa forma, qual o lugar da memória franciscana alemã na atualidade? No trabalho com o patrimônio material, em especial, com a arquitetura, somos induzidos, pelo trato geral das políticas de conservação e restauro no Brasil, a buscar uma originalidade, uma camada mais antiga, o estilo mais puro, elementos tidos como a única verdade da edificação. Essa ideia entra em conflito com o trato alemão, que se moveu por outras premissas, enrijece a arquitetura e ao mesmo tempo desconsidera que o patrimônio cultural está sempre em movimento e se transformando, sendo dotado de múltiplas facetas.

Obviamente, é muito difícil a atitude de definir que passado ou que experiências devem ser preservadas. Mas justo por se situar nesses entremeios entre a pureza original e a contemporaneidade, esse legado se pulveriza quando olhamos para os antigos conventos tombados, onde as intervenções dos frades de origem alemã são vistas como erros, ou de pouco valor, quando associadas ao ecletismo das novas edificações por eles erguidas. Olhar para essa memória, no entanto, nos confronta com a complexidade dos tempos e nos ajuda a entender melhor a conformação atual dos antigos conventos, bem como a história urbana das localidades que ganharam novas fraternidades a partir do final do século XIX. Assim, espera-se que os dados e questões levantadas pela tese, além de trazerem dados informativos, possam ajudar neste repensar dos caminhos da preservação.

Um outro aspecto também a levantar no trânsito cultural entre Brasil e Alemanha via frades restauradores é ressaltar que religiosos alemães que retornaram do Brasil para a Alemanha ao longo do século XX, trouxeram em suas bagagens de volta pedaços do Novo Mundo. Aqui coletaram o que era exótico aos seus olhos, elementos da cultura local e artefatos que traduziram para esses religiosos sua ideia de Brasil. Com esse vasto material, montaram dentro do complexo conventual de Bardel, cidade de Bad-Bentheim, na Alemanha, o Brasilienmuseum (Museu do Brasil), onde expõem obras de artistas populares, fotografias do povo nordestino, artefatos de comunidades sertanejas e do povo indígenas, e até mesmo animais empalhados, um carro de boi e uma embarcação à vela. E como seria o inverso, um museu no Brasil que abrigasse os rastros deixados pelos frades alemães? Que estéticas deveriam moldá-lo e como apresentar os itinerários que percorreram em terras brasileiras?



Imagens 273, 274 e 275 – Partes do acervo do Brasilienmuseum localizado no convento de Bardel, cidade de Bad-Bentheim na Alemanha. Fonte: Autora, 2013.



Imagens 276, 277 e 278 – Partes do acervo do Brasilienmuseum localizado no convento de Bardel, cidade de Bad-Bentheim na Alemanha. Fonte: Autora, 2013.

No sentido de esboçar uma resposta, e no intuito de socializar informações e acrescentar novas camadas de significado em especial ao convento de Penedo, aguarda-se a oportunidade de fornecer subsídios para a instalação de um memorial sobre a presença dos frades alemães no Brasil que já há algum tempo vem sendo idealizado por membros da Província de Santo Antônio no Nordeste do país e pela própria superintendência do IPHAN em Alagoas.

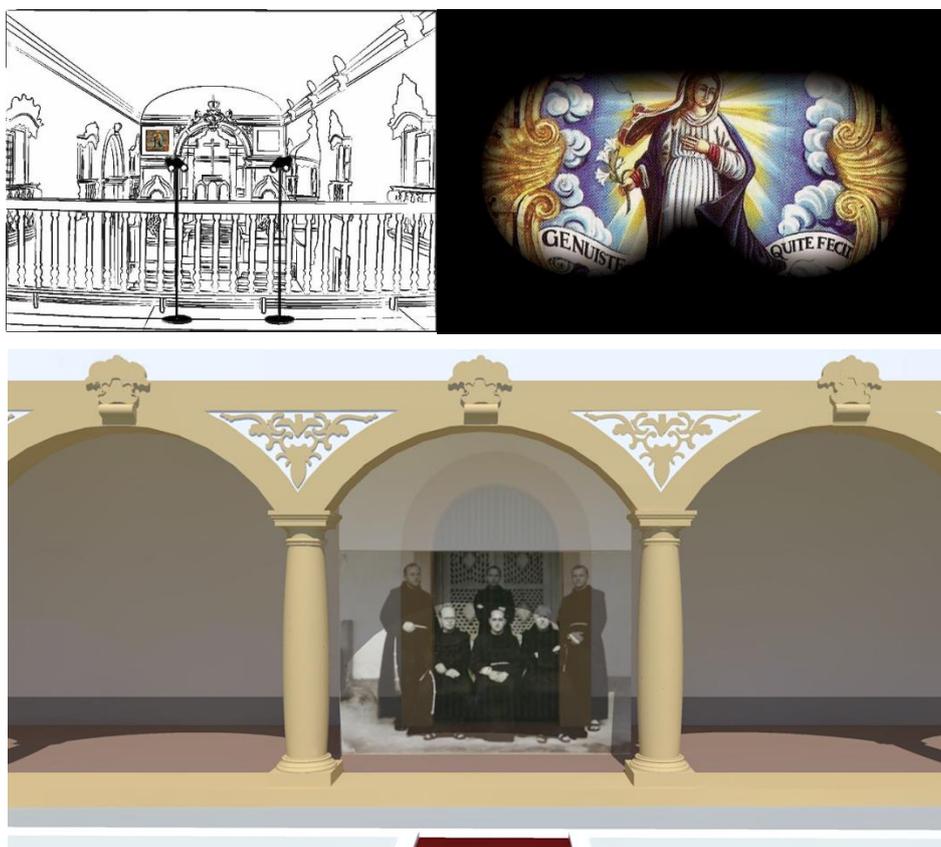


Imagem 279, 280 e 281 - Ideias para o memorial acerca da presença franciscana alemã no Brasil para o convento de Penedo esboçadas pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2013.

Assim como iniciei esse trabalho com Goethe em sua viagem à Itália e o retomei nesta escrita final, encerro-a ainda acompanhando a viagem do poeta alemão. Em Nápoles, pouco antes de partir mais ao sul com destino à Sicília, Goethe adverte para os cuidados de se lançar ao mundo, opondo a leveza da vida napolitana com o caminho certo a ser percorrido:

Não fosse pela índole alemã e pelo desejo de aprender e fazer sempre mais, em vez de gozar a vida, eu talvez devesse permanecer por mais algum tempo aqui, nesta escola do viver com leveza e alegria, buscando tirar dela maior proveito. [...]

De modo geral, há aqui um anseio e uma vontade muito grandes voltadas para a aquisição de cultura e saber. As pessoas, contudo, **são felizes demais para encontrarem o caminho certo**. Tivesse eu mais tempo, dedicaria de bom grado esse tempo a elas. Essas quatro semanas - o que foram elas comparadas à imensidão da vida? Decerto **estou aprendendo a viajar com esta viagem, mas, se estou aprendendo a viver, não sei**. As pessoas que parecem saber fazê-lo são de natureza e temperamento deveras distintos dos meus para que eu possa alimentar qualquer pretensão de possuir eu próprio esse talento. [...]

Quando nos lançamos no mundo e com ele nos metemos, melhor é que nos cuidemos para não nos deixarmos **desviar ou desvairar**. (GOETHE, 1999, p.258-266. Grifo nosso).

Pode-se aventar que em Nápoles tenha soprado ares de uma vida festiva, desordenada, pueril, que outros alemães encontraram em outras plagas também ensolaradas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Érica Aprígio de. **Do adro à praça: desenhos e significados da presença franciscana nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo - AL.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.
- ALBUQUERQUE, João Batista. **Minhas memórias de Ipuarana.** Garanhuns: Tyoflan, 2000.
- ALMEIDA, Marcos Antônio. Franciscanos entre a prática do franciscanismo colonial e a realidade colonizadora: da interdição à negociação. In: ALMEIDA, Sávio; GALINDO, Marcos; ELIAS, Juliana (orgs.). **Índios do Nordeste: temas e problemas II.** Maceió: EDUFAL, 2000.
- ALMEIDA, Túlio Vasconcelos Cordeiro de. **A cantaria policromada dos conventos franciscanos da Província de Santo Antônio do Nordeste nos séculos XVII e XVIII.** Tese (Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- ALVES, Náia de. **Patrimônio invisível: as cercas dos conventos franciscanos do Nordeste brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.
- ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.
- ANDRADES, Marcelo Ferreira (Coord.). **Editora Vozes: 100 anos de história.** Petrópolis: Vozes, 2001.
- AS ÚLTIMAS recomendações do Pe. Frei Gregório Janknecht. **Vita Franciscana,** [S.l.], n. 2, p.41-44, mai. 1928.
- ARRUDA, José; PILETTI, Nelson. **Toda a História.** São Paulo: Editora Ática, 2002.
- AZZI, Riolando. A Instituição Eclesiástica durante a Primeira Época Colonial. In: HOORNAERT, Eduardo (Coord.). **História da Igreja no Brasil.** TOMO II. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BAHLMANN, Dom Amando. **Memórias inacabadas.** Coleção Centenário, n. 11. São Paulo: Cúria Provincial, 1995.
- BAHLMANN, Frei Amando. História da missão brasileira dos frades menores de S. Francisco da Província da S. Cruz da Saxônia. In: FRAGOSO, Frei Hugo. **Fr. Amando Bahlmann OFM: pioneiro da Restauração.** Cadernos da Restauração (Volume 5). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.
- BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil.** Volumes I e II. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956.
- BISPO, Antônio Alexandre. Popularidade do Franciscanismo e os Franciscanos da Província da Saxônia no Brasil na história político-cultural da República: Estações e caminhos do processo anti-secularizador no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná. **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira,** nº 151, 2014.

Disponível em: <<http://revista.brasil-europa.eu/151/Franciscanos-alemaes-no-Brasil.html>>. Acesso em novembro 2019.

BISPO, Antônio Alexandre. P. Sinzig O.F.M. - Música nas "Lembranças de um franciscano renano no Brasil" (1922/25). **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, nº 16, 1992. Disponível em: < <http://www.revista.akademie-brasil-europa.org/CM16-06.htm>>. Acesso em novembro 2019.

BISPO, Antônio Alexandre. Gaspar (SC) - A igreja-sinal do Catolicismo restaurado no coração do Vale do Itajaí emoldurada pelo Baú, emblema de Santa Catarina - Pe. Petrus Sinzig OFM (1876-1952) e a família Höschl - singulares relações: pobreza franciscana e enriquecimento de colonos. **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, nº 150/9, 2014. Disponível em: < http://revista.brasil-europa.eu/150/Gaspar_SC.html>. Acesso em novembro 2019.

BISPO, Antônio Alexandre. União da Vitória (PR)/Porto União (SC). Ultrapassando fronteiras em diferentes acepções: o vau do Iguaçu. Católicos poloneses e ucranianos sob assistência de Franciscanos alemães e a exemplaridade de Santa Rosa de Lima (1586-1617). **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, nº 151/9, 2014. Disponível em: < <http://revista.brasil-europa.eu/151/Porto-Uniao-e-Uniao-da-Vitoria.html>>. Acesso em novembro 2019.

BISPO, Antônio Alexandre. Petrópolis (RJ) - Franciscanos alemães na cidade de Pedro II sob a República: O chic da missa das onze, Mons. Giovanni Battista Guidi (1852-1902) e Pe. Michael Horn OSB (1859-1936). **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, nº 151/2, 2014. Disponível em: < <http://revista.brasil-europa.eu/151/Franciscanos-em-Petropolis.html>>. Acesso em novembro 2019.

BISPO, Antônio Alexandre. Vaticano-Alemanha-Brasil: Religião/Ciência, Missão/Esclarecimento - nova luta cultural? Paradoxais caminhos de processos anti-secularizadores na Europa e no Brasil. **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, nº 150/1, 2014. Disponível em: < http://revista.brasil-europa.eu/150/Processos_anti-secularizadores.html>. Acesso em novembro 2019.

BISPO, Antônio Alexandre. Rio Negro (PR). O Colégio São Luís de Tolosa como centro de formação religiosa e da prática musical - a banda a serviço do projeto anti-secularizador em interações de alemanidades. Bucovinos e Franciscanos alemães. **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, nº 151/10, 2014. Disponível em: < <http://revista.brasil-europa.eu/151/Colegio-Rio-Negro.html>>. Acesso em janeiro 2022.

BOHN, Pe. Antônio Francisco. **Diocese de Blumenau diocese do amor**. Blumenau: Três de maio, 2001.

BOHN, Pe. Antônio Francisco. Torres e sinos em Blumenau. **Blumenau em cadernos**. Blumenau, tomo XLII, n.11/12, p. 41-53, nov./dez.2001.

BORNHEIM, Gerd. **Aspectos filosóficos do Romantismo**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1959.

BORNHEIM, Gerd. **O sentido e a máscara**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAUNFELS, Wolfgang. **Monasteries of Western Europe - the architecture of the orders**. London: Thames and Hudson, 1972.

BROCHTRUP, Frei Casimiro. Os dias mais críticos na História do convento de Recife. In: FRAGOSO, Frei Hugo. **As cruces da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 6). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

CAMPELLO, Glauco. **O brilho da simplicidade: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

CANI, Iracema. **Histórias e memórias de Rodeio**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

CENTRO FRANCISCANO DE ESPIRITUALIDADE. **Sacrum Commmercium S.Francisci cum domina Paupertat**. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes-leitura?id=2515&parent_id=2514> Acesso em dezembro 2020.

CHUVA, Márcia. O modernismo nas restaurações do SPHAN: modernidade, universalidade, brasilidade. **Revista IEB**, São Paulo, n. 55, p. 89-107, 2012.

CHUVA, Márcia. Por uma História da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 147-165, 2012.

CINQUENTENÁRIO da Matriz Sto. Antônio do pari. São Paulo: Monografia Brasileira, 1964.

COELHO, Frei José Milton. **O apóstolo dos mocambos**. Arca, maio 2010. Disponível em: <<http://freimilton-ofm.blogspot.com/2010/05/o-apostolo-dos-mocambos.html>>. Acesso em dezembro 2020.

COELHO, Frei José Milton. **Convento de Ipojuca, mais obras de arte – os incêndios**. Arca, junho 2009. Disponível em: <<http://freimilton-ofm.blogspot.com/2009/06/convento-de-ipojuca-mais-obras-de-arte.html>>. Acesso em novembro 2021.

COELHO, Frei José Milton. Frei Casimiro Brochtrup: O apóstolo dos mocambos. In: **A restauração em sua caminhada mais que centenária: frades que adquiriram especial projeção - parte 3**. Salvador: Província Franciscana de Santo Antônio, [s/d].

COELHO, Olíneo Gomes. Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro: restauro e revitalização. **Interfaces**, [S.l.], nº 28, v.2, p. 39-72, julho-dezembro, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/28688>>. Acesso em outubro 2021.

COMMEMORAÇÃO do 25º aniversário da criação da Paróquia de Sto Antônio do Pary- S.Paulo. São Paulo: Typographia Paulista, 1939.

CONCEYÇÃO, Apollinario da. **Primazia Seráfica na Regiam da America: novo descobrimento de santos, e veneráveis religiosos da Ordem Seráfica, que enobrecem o Novo Mundo com suas virtudes, e acçoens**. Lisboa Occidental: Officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1733.

DAS NOSSAS CASAS: Blumenau. **Vita Franciscana**, [S.l.], n. 1, ano 18, p.21-25, mai. 1942.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

DIE ANTONIUSKLÖSTER unserer Provinz im Jubeljahre. **Vita Franciscana**, [S.l.], n. 3, p.149-159, set.1931.

DIEL, Paulo Fernando; TEDESCO, Adayr Mário. A Igreja na Região do Grande Oeste até a criação das Dioceses de Palmas e Chapecó. **Encontros Teológicos nº 48 [online]**. Ano 22, n. 3, pp. 65-94, 2007. Disponível em: < <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/345> >. Acesso em janeiro 2022.

DUBY, Georges. **O tempo das catedrais. A arte e a sociedade 980-1420**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

EMMENDOERFER, Frei Ernesto. Na Província de S. Antônio do Brasil. **Vida Franciscana**. São Paulo, ano II, n.2, p.5-14, 1943.

FISCHER, Brodwyn Michelle. A ética do silêncio racial no contexto urbano: políticas públicas e desigualdade social no Recife, 1900-1940. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 28, p. 1-45, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/156261>. Acesso em: set. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRAGOSO, Frei Hugo. **As cruzes da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 6). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

FRAGOSO, Frei Hugo. As novas fundações da Província de Santo Antônio 1903-1955. **Revista Santo Antônio**. Recife, ano 60, n.101, p. 83-128, out.1982.

FRAGOSO, Frei Hugo. Quatro séculos de presença franciscana no Nordeste brasileiro. **Revista Santo Antônio**, Recife, ano 64, n.106, p.5-16, fev.1986.

FRAGOSO, Frei Hugo. **Contexto da Restauração da Província de Santo Antônio**. Cadernos da Restauração (Volume 1). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

FRAGOSO, Frei Hugo. **Franciscanos Restauradores 1ª parte**. Cadernos da Restauração (Volume 9). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

FRAGOSO, Frei Hugo. **Franciscanos Restauradores 2ª parte**. Cadernos da Restauração (Volume 10). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

FRAGOSO, Frei Hugo. **Franciscanos Restauradores 3ª parte**. Cadernos da Restauração (Volume 11). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

FRAGOSO, Frei Hugo. **Frei Amando Bahlmann ofm – Pioneiro da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 5). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

FRAGOSO, Frei Hugo. **Frei Gregório Janknecht – Protagonista da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 4). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

FRAGOSO, Frei Hugo. **Projeto e concretização da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 2). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

FREED, John. **The friars and German society in the thirteenth century**. Cambridge: Mediaeval Academy of America, 1977.

FREYRE, Gilberto. **A Propósito de Frades**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Editora Global, 2013.

FREYRE, Gilberto. Três séculos de vida franciscana. **Revista O Cruzeiro**, n. 6, Rio de Janeiro, p.60-66, nov. 1957.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Viagem à Itália: 1786-1788**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Von deutscher Baukunst**. Disponível em: <<http://www.zeno.org/Literatur/M/Goethe,+Johann+Wolfgang/Theoretische+Schriften/Von+deutscher+Baukunst+%5B1772%5D>>. Acesso em Jan. 2017.

GÖSSMANN, Wilhelm. **Deutsche Kulturgeschichte im Grundriss**. München: Hueber, 1960.

GRIESENBROCK, Heribert. A atividade de Frei Gregório. In: FRAGOSO, Frei Hugo. **Frei Gregório Janknecht: protagonista da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 4). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

GINZBURG, Carlo. Controlando a Evidência: o juiz e o historiador. In: NOVAIS, Fernando; DA SILVA, Rogério (Orgs.). **Nova História em Perspectiva: propostas e desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOUVÊA, Hilton. **A longa espera para virar santo**. A União, João Pessoa, 17 de março de 2009. Disponível em: <<http://auniaio.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/jornal-a-uniao/2011-a-2015/2009/marco/17-03-2009.pdf>>

GUINSBURG, J.. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HANCOCK, Jaime Rubio. **Há 200 anos foi criada a primeira bicicleta: estes foram os primeiros modelos**. El País, abril 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/19/deportes/1492597692_626497.html> Acesso em dezembro 2021.

HAUPT, Heinz-Gerhard. Religião e nação na Europa no século XIX: algumas notas comparativas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 77-94, 2008.

HEINE, Heinrich. **Alemanha: um conto de inverno**. Crisálida, 2011

HEINE, Heinrich. **Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

IMAGUIRE, Marialba; CASTRO, Elizabeth. **Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba 1: Conventos e Seminários**. Curitiba: E. A. de Castro; M. R. G. Imaguire, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. Montagem urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra (Orgs.). **Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea**. Tomo IV – Memória, narração, história. Salvador: EDUFBA, 2015.

JANKNECTH, Frei Gregório. Estado externo atual e situação interna da Missão Franciscana no Brasil. In: FRAGOSO, Frei Hugo. **Frei Gregório Janknecht: Protagonista da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 4). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

JEILER, Frei Inácio. **Para compreender a história da Província da Saxônia**. Coleção Centenário, n. 7. São Paulo: Província Franciscana, 1991.

JOCHEM, Toni Vidal. **A formação da Colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860-1910)**. Palhoça: Ed. do autor, 2002.

JOCHEM, Toni. Há 120 anos chegam os frades franciscanos alemães no Brasil. **Boletim Brasil-Alemanha**, 2011. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/2624822/ha-120-anos-chegavam-os-frades-franciscanos>>. Acesso em 20 de ju.2019.

JOCHEM, Toni Vidal. **Pouso dos imigrantes**. Florianópolis: Papa-Livro, 1992.

JOCHEM, Toni Vidal. **Uma caminhada de fé: História da Paróquia Santo Amaro – Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas – SC**. Santo Amaro da Imperatriz: Edição do autor, 2005.

JORGE, Virgolino. **Cultura e Patrimônio**. Portel: Edições Colibri, 2005.

KIRSCHBAUM, Frei Adalberto. Inícios da Restauração da Província. In: FRAGOSO, Frei Hugo (Org.). **Restauração da Província de Santo Antônio do Nordeste brasileiro - parte 2**. Salvador: Província Franciscana de Santo Antônio, [s/d].

KLEIN, Frei Damião. Fr. Antônio de S. Camilo, coartífice da restauração da Província de Santo Antônio. In: FRAGOSO, Frei Hugo. **O idealizador e o profeta da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 3). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

KLEIN, Frei Damião. Indefinição de objetivo: Restauração da Província de S. Antônio ou nova fundação no sul do Brasil? In: FRAGOSO, Frei Hugo. **As cruces da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 6). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

KLEIN, Frei Damião. A Febre Amarela e os primórdios da Restauração. In: FRAGOSO, Frei Hugo. **As cruces da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 6). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

KNOB, Frei Pedro. **A missão franciscana do Mato Grosso**. Campo Grande: Publicação da Custódia Franciscana das Sete Alegrias de Nossa Senhora, 1988.

KOBELINSKI, Michel. História, cultura e religião: a Cidade Imperial e a região do Contestado nas apreensões de Estanislau Schaette e Hermann Schiefelbein (1926-1950). **Revista Ensino & Pesquisa**, [S.l.], v.14, p. 52-77, dezembro, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/1190/622>>. Acesso em agosto 2021.

KORMANN, Edith. **Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)**. [S.l.]: Edição da autora, 1994.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LIMA, Dayane de Souza. **Franciscanos e missão: atuação da Diocese da Bacabal e da Província Franciscana Nossa Senhora da Assunção em conflitos de terra no Médio Mearim (1970-1980)**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em História Social) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

MAAS, Wilma Patrícia. Sublime, natureza e catolicismo. A Viagem à Itália como repertório de uma possível estética goethiana. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 20, n.30, p. 1-20, maio-junho 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315473284_The_Sublime_Nature_and_Catholicism_The_Italian_Journey_as_Goethe's_Aesthetical_Repertoire. Acesso em: dez. 2021.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARINS, Paulo César. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

MARX, Murilo. **Seis Conventos, Seis Cidades**. Tese de doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

MELO, Taciana Santiago de. **Caminhos do mundo, espaços e almas a conquistar: frades alemães no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

MELO, Taciana Santiago de. “**Stadtluft macht frei (o ar da cidade liberta), o ar dos trópicos atemoriza: frades alemães no Nordeste do Brasil**”. Trabalho final de graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

MÉRO, Ernani. **Templos, ordens e confrarias**. Maceió, SERGASA, 1991

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007

MÜLLER, Frei Bonifácio. **Origem e desenvolvimento da Província de Santo Antônio 1584-1957**. In: Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil. Edição comemorativa do tricentenário 1657-1957. Volume I. Recife: Provincialado Franciscano, 1957.

NEOTTI, Frei Clarêncio. **Centenário da Igreja do Sagrado Coração de Jesus: 1874-1974**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

NEOTTI, Frei Clarêncio. Uma introdução necessária. In: JEILER, Frei Inácio. **Para compreender a história da Província da Saxônia**. Coleção Centenário, n. 7. São Paulo: Província Franciscana, 1991.

NIGGEMEYER, Frei Capistrano. Um fato importante do primeiro tempo da missão dos franciscanos alemães no Brasil. In: FRAGOSO, Frei Hugo. **As cruces da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 6). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

NISBET, Barry (Ed.). **German aesthetic and literary criticism: Winckelmann, Lessing, Hamann, Herder, Schiller and Goethe**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

NUNES, Benedito. A Visão Romântica. In: GUINSBURG, J.. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

OBERBORBECK, Frei Fernando. Frei Joaquim do Espírito Santo: o profeta da Restauração. In: FRAGOSO, Frei Hugo. **O idealizador e o profeta da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 3). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

O'MALLEY, John W. **When bishops meet: an essay comparing Trent, Vatican I, and Vatican II**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

OLIVEIRA, Roseline. Alagoas à primeira vista. In: SILVA, Maria Angélica (Org.). **O olhar holandês e o novo mundo**. Maceió: EDUFAL, 2011.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PINTARELLI, Frei Ary. **Menores entre pequenos: 100 anos de vida franciscana em Rodeio**. Coleção Centenário n. 10. São Paulo: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1994.

POHLMANN, Frei José. A epidemia de Febre Amarela (1896). In: FRAGOSO, Frei Hugo. **As cruces da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 6). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

PORTA, Paula. **Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil: diretrizes, linhas de ação e resultados**. Brasília: Iphan/Monumenta, 2012.

PRIM, Frei Marino. **Agudos: 25 anos depois**. Petrópolis: Vozes, 1975.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL. Setor de Pastoral. Departamento de colégios e faculdades. **Franciscanos na educação**. Bragança Paulista: Faculdades Franciscanas, 1985.

RABELO, Carina. Pobreza Preciosa. **Revista Istoé**, nº 2098, 2010. Disponível em: < https://istoe.com.br/44502_POBREZA+PRECIOSA/>. Acesso em novembro 2021.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

RIBEIRO, Frei Anastácio; HEYENS, Frei Hermano; HOFFMANN, Vito (Orgs.). **Frei Martinho: uma herança viva da fé cristã**. João Pessoa: Convento do Rosário/Imprell, 2005.

ROBSON, Michael (Org.). **Francisco de Assis: História e herança**. Aparecida: Editora Santuário, 2015.

ROBSON, Michael. **The Franciscans in the Middle Ages**. Woodbridge: The Boydell Press, 2006.

RÖNZ, Andrea. Pater Petrus Sinzig O.F.M. – Linzer Franziskaner in Brasilien. **Hypothesis**, agosto 2018. Disponível em: < <https://archivlinz.hypotheses.org/1398>> Acesso em junho 2021.

RÖWER, Frei Basílio. **A Ordem franciscana no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1947.

RÖWER, Frei Basílio. **O convento Santo Antônio do Rio de Janeiro: Sua história, memórias, tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

RÖWER, Frei Basílio. **Páginas de História Franciscana no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1957.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo - uma questão alemã**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História [online]**. 2002, v. 22, n. 44 [Acessado 29 Julho 2021], pp. 289-310. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000200003>>.

SANNIG, Frei João. **Presença, memória e milagres: 90 anos de atuação paroquial dos frades da Província de Santo Antônio do Brasil em Canindé, Ceará**. Canindé: Paróquia-Santuário de São Francisco das Chagas, 2013.

SANTOS, Walmor. **Contestado: A guerra dos equívocos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SCHAETTE, Frei Estanislau. Cinquentenário franciscano de Blumenau. **Vita Franciscana**. [S.l.], ano 18, n.1, p.2-7, 1942.

SCHMITT, Frei Elezeário. **São Pedro Apóstolo de Gaspar 158 anos: nas malhas da história**. Blumenau: Odorizzi, 2008.

SCHMITT, Frei Elezeário. "**Therezopolis**" e uma **Utopia Franciscana no Sul**. Coleção Centenário, n. 4. São Paulo: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1991.

SCHMITZ, Br. Frank. **Franziskaner in Bardel**. Bardel: Goldschmidt-Druck, 2010.

SEDLAG, Frei Peregrino. Diário de Frei Peregrino Sedlag. In: FRAGOSO, Frei Hugo. **A restauração da Província de Santo Antônio na vivência do irmão Fr. Peregrino Sedlag OFM**. Cadernos da Restauração (Volume 7). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

SILVA, Edson Armando. A instituição dos territórios da Ordem Franciscana no Brasil: uma análise sobre seus elementos. **Espaço e Cultura [online]**. UERJ, n. 32, pp. 13-29, 2012. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/6973/4911>>. Acesso em janeiro de 2022.

SILVA, Maria Angélica; MELO, Taciana Santiago; et al. Experience as guide: proposals for the reuse of Franciscans convents in Northeast Brazil. In: Henry Crescini; Ona Vileikis. (Org.). **Understanding Each Other's Heritage - Challenges for Heritage Communication in a Globalized World**. Berlin: Verlag Dr. Köster, 2014.

SILVA, Maria Angélica; MELO, Taciana Santiago; et al. Paradise in the tropics: the Franciscan convent and the idea of order in the colonial towns and cities of Northeast Brazil. In: **11th International Conference on Urban History - Cities and Societies in Comparative Perspective**. Praga: European Association for Urban History, 2012.

SINZIG, Frei Pedro. A Caricatura na Imprensa Brasileira. **Boletim CDAPH**, v. 4, n. 1, 14 out. 2020.

SINZIG, Frei Pedro. **Reminiscências de um frade**. Petrópolis: Typographia das Vozes de Petrópolis, 1917. (acervo digital do CDAPH-USF)

STAËL, Madame de. **Da Alemanha**. São Paulo: Unesp, 2016.

TEVES, Frei Matias. **A Restauração da Província de Santo Antônio: 75º Aniversário da chegada dos Padres restauradores 1892-1967**. Recife: Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, 1967.

TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

THEMANS, Humberto. Reise nach Brasilien und Anfang der Mission. **Vita Franciscana**, Curitiba, n. 1, p.88-96, dez. 1923.

THEMANS, Humberto. **Viagem ao Brasil e Começo da Missão**. Coleção Centenário n. 3. São Paulo: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1991.

THODE, Henry. **Franz von Assisi und die Anfänge der Kunst der Renaissance in Italien**. Berlin: G.Grotesche Verlagsbuchhandlung, 1904.

TITTON, Gentil Avelino. A reforma da Província franciscana da Imaculada Conceição (1738-1740). **Revista de História**, [S.l.], vol. 41, p. 307-346, 1970.

UNSERE erste Niederlassung in Santa Catarina. **Vita Franciscana**, [S.l.], n. 1, p.16-19, jan. 1926.

VAUCHEZ, André. **Francisco de Assis: Entre História e Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

WILLEKE, Frei Venâncio. **Franciscanos na história do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

WILLEKE, Frei Venâncio. **Franziskanermissionen in Brasilien 1500-1966**. Schöneck: Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft, 1973.

WILLEKE, Frei Venâncio. **Missões franciscanas no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

WILLEKE, Frei Venâncio. **Convento de Santo Antônio de Ipojuca**. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1956.

WILLEKE, Frei Venâncio. Convento de Santo Antônio de Ipojuca. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 255-353, 1956.

WILLEKE, Frei Venâncio. **São Francisco das Chagas de Canindé**. Canindé: Edição própria, 1973.

WILLEKE, Frei Venâncio. Senzalas de conventos. **Revista de História**. São Paulo, vol.53, nº 106, pp. 355-375, 1976.

WISSENBACH, Maria Cristina. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

WZOREK, Frei Lucínio. Das Nossas casas: Notícias de Garnstock. **Vida Franciscana**. São Paulo, ano XV, n.24, p.139-148, dez. 1958.

FONTES MANUSCRITAS:

CHRONICA RESUMIDA DA PAROCHIA DE SÃO PAULO APÓSTOLO EM BLUMENAU. Blumenau: [S.d.].

CRÔNICA DA RESIDÊNCIA FRANCISCANA EM FLORIANÓPOLIS. Florianópolis: 1940-1960.

CRÔNICA DA RESIDÊNCIA FRANCISCANA EM FLORIANÓPOLIS. Florianópolis: 1961-1983.

CRÔNICA DA RESIDÊNCIA FRANCISCANA EM FLORIANÓPOLIS. Florianópolis: 1983-1991.

CRÔNICA DO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: 1911-1921.

LIVRO DAS CRÔNICAS DO PENEDO I. Penedo: 1903-1930.

LIVRO DAS CRÔNICAS DO PENEDO II. Penedo: 1907-1920.

LIVRO DAS CRÔNICAS DO PENEDO III. Penedo: 1931-1974.

LIVRO DE CRÔNICAS DO CONVENTO DE IGREJA NOVA. Igreja Nova: 1907 - 1917.

LIVRO DE CRÔNICAS DO CONVENTO DE LAGES. Lages: 1981-2013.

LIVRO DE CRÔNICAS DO CONVENTO DE RODEIO. Rodeio: 1909-1938.

LIVRO DE CRÔNICAS DO CONVENTO DE RODEIO. Rodeio: 1940-1962.

ANEXO 1

LIVROS E ARTIGOS LEVANTADOS DE QUATRO FRADES ALEMÃES ESCRITORES

Frei Basílio Röwer e Frei Pedro Sinzig: Província da Imaculada Conceição

Frei Venâncio Willeke e Frei Bonifácio Müller: Província de Santo Antônio

OBRAS DE FREI BASÍLIO RÖWER		
Livros		
ano	título	editora
1907	Musica Sacra ou commentario do Motu-proprio De Sua Santidade Pio PP. X	Typ. do Coll. S. José
1922	A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil nas festas do Centenário da Independência	Vozes
1926	Cecília: Manual de Cânticos Sacros	Vozes
1928	Dicionário Litúrgico	Vozes
1931	Louvores a Santo Antônio - Hinos, Motetes e Ladainhas Em Honra a Santo Antônio	Vozes
1934	Os franciscanos nos Campos dos Goytacazes: subsídios para história dos franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Brasil: 1699-1931, 1902-1934	Vozes
1935	O convento de São Boaventura de Macacú, 1649-1922 e O hospício de São Sebastião de Araruáma, 1738-1788: subsídios para a história dos franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Brasil	Vozes
1937	O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro: sua história, memórias, tradições	Vozes
1941	Páginas de história franciscana no Brasil: esboço histórico de todos os conventos e hospícios fundados pelos religiosos franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Sul do Brasil, desde 1591 a 1758, e das aldeias de índios administradas pelos mesmos	Vozes
1942	A Ordem Franciscana no Brasil	Vozes
1945	A bem-aventurada Beatriz da Silva e Menezes e sua Ordem no Brasil	Vozes
1950	Música Sacra	Vozes
1951	História da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil através de seus provinciais de 1677 a 1901	Vozes
1954	Os Franciscanos no Sul do Brasil durante o século XVIII	Vozes
1954	A Contribuição Franciscana na Formação Religiosa da Capitania das Minas Gerais.	Vozes

1954	Os Estudos na Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil nos Séculos XVII e XVIII	Vozes
1955	O Convento de Sto. Antônio do Valongo	L. Niccolini S/A, SP
1958	O Convento de N. Senhora da penha do Espírito Santo	Vozes
1968	Santo Antônio: Vida, milagres, cultos	Vozes
1980	O Mosteiro da Ajuda no passado e na atualidade	Vozes

OBRAS DE FREI PEDRO SINZIG		
Livros		
ano	título	editora
s/d	O Zepelim e o cão de casa	Vozes
s/d	Os nossos Escritores	Vozes
s/d	Ai! Meu Portugal!: romance contemporâneo	Vozes
1911	A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social	Vozes
1912	Em plena guerra: scenas da actualidade	Vozes
1912	Breves Meditações para Todos os Dias do Ano	Typographia de Frederico Pustet
1912	Não desanimar: Romance contemporâneo	Vozes
1913	Violetas: Victima do sigillo da confissão	Vozes
1913	Pela mão de uma menina	Vozes
1913	50 Modinhas Brasileiras	Vozes
1915	Através dos romances: Guia para as consciências.	Vozes
1915	Guerra!!!: Quadro da Actualidade	Vozes
1917	Reminiscências de um Frade	Vozes
1917	Arte christã: notas avulsas apresentadas por ocasião da 1. Exposição de Arte Christan e Movimento Religioso no Brasil	Off. Typ. do Centro da Bôa Imprensa
1918	Os Segredos da Harmonia	Vozes
1919	Sei compor: guia despretençioso através do contraponto, da imitação e fuga e das formas de composição musical	Vozes
1921	Nach 30 Jahren: vierte Chronik (1915-1921) der südbrazilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfängnis	Franziskanerprovinzialat
1922	O thaumaturgo Santo Antonio na historia, na lenda e na arte	Centro da boa Imprensa

1922	Lebendig begraben	Herder
1922	Pelo Brasil e pela Fé: Guia na imprensa, literatura e arte religiosa	Centro da Boa Imprensa
1925	Mönch und Welt: Erinnerungen eines rheinischen Franziskaners in Brasilien	Herder
1926	São Francisco de Assis e seu culto no Brasil	Vozes
1926	Cecília: Manual de Cânticos Sacros	Vozes
1926	Branca de Neve	Vozes
1928	Um servo de Deus no Rio de Janeiro: frei Fabiano de Cristo	Vozes
1929	A joia do cantochão: manual para cantores e organistas	Vozes
1929	A Joia do Canto Gregoriano: Manual para Cantores e Organistas	Santa Cecília
1929	Presépio de São Francisco	Vozes
1930	Entre Dois Mundos: Tereza Neumann a Estigmatizada de Konnersreuth	Butzon & Becker Rhenania
1931	Tempestades: O Bolchevismo Visto Por Dentro	Est. de Artes Graphics C. Mendes Junior
1934	Frei Rogério Neuhaus OFM	Vozes
1935	P. Rogerius Neuhaus: ein deutscher franziskaner in Brasilien, 1863-1934	Butzon & Becker
1936	Um apóstolo dos nossos dias	Vozes
1937	Nellizinha do Santo Deus: a Violeta do Santíssimo	Vozes
1938	O Brasil cantando; canções, modinhas e outros cantares, para 1 ou 2 vozes orpheonicas ("a secco") ou com acompanhamento de piano, para o lar e a escola, festas e passeios	Vozes
1938	O Nazismo sem Máscara. Fatos e Documentos	LAJosephson
1942	O mês de Maria e a Folhinha	Civilização Brasileira
1942	Dona Rosa: contribuições para a vida de uma senhora da sociedade, Dona Rosa Monteiro Vianna	Vozes
1942	Igreja Nossa Senhora da Gloria do Outeiro: a significação dos seus azulejos	Jornal do Commercio, RJ
1943	De automóvel para o céu: monólogos e leituras, para o mês de maio, de junho ou qualquer outro, para retiros espirituais e horas de reflexão	Ed. Guaira
1944	Sei Tocar	Vozes
1947	Pelo mundo do som: dicionário musical	Kosmos

1959	Dicionário Musical	Kosmos
Artigos		
ano	título	editora
1933	Maravilhas da religião e da arte na Igreja e no Convento de São Francisco da Bahia	Revista do IHGB, v. 165
1942	Igreja da N ^a S ^a do Outeiro: A significação de seus azulejos	Jornal do Comércio
1946	A música sacra no Brasil	Revista Música Sacra

OBRAS DE FREI VENÂNCIO WILLEKE		
Livros		
ano	título	editora
1938	Resumo historico do Convento de Santo Antonio e do Santuario do Senhor Santo Christo de Ipojuca Edição comemorativa do jubileu do Santuario, 1663-1938	Editores Religiosos Franciscanos
1956	Convento de Sto. Antonio de Ipojuca	s/ed.
1966	Die erste Franziskanerkatodie Brasiliens : 1584-1657	Dietrich Coelde
1967	Dois architectos franciscanos do Brasil quinhentista	Editora Franciscana
1968	Dom Frei José da Santíssima Trindade Leite, OFM: Bispo da Mariana	Maranus
1969	Missão de São Miguel de Una	Maranus
1973	Franziskanermissionen in Brasilien 1500-1966	Schöneck/Beckenried
1973	São Francisco das Chagas de Canindé: resumo histórico	Vozes
1974	Missões franciscanas no Brasil (1500-1975)	Vozes
1974	Franciscanos Fatores da Independência do Brasil 1822-1972	Graficos Reunidos
1974	Antologia do Convento da Penha	Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo
1977	Franciscanos na história do Brasil	Vozes
1978	Franciscanos no Maranhão e Piauí, 1600/1878, 1952/1977	Bacabal
1978	Livro dos guardiães do Convento de São Francisco da Bahia, 1587-1862	IPHAN
1981	Os Franciscanos e a independência do Brasil	IHGB

Artigos		
ano	título	Revista
1956	Convento de Santo Antônio de Ipojuca	Revista do IPHAN, n.13
1958	Three centuries of missionary work in Northern Brazil: Franciscan province of St. Anthony, 1657-1957	The Americas, v.15, n.2
1963	Frei Vicente do Salvador	Revista de História, v. 26
1963	Frei Vicente do Salvador Primeiro Missionólogo Brasileiro, 1564-1964	Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso- Brasileiros
1964	O Livro dos Guardiões do convento de Santo Antônio de Ipojuca (1603-1892)	Revista de História, v.29
1966	A Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil através de suas Estatísticas	Studia, nº 18, Lisboa
1967	O livro dos guardiães do convento de Santo Antônio de Ipojuca : 1603-1967	Revista do IAHGP, v.46
1967	Frei Vicente do Salvador, OFM,- Pai da História do Brasil	Revista do IHGB, v. 277
1968	Livros dos Guardiães do Convento de Sto Antônio da Paraíba	Revista do IPHAN, n. 16
1968	Doutor José Carlos de Macedo Soares e a história da Igreja	Revista do IHGB, v. 279
1968	O estado atual das pesquisas sobre frei Vicente do Salvador e suas obras	Revista do IHGB v. 279
1968	Dom Frei José da Santíssima Trindade Leite, OFM: bispo de Mariana	Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, v. 30, fasc. 3-4. Coleção Roberto Macedo, Porto
1968	Franziskaner als erste und einzige Glaubensboten Brasiliens, 1500-1549	Archivum Franciscanum Historicum, v. 61, Florença, Typ. Collegii S. Bonaventura.
1969	Missão de São Miguel de Una	Revista de História, v.39
1970	Frei Cristóvão de Lisboa, OFM, 1º Naturalista do Brasil	Revista do IHGB, v. 289
1970	Atas capitulares da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil: introdução e notas explicativas	Revista do IHGB, v. 286

1970	Frei Pedro Palácios e a Penha do Espírito Santo	Revista do IHGB, v. 286
1970	Primórdios da Fé no Brasil	Revista do IHGB, v. 287
1972	O Arquivo da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil	Revista do IHGB, n.296
1972	Os franciscanos e a independência do Brasil	Revista do Instituto do Ceará, n.5
1973	Biografia. Frei Gentil Tilton (OFM). A reforma da Província Franciscana da Imaculada Conceição (1738-1740)	Revista do IHGB, v. 301
1973	Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão	Revista de História, v.46
1974	Inícios da Província da Imaculada Conceição	Revista de História, v. 50
1975	O padre mestre franciscano, 1500-1863	Revista do IAHGP, v.47
1975	Os Livros dos Guardiães	Revista do IHGB, v. 306
1976	Senzalas de Conventos	Revista de História, v. 53
1977	Missões e Missionários na Província de Santo Antônio	Revista de História, v. 56
1977	Ereção da Província da Imaculada Conceição do Brasil: tricentenário 1676-1975	Revista do IHGB, v. 314
1978	O noviciado franciscano de Igarauçu	Revista do IAHGP, v.50
1978	Primórdios da catequização no Brasil	Separara da Itinerarium, Braga, n. 101
1978	Os franciscanos no Maranhão: 1600-1878	Revista do IHGB, v. 318

OBRAS DE FREI BONIFÁCIO MÜLLER

Livros

ano	título	editora
1945	Olinda e suas igrejas: esboço histórico	Livraria Pio XII
1956	Convento de Santo Antônio do Recife, 1606-1956: esboço histórico	Imprensa Oficial, Recife

Artigos

ano	título	revista
1957	Origem e desenvolvimento da Província de Santo Antônio	Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil: 1657-1957(Vol. I)
1961	Capítulos da história franciscana em Pernambuco	Revista do IAHGP, v.46